

NOVO MENSAGENS

PORTUGUÊS 11.º ANO

Célia Cameira
Alexandre Dias Pinto
Carla Cardoso
Ana Andrade



Índice geral

Pág.

I	2	O projeto Mensagens
II		Documentos de referência, planificação anual e semestral, planos de aula e guia de recursos multimédia
	9	• Quadro comparativo dos descritores de desempenho por domínio e ano de escolaridade • Planificação anual e semestral • Planos de aula • Contributos do Português para o Plano Anual de Atividades • Ensino digit@l – Aula digital – Guia do utilizador (Professor)
	15	– Guia de recursos multimédia
III		Fichas de trabalho
	35	Educação Literária
	71	Gramática
	107	Leitura/Gramática
	121	Escrita
	145	Oralidade (Compreensão do Oral)
	149	Oralidade (Expressão Oral)
	167	Soluções
IV		Testes de avaliação
	183	Testes de avaliação da Compreensão do Oral
	195	Transcrições e soluções
	197	Testes de avaliação escrita
	293	Soluções
V		Questões de aula
	303	Educação Literária
	315	Gramática
	339	Leitura
	351	Oralidade (Compreensão do Oral)
	363	Transcrições e soluções
VI		Materiais de apoio
		• 3 obras de opção (subunidade didática de «A abóbada», <i>Viagens na minha terra</i> e <i>A ilustre casa de Ramires</i>) • Projetos de interdisciplinaridade • Avaliação por rubricas • Projeto de Leitura • Transcrições dos recursos áudio/vídeo do Manual

NOVO
MENSAGENS
PORTUGUÊS 11º ANO

O projeto



Mensagens 11.º ano: componentes e organização

MANUAL DO ALUNO



O **Manual** promove estratégias que trabalham:

- todos os descritores dos diferentes domínios da disciplina previstos nas Aprendizagens Essenciais (AE);
- os autores e as obras de leitura obrigatória de Educação Literária de 11.º ano;
- os autores e as obras de leitura obrigatória de Educação Literária de 11.º ano em interação com os autores e as obras de leitura obrigatória de Educação Literária de 10.º ano;
- os géneros textuais obrigatórios de Leitura, de Oralidade e de Escrita de 11.º e 10.º anos;
- os conteúdos gramaticais de 11.º e 10.º anos, bem como de retoma dos ciclos anteriores;
- o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória;
- a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania.

SIGA

O **SIGA** (Síntese Informativa e Gramatical de Apoio), integrado no final do Manual, apresenta:

- explicação e sistematização das características de todos os **géneros textuais** de Leitura, de Oralidade e de Escrita do 11.º ano;
- sistematização de todos os **conteúdos gramaticais** de 11.º e de 10.º anos, bem como de retoma dos ciclos anteriores, complementada por um conjunto de exercícios para treino e consolidação;
- sistematização de todos os **recursos expressivos** de 11.º e 10.º anos, bem como dos ciclos anteriores;
- **Glossário de termos literários**;
- **Breve dicionário de símbolos**.

MANUAL DO PROFESSOR

O **Manual do Professor** inclui:

- desdobrável com as Aprendizagens Essenciais (AE) + lista de obras e textos para Educação Literária (11.º ano) + Áreas de Competências do Perfil dos Alunos + Domínios da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania;
- banda lateral exclusiva do professor com indicação das Aprendizagens Essenciais (AE), sugestões de trabalho, cenários de resposta e remissões para outros componentes do projeto.

CADERNO DE ATIVIDADES DO ALUNO

O **Caderno de Atividades** está organizado em duas partes:

PARTE 1

- **Educação Literária** – fichas de trabalho por obra literária, com itens de tipologia alargada.
- **Gramática** – fichas de trabalho, com exercícios de tipologia diversificada para treino e consolidação de aprendizagens.
- **Leitura e Gramática** – fichas de trabalho, com um conjunto de exercícios que seguem a tipologia de itens da avaliação externa.
- **Escrita e Oralidade** – fichas de trabalho, com propostas de escrita/oralidade orientadas.

PARTE 2

- **Esquemas-síntese** dos autores e das obras de leitura obrigatória de Educação Literária de 10.º e de 11.º anos.
- **Testes de avaliação** por unidade, de preparação para os momentos de avaliação, com a estrutura e a tipologia de itens da avaliação externa.

No final, soluções para todas as atividades.



CADERNO DE ATIVIDADES DO PROFESSOR

O **Caderno de Atividades do Professor** inclui:

- banda lateral, exclusiva do professor, com cenários de resposta.

DOSSIÊ DO PROFESSOR

O **Dossiê do Professor** inclui:

- Documentos curriculares de referência*;
- Quadro comparativo dos descritores de desempenho por domínio;
- Planificação anual, semestral e planos de aula*;
- Contributos do Português para o PAA/roteiros*;
- Guia de recursos multimédia;
- Fichas de trabalho por domínios;
- Questões de aula por domínios;
- Testes de Compreensão do Oral;
- Testes de avaliação de Educação Literária, de Gramática, de Leitura e de Escrita;
- Grelhas de registo e de avaliação, em Excel®;
- Avaliação por rubricas*;
- Guiões com propostas de implementação dos projetos de interdisciplinaridade (*Mensagens de Hoje*) *;
- Sugestões de leitura com sinopses para apoio ao Projeto de Leitura*;
- Obras de opção (*Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, «A abóbada», de Alexandre Herculano, e *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós*;
- Transcrições de recursos áudio/vídeo do Manual *.

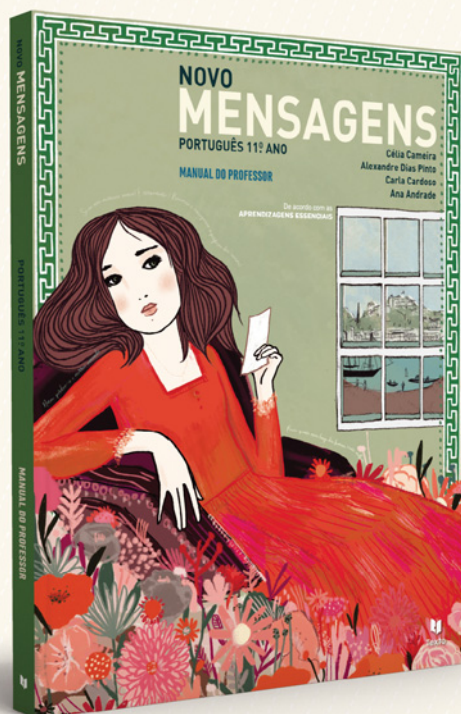


OFERTA

AVALIAÇÃO DIFERENCIADA

- Testes e Questões de Aula





Projeto Mensagens

O projeto **Mensagens** trabalha de forma integrada os diferentes domínios, disponibilizando ao Professor um conjunto diversificado de opções e de recursos.

LEITURA

- **Manual**
 - SIGA (sistematização)
- **Dossiê do Professor**
 - Fichas de trabalho com outros textos dos géneros textuais de referência
 - Questões de aula
- **Aula Digital**
 - Vídeos tutoriais
 - Animações
 - Avaliação por rubricas

ORALIDADE

- **Manual**
 - SIGA (sistematização)
- **Dossiê do Professor**
 - Fichas de Compreensão e Expressão
 - Testes de Compreensão e Expressão
 - Questões de aula
- **Recursos áudio**
- **Recursos vídeo**
- **Aula Digital**
 - Vídeos tutoriais
 - Animações
 - Avaliação por rubricas

EDUCAÇÃO LITERÁRIA

- **Manual**
 - Orientações para o Projeto de Leitura
 - SIGA:**
 - Glossário de termos literários
 - Dicionário de símbolos
- **Dossiê do Professor**
 - Fichas de trabalho com outras propostas dos textos das obras de referência
 - Questões de aula
- **Aula Digital**
 - Dicionário de autores
 - Vídeos
 - Animações
 - Apresentações PowerPoint®
 - Quizzes
 - Sinopses para o Projeto de Leitura
 - Guias de estudo
 - Encenação das obras de referência

GRAMÁTICA

- **Manual**
 - SIGA (sistematização e exercícios)
- **Caderno de Atividades**
 - Fichas de trabalho
- **Dossiê do Professor**
 - Fichas de trabalho
 - Questões de aula
- **Aula Digital**
 - Animações
 - Apresentações PowerPoint®
 - Atividades interativas
 - Quizzes
 - Avaliação por rubricas

ESCRITA

- **Manual**
 - SIGA (sistematização)
- **Caderno de Atividades**
 - Fichas de trabalho
- **Dossiê do Professor**
 - Fichas de trabalho
- **Aula Digital**
 - Vídeos tutoriais
 - Animações
 - Avaliação por rubricas

Organização

Unidade 0	— «Primeiros dias» com atividades iniciais para a avaliação de diagnóstico dos diferentes domínios — Projeto de Leitura
Unidade 1	Padre António Vieira, «Sermão de Santo António [aos Peixes]» (leitura integral dos capítulos I e V e de excertos dos restantes capítulos)
Unidade 2	Almeida Garrett, <i>Frei Luís de Sousa</i> (obra integral)
Unidade 3	Camilo Castelo Branco, <i>Amor de perdição</i> (Introdução, capítulos I, IV, X, XIX e Conclusão)
Unidade 4	Eça de Queirós, <i>Os Maias</i> (leitura integral)
Unidade 5	Antero de Quental, <i>Sonetos completos</i> (dois poemas)
Unidade 6	Cesário Verde, <i>Cânticos do Realismo (O Livro de Cesário Verde)</i> (leitura integral de «O sentimento dum ocidental»)
SIGA (Síntese Informativa e Gramatical de Apoio)	— Géneros textuais — Gramática — Recursos expressivos — Glossário de termos literários — Breve dicionário de símbolos

Estrutura das unidades

- Abertura de unidade com *Mensagens Cruzadas*
- Contextualização histórico-literária
- *Conheces... ou queres que faça um desenho?:*
vida e obra dos autores **NOVO**
- Textos de Educação Literária
- Atividades de Gramática
- Atividades de Oralidade:
Compreensão e/ou Expressão
- Atividades de Escrita
- Textos de Leitura
- Textos de Leitura/Gramática
- *Mensagens em Interação* **NOVO**
- *Mensagens de Hoje*
- Síntese da Unidade
- *Sei ou não sei?*
Eis as questões... **NOVO**
- *Como responder bem?* **NOVO**
(Educação Literária)  auladigital
- Ficha Formativa
- A complementar as rubricas nucleares, o Manual apresenta:
 - *Definição de género literário*
 - *Ponto de Partida*
 - *Em Contexto*
 - *Truques & Dicas*
 - *Mensagens ao Minuto*
 - *Interações*

Dossiê do Professor



I Apresentação do projeto

II Documentos de referência, planificação anual e semestral, planos de aula e guia de recursos multimédia

- Quadro comparativo dos descritores de desempenho por domínio e ano de escolaridade
- Planificação anual e semestral
- Planos de aula
- Contributos do Português para o Plano Anual de Atividades
- Ensino digital
 - Aula digital – Guia do utilizador (Professor)
 - Guia de recursos multimédia

III Fichas de trabalho

- Educação Literária
- Gramática
- Leitura/Gramática
- Escrita
- Oralidade (Compreensão do Oral)
- Oralidade (Expressão Oral)
- Transcrições
- Soluções

IV Testes de avaliação

- Testes de avaliação da Compreensão do Oral
- Soluções
- Transcrições
- Teste de avaliação escrita
- Matrizes e cotações
- Soluções
- Grelhas de avaliação em Excel®

V Questões de aula

- Educação Literária
- Gramática
- Leitura/Gramática
- Oralidade (Compreensão do Oral)
- Transcrições
- Soluções
- Grelhas de avaliação em Excel®

VI Materiais de apoio

- 3 obras de opção (subunidade didática de «A abóbada», *Viagens na minha terra* e *A ilustre casa de Ramires*)
- Projetos de interdisciplinaridade
- Avaliação por rubricas
- Projeto de Leitura
- Transcrições dos recursos áudio/vídeo do Manual

NOVO
MENSAGENS
PORTUGUÊS 11º ANO

Documentos de referência
Planificações/Planos

**Documentos de
referência**

**Planificação anual
e semestral**

Planos de aula

**Guia de recursos
multimédia**



Disponível em formato editável em



auladigital



Documentos de referência, planificação anual e semestral, planos de aula e guia de recursos multimédia

Quadro comparativo dos descritores de desempenho por domínio e ano de escolaridade	9
Planificação anual e semestral*	
Planos de aula*	
Contributos do Português para o Plano Anual de atividades*	
Roteiros por unidade*	
Ensino digit@l*	
Guia de recursos multimédia	15



auladigital

Os recursos assinalados com asterisco * serão disponibilizados na Aula Digital, em formato editável e na íntegra, aos professores adotantes do projeto. Com esta medida, procuramos contribuir para a sustentabilidade ambiental.

Quadro comparativo de conteúdos por domínio

10.º Ano	11.º Ano	12.º Ano
Oralidade: Compreensão		
- Interpretar textos orais dos géneros reportagem e documentário, evidenciando perspetiva crítica e criativa. - Sintetizar o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura.	- Interpretar textos orais dos géneros exposição sobre um tema, discurso político e debate, evidenciando perspetiva crítica e criativa. - Avaliar os argumentos de intervenções orais (exposições orais, discursos políticos e debates).	- Interpretar o(s) discursos(s) do género debate. - Apreciar a validade dos argumentos aduzidos pelos participantes de um debate. - Identificar marcas reveladoras das diferentes intenções comunicativas
Oralidade: Expressão		
- Produzir textos adequados à situação de comunicação, com correção e propriedade lexical. - Exprimir, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas. - Fazer exposições orais para apresentação de leituras (apreciação crítica de obras, partes de obras ou textos com temas relevantes), de sínteses e de temas escolhidos autonomamente ou requeridos por outros. - Utilizar adequadamente recursos verbais e não verbais para aumentar a eficácia das apresentações orais. - Utilizar de modo apropriado processos como retoma, resumo e explicitação no uso da palavra em contextos formais. - Recorrer a processos de planificação e de avaliação de textos para melhoria dos discursos orais a realizar.	- Fazer exposições orais para apresentação de temas, de opiniões e de apreciações críticas (de debate, de filme, de peça de teatro, de livro, de exposição ou outra manifestação cultural). - Preparar adequadamente as apresentações orais através de uma planificação cuidada. - Utilizar recursos verbais e não verbais adequados à eficácia das apresentações orais a realizar. - Avaliar, individualmente e/ou em grupo, os discursos orais produzidos por si próprio, através da discussão de diversos pontos de vista.	- Planificar o texto oral elaborando um plano de suporte, com tópicos, argumentos e respetivos exemplos. - Participar construtivamente em debates em que se explicita e justifique pontos de vista e opiniões, se considerem pontos de vista contrários e se reformulem posições. - Produzir textos de opinião com propriedade vocabular e com diversificação de estruturas sintáticas. - Avaliar, individualmente e/ou em grupo, textos produzidos por si próprio através da discussão de diferentes pontos de vista.

10.º Ano	11.º Ano	12.º Ano
Leitura		
– Ler em suportes variados textos de diferentes graus de complexidade dos géneros seguintes: relato de viagem, exposição sobre um tema, apreciação crítica e cartoon. – Realizar leitura crítica e autónoma. – Analisar a organização interna e externa do texto. – Clarificar tema(s), ideias principais, pontos de vista. – Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto. – Interpretar o sentido global do texto e intencionalidade comunicativa com base em inferências devidamente justificadas. – Utilizar métodos de trabalho científico no registo e tratamento da informação.	– Ler em suportes variados textos de diferentes graus de complexidade argumentativa dos géneros seguintes: discurso político, apreciação crítica e artigo de opinião. – Realizar leitura crítica e autónoma. – Analisar a organização interna e externa do texto. – Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista. – Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto. – Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa. – Utilizar criteriosamente procedimentos adequados ao registo e tratamento da informação. – Exprimir, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.	– Ler, em suportes variados, textos de diferentes graus de complexidade argumentativa dos géneros apreciação crítica e artigo de opinião. – Realizar leitura crítica e autónoma. – Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa. – Analisar a organização interna e externa do texto. – Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista. – Compreender a utilização de recursos expressivos para a construção de sentido do texto. – Utilizar criteriosamente procedimentos adequados ao registo e tratamento da informação. – Exprimir, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

10.º Ano	11.º Ano	12.º Ano
Educação Literária		
– Interpretar textos literários portugueses de diferentes autores e géneros, produzidos entre os séculos XII e XV (anexo 1). – Contextualizar textos literários portugueses anteriores ao século XVII em função de marcos históricos e culturais. – Relacionar características formais do texto poético com a construção do sentido. – Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto, designadamente: alegoria, interrogação retórica, metonímia, aliteração, apóstrofe, anástrofe. – Comparar textos em função de temas, ideias e valores. – Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos presentes nos textos. – Expressar, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pelas obras e seus autores. – Desenvolver um projeto de leitura que revele pensamento crítico e criativo, a apresentar publicamente em suportes variados.	– Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas entre os séculos XVII e XIX (anexo 2). – Contextualizar textos literários portugueses dos séculos XVII ao XIX de vários géneros em função de grandes marcos históricos e culturais. – Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto poético, do texto dramático e do texto narrativo. – Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto, designadamente: adjetivação, gradação, metonímia, sinestesia. – Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais. – Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. – Debater, de forma fundamentada e sustentada, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pela leitura de textos e autores diferentes. – Desenvolver um projeto de leitura que revele pensamento crítico e criativo, a apresentar publicamente em suportes variados.	– Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas no século XX (anexo 3). – Contextualizar textos literários portugueses do século XX em função de grandes marcos históricos e culturais. – Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto poético e do texto narrativo. – Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto, designadamente: adjetivação, gradação, metonímia, sinestesia. – Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais. – Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. – Debater, de forma fundamentada e sustentada, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pela leitura de textos e autores diferentes. – Desenvolver um projeto de leitura que revele pensamento crítico e criativo, a apresentar publicamente em suportes variados.

10.º Ano	11.º Ano	12.º Ano
Escrita		
– Escrever sínteses, exposições sobre um tema e apreciações críticas, respeitando as marcas de género. – Planificar o texto a escrever, após pesquisa e de informação pertinente. – Redigir o texto com domínio seguro da organização em parágrafos e dos mecanismos de coerência e de coesão textual. – Editar os textos escritos, em diferentes suportes, após revisão, individual ou em grupo, tendo em conta a adequação, a propriedade vocabular e a correção linguística. – Respeitar os princípios do trabalho intelectual: identificação das fontes utilizadas, cumprimento das normas de citação, uso de notas de rodapé e referência bibliográfica.	– Escrever textos de opinião, apreciações críticas e exposições sobre um tema. – Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante. – Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados. – Utilizar os mecanismos de revisão, de avaliação e de correção para aperfeiçoar o texto escrito antes da apresentação da versão final. – Respeitar princípios do trabalho intelectual como referência bibliográfica de acordo com normas específicas.	– Escrever textos de opinião, apreciações críticas, exposições sobre um tema. – Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante. – Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados. – Utilizar os mecanismos de revisão, de avaliação e de correção para aperfeiçoar o texto escrito antes da apresentação da versão final. – Respeitar princípios do trabalho intelectual como referência bibliográfica de acordo com normas específicas.

10.º Ano	11.º Ano	12.º Ano
Gramática		
- Conhecer a origem, a evolução e a distribuição geográfica do português no mundo. - Reconhecer processos fonológicos que ocorrem no português (na evolução e no uso). - Analisar com segurança frases simples e complexas (identificação de constituintes e das respectivas funções sintáticas, incluindo complemento do nome e do adjetivo, divisão e classificação de orações, incluindo orações subordinadas substantivas relativas). - Reconhecer valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo. - Explicitar o significado das palavras com base na análise dos processos de formação. - Usar de modo intencional diferentes valores modais atendendo à situação comunicativa (epistémicos, deónticos e apreciativos). - Reconhecer a anáfora como mecanismo de coesão e de progressão do texto. - Relacionar situações de comunicação, interlocutores e registos de língua (grau de formalidade, relação hierárquica entre os participantes, modo oral ou escrito da interação), tendo em conta os diversos atos de fala.	- Sistematizar o conhecimento dos diferentes constituintes da frase (grupo verbal, grupo nominal, grupo adjetival, grupo preposicional, grupo adverbial) e das funções sintáticas internas à frase. - Explicitar o conhecimento gramatical relacionado com a articulação entre constituintes e entre frases. - Reconhecer os valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo. - Analisar processos de coesão e de progressão do texto como a anáfora. - Utilizar intencionalmente os processos de coesão textual (gramatical e lexical). - Utilizar intencionalmente modalidades de reprodução do discurso (incluindo discurso indireto livre). - Conhecer a referência deíctica (deícticos e respetivos referentes).	- Explicitar aspetos essenciais da lexicologia do português (processos irregulares de formação de palavras). - Realizar análise sintática com explicitação de funções sintáticas internas à frase, ao grupo verbal, ao grupo nominal, ao grupo adjetival e ao grupo adverbial. - Sistematizar conhecimento gramatical relacionado com a articulação entre constituintes, orações e frases. - Distinguir frases com diferentes valores aspetuais (valor perfeito, valor imperfeito, situação genérica, situação habitual e situação iterativa). - Demonstrar, em textos, os mecanismos anafóricos que garantem as cadeias referenciais. - Avaliar um texto com base nas propriedades que o configuram (processos de coerência e coesão). - Utilizar intencionalmente modalidades de reprodução do discurso.

MENSAGENS 11

	U0
	Projeto de Leitura Breve sinopse de obras literárias sugeridas e/ou estudadas neste ano de escolaridade.
	U1
Apresentação de conteúdos	- Animação Linha do tempo: o Barroco Animação com texto e imagens que apresenta e faz uma breve abordagem a datas relevantes ocorridas no intervalo temporal a ser explorado ao longo da unidade. - Animação Conheces António Vieira... ou queres que faça um desenho? Animação biográfica acerca da vida e obra do Padre António Vieira, cuja obra é explorada ao longo da unidade. - Animação Como responder bem? «Sermão de Santo António» Animação que explicita, através de dicas e de esquemas explicativos, como responder a questões literárias, tendo como base um excerto de «Sermão de Santo António». - Animação O Barroco Animação que explora o período literário em causa, definindo-o e exemplificando as suas principais características e temas. - Animação O sermão Animação que define e explicita as principais características do sermão, enquanto género literário. - Animação Texto de opinião Tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto de opinião, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto. - Animação Texto expositivo Tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto expositivo, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto. - Animação O que é uma anáfora? Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da anáfora. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno. - Animação Questão de exame explicada: processos fonológicos Animação que ilustra a resolução passo a passo, de forma esquemática, de uma questão de exame nacional que versa matéria gramatical do presente ano de escolaridade. - Animação Questão de exame explicada: funções sintáticas Animação que ilustra a resolução passo a passo, de forma esquemática, de uma questão de exame nacional que versa matéria gramatical do presente ano de escolaridade. - Encenação «Sermão de Santo António» Vídeo da adaptação de um excerto da obra «Sermão de Santo António».

- Encenação comentada do [«Sermão de Santo António»](#)
Vídeo da adaptação de um excerto da obra «Sermão de Santo António», com comentários em momentos estratégicos que explicam ou levantam questões relevantes, sendo um importante suporte de compreensão textual.
- Síntese [Guia de estudo: «Sermão de Santo António» – Exórdio](#)
Recurso com a análise dos pontos mais relevantes do Exórdio da obra «Sermão de Santo António». Através de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.
- Síntese [Guia de estudo: «Sermão de Santo António» – Louvores aos peixes](#)
Recurso com a análise dos pontos mais relevantes dos louvores aos peixes, feitos pelo Padre António Vieira, na obra «Sermão de Santo António». Através de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.
- Síntese [Guia de estudo: «Sermão de Santo António» – Crítica aos peixes](#)
Recurso com a análise dos pontos mais relevantes das críticas aos peixes, feitos pelo Padre António Vieira, na obra «Sermão de Santo António». Através de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.
- Síntese [Guia de estudo: «Sermão de Santo António» – Peroração](#)
Recurso com a análise dos pontos mais relevantes da Peroração da obra «Sermão de Santo António». Através de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.
- Gramática [Etimologia](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, as palavras divergentes e convergentes. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Atos ilocutórios](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, os atos ilocutórios, distinguindo-os entre si. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Sujeito](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função sintática designada por sujeito. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Vocativo](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função sintática designada por vocativo. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Complemento do nome](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função sintática designada por complemento do nome. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Modificador do nome](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função sintática designada por modificador do nome. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Complemento oblíquo](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função sintática designada por complemento oblíquo. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Processos fonológicos de inserção](#)
Gramática interativa que explica, através de exemplos, os processos fonológicos de inserção que ocorreram em vocábulos, ao longo dos séculos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.

	- Gramática Processos fonológicos de alteração Gramática interativa que explica, através de exemplos, os processos fonológicos de alteração que ocorreram em vocábulos, ao longo dos séculos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos. - Gramática Processos fonológicos de supressão Gramática interativa que explica, através de exemplos, os processos fonológicos de supressão que ocorreram em vocábulos, ao longo dos séculos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos. - Apresentação Visão global e estrutura argumentativa do sermão PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita a estrutura da obra «Sermão de Santo António». No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada. - Apresentação Os objetivos da eloquência PowerPoint® que explicita os objetivos da eloquência, através das estratégias discursivas. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada. - Apresentação Discurso político PowerPoint® que define e explica a estrutura de um discurso político, assim como explicita as suas características. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada. - Audiossíntese A crítica social e a alegoria no «Sermão de Santo António» Síntese, em formato áudio, que aborda a intenção persuasiva e a exemplaridade presentes na obra «Sermão de Santo António». - Audiossíntese «Sermão de Santo António»: a intenção persuasiva e a exemplaridade Síntese, em formato áudio, que aborda a intenção persuasiva e a exemplaridade presentes na obra «Sermão de Santo António». <u>Vídeos e áudios externos e internos que servem de apoio à unidade temática.</u>
Aplicação/ Consolidação	- Quiz «Sermão de Santo António» 1 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. - Quiz «Sermão de Santo António» 2 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. - Quiz «Sermão de Santo António» 3 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. - Quiz «Sermão de Santo António» 4 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. - Quiz Funções sintáticas 1 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. - Quiz O português: génese, variação e mudança Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação.
Avaliação	- Teste interativo «Sermão de Santo António»: os louvores Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. - Teste interativo «Sermão de Santo António»: as repreensões Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. - Teste global Unidade 1 Teste interativo composto por 12 questões, com acesso a relatório detalhado.

Apresentação
de conteúdos

- Linha do tempo [O Romantismo](#)
Animação com texto e imagens que apresenta e faz uma breve abordagem a datas relevantes ocorridas no intervalo temporal a ser explorado ao longo da unidade.
- Animação [Conheces Almeida Garrett... ou queres que faça um desenho?](#)
Animação biográfica acerca da vida e obra do escritor Almeida Garrett, cuja obra é explorada ao longo da unidade.
- Animação [Como responder bem? Frei Luís de Sousa](#)
Animação tutorial que explicita, através de dicas e de esquemas explicativos, como responder a questões literárias, tendo como base um excerto da obra *Frei Luís de Sousa*.
- Animação [O Romantismo](#)
Animação conceitual que explora o período literário em causa, definindo-o e exemplificando as suas principais características e temas.
- Animação [A tragédia](#)
Animação conceitual que define e explicita as principais características da tragédia, enquanto género literário.
- Animação [O que é uma anáfora?](#)
Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da anáfora. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno.
- Animação [Questão de exame explicada – dêixis pessoal](#)
Animação que ilustra a resolução passo a passo, de forma esquemática, de uma questão de exame nacional que versa matéria gramatical do presente ano de escolaridade.
- Animação [Texto de opinião](#)
Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto de opinião, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto.
- Animação [Apreciação crítica](#)
Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever uma apreciação crítica, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto.
- Animação [Texto expositivo](#)
Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto expositivo, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto.
- Encenação [Frei Luís de Sousa](#)
Adaptação da peça *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett. Esta peça está disponível num total de três partes, uma para cada ato da peça.
- Encenação comentada [Frei Luís de Sousa](#)
Adaptação comentada da peça *Frei Luís de Sousa*, do autor Almeida Garrett, disponível num total de três partes e que, através de pausas estratégicas no desenrolar da ação, explicam ou levantam questões relevantes da mesma, sendo um importante suporte de compreensão textual.
- Síntese [Guia de estudo: Frei Luís de Sousa – ato I](#)
Recurso com a análise dos pontos mais relevantes, do ato I da obra *Frei Luís de Sousa*. Através de vídeos, de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.
- Síntese [Guia de estudo: Frei Luís de Sousa – ato II](#)
Recurso com a análise dos pontos mais relevantes, do ato II da obra *Frei Luís de Sousa*. Através de vídeos, de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.

- Síntese [Guia de estudo: Frei Luís de Sousa – ato III](#)
Recurso com a análise dos pontos mais relevantes, do ato III da obra *Frei Luís de Sousa*. Através de vídeos, de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.
- Gramática [Orações subordinadas substantivas completivas](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, as orações subordinadas substantivas completivas, especificando o uso e marcas linguísticas das mesmas. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Orações subordinadas adjetivas relativas](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, as orações subordinadas adjetivas relativas, especificando o uso e marcas linguísticas das mesmas. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Atos ilocutórios](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, os atos ilocutórios, distinguindo-os entre si. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Valor modal: modalidade apreciativa](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a modalidade apreciativa e o seu valor modal. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Valor modal: modalidade deontica](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a modalidade deontica e os seus valores modais. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Valor modal: modalidade epistémica](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a modalidade epistémica e os seus valores modais. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Dêixis pessoal](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis pessoal, assim como os seus deíticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Dêixis temporal](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis temporal, assim como os seus deíticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Dêixis espacial](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis espacial, assim como os seus deíticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Agente da passiva](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função sintática designada por agente da passiva. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Complemento do nome](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função sintática designada por complemento do nome. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Apresentação [Frei Luís de Sousa: linguagem e estilo](#)
PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita a linguagem e estilo que Almeida Garrett usou na obra *Frei Luís de Sousa*. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada.

	• Apresentação A dimensão trágica em Frei Luís de Sousa PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita a dimensão trágica presente na obra <i>Frei Luís de Sousa</i>. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada. • Apresentação Características românticas na obra Frei Luís de Sousa PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita as características românticas presentes na obra <i>Frei Luís de Sousa</i>. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada. • Apresentação O debate PowerPoint® que define e explica a estrutura de um debate, assim como explicita as suas características. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada. • Audiossíntese A dimensão patriótica e a sua expressão simbólica em Frei Luís de Sousa I Síntese, em formato áudio, que aborda a dimensão patriótica e a sua expressão simbólica na obra <i>Frei Luís de Sousa</i>, de Almeida Garrett. • Audiossíntese O Sebastianismo: história e ficção Síntese, em formato áudio, que explica o Sebastianismo, presente na obra <i>Frei Luís de Sousa</i>, do ponto de vista histórico e, também, os mitos associados ao mesmo. • Audiossíntese A dimensão patriótica e a sua expressão simbólica em Frei Luís de Sousa II Síntese, em formato áudio, que aborda a dimensão patriótica e a sua expressão simbólica na obra <i>Frei Luís de Sousa</i>, de Almeida Garrett. • Audiossíntese A dimensão trágica de Frei Luís de Sousa Síntese, em formato áudio, que aborda a dimensão trágica presente na obra <i>Frei Luís de Sousa</i>, de Almeida Garrett. • Audiossíntese Recorte das personagens principais Síntese, em formato áudio, que caracteriza detalhadamente cada uma das personagens principais da obra <i>Frei Luís de Sousa</i>. • Audiossíntese O debate Síntese, em formato áudio, que além de definir, explicita ainda as finalidades, características assim como as fases próprias deste tipo de diálogo. • Audiossíntese Características românticas em Frei Luís de Sousa Síntese, em formato áudio, que apresenta, sistematiza e explicita as características românticas presentes na obra <i>Frei Luís de Sousa</i>. <u>Vídeos e áudios externos e internos que servem de apoio à unidade temática.</u>
Aplicação/ Consolidação	• Quiz Almeida Garret – Frei Luís de Sousa 1 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Almeida Garret – Frei Luís de Sousa 2 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Almeida Garret – Frei Luís de Sousa 3 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Almeida Garret – Frei Luís de Sousa 4 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Almeida Garret – Frei Luís de Sousa 5 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Atos ilocutórios Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação.

Avaliação	• Teste interativo Frei Luís de Sousa: as personagens Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste interativo Frei Luís de Sousa: o simbolismo presente na obra Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste global Unidade 2 Teste interativo composto por 12 questões, com acesso a relatório detalhado.
-----------	--

	U3
Apresentação de conteúdos	• Animação Conheces Camilo Castelo Branco... ou queres que faça um desenho? Animação biográfica acerca da vida e obra do escritor Camilo Castelo Branco, cuja obra é explorada ao longo da unidade. • Animação Como responder bem? Amor de perdição Animação tutorial que explicita, através de dicas e de esquemas explicativos, como responder a questões literárias, tendo como base um excerto da obra <i>Amor de perdição</i>. • Animação O que é uma hipérbole? Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da hipérbole. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno. • Animação O que é uma antítese? Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da antítese. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno. • Animação Apreciação crítica Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever uma apreciação crítica, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto. • Animação Texto expositivo Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto expositivo, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto. • Animação Questão de exame explicada: dêixis espacial e temporal Animação que ilustra a resolução passo-a-passo, de forma esquemática, de uma questão de exame nacional que versa matéria gramatical do presente ano de escolaridade. • Animação Texto de opinião Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto de opinião, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto. • Encenação Amor de perdição Adaptação de um excerto da obra <i>Amor de perdição</i>, de Camilo Castelo Branco. • Encenação comentada Amor de perdição Adaptação comentada da obra <i>Amor de perdição</i>, de Camilo Castelo Branco, em que, através de pausas estratégicas no desenrolar da ação, se explicam ou levantam questões relevantes da mesma, sendo um importante suporte de compreensão textual. • Síntese Guia de estudo: Amor de perdição – as personagens Recurso com a análise das características principais das personagens da obra <i>Amor de perdição</i>. Através de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.

- Síntese [Guia de estudo: Amor de perdição: o herói romântico](#)
Recurso com a análise de alguns dos excertos da obra *Amor de perdição*, que configuram Simão Botelho como um herói romântico. Através de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.
- Gramática [Discursos direto, indireto e indireto livre](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, as características dos discursos direto, indireto e ainda o indireto livre, enquanto modalidades de reprodução do discurso. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Citação](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, as regras gramaticais inerentes ao uso de citações. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Textualidade](#)
Gramática interativa que define e exemplifica as principais propriedades que um texto deve apresentar para ser bem estruturado. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Dêixis pessoal](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis pessoal, assim como os seus deícticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Dêixis temporal](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis temporal, assim como os seus deícticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Dêixis espacial](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis espacial, assim como os seus deícticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Formação de palavras: derivação](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a formação de palavras por derivação. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Orações subordinadas substantivas relativas](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, as orações subordinadas substantivas relativas, especificando o uso e marcas linguísticas das mesmas. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Apresentação [O drama romântico](#)
PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita as características de um drama romântico, género textual em que se inclui a obra *Amor de perdição*. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada.
- Apresentação [Amor de perdição: linguagem e estilo](#)
PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita a linguagem e estilo que Camilo Castelo Branco usou na obra *Amor de perdição*. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada.
- Apresentação [O herói romântico em Amor de perdição](#)
PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita as características de um herói romântico e o modo como Simão Botelho surge retratado como tal na obra *Amor de perdição*. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada.

	• Audiossíntese Amor de perdição: a obra como crónica de mudança social Síntese, em formato áudio, que sistematiza a forma como Camilo Castelo Branco usou a obra <i>Amor de perdição</i> para ilustrar os valores do Antigo Regime, uma vez que a novela foi escrita no início do século XIX, mas também o aparecimento das novas ideias do Liberalismo. • Audiossíntese A construção do herói romântico em Amor de perdição Síntese, em formato áudio, que aborda as características de um herói romântico e o modo como Simão Botelho surge retratado como tal na obra <i>Amor de perdição</i>. • Audiossíntese Amor de perdição: relações entre as personagens Síntese, em formato áudio, que retrata as diferentes relações entre as várias personagens da obra <i>Amor de perdição</i>. <u>Vídeos e áudios externos e internos que servem de apoio à unidade temática.</u>
Aplicação/ Consolidação	• Quiz Amor de perdição 1 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Amor de perdição 2 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Amor de perdição 3 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Texto e textualidade 1 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Texto e textualidade 2 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação.
Avaliação	• Teste interativo Amor de perdição: as personagens Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste interativo Amor de perdição: a obra como crónica de mudança social Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste global Unidade 3 Teste interativo composto por 12 questões, com acesso a relatório detalhado.

U4	
Apresentação de conteúdos	• Linha do tempo Realismo Animação com texto e imagens que apresenta e faz uma breve abordagem a datas relevantes ocorridas no intervalo temporal a ser explorado ao longo da unidade. • Animação Conheces Eça de Queirós... ou queres que faça um desenho? Animação biográfica acerca da vida e obra do escritor Eça de Queirós, cuja obra é explorada ao longo da unidade. • Animação Como responder bem? Os Maias Animação tutorial que explicita, através de dicas e de esquemas explicativos, como responder a questões literárias, tendo como base um excerto da obra <i>Os Maias</i>. • Animação Realismo e Naturalismo Animação conceitual que explora os períodos literários em causa, definindo-o e exemplificando as suas principais características e temas. • Animação O romance Animação conceitual que define e explicita as principais características do romance, enquanto género literário.

- Animação [Texto de opinião](#)
Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto de opinião, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto.
- Animação [O que é uma metáfora?](#)
Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da metáfora. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno.
- Animação [O que é uma hipérbole?](#)
Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da hipérbole. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno.
- Animação [O que é uma comparação?](#)
Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da comparação. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno.
- Animação [Questão de exame explicada: coesão textual](#)
Animação que ilustra a resolução passo-a-passo, de forma esquemática, de uma questão de exame nacional que versa matéria gramatical do presente ano de escolaridade.
- Encenação [Os Maias](#)
Adaptação de um excerto da obra *Os Maias*, de Eça de Queirós.
- Encenação comentada [Os Maias](#)
Adaptação comentada da obra *Os Maias*, de Eça de Queirós, que, através de pausas estratégicas no desenrolar da ação, explicam ou levantam questões relevantes da mesma, sendo um importante suporte de compreensão textual.
- Síntese [Guia de estudo: Os Maias – os amores de Pedro da Maia](#)
Recurso com a análise de excertos da obra *Os Maias* relativos aos amores de Pedro da Maia. Através de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes deste tópico da obra.
- Síntese [Guia de estudo: Os Maias – os amores de Carlos da Maia](#)
Recurso com a análise de excertos da obra *Os Maias* relativos aos amores de Carlos da Maia. Através de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes deste tópico da obra.
- Síntese [Guia de estudo: Os Maias – a crítica de costumes](#)
Recurso com a análise de excertos da obra *Os Maias* relativos à crítica social e de costumes presentes na obra queirosiana. Através de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes deste tópico da obra.
- Gramática [Textualidade](#)
Gramática interativa que define e exemplifica as principais propriedades que um texto deve apresentar para ser bem estruturado. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramáticas [Discurso direto, indireto e indireto livre](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, as características dos discursos direto, indireto e ainda o indireto livre, enquanto modalidades de reprodução do discurso. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.

- Gramática [Citação](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, as regras gramaticais inerentes ao uso de citações. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Oração subordinada adjetiva relativa](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, as orações subordinadas adjetivas relativas, especificando o uso e marcas linguísticas das mesmas. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Oração subordinada substantiva relativa](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, as orações subordinadas substantivas relativas, especificando o uso e marcas linguísticas das mesmas. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Dêixis pessoal](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis pessoal, assim como os seus deícticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Dêixis temporal](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis temporal, assim como os seus deícticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Dêixis espacial](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis espacial, assim como os seus deícticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Complemento do nome](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função sintática designada por complemento do nome. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Complemento oblíquo](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função sintática designada por complemento oblíquo. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Apresentação [A geração de 70](#)
PowerPoint® que explica o que foi a chamada «Geração de 70». No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada.
- Apresentação [Os Maias: linguagem e estilo](#)
PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita a linguagem e estilo que Eça de Queirós usou na obra *Os Maias*. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada.
- Apresentação [As marcas trágicas em Os Maias](#)
PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita as marcas trágicas existentes na obra *Os Maias*, de Eça de Queirós. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada.
- Apresentação [Os espaços sociais em Os Maias](#)
PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita o valor simbólico dos espaços sociais na obra *Os Maias*. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada.
- Audiossíntese [Os Maias: a descrição do real e o papel das sensações](#)
Síntese, em formato áudio, que explica a descrição do real e o papel das sensações na obra queirosiana *Os Maias*.

	• Audiossíntese Os Maias: características trágicas das personagens Síntese, em formato áudio, que explicita e enumera as características trágicas das personagens da obra <i>Os Maias</i> e que auguram o desfecho das mesmas. • Audiossíntese Os espaços e os seus valores simbólico e emotivo em Os Maias Síntese, em formato áudio, que enumera e explicita o valor simbólico e emotivo para cada um dos espaços que surgem na obra <i>Os Maias</i>. • Audiossíntese Os Maias: A representação de espaços sociais e a crítica de costumes Síntese, em formato áudio, que explica os diferentes espaços sociais da obra queirosiana, assim como o seu papel na crítica de costumes feita por Eça de Queirós na obra <i>Os Maias</i>. • Audiossíntese O romance: a complexidade dos protagonistas e outras personagens Síntese, em formato áudio, que explica a complexidade dos protagonistas do romance queirosiano, assim como explora ainda características relevantes de outras personagens. <u>Vídeos e áudios externos e internos que servem de apoio à unidade temática.</u>
Aplicação/ Consolidação	• Quiz Eça de Queirós – Os Maias 1 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Eça de Queirós – Os Maias 2 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Eça de Queirós – Os Maias 3 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Eça de Queirós – Os Maias 4 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Eça de Queirós – Os Maias 5 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Reprodução do discurso no discurso 1 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Reprodução do discurso no discurso 2 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação.
Avaliação	• Teste interativo Os Maias: as personagens Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste interativo Os Maias: os espaços sociais e a crítica de costumes Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste global Unidade 4 Teste interativo composto por 12 questões, com acesso a relatório detalhado.

Apresentação
de conteúdos

- Animação [Conheces Antero de Quental... ou queres que faça um desenho?](#)
Animação biográfica acerca da vida e obra de Antero de Quental, cuja obra é explorada ao longo da unidade.
- Animação [Como responder bem? «Tormento do Ideal»](#)
Animação tutorial que explicita, através de dicas e de esquemas explicativos, como responder a questões literárias, tendo como base um soneto de Antero de Quental «Tormento do Ideal».
- Animação [O que é uma enumeração?](#)
Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da enumeração. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno.
- Animação [Apreciação crítica](#)
Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever uma apreciação crítica, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto.
- Animação [Texto de opinião](#)
Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto de opinião, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto.
- Animação [Questão de exame explicada: coesão referencial](#)
Animação que ilustra a resolução passo a passo, de forma esquemática, de uma questão de exame nacional que versa matéria gramatical do presente ano de escolaridade.
- Encenação [«O palácio da Ventura»](#)
Declamação do poema «O palácio da Ventura», da autoria de Antero de Quental, pelo ator Vítor de Sousa.
- Encenação comentada de [«O palácio da Ventura»](#)
Declamação do poema «O palácio da Ventura», da autoria de Antero de Quental, pelo ator Vítor de Sousa. Este vídeo é enriquecido com comentários, em momentos marcantes, que explicam ou levantam questões relevantes, sendo um importante suporte de compreensão textual.
- Síntese [Guia de estudo «O palácio da Ventura»](#)
Recurso que analisa o poema «O palácio da Ventura», de Antero de Quental, no que à sua temática, linguagem, recursos expressivos e intencionalidade diz respeito. Através de vídeo, de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes deste poema.
- Gramática [Dêixis espacial](#)
Gramática interativa que define e explica, exemplificando, a função da dêixis espacial, assim como os seus deícticos. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Textualidade](#)
Gramática interativa que define e exemplifica as principais propriedades que um texto deve apresentar para ser bem estruturado. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Apresentação [A configuração do Ideal na poesia de Antero de Quental](#)
PowerPoint® que apresenta e explicita a temática da configuração do Ideal na poesia de Antero de Quental. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada.

	• Apresentação A angústia existencial na poesia de Antero de Quental PowerPoint® que apresenta e explicita a temática da configuração do Ideal na poesia de Antero de Quental. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada. • Audiossíntese Poesia de Antero de Quental Síntese, em formato áudio, que explicita as principais características da poesia de Antero de Quental. <u>Vídeos e áudios externos e internos que servem de apoio à unidade temática.</u>
Aplicação/ Consolidação	• Quiz Antero de Quental – Sonetos completos 1 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Antero de Quental – Sonetos completos 2 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Antero de Quental – Sonetos completos 3 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Géneros textuais: escrita Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação.
Avaliação	• Teste interativo Antero de Quental e as configurações do Ideal Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste interativo A angústia existencial na poesia de Antero de Quental Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste global Unidade 5 Teste interativo composto por 12 questões, com acesso a relatório detalhado.

- Animação [Conheces Cesário Verde... ou queres que faça um desenho?](#)
Animação biográfica acerca da vida e obra do escritor Cesário Verde, cuja obra é explorada ao longo da unidade.
- Animação [Como responder bem? «Ave-Marias»](#)
Animação tutorial que explicita, através de dicas e de esquemas explicativos, como responder a questões literárias, tendo como base o poema «Ave-Marias» de Cesário Verde.
- Animação [O que é a metáfora?](#)
Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da metáfora. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno.
- Animação [O que é a hipérbole?](#)
Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da hipérbole. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno.
- Animação [O que é uma comparação?](#)
Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da comparação. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno.
- Animação [O que é uma enumeração?](#)
Animação que identifica e explica, através de exemplos, o valor expressivo da enumeração. O recurso termina com a definição deste recurso expressivo para registo no caderno.
- Animação [Apreciação crítica](#)
Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever uma apreciação crítica, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto.
- Animação [Texto de opinião](#)
Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto de opinião, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto.
- Animação [Texto expositivo](#)
Vídeo tutorial que, de forma dinâmica, exemplifica como escrever um texto expositivo, explicando as características deste género textual, assim como as diferentes etapas na elaboração deste tipo de texto.
- Animação [Questão de exame explicada: coesão gramatical interfrásica e gramatical referencial](#)
Animação que ilustra a resolução passo a passo, de forma esquemática, de uma questão de exame nacional que versa matéria gramatical do presente ano de escolaridade.
- Encenação [«O sentimento dum ocidental»](#)
Declamação do poema «O sentimento dum ocidental», da autoria de Cesário Verde.
- Encenação comentada [«O sentimento dum ocidental»](#)
Declamação do poema «O sentimento dum ocidental», da autoria de Cesário Verde. Este vídeo é enriquecido com comentários, em momentos marcantes, que explicam ou levantam questões relevantes, sendo um importante suporte de compreensão textual.

- Síntese [Guia de estudo «O sentimento dum ocidental»](#)
Recurso com a análise das principais temáticas do poema «O sentimento dum ocidental». Através de vídeo, de áudios e de exemplos textuais, são destacados os conteúdos mais pertinentes desta parte da obra.
- Gramática [Complemento do adjetivo](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a função sintática designada por complemento do adjetivo. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Complemento direto](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a função sintática designada por complemento direto. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Complemento oblíquo](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a função sintática designada por complemento oblíquo. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Complemento do nome](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a função sintática designada por complemento do nome. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Modificador do nome](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a função sintática designada por modificador do nome. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Sujeito](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a função sintática designada por sujeito. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Vocativo](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a função sintática designada por vocativo. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Formação de palavras: derivação](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a formação de palavras por derivação. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Formação de palavras: composição](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, a formação de palavras por composição. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Orações subordinadas substantivas relativas](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, as orações subordinadas substantivas relativas, especificando o uso e marcas linguísticas das mesmas. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Orações subordinadas substantivas completivas](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, as orações subordinadas substantivas completivas, especificando o uso e marcas linguísticas das mesmas. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.
- Gramática [Orações subordinadas adjetivas relativas](#)
Gramática interativa que define e explica, através de exemplos, as orações subordinadas adjetivas relativas, especificando o uso e marcas linguísticas das mesmas. O recurso apresenta ainda momentos de atividades para praticar os conteúdos.

	• Apresentação Deambulação e imaginação: o observador acidental PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita, na poética de Cesário Verde, a perspectiva do poeta enquanto observador acidental. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada. • Apresentação O imaginário épico em «O sentimento dum ocidental» PowerPoint® que apresenta, sistematiza e explicita, na poética de Cesário Verde, as marcas do género épico. No final, o recurso apresenta ainda exercícios de consolidação acerca da matéria sistematizada. • Audiossíntese A representação da cidade e dos tipos sociais em Cesário Verde Síntese, em formato áudio, que explicita uma das principais temáticas da poesia de Cesário Verde: a representação da cidade e dos tipos sociais. • Audiossíntese A deambulação e imaginação: o observador social na poética de Cesário Verde Síntese, em formato áudio, que explicita algumas das características mais marcantes da poesia de Cesário Verde: a deambulação do sujeito poético e o papel da imaginação na poética do autor. • Audiossíntese A percepção sensorial e a transfiguração poética do real Síntese, em formato áudio, que aborda e sistematiza a percepção sensorial e a transfiguração poética do real na poesia de Cesário Verde. • Audiossíntese O imaginário épico em «O sentimento dum ocidental» Síntese, em formato áudio, que enumera e explicita o valor simbólico do imaginário épico no poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde. <u>Vídeos e áudios externos e internos que servem de apoio à unidade temática.</u>
Aplicação/ Consolidação	• Quiz Cesário Verde Cânticos do Realismo 1 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Cesário Verde Cânticos do Realismo 2 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Cesário Verde Cânticos do Realismo 3 Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação. • Quiz Géneros textuais: leitura Quiz composto por 4 questões e respetiva explicação.
Avaliação	• Teste interativo A deambulação e a imaginação na poética de Cesário Verde Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste interativo A representação da cidade e dos tipos sociais em Cesário Verde Teste interativo composto por 6 questões, com acesso a relatório detalhado. • Teste global Unidade 6 Teste interativo composto por 12 questões, com acesso a relatório detalhado.
	• Glossário Compilação de termos literários listados ao longo do manual. • Animação Recursos expressivos Animação que lista recursos expressivos relevantes, definindo e exemplificando os mesmos.

NOVO
MENSAGENS
PORTUGUÊS 11º ANO

Fichas de trabalho

- Educação Literária
- Gramática
- Leitura/Gramática
- Escrita
- Oralidade (Compreensão do Oral e Expressão Oral)
- Transcrições e soluções

Fichas de trabalho



Disponível em formato editável em  auladigital



Fichas de trabalho

Educação Literária

Ficha 1 – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»	35
Ficha 2 – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»	37
Ficha 3 – Almeida Garrett, <i>Frei Luís de Sousa</i>	39
Ficha 4 – Almeida Garrett, <i>Frei Luís de Sousa</i>	41
Ficha 5 – Camilo Castelo Branco, <i>Amor de perdição</i>	43
Ficha 6 – Camilo Castelo Branco, <i>Amor de perdição</i>	45
Ficha 7 – Almeida Garrett, <i>Viagens na minha terra</i> (obra de opção)	47
Ficha 8 – Almeida Garrett, <i>Viagens na minha terra</i> (obra de opção)	49
Ficha 9 – Alexandre Herculano, «A abóbada» (obra de opção)	51
Ficha 10 – Alexandre Herculano, «A abóbada» (obra de opção)	53
Ficha 11 – Eça de Queirós, <i>Os Maias</i>	55
Ficha 12 – Eça de Queirós, <i>Os Maias</i>	57
Ficha 13 – Eça de Queirós, <i>A ilustre casa de Ramires</i> (obra de opção)	59
Ficha 14 – Eça de Queirós, <i>A ilustre casa de Ramires</i> (obra de opção)	61
Ficha 15 – Antero de Quental, <i>Sonetos completos</i>	63
Ficha 16 – Antero de Quental, <i>Sonetos completos</i>	65
Ficha 17 – Antero de Quental, «O sentimento dum ocidental».....	67
Ficha 18 – Antero de Quental, «O sentimento dum ocidental».....	69

Gramática

Ficha 1 – Processos fonológicos	71
Ficha 2 – Etimologia (valor semântico do étimo, palavras divergentes e convergentes).....	73
Ficha 3 – Classes de palavras.....	75
Ficha 4 – Funções sintáticas I (sujeito, predicado e vocativo).....	77
Ficha 5 – Funções sintáticas II (complementos do verbo, predicativo do sujeito, predicativo do complemento direto e modificador – do grupo verbal).....	79
Ficha 6 – Funções sintáticas III (modificadores do nome e complemento do nome).....	81
Ficha 7 – Funções sintáticas IV (modificadores do nome, complemento do nome, complemento do adjetivo).....	83
Ficha 8 – Funções sintáticas (global)	85
Ficha 9 – Coordenação	87
Ficha 10 – Subordinação (orações subordinadas adverbiais).....	89
Ficha 11 – Subordinação (orações subordinadas adjetivas)	91
Ficha 12 – Subordinação (orações subordinadas substantivas)	93

Ficha 13 – Coordenação e subordinação (global)	95
Ficha 14 – Modalidade epistêmica, deôntica e apreciativa (valores modais)	97
Ficha 15 – Atos ilocutórios.....	99
Ficha 16 – Anáfora como mecanismo de coesão e de progressão.....	101
Ficha 17 – Processos de coesão (gramatical e lexical).....	103
Ficha 18 – Deíticos	105

Leitura/Gramática

Ficha 1 – <i>Cartoon</i>	107
Ficha 2 – Apreciação crítica	109
Ficha 3 – Discurso político	113
Ficha 4 – Artigo de opinião	117

Escrita

Ficha 1 – Exposição sobre um tema	121
Ficha 2 – Apreciação crítica	129
Ficha 3 – Texto de opinião.....	137

Oralidade

Compreensão do Oral

Ficha 1 – Exposição sobre um tema	145
Ficha 2 – Discurso político	146
Ficha 3 – Debate	147

Expressão Oral

Ficha 1 – Exposição sobre um tema	149
Ficha 2 – Apreciação crítica	153
Ficha 3 – Texto de opinião.....	161

SOLUÇÕES	167
-----------------------	-----

TRANSCRIÇÕES

Ficha de Educação Literária 1

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 1

1. Lê o seguinte excerto do «Sermão de Santo António».

[...] Falando dos peixes Aristóteles, diz que só eles entre todos os animais se não domam, nem domesticam. Dos animais terrestres o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio¹ tão amigo, ou tão lisonjeiro, e até os leões, e os tigres com arte, e benefícios se amansam. Dos animais do ar afora aquelas aves, que se criam, e vivem connosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda, e nos recreia; e até as grandes aves de rapina encolhendo as unhas reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes pelo contrário lá se vivem nos seus mares, e rios, lá se mergulham nos seus pegos², lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande, que se fie do homem, nem tão pequeno, que não fuja dele. [...] Peixes, quanto mais longe dos homens, tanto melhor: trato, e familiaridade com eles, Deus vos livre. Se os animais da terra, e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhes aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhes ditos o papagaio, mas na sua cadeia; vá com eles à caça o açor, mas nas suas piozes³; faça-lhes bufonarias⁴ o bugio, mas no seu cepo; contente-se o cão de lhes roer um osso, mas levado onde não quer pela trela; preze-se o boi de lhe chamarem formoso, ou fidalgo, mas com o jugo⁵ sobre a cerviz⁶, puxando pelo arado, e pelo carro; glorie-se o cavalo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara, e da espora; e se os tigres, e os leões lhes comem a ração da carne, que não caçaram no bosque, sejam presos, e encerrados com grades de ferro. E entretanto, vós, peixes, longe dos homens, e fora dessas cortesias vivereis só convosco, sim, mas como peixe na água. De casa, e das portas adentro tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar, porque há Filósofos que dizem que não tendes memória.

No tempo de Noé sucedeu o Dilúvio, que cobriu, e alagou o mundo; e de todos os animais, quais livraram melhor? Dos leões escaparam dois, leão, e leoa, e assim dos outros animais da terra; das águias escaparam duas, fêmea, e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam; antes não só escaparam todos, mas ficaram muito mais largos que dantes, porque a terra, e o mar, tudo era mar. Pois se morreram naquele universal castigo todos os animais da terra, e todas as aves, porque não morreram também os peixes? Sabeis porquê? Diz Santo Ambrósio: porque os outros animais como mais domésticos, ou mais vizinhos, tinham mais comunicação com os homens; os peixes viviam longe, e retirados deles.

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António», in *Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate), tomo II, volume X, cap. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014, pp. 141-142.

¹ bugio: macaco.

² pegos: sítios mais fundos, num rio, onde não se tem pé.

³ piozes: correia que certas aves de voo trazem nos pés para serem reconhecidas.

⁴ bufonarias: fanfarrices.

⁵ jugo: peça de madeira que serve para apor o boi ao carro ou ao arado.

⁶ cerviz: cachaço.



Júlio Pomar, *Santo António a pregar aos peixes* (1984-85).

1.1 Refere a intenção do autor ao citar o filósofo grego Aristóteles neste excerto do capítulo II.

2. Indica o tipo de relação que se estabeleceu entre os homens e os animais da terra e do ar.

3. Explicita o conselho que Vieira pretende relembrar aos Peixes.

4. Refere os dois valores que surgem, em antítese, neste excerto, relacionando-os com o objetivo do «Sermão».

5. Das afirmações que se seguem, apenas uma não está de acordo com o conteúdo do texto. Selecciona-a.

- A.** ☐ Existe uma gradação na enumeração dos animais que vivem presos perto dos homens.
- B.** ☐ Para os peixes, a melhor solução será a de conviverem com os homens «De casa, e das portas adentro» (linha 25).
- C.** ☐ Os animais que se aproximaram dos homens foram «castigados», pois perderam a sua liberdade.
- D.** ☐ O advérbio «lá» (linha 10) reforça a diferença existente entre os peixes e os outros animais.

Ficha de Educação Literária 2

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 1

1. Lê o excerto do «Sermão de Santo António» que se segue.

- Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão Polvo, contra o qual têm suas queixas, e grandes, não menos que São Basílio, e Santo Ambrósio. O Polvo com aquele seu capelo na cabeça parece um Monge, com aqueles seus raios estendidos, parece uma Estrela, com aquele não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja Latina, e Grega, que o dito Polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do Polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas cores de todas aquelas cores, a que está pegado. As cores, que no Camaleão são gala, no Polvo são malícia; as figuras, que em Proteu são fábula, no Polvo são verdade, e artifício. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que sucede? Sucede que outro peixe inocente da traição vai passando desacomatado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas?
- Não fizera mais; porque nem fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros O prenderam: o Polvo é o que abraça, e mais o que prende. Judas com os braços fez o sinal, e o Polvo dos próprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante: traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O Polvo escurecendo-se a si tira a vista aos outros, e a primeira traição, e roubo, que faz, é à luz, para que não distinga as cores. Vê, Peixe aleivoso¹, e vil², qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor.

- Oh que excesso tão afrontoso, e tão indigno de um elemento tão puro, tão claro, e tão cristalino como o da Água, espelho natural não só da terra, senão do mesmo Céu. Lá disse o Profeta por encarecimento que «nas nuvens do ar até a água é escura»: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris* [Sl 17, 12]. E disse nomeadamente «nas nuvens do ar», para atribuir a escuridade ao outro elemento, e não à água, a qual em seu próprio elemento sempre é clara, diáfana, e transparente, em que nada se pode ocultar, encobrir, nem dissimular.



Utagawa Kuniyoshi, *Polvo e peixe vermelho* (s/d).

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»,
in *Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate),
tomo II, volume X, cap. V, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014, pp. 162-163.

¹ aleivoso: desleal.

² vil: desprezível.

1.1 Insere o excerto transcrito na estrutura interna do «Sermão».

2. Explica o motivo que levou o autor a nomear duas antigas autoridades da Igreja.

3. Caracteriza o Polvo, tendo em conta a sua aparência e a sua verdadeira essência.

3.1 Transcreve do texto uma frase que confirme a diferença, no Polvo, entre o «ser» e o «parecer».

4. Identifica o recurso expressivo utilizado em cada uma das alíneas.

a) «O Polvo com aquele seu capelo na cabeça parece um Monge [...]» (linhas 3-4)

b) «[...] o dito Polvo é o maior traidor do mar» (linhas 9-10)

c) «Fizera mais Judas? Não fizera mais; porque nem fez tanto.» (linhas 19-20)

d) «Vê, Peixe aleivoso, e vil, qual é a tua maldade [...]» (linhas 24-25)

5. Pode dizer-se que, na parte final deste excerto, o autor faz uma amplificação do seu raciocínio. Explica de que modo isso acontece.

Ficha de Educação Literária 3

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 2

1. Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações que se seguem.

- a) ☐ O Romantismo espalhou-se pela Europa, por oposição ao Classicismo, desde os finais do século XVIII.
- b) ☐ A paisagem romântica é alegre, luminosa e exclusivamente apelidada de *locus amoenus*.
- c) ☐ Almeida Garrett é oriundo de uma família burguesa e culta, o que lhe permitiu ter a escrita como única ocupação ao longo da sua vida.
- d) ☐ Frei Luís de Sousa é o nome conventual de Manuel de Sousa Coutinho, um influente elemento da nobreza portuguesa na época da ocupação filipina.
- e) ☐ As fontes indicadas de *Frei Luís de Sousa* são um romance, uma biografia, um poema e um drama.
- f) ☐ Garrett escreveu a primeira versão de *Frei Luís de Sousa* em cerca de dois meses.
- g) ☐ Na «Memória ao Conservatório Real», o autor assume que *Frei Luís de Sousa* «é um verdadeiro drama».
- h) ☐ A estrutura externa de *Frei Luís de Sousa* permite-nos dividir a obra em três momentos distintos: exposição, conflito e desenlace.

1.1 Corrige as afirmações falsas.

2. De acordo com os teus conhecimentos de *Frei Luís de Sousa*, completa as afirmações que se seguem, de modo a obteres enunciados corretos e verdadeiros.

a) No monólogo reflexivo de D. Madalena (cena I, ato I) surgem, em forma de antítese, a sua

b) Ao longo de todo o texto são vários os indícios trágicos que vão surgindo, por exemplo,

c) O clímax da tragédia é atingido quando _____

d) A morte de Maria de Noronha, a separação do casal e a «morte» para o mundo constituem o momento da _____

e) *Frei Luís de Sousa* é uma tragédia portuguesa sebastianista porque _____

3. Identifica os recursos expressivos presentes nas expressões que se seguem.

a) «Oh! Que amor, que felicidade... que desgraça a minha!» (Madalena, cena I, ato I)

b) «Ilumino a minha casa para receber os muito poderosos e excelentes senhores governadores destes reinos.» (Manuel de Sousa Coutinho, cena XII, ato I)

4. Lê, agora, um outro excerto de *Frei Luís de Sousa*.

CENA X **JORGE, MADALENA**

MADALENA (*falando ao bastidor*) – Vai, ouves, Miranda? Vai e deixa-te lá estar até veres chegar o bergantim; e quando desembarcarem, vem-me dizer para eu ficar descansada. (*Vem para a cena.*)

5 Não há vento, e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tão depressa...

JORGE – Não, hoje não tem perigo.

MADALENA – Hoje... hoje! Pois hoje é o dia da
10 minha vida que mais tenho receado... que ainda temo que não acabe sem muito grande desgraça... É um dia fatal para mim: faz hoje anos que... que casei a primeira vez; faz anos que se perdeu el-rei D. Sebastião; faz anos também que... vi pela primeira vez Manuel de
15 Sousa.

JORGE – Pois conta essa entre as infelicidades da vossa vida?

MADALENA – Conto. Este amor – que hoje está santificado e bendito no Céu, porque Manuel de Sousa é o meu marido – começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi... e quando o vi – hoje, hoje... foi em tal dia como hoje! – D. João de Portugal ainda era vivo. O pecado
20 estava-me no coração; a boca não o disse... os olhos não sei o que fizeram; mas dentro da alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante... já não guardava a meu marido, a meu bom... a meu generoso marido... senão a grosseira fidelidade que uma mulher bem nascida quase que mais deve a si do que a seu esposo. – Permitiu Deus... quem sabe se para me tentar?... que naquela funesta batalha de Alcácer, entre tantos, ficasse também D. João...

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, fixação de texto por Maria João Brilhante, 3.^a ed., Lisboa, Editorial Comunicação, 1994, pp. 152-169.



Fotografia de Filipe Ferreira, encenação de *Frei Luís de Sousa*, por Miguel Loureiro. Teatro Nacional D. Maria II, 2016.

4.1 «É um dia fatal para mim» (linha 12) diz D. Madalena. Prova a veracidade desta afirmação, justificando com o teu conhecimento da globalidade da obra.

5. Explica a funcionalidade das reticências presentes no discurso de D. Madalena.

Ficha de Educação Literária 4

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 2

1. Lê o excerto de *Frei Luís de Sousa* que se segue.

MARIA (*entrando com umas flores na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a cena*) – Bonito! Eu há mais de meia hora no eirado passeando – e sentada a olhar para o rio a ver as faluas e os bergantins que andam para baixo e para cima – e já aborrecida de esperar... e o senhor Telmo aqui posto a conversar com a minha mãe, sem se importar de mim! – Que é do romance que me prometestes? Não é o da batalha, não é o que diz:

*Postos estão, frente a frente,
os dois valorosos campos;*

é o outro, é o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há de vir, um dia de névoa muito cerrada... Que ele não morreu; não é assim, minha mãe?

MADALENA – Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquilo foi? O povo, coitado, imagina essas quimeras para se consolar na desgraça.

MARIA – Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: eles que andam tão crentes nisto, alguma coisa há de ser. Mas ora o que me dá que pensar é ver que, tirado aqui o meu bom Telmo (*chega-se toda para ele, acarinhando-o*), ninguém nesta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião.

Meu pai, que é tão bom português, que não pode sofrer estes castelhanos, e que até às vezes dizem que é de mais o que ele faz e o que ele fala em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião... ninguém tal há de dizer, mas põe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo: parece que o vinha afrontar, se voltasse, o pobre do rei. – Ó minha mãe, pois ele não é por D. Filipe; não é, não?

MADALENA – Minha querida Maria, que tu hás de estar sempre a imaginar nessas coisas que são tão pouco para a tua idade! Isso é o que nos aflige, a teu pai e a mim; queria-te ver mais alegre, folgar mais, e com coisas menos...

MARIA – Então, minha mãe, então! – Veem, veem?... também minha mãe não gosta. Oh! essa ainda é pior, que se aflige, chora... ela aí está a chorar... (*Vai-se abraçar com a mãe, que chora.*) Minha querida mãe, ora pois então! Vai-te embora, Telmo, vai-te: não quero mais falar, nem ouvir falar de tal batalha, nem de tais histórias, nem de coisa nenhuma dessas. – Minha querida mãe!

TELMO – E é assim: não se fala mais nisso. E eu vou-me embora. (*À parte, e indo-se depois de lhe tomar as mãos.*) Que febre que ela tem hoje, meu Deus! queimam-lhe as mãos... e aquelas rosetas nas faces... Se o perceberá a pobre da mãe!

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, fixação de texto por Maria João Brilhante, 3.ª ed., Lisboa, Editorial Comunicação, 1994, pp. 103-111.



Fotografias de Filipe Ferreira, encenação de *Frei Luís de Sousa*, por Miguel Loureiro. Teatro Nacional D. Maria II, 2019.

1.1 Localiza a cena nas estruturas externa e interna de *Frei Luís de Sousa*.

2. Indica o espaço em que se passa esta cena.

3. No diálogo que trava com a filha, D. Madalena procura dissuadi-la de determinada ideia.

3.1 Identifica essa ideia.

3.2 Explica os motivos que estão na base de tal atitude de D. Madalena.

4. Maria recorre ao uso de um provérbio – «Voz do povo, voz de Deus» (linha 13).
Explica por que motivo o faz.

5. Na terceira fala de Maria, torna-se evidente um dos traços mais marcantes da sua personalidade. Identifica-o.

6. Transcreve do texto expressões que se afigurem um indício trágico e explica a tua opção.

7. Relaciona a doença de Maria com o final trágico da obra.

8. Identifica duas características do Romantismo presentes neste excerto de *Frei Luís de Sousa*.

Ficha de Educação Literária 5

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 3

1. Lê atentamente o excerto do capítulo X de *Amor de perdição* que se segue. Caso seja necessário, consulta as notas.

Às quatro horas e meia, ouviu Simão o tinido de liteiras, dirigindo-se àquele ponto. Mudou de local, tomando por uma rua estreita, fronteira ao convento. [...]

5 Momentos depois, viu Simão chegar à portaria Tadeu de Albuquerque encostado ao braço de Baltasar Coutinho. O velho denotava quebranto¹ e desfalecimento a espaços. O de Castro Daire, bem composto de figura e caprichosamente vestido à castelhana, gesticulava com o aprumo de quem dá as suas irrefutáveis razões, e consola
10 tomando a riso a dor alheia.

– Nada de lamúrias, meu tio! – dizia ele – Desgraça seria vê-la casada! Eu prometo-lhe antes de um ano restituir-lha curada. Um ano de convento é um ótimo vomitório do coração. Não há nada como isso para
15 limpar o sarro do vício em corações de meninas criadas à discrição. Se meu tio a obrigasse, desde menina, a uma obediência cega, tê-la-ia agora submissa, e ela não se julgaria autorizada a escolher marido.

– Era uma filha única, Baltasar! – dizia o velho,
20 soluçando.

– Pois por isso mesmo – replicou o sobrinho. – Se tivesse outra, ser-lhe-ia menos sensível a perda, e menos funesta a desobediência. Faria a sua casa na filha mais querida, embora tivesse de impetrar² uma licença régia para deserdar a primogénita. Assim, agora, não lhe vejo outro remédio senão empregar o cautério³ à chaga; com emplastos⁴ é
25 que se não faz nada.

Abriu-se novamente a portaria, e saíram as três senhoras, e após elas Teresa. [...]

As quatro senhoras, seguidas de Baltasar, tinham saído do átrio do convento, e deram de rosto em Simão Botelho, encostado à esquina da rua fronteira. [...]

Baltasar, espavorido do encontro, fitando os olhos nele, duvidava ainda.

30 – É crível que este infame aqui viesse! – exclamou o de Castro Daire.

– Simão deu alguns passos, e disse placidamente:

– *Infame...* eu! E porquê?

– Infame, e infame assassino! – replicou Baltasar. – Já fora da minha presença! [...]

– Que diz este patife?! – exclamou Tadeu.

35 – Vem aqui insultá-lo, meu tio! – respondeu Baltasar. – Tem a petulância de se apresentar a sua filha a confortá-la na sua malvadez! Isto é de mais! Olhe que eu esmago-o aqui, seu vilão.



Ilda David, in exposição de Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*, Lisboa, Sistema Solar Editora, 2012.

– Vilão é o desgraçado, que me ameaça, sem ousar avançar para mim um passo – redarguiu o filho do corregedor.

– Eu não o tenho feito – exclamou enfurecidamente Baltasar – por entender que me avilto,⁵ castigando-o, na presença de criados de meu tio, que tu podes supor meus defensores, canalha!

– Se assim é – tornou Simão, sorrindo – espero nunca me encontrar de rosto com Sua Senhoria.

Reputo-o tão cobarde, tão sem dignidade, que o hei de mandar azorragar⁶ pelo primeiro mariola⁷ das esquinas.

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*, Porto, Edições Caixotim, 2006, pp. 199-204.

¹ *quebranto*: fraqueza, debilidade.

² *impetrar*: fazer um pedido, requerer.

³ *cautério*: instrumento com que se cauteriza (isto é, que se aplica um ferro em brasa a algo).

⁴ *emplastro*: preparação terapêutica adesiva.

⁵ *avilto*: desonro, humilhação, torno-me vil.

⁶ *azorragar*: açoitar com um azorrague (isto é, com um chicote ou um açoite com várias correias ou cordas).

⁷ *mariola*: moço de fretes, patife.

1.1 Tendo em conta as linhas 4 a 10 do texto, explicita o contraste entre as atitudes de Tadeu de Albuquerque e de Baltasar Coutinho perante o facto de Teresa ter sido forçada a mudar-se para um convento no Porto. Fundamenta a resposta com citações do texto.

2. Com base no diálogo entre Tadeu de Albuquerque e Baltasar Coutinho, enuncia os argumentos apresentados pelo primo de Teresa para persuadir o tio de que estava a tomar a atitude correta em relação à sua filha. Ilustra a resposta com transcrições textuais.

3. Demonstra o contraste que é evidenciado entre o comportamento de Baltasar Coutinho e o de Simão Botelho entre as linhas 29 e 43 do texto.

Ficha de Educação Literária 6

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 3

1. Lê o texto seguinte.

À meia-noite, estendeu Simão o braço trémulo ao maço das cartas que Teresa lhe enviara, e contemplou um pouco a que estava ao de cima, que era dela. Rompeu a obreia, e dispôs-se no camarote para alcançar o baço clarão da lâmpada.

Dizia assim a carta:

5 «É já o meu espírito que te fala, Simão. A tua amiga morreu. A tua pobre Teresa, à hora em que leres esta carta, se me Deus não engana, está em descanso. [...]

A vida era bela, era, Simão, se a tivéssemos como tu ma pintavas nas tuas cartas, que li há pouco! Estou vendo a casinha que tu descrevias defronte de Coimbra, cercada de árvores, flores e aves. A tua imaginação passeava comigo às margens do

10 Mondego, à hora pensativa do escurecer. [...]

Oh! Simão, de que céu tão lindo caímos! À hora que te escrevo, estás tu para entrar na nau dos degredados, e eu na sepultura.

Que importa morrer, se não podemos jamais ter nesta vida a nossa esperança de há três anos?! Poderias tu com a desesperança e com a vida, Simão? Eu não podia.

15 Os instantes do dormir eram os escassos benefícios que Deus me concedia; a morte é mais que uma necessidade, é uma misericórdia divina, uma bem-aventurança para mim. [...]

Rompe a manhã. Vou ver a minha última aurora... a última dos meus dezoito anos!

20 Abençoado sejas, Simão! Deus te proteja, e te livre duma agonia longa. Todas as minhas angústias lhe ofereço em desconto das tuas culpas. Se algumas impaciências a justiça divina me condena, oferece tu a Deus, meu amigo, os teus padecimentos, para que eu seja perdoada.

Adeus! À luz da eternidade parece-me que já te
25 vejo, Simão!»

Ergueu-se o degredado, olhou em redor de si e fitou com espasmo Mariana, que levantava a cabeça ao menor movimento dele. [...]

30 Às três horas da manhã, Simão Botelho segurou entre as mãos a testa, que se lhe abria abrasada pela febre. Não pôde ter-se sentado, e deixou cair meio corpo. A cabeça, ao declinar, pousou no seio de Mariana.

– O Anjo da compaixão sempre comigo! – murmurou ele. [...]

35 Ao quarto dia, quando a nau se movia ronceira defronte de Cascais, sobreveio tormenta súbita. O navio fez-se ao largo muitas milhas, e perdido o rumo



Ilda David, in exposição de Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*, Lisboa, Sistema Solar Editora, 2012.

de Lisboa, navegou desnortado. Ao sexto dia de navegação incerta, por entre espessas
brumas, partiu-se o leme defronte de Gibraltar. E, em seguida ao desastre, aplacaram as
40 refegas, desencapelaram-se as ondas, e nasceu, com a aurora do dia seguinte, um formoso dia
de primavera. Era o dia 27 de março, o nono da enfermidade de Simão Botelho. [...]

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*, Porto, Edições Caixotim, 2006, pp. 291-299.

1.1 Localiza o texto que acabaste de ler na estrutura externa da obra.

1.2 Sintetiza brevemente os acontecimentos narrados neste capítulo.

2. Enquanto Teresa sucumbiu definitivamente afastada de Simão, Mariana acompanha-o até ao final.

2.1 Identifica o papel desempenhado por esta figura feminina neste momento da ação.

2.2 Caracteriza o tipo de amor que move Mariana.

3. Interpreta o último parágrafo do texto, tendo em conta a relação que, em vida, se estabeleceu entre as duas personagens.

4. Identifica o modo de expressão predominante neste excerto textual. Justifica.

5. Confirma, na carta de Teresa,

a) a visão mística da vida para além da morte;

b) a construção da heroína romântica;

6. Evidencia o valor simbólico da oposição entre espaços: cadeia/grades e mar.

Ficha de Educação Literária 7

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra* (obra de opção)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 3

1. Faz corresponder cada excerto textual da coluna A ao capítulo a que pertence na coluna B.

A	B
a) «Vou nada menos que a Santarém: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há de fazer crónica.» ☐	
b) «Parti para Lisboa cheio de agoiros, de enguiços e de tristes pressentimentos. O vapor vinha quase vazio, mas nem por isso andou mais depressa. Eram boas cinco horas da tarde quando desembarcámos no Terreiro do Paço.» ☐	
c) «Perdido para todos, e para ti também. Não me digas que não; tens generosidade para o dizer, mas não o digas. Tens generosidade para o pensar, mas não podes evitar de o sentir.» ☐	1. Capítulo I
d) «Os campinos ficaram cabisbaixos; o público imparcial aplaudiu por esta vez a oposição, e o Vouga triunfou do Tejo.» ☐	2. Capítulo XLIV
e) «Sentia-me como na presença da morte e aterrei-me. Fiz um esforço sobre mim, fui deliberadamente ao meu cavalo, montei, piquei desesperado de esporas, e não parei senão no Cartaxo.» ☐	3. Capítulo XLIX
f) «Havia três meninas naquela família. Dizer que eram as três Graças é uma vulgaridade cansada, e tão banal que não dá ideia de coisa alguma.» ☐	
g) «Acordei no outro dia e não vi nada... só uns pobres que pediam esmola à porta. Meti a mão na algibeira, e não achei senão notas... papéis!» ☐	

1.1 Atribui um título a cada um dos três capítulos anteriores.

2. Lê atentamente o excerto que se segue.

Eu vivi poucos meses em Inglaterra; mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. Levou-me o acaso, o destino – a minha estrela, porque eu ainda creio nas estrelas, e em pouco mais deste mundo creio já – levou-me
5 ao interior de uma família elegante, rica de tudo o que pode dar distinção neste mundo.

Estranhei aqueles hábitos de alta civilização, que me agradavam contudo; moldei-me facilmente por eles, afiz-me a vegetar docemente na branda atmosfera artificial daquela
10 estufa sem perder a minha natureza de planta estrangeira. Agradei: e não o merecia. No fundo de alma e de caráter eu não era aquilo por que me tomavam. Menti: o homem não faz outra coisa. Eu detesto a mentira; voluntariamente nunca o fiz, e todavia tenho levado a vida a mentir.

15 Menti pois, e agradei porque mentia. Santo Deus! Para que saíria a verdade da tua boca, e para que a mandaste ao mundo, Senhor?

[...] O tom perfeito da sociedade inglesa inventou uma palavra que não há nem pode haver noutras línguas enquanto a civilização as não apurar. *To flirt* é um verbo
20 inocente que se conjuga ali entre os dois sexos, e não significa *namorar* – palavra grossa e absurda que eu detesto – não significa «fazer a corte»; é mais do que estar amável, é menos do que galantear; não obriga a nada, não tem consequências, começa-se, acaba-se, interrompe-se,
25 adia-se, continua-se ou descontinua-se à vontade e sem comprometimento.

Eu *flartava*, nós *flartávamos*, elas *flartavam*...

E não há mais doce nem mais suave entretenimento de espírito do que o *flartar* com uma elegante e graciosa menina inglesa; com duas é prazer angélico, e com três é divino.

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*, prefácio de Anabela Rita, Cap. XLIV, Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 317-319.



Pierre-Auguste Renoir, *Os guarda-chuvas* (1800).

2.1 Localiza o texto transcrito na estrutura da obra.

3. Identifica a figura que enuncia o discurso neste excerto.

4. Indica a quem se refere o narrador quando conjuga o verbo *flartar* nas três pessoas (linha 26).

5. Explica o sentido da primeira frase (linhas 1-2).

6. Caracteriza o narrador e o seu estado de espírito no momento das confissões que são feitas.

7. Pode dizer-se que esta passagem por Inglaterra leva o narrador a viver uma contradição. Justifica.

Ficha de Educação Literária 8

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra* (obra de opção)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 3

1. Lê o texto seguinte.

Este é que é o pinhal da Azambuja?

Não pode ser. [...]

Por quantas maldições e infernos adornam o estilo dum verdadeiro escritor romântico, digam-me, digam-me: onde
5 estão os arvoredos fechados, os sítios medonhos desta espessura? Pois isto é possível, pois o pinhal da Azambuja é isto?...

[...] Sim, leitor benévolo, e por esta ocasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nossa literatura.
10 Já me não importa guardar segredo; depois desta desgraça não me importa já nada. Saberás pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos ler.

Trata-se de um romance, de um drama – cuidas que vamos estudar a história, a natureza, os monumentos, as
15 pinturas, os sepulcros, os edifícios, as memórias da época? Não seja pateta, senhor leitor, nem cuide que nós o somos. Desenhar caracteres e situações do *vivo* da natureza, colorilos das cores verdadeiras da história... isso é trabalho difícil, longo, delicado, exige um estudo, um talento, e
20 sobretudo tato!... Não senhor: a coisa faz-se muito mais facilmente. Eu lhe explico.

Todo o drama e todo o romance precisa de:

Uma ou duas damas, mais ou menos ingénuas,

Um pai – nobre ou ignóbil,

25 Dois ou três filhos, de dezanove a trinta anos,

Um criado velho,

Um monstro, encarregado de fazer as maldades,

Vários tratantes, e algumas pessoas capazes para intermédios e centros.

Ora bem; vai-se aos figurinos franceses de Dumas, de Eug. Sue, de Victor Hugo, e *recorta* a gente,
30 de cada um deles, as figuras que precisa, gruda-as sobre uma folha de papel da cor da moda, verde, pardo, azul – como fazem as raparigas inglesas aos seus álbuns e *scrapbooks*; forma com elas os grupos e situações que lhe parece; não importa que sejam mais ou menos disparatados. Depois vai-se às crónicas, tiram-se uns poucos de nomes e de palavrões velhos; com os nomes crismam-se os figurões, com os palavrões *iluminam-se*... (estilo de pintor pinta-monos). – E aqui está como nós
35 fazemos a nossa literatura original.

E aqui está o precioso trabalho que eu agora perdi!

Isto não pode ser! Uns poucos de pinheiros raros e enfezados através dos quais se estão quase vendo as vinhas e olivedos circunstantes!... É o desapontamento mais chapado e solene que nunca tive na minha vida – uma verdadeira logração em boa e antiga frase portuguesa.

40 E contudo aqui é que devia ser, aqui é que é, geográfica e topograficamente falando, o bem conhecido e confrontado sítio do pinhal da Azambuja...



Vincent van Gogh, *Pinheiros contra um céu vermelho com o pôr do sol* (1889).

Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*, prefácio de Annabela Rita, Cap. V, Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 94-96.

1.1 Identifica o estado de espírito do narrador ao iniciar este capítulo.

1.2 Refere o facto que esteve na origem de tal estado de espírito.

2. De acordo com este excerto, podemos afirmar que a criação literária tem algo que a aproxima da culinária. Explica porquê.

2.1 Refere as características do Romantismo indicadas neste excerto.

3. Reproduz um exemplo de ironia presente no texto.

3.1 Explica o respetivo valor expressivo.

4. A realidade e a literatura cruzam-se neste capítulo de forma muito evidente. Explica como acontece essa relação.

5. Transcreve do texto dois exemplos de marcas do tom coloquial e «sincero» usado pelo narrador.

6. Faz corresponder a cada citação da coluna A um ou mais recursos expressivos da coluna B.

A		B
a) «Este é que é o pinhal da Azambuja?» (linha 1)	☐	1. adjectivação
b) «[...] gruda-as sobre uma folha de papel [...] como fazem as raparigas inglesas aos seus álbuns [...]» (linhas 30-31)	☐	2. ironia
c) «isso é trabalho difícil, longo, delicado [...]» (linhas 18-19)	☐	3. comparação
d) «É o desapontamento mais chapado e solene que nunca tive na minha vida [...]» (linhas 38-39)	☐	4. interrogação retórica
		5. metáfora
		6. hipérbole

Ficha de Educação Literária 9

Alexandre Herculano, «A abóbada» (obra de opção)

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 3

1. Lê o excerto seguinte.

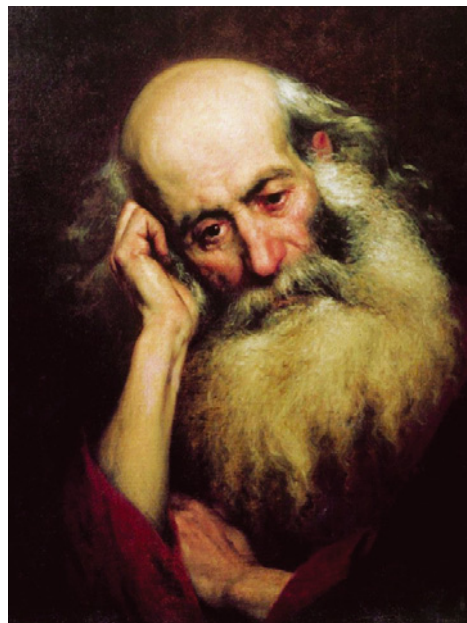
O dia 6 de janeiro do ano da redenção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens. Os campos, cobertos aqui de relva, acolá de searas, que cresciam a olhos vistos com o calor benéfico do Sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um destes
5 formosíssimos dias de inverno mais gratos que os do estio, porque são de esperança, e a esperança vale mais do que a realidade; destes dias, que Deus só concedeu aos países do Ocidente [...]. Era um destes dias antipáticos aos poetas ossiânico-regelo-nevoentos¹, que querem fazer-nos aceitar como cousa mui poética *Esses gelos do Norte esses brilhantes* [...].

No adro do mosteiro de Santa Maria da Vitória, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo,
10 entrando para a nova igreja, que de mui pouco tempo servia para as solenidades religiosas. [...]

Não estava, porém, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edifício. Assentado sobre um troço de fuste, com os pés ao Sol e o resto do corpo resguardado dos seus ardentes raios pela sombra de um telheiro, a qual se começava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, venerável de aspeto, que parecia embrenhado em profundas meditações. Pendia-lhe sobre o peito
15 uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibão escuro vestido, e sobre ele uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro daqueles membros trémulos e enrugados morava um ânimo rico de alto imaginar. As
20 faces do velho eram fundas, as maçãs do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva e o perfil do rosto quase perpendicular. Tinha a testa enrugada, como quem vivera vida de contínuo pensar [...].

– De merencório humor estais hoje – disse o prior
25 sorrindo. – Não só eu vos amo e venero: el-rei me fala sempre de vós em suas cartas. Não sois cavaleiro de sua casa? E a avultada tença que vos concedeu em paga da obra que traçastes e dirigistes, em quanto Deus vos concedeu vista, não prova que não foi ingrato?

30 – Cavaleiro!? – bradou o velho – Com sangue comprei essa honra! Comigo trago a escritura. – Aqui mestre Afonso, puxando com a mão trémula as atacas do gibão, abriu-o e mostrou duas largas cicatrizes no peito. – Em Aljubarrota foi escrito o documento à ponta de lança por
35 mão castelhana: a essa mão devo meu foro, que não ao Mestre de Avis. Já lá vão quinze anos! Então ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braço a acha de armas era brinco. El-rei não foi ingrato, dizeis vós, venerável prior, porque me concedeu uma tença!? – Que a guarde em seu tesouro; porque
40 ainda às portas dos mosteiros e dos castelos dos nobres se reparte pão por cegos e por aleijados.



Fyodor Bronnikov, *Retrato de um idoso* (1874).

Alexandre Herculano, «A abóbada», in *Lendas e narrativas*, apresentação crítica, seleção, notas e linhas de leitura de Helena Carvalhão Buescu, Lisboa, Editorial Comunicação, 1987.

¹ ossiânico-regelo-nevoentos: poetas ossiânico-regelo-nevoentos: referência aos poetas do norte da Europa. (Ossian é um bardo lendário da mitologia celta.)

1.1 Localiza o texto que leste na estrutura interna da obra de Alexandre Herculano.

2. Localiza a ação no tempo e no espaço.

2.1 Comprova como, nos três primeiros parágrafos, a afirmação do sentimento nacional se faz sentir.

3. Indica a personagem fundamental de toda a narrativa que nos é apresentada neste excerto.

4. A descrição desta personagem remete-nos para a figura do Velho do Restelo, criada por Camões para encarnar a oposição e criticar a ambição desmedida dos portugueses. Tendo em conta este paralelismo, analisa a personagem do ponto de vista:

a) das semelhanças físicas;

b) do «saber de experiência feito»;

c) da forma como encara a tença atribuída pelo rei.

5. Pelo discurso do ancião percebe-se que a personagem não está interessado em riquezas. Refere que outro tipo de recompensa ele preferiria obter do rei.

6. Identifica o recurso expressivo usado em «Não sois cavaleiro de sua casa?» (linhas 26-27) e explica o respetivo valor.

Ficha de Educação Literária 9

Alexandre Herculano, «A abóbada» (obra de opção)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 3

1. Lê atentamente os excertos que se seguem de «A abóbada».

Texto A

- El-rei tinha-se erguido, e juntamente os restantes cavaleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas não havia acertar com ela. Enfim, um homem, rompendo por entre a multidão, sem touca na cabeça, cabelos desgrehados, boca torcida e coberta de espuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da teia, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu dentro daquele recinto, ficou
- 5 imóvel, com os braços estendidos para o teto, as palmas das mãos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os ombros, como quem, cheio de horror, via sobre si desabar aquelas altíssimas e maciças arcarias. [...]

Texto B

Um ruído, semelhante ao de cem bombardas que se tivessem disparado dentro do mosteiro e que soara da banda da sacristia, tinha arrancado aquele grito de mil bocas e convertido em estátuas essa multidão de povo. [...]

- El-rei ia adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gótico que dava
- 5 comunicação para a sacristia: aí tudo estava em silêncio; uma lâmpada que pendia do teto dava luz frouxa e mortiça, e, a esta luz incerta e baça, encaminharam-se para a porta do Capítulo. Ao chegar a ela, todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou e veio morrer sussurrando pelas naves da igreja quase deserta:

– Jesus!

Texto C

– Sei, meu bom cavaleiro, que estais muito torvado comigo por dar a outrém o cargo de mestre das obras do mosteiro: nisso cria eu fazer-vos assinalada mercê. Mas, venhamos ao ponto: sabeis que a abóbada do Capítulo desabou ontem à noite?

– Sabia-o, senhor, antes do caso suceder.

- 5 – Como é isso possível?

– Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portugueses que aí restam como ia a feitura da casa capitular. No desenho dela pusera eu todo o cabedal do meu fraco engenho, e este aposento era a obra-prima da minha imaginação. Por eles soube que a traça primitiva fora alterada e que a juntura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado.

Texto D

– Vencestes, senhor rei, vencestes!... A abóbada da casa capitular não ficará por terra. [...]

- Que me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses; que português sou eu, portuguesa
- 5 a minha obra! De hoje a quatro meses podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na imortalidade e na glória.



Mosteiro da Batalha, Sala do Capítulo.

Texto E

- Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redentor jurei que, sentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abóbada, estaria sem comer nem beber durante três dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguém poderá mover-me. Se essa abóbada desabar, sepultar-me-á nas suas ruínas: nem eu quisera encetar, depois de velho, uma vida desonrada e vergonhosa. Esta é a minha firme resolução.

Alexandre Herculano, «A abóbada», in *Lendas e narrativas*, apresentação crítica, seleção, notas e linhas de leitura de Helena Carvalhão Buescu, Lisboa, Editorial Comunicação, 1987, pp. 63-67.

- 1.1** Faz corresponder a cada um dos excertos a(s) personagem(ns) que o protagoniza(m).

Texto A: _____ **Texto B:** _____ **Texto C:** _____

Texto D: _____ **Texto E:** _____

- 2.** O **texto A** assume-se como um presságio de acontecimentos futuros. Comprova a veracidade desta afirmação.

- 3.** Identifica o acontecimento que esteve na origem do estrondo relatado no **texto B**.

- 4.** O **texto C** evidencia alguns traços caracterizadores do arquiteto português. Indica-os.

- 4.1** Evidencia as razões que estão na base da convicção da personagem.

- 5.** Explica por que motivo os **textos D** e **E** podem ajudar à construção do herói romântico.

- 6.** A descrição é o modo de expressão predominante num dos textos. Identifica-o e justifica.

- 7.** Retira dos excertos transcritos marcas do estilo e da linguagem que caracterizam a obra.

Ficha de Educação Literária 11

Eça de Queirós, *Os Maias*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 4

1. Lê atentamente os excertos de *Os Maias* que se seguem.

Texto A (Capítulo VI)

Nesse momento a porta envidraçada abriu-se de golpe. Ega exclamou: «Saúde ao poeta»!

E apareceu um indivíduo muito alto, todo abotoado numa sobrecasaca preta, com uma face escaveirada, olhos encovados, e sob o nariz aquilino, longos, espessos, românticos bigodes grisalhos: já todo calvo na frente, os anéis fofos duma grenha muito seca caíam-lhe inspiradamente sobre a gola: e em toda a sua pessoa havia alguma coisa de antiquado, de artificial e de lúgubre. [...]

Carlos não entendia de finanças: mas parecia-lhe que, desse modo, o país ia alegremente e lindamente para a bancarrota.

– Num galopezinho muito seguro e muito a direito – disse o Cohen, sorrindo. – Ah! sobre isso, ninguém tem ilusões, meu caro senhor. Nem os próprios ministros da Fazenda!... A bancarrota é inevitável: é como quem faz uma soma... [...]



João Abel Manta, *Eça de Queiroz* (s/d).

Texto B (Capítulo X)

Por entre o alarido vibravam, furiosamente, os apitos da polícia; senhoras, com as saias apanhadas, fugiam através da pista, procurando espavoridamente as carruagens – e um sopro grosseiro de desordem reles passava sobre o hipódromo, desmanchando a linha postiça de civilização e a atitude forçada de decoro...

Carlos achou-se ao pé do marquês, que exclamava, pálido:

– Isto é incrível, isto é incrível!...

Carlos, pelo contrário, achava pitoresco. [...]

Texto C (Capítulo XV)

Seguindo devagar pelo Aterro, Ega contou a história da imundície. Fora na véspera à tarde que recebera no Ramallete a «Corneta». Ele já conhecia o papelucho, já privara mesmo com o proprietário e redator – o Palma, chamado Palma «Cavalão» para se distinguir de outro benemérito chamado Palma «Cavalinho». [...]

Ega no entanto, de sobrecasaca desabotoada e charuto fumegante, rondava em torno da mesa, seguindo sofregamente as linhas que traçava a mão aplicada do Dâmaso, ornada dum grosso anel de armas. E durante um momento atravessou-o um susto... Dâmaso parara, com a pena indecisa. Diabo! Acordaria enfim, no fundo de toda aquela gordura balofa, um resto escondido de dignidade, de revolta?... Dâmaso alçou para ele os olhos embaciados:

– Embriaguez é com «n» ou com «m»?

Eça de Queirós, Os Maias, Porto, Livros do Brasil, 2014, pp. 159, 165, 325, 538, 561.

1.1 Identifica, na estrutura interna da obra, em que momentos se situam estes excertos.

Texto A: _____

Texto B: _____

Texto C: _____

2. Comprova que qualquer um dos textos anteriores contribui para a crítica de costumes transversal em *Os Maias*, explicitando os aspetos sociais criticados.

3. Refere os espaços em que decorrem os «episódios» anteriores.

Texto A: _____ **Texto B:** _____ **Texto C:** _____

4. Identifica o poeta referido no texto A e comprova que a sua caracterização é adequada à corrente literária que representa.

5. Estabelece a correspondência entre as citações da coluna A e o valor expressivo das palavras/expressões da coluna B.

A	B
a) «[...] sob o nariz aquilino, longos, espessos, românticos bigodes grisalhos [...]» (texto A, linhas 5-6) ☐ b) «[...] os anéis fofos [...] caíam-lhe inspiradamente sobre a gola [...]» (texto A, linhas 6-8) ☐ c) «– Num galopezinho muito seguro [...]» (texto A, linha 13) ☐ d) «[...] sopro grosseiro de desordem reles [...]» (texto B, linhas 2-3) ☐ e) «[...] o país ia alegremente e lindamente para a bancarrota.» (texto A, linhas 11-12) ☐	1. Uso expressivo do advérbio 2. Ironia 3. Uso expressivo do adjetivo

Ficha de Educação Literária 12

Eça de Queirós, *Os Maias*

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 4

1. Lê o texto seguinte.

E Ega, miudamente, contou a sua longa, terrível conversa com o Guimarães, desde o momento em que o homem por acaso, já ao despedir-se, já ao estender-lhe a mão, falara da «irmã do Maia». Depois entregara-lhe os papéis da Monforte à porta do Hotel de Paris, no Pelourinho...

– E aqui está, não sei mais nada. Imagina tu que noite eu passei! Mas não tive coragem de te dizer. Fui ao Vilaça... [...]

No curto silêncio que caiu, um chuva mais largo, alagando o arvoredo do jardim, cantou nas vidraças. [...]

E nesse momento, sem que um rumor os prevenisse, Afonso da Maia apareceu numa abertura do reposteiro, encostado à bengala, sorrindo todo com alguma ideia que decerto o divertia. [...]

Então Carlos, no ardente egoísmo da sua paixão, sem pensar no abalo cruel que ia dar ao pobre velho, cheio só de esperança que ele, seu avô, testemunha do passado, soubesse algum facto, possuísse alguma certeza contrária a toda essa história de Guimarães, a todos esses papéis da Monforte – veio para ele, desabafou:

– Há uma coisa extraordinária, avô! O avô talvez saiba... O avô deve saber alguma coisa que nos tire desta aflição!... Aqui está, em duas palavras. Eu conheço aí uma senhora que chegou há tempos a Lisboa, mora na rua de S. Francisco. Agora, de repente, descobre-se que é minha irmã legítima!... [...] Que significa tudo isto? Essa minha irmã, a que foi levada em pequena, não morreu?... O avô deve saber!

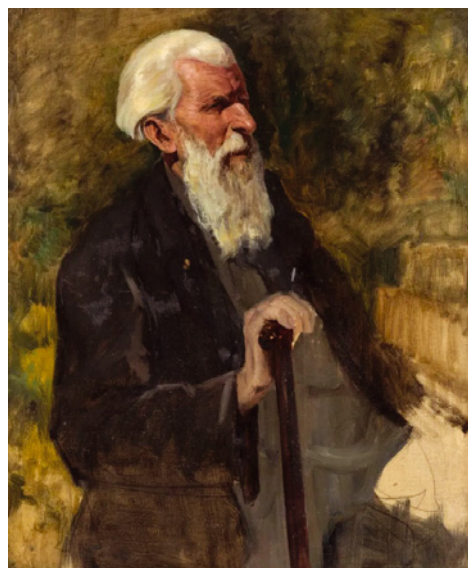
Afonso da Maia, que um tremor tomara, agarrou-se um momento com força à bengala, caiu por fim pesadamente numa poltrona, junto do reposteiro. E ficou devorando o neto, o Ega, com o olhar esgazeado e mudo. [...]

O velho levou muito tempo a procurar, a tirar a luneta de entre o colete, com os seus pobres dedos que tremiam; leu o papel devagar, empalidecendo mais a cada linha, respirando penosamente; ao findar deixou cair sobre os joelhos as mãos, que ainda agarravam o papel, ficou como esmagado e sem força. As palavras por fim vieram-lhe apagadas, morosas. Ele nada sabia... O que a Monforte ali assegurava, ele não o podia destruir... [...]

E Carlos diante dele vergava os ombros, esmagado também sob a certeza da sua desgraça. O avô, testemunha do passado, nada sabia! Aquela declaração, toda a história do Guimarães aí permaneciam inteiras, irrefutáveis. [...]

Por fim Afonso ergueu-se fortemente encostado à bengala, foi pousar sobre a mesa o papel da Monforte. Deu um olhar, sem lhes tocar, às cartas espalhadas em volta da caixa de charutos. Depois, lentamente, passando a mão pela testa:

– Nada mais sei... Sempre pensámos que essa criança tinha morrido... Fizeram-se todas as pesquisas... Ela mesma disse que lhe tinha morrido a filha, mostrou já não sei a quem um retrato... [...]



Leonid Mikhailovic, *Idoso com uma bengala* (s/d).

A voz sumia-se-lhe, toda trémula. Estendeu a mão a Carlos, que lha beijou, sufocado; e o velho, puxando o neto para si, pousou-lhe os lábios na testa. Depois deu dois passos para a porta, tão lentos e incertos que Ega correu para ele:

45 – Tome Vossa Excelência o meu braço...

Afonso apoiou-se nele, pesadamente. Atravessaram a ante-câmara silenciosa, onde a chuva contínua batia nos vidros. Por detrás deles caiu o grande reposteiro, com as armas dos Maias. E então Afonso, de repente, soltando o braço do Ega, murmurou-lhe, junto à face, no desabafo de toda a sua dor:

50 – Eu sabia dessa mulher!... Vive na rua de S. Francisco, passou todo o verão nos Olivais... É a amante dele!

Ega ainda balbuciou: «Não, não, Sr. Afonso da Maia!» Mas o velho pôs o dedo nos lábios, indicou Carlos dentro, que podia ouvir... E afastou-se, todo dobrado sobre a bengala, vencido enfim por aquele implacável destino que, depois de o ter ferido na idade da força com a desgraça do filho –
55 o esmagava ao fim da velhice com a desgraça do neto.

Eça de Queirós, *Os Maias*, cap. XVII, Porto, Livros do Brasil, 2014, pp. 642-646.

1.1 Localiza o texto na estrutura interna da obra.

2. Comprova que se trata de um momento fulcral da intriga principal.

3. Analisa o excerto, salientando os seguintes aspetos:

a) níveis diferentes da intriga amorosa;

b) elementos da tragédia presentes no texto;

c) protagonista e respetivas características trágicas.

4. Transcreve do texto três exemplos característicos da linguagem e/ou do estilo queirosianos.

Ficha de Educação Literária 13

Eça de Queirós, *A ilustre casa de Ramires* (obra de opção)

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 4

1. Lê atentamente o excerto que se segue.

Gonçalo Mendes Ramires correu à cancela entalada nos velhos umbrais de granito, saltou por sobre as tábuas mal pregadas, enfiou pela latada que orla o muro, numa carreira furiosa de lebre acoçada! Ao fim da vinha, junto aos milheirais, uma figueira brava, densa em folha, alastrara dentro de um espigueiro de granito destelhado e desusado. Nesse esconderijo de rama e pedra se alapou o Fidalgo da Torre, arquejando. O crepúsculo descera sobre os campos – e com ele uma serenidade em que adormeciam frondes e relvas. Afoutado pelo silêncio, pelo sossego, Gonçalo abandonou o cerrado abrigo, recomeçou a correr [...] até o canto do pomar – onde encontrou fechada uma porta, velha porta mal segura, que abanava nos gonzos ferrugentos. Furioso, atirou contra ela os ombros que o terror enrijara como trancas. Duas tábuas cederam, ele furou através, esgarçando a quinzena num prego.

– E respirou enfim no agasalho do pomar murado, diante das varandas da casa abertas à frescura da tarde, junto da Torre, da sua Torre, negra e de mil anos, mais negra e como mais carregada de anos contra a macia claridade da Lua Nova que subia.

Com o chapéu na mão, enxugando o suor, entrou na horta, costeou o feijoad. E agora subitamente sentia uma cólera amarga pelo desamparo em que se encontrara, numa quinta tão povoada, enxameando de gentes e dependentes! Nem um caseiro, nem um jornaleiro, quando ele gritara, tão aflito, da borda da Mãe d'Água! De cinco criados nenhum acudira – e ele perdido, ali, a uma pedrada da eira e da abegoaria! Pois que dois homens corressem com paus ou enxadas – e ainda colhiam o Casco na estrada, o malhavam como uma espiga.

Ao pé do galinheiro, sentindo uma risada fina de rapariga, atravessou o pátio para a porta iluminada da cozinha. Dois jovens da horta, a filha da Crispola, a Rosa, tagarelavam, regaladamente sentados num banco de pedra, sob a fresca escuridão da latada. Dentro o lume estralejava – e a panela do caldo, fervendo, rescendia. Toda a cólera do Fidalgo rompeu:

– Então, que sarau é este? Vocês não me ouviram chamar?... Pois encontrei lá em baixo, ao pé do pinheiral, um bêbedo, que me não conheceu, veio para mim com uma foice!... Felizmente levava a bengala. E chamo, grito... Qual! Tudo aqui de palestra, e a ceia a cozer! Que desaforo! Outra vez que suceda, todos para a rua... E quem resmungar, a cacete!

A sua face chamejava, alta e valente. A pequena da Crispola logo se escapulira, encolhida, para o recanto da cozinha, para trás da masseira. Os dois rapazes, erguidos, vergavam como duas espigas sob um grande vento. E enquanto a Rosa, aterrada, se benzia, se derretia em lamentações sobre «desgraças que assim se armam!» – Gonçalo, deleitado pela submissão dos dois homens, ambos tão rijos, com tão grossos varapaus encostados à parede, amansava:

– Realmente! Sois todos surdos, nesta pobre casa!... Além disso a porta do pomar fechada! Tive de lhe atirar um empurrão. Ficou em pedaços.



Tomás de Mello, *Gonçalo Ramires* (s/d).

Eça de Queirós, *A ilustre casa de Ramires*, coord. e ed. de texto de Carlos Reis, Lisboa, INCM, 2014, pp. 37-42.

1.1 Sugere um título para o texto que acabaste de ler.

2. Identifica a situação vivida pelo Fidalgo da Torre neste excerto.

2.1 Procura, no texto, indícios que te permitam concluir sobre quem/o que provocou o incidente inicial.

3. Localiza a ação no espaço.

3.1 Explica a relação de oposição que se estabelece entre esse espaço e o seu proprietário.

4. A atitude de Gonçalo Ramires vai evoluindo à medida que este se aproxima de casa. Explica de que modo se processa essa evolução.

5. Tendo em conta a forma como age e se comporta, caracteriza, psicologicamente, o fidalgo.

6. Estabelece uma relação entre a condição social de Gonçalo Mendes Ramires e a forma como se comporta.

7. Associa cada expressão da coluna A ao correspondente recurso expressivo na coluna B.

A		
a)	«[...] saltou [...] numa carreira furiosa de lebre acossada!» (linhas 2-4)	☐
b)	«[...] tagarelavam, regaladamente [...]» (linhas 27-28)	☐
c)	«[...] adormeciam frondes e relvas» (linha 9)	☐
d)	«[...] a macia claridade da Lua Nova [...]» (linha 18-19)	☐
e)	«[...] os ombros que o terror enrijara como trancas» (linhas 13-14)	☐

B	
1.	Uso expressivo do adjetivo
2.	Personificação
3.	Comparação
4.	Eufemismo
5.	Metáfora
6.	Uso expressivo do advérbio
7.	Hipérbole

Ficha de Educação Literária 14

Eça de Queirós, *A ilustre casa de Ramires* (obra de opção)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 4

1. Lê atentamente o excerto que se segue.

João Gouveia, que se recostara no canto do largo assento de pedra, com o seu coco sobre os joelhos, acenou para o lado dos Bravais:

- Estou a lembrar aquela passagem do romance do Gonçalo, quando os Ramires se preparam para socorrer as Infantas, andam a reunir a mesnada. É assim, a estas horas da tarde, com tambores; e por sítios... «Na frescura do vale...» Não! «Pelo vale de Craquede...» Também não! Esperem vocês, que eu tenho boa memória... Ah! «E por todo o fresco vale até Santa Maria de Craquede, os atambores mouriscos abafados no arvoredor, tarará! tarará! ou mais vivos nos cerros, ratatá! ratatá! convocavam a mesnada dos Ramires, na doçura da tarde...» É lindo!

- [...] À borda do assento, encolhido contra o Titó, para que o Sr. Administrador se alastrasse confortavelmente, Padre Soeiro, com as mãos no cabo do seu guarda-sol, concordou:

– Com certeza! são lances interessantes... Com certeza! Naquela novela há imaginação rica, muito rica; e há saber, há verdade.

- O Titó, que depois de Simão de Nântua, em pequeno, não abria mais as folhas de um livro, e não lera a Torre de D. Ramires, murmurou, com um risco mais largo na poeira:

– Extraordinário, aquele Gonçalo! O Videirinha não findara o seu enlevado sorriso:

– Tem muito talento... Ah! o Sr. Doutor tem muito talento.

- [...] Então João Gouveia abandonou o recosto do banco de pedra e teso na estrada, com o coco à banda, reabotoando a sobrecasaca, como sempre que estabelecia um resumo:

– Pois eu tenho estudado muito o nosso amigo Gonçalo Mendes. E sabem vocês, sabe o Sr. Padre Soeiro quem ele me lembra?

– Quem?

- Talvez se riam. Mas eu sustento a semelhança. Aquele todo de Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a imensa bondade, que notou o Sr. Padre Soeiro... Os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro quando se fila à sua ideia...

- A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negócios, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade?... A imaginação que o leva sempre a exagerar até à mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante nalgum milagre, no velho milagre de Ourique, que sanará todas as dificuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acovarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa... Até aquela antiguidade de raça, aqui pegada à sua velha Torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem vocês quem ele me lembra?



Autor desconhecido, *Livraria de Gonçalo Ramires*, in *Revista Moderna*, Paris, 1897, p. 327.

– Quem?...

– Portugal.

Os três amigos retomaram o caminho de Vila-Clara. No céu branco uma estrelinha tremeluzia
45 sobre Santa Maria de Craquede.

Eça de Queirós, *A ilustre casa de Ramires*, coord. e ed. de texto de Carlos Reis, Lisboa, INCM, 2014, pp. 63-64.

1.1 Localiza o excerto que acabaste de ler na estrutura interna da obra.

2. Comprova, com recurso ao texto, a existência de uma novela no interior do romance.

2.1 Explica de que modo se articulam os dois níveis narrativos: o da novela e o do romance.

3. Sintetiza, a partir das palavras de João Gouveia, os traços que caracterizam a personalidade de Gonçalo Mendes Ramires.

4. Identifica os três amigos que «retomaram o caminho de Vila-Clara» (linha 44).

5. A partir da comparação que é sugerida por João Gouveia, refere a forma como o autor olha para o país, no momento em que escreve *A ilustre Casa de Ramires*.

6. Identifica, no texto, marcas de estilo e de linguagem características de Eça de Queirós.

Ficha de Educação Literária 15

Antero de Quental, *Sonetos completos*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 5

1. Lê o poema seguinte.

Nox¹

A Fernando Leal

Noite, vão para ti meus pensamentos,
Quando olho e vejo, à luz cruel do dia,
Tanto estéril lutar, tanta agonia
E inúteis tantos ásperos tormentos...

5 Tu, ao menos, abafas os lamentos,
Que se exalam da trágica enxovia...
O eterno Mal, que ruge e desvaria,
Em ti descansa e esquece, alguns momentos...

10 Oh! antes tu também adormecesses
Por uma vez, e eterna, inalterável,
Caindo sobre o mundo, te esquecesses.

E ele, o mundo, sem mais lutar nem ver,
Dormisse no teu seio inviolável,
Noite sem termo, noite do Não-ser!



Vincent van Gogh, *A noite estrelada* (1889).

Antero de Quental, *Poesia completa, 1842-1891*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 286-287.

¹ Nox: noite.

1.1 Divide o poema e delimita as sequências lógicas que o constituem.

1.2 Sintetiza o conteúdo de cada uma destas sequências.

2. Identifica a entidade a quem se dirige o sujeito poético, justificando com elementos textuais.

3. Explica a conotação existente no verso «Noite sem termo, noite do Não-ser!» (verso 14).

4. Identifica no poema os elementos que caracterizam o dia, por oposição aos elementos que surgem associados à noite.

5. Explicita o desejo manifestado pelo sujeito poético nos dois tercetos.

6. Comenta a expressividade resultante do uso do presente do indicativo e do imperfeito do conjuntivo ao longo do poema.

7. Podemos afirmar que este soneto constitui um bom exemplo da poesia de Antero de Quental.

7.1 Indica duas características que confirmem esta afirmação.

8. Em «Noite sem termo, noite do Não-ser!» (verso 14) estamos perante

- A.** ☐ uma personificação de Morte.
- B.** ☐ uma adjetivação.
- C.** ☐ uma metáfora de Morte.
- D.** ☐ uma metáfora de Mundo.

Ficha de Educação Literária 16

Antero de Quental, *Sonetos completos*

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 5

1. Lê atentamente o poema que se segue.

Ideal

Aquela que eu adoro não é feita
De lírios nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas lânguidas, divinas,
Da antiga Vénus de cintura estreita...

5 Não é a Circe, cuja mão suspeita
Compõe filtros mortais entre ruínas,
Nem a Amazonas, que se agarra às crinas
Dum corcel e combate satisfeita...

10 A mim mesmo pergunto, e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

É como uma miragem que entrevejo,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sonho impalpável do Desejo...

Antero de Quental, *Poesia completa, 1842-1891*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 249-250.



Claude Monet, *Jardim das rosas* (1876).

1.1 Delimita as duas partes lógicas em que o soneto pode ser dividido.

1.2 Sintetiza, por palavras tuas, o conteúdo dessas duas partes.

2. Ao longo das duas quadras, o sujeito poético define, pela negativa, «aquela» que adora. Justifica esta afirmação.

3. Mas o ideal feminino do sujeito poético é, também, definido pela afirmativa. Comprova-o.

4. Explica por que razão podemos afirmar que a mulher ideal é, neste caso, um ser inatingível.

5. A solidão e a incerteza são estados de alma que, facilmente, se podem associar a esta definição de «ideal». Justifica.

6. Retira do texto um exemplo de cada um dos seguintes recursos expressivos.

a) Adjetivação: _____

b) Antítese: _____

c) Metáfora: _____

d) Comparação: _____

Ficha de Educação Literária 17

Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental»

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 6

1. Lê atentamente o excerto de «O sentimento dum ocidental» que se segue. Caso seja necessário, consulta as notas.

Ave-Marias

I

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício,¹ o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

- 5 O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-nos, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba²
Toldam-se d'uma cor monótona e londrina.

Batem carros de aluguer, ao fundo,

- 10 Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:

- 15 Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates,³ aos magotes,
De jaquetão⁴ ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões,⁵ por becos,

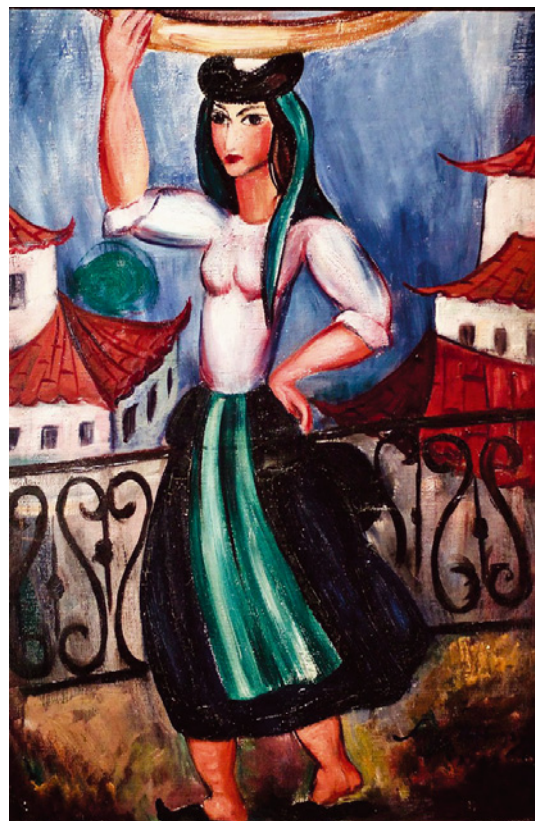
- 20 Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
Mouros, baixéis,⁶ heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro, a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

- 25 E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado⁷ inglês vogam os escaleres;⁸
E em terra num tinir de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;

- 30 Um trôpego arlequim⁹ braceja numas andas;
Os querubins¹⁰ do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!



Sarah Affonso, *Varina* (1930).

Vazam-se os arsenais¹¹ e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
35 E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;¹²
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
40 Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infeção!

Cesário Verde, *Cânticos do Realismo – O Livro de Cesário Verde*
(introd. de Helena Carvalhão Buescu), Lisboa, INCM, 2015, pp. 122-123.

¹ *bulício*: grande movimento de pessoas.

² *turba*: multidão.

³ *calafates*: operários que calafetam, por exemplo, os navios.

⁴ *jaquetão*: jaqueta comprida.

⁵ *boqueirões*: ruas que desembocam num rio ou num canal.

⁶ *baixéis*: pequenos navios ou barcos.

⁷ *couraçado*: navio de guerra.

⁸ *escaleres*: pequenas embarcações para serviços de navios.

⁹ *arlequim*: personagem cômica oriunda de Itália que enverga muitas vezes um traje feito de losangos de várias cores; palhaço.

¹⁰ *querubins*: anjos.

¹¹ *arsenais*: edifícios do Estado para construção ou reparação de navios ou para guardar armamento ou outros objetos.

¹² *pilastras*: pilares de quatro faces.

1.1 Tendo em conta a primeira e a segunda estrofes, aponta o(s) motivo(s) por que o «eu», na terceira estrofe, manifesta o desejo de evasão. Fundamenta a resposta através de citações do texto.

2. Identifica o recurso expressivo que está presente na quarta estrofe e explicita o seu valor expressivo.

3. Com base na sexta estrofe, enuncia os sentimentos que o sujeito poético manifesta em relação à época do passado que é evocada. Ilustra a resposta através de transcrições textuais.

4. Comprova que na quinta estrofe e nas estrofes 7 a 11 é estabelecido um contraste entre as classes altas e as classes baixas da sociedade portuguesa. Fundamenta a resposta.

Ficha de Educação Literária 18

Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental»

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 6

1. Lê atentamente o excerto de «O sentimento dum ocidental» que se segue. Caso seja necessário, consulta as notas.

III

Ao gás

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.¹
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras²
Um sopro que arrepiava os ombros quase nus.

- 5 Cercam-me as lojas, tépidas.³ Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

- As burguesinhas do catolicismo
10 Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.⁴

- Num cuteleiro,⁵ de avental, ao torno,⁶
Um forjador⁷ maneja um malho,⁸ rubramente;
15 E de uma padaria exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

- E eu, que medito um livro que exacerbe,⁹
Quisera que o real e a análise mo dessem;
Casas de confeções¹⁰ e modas resplandecem;
20 Pelas vitrines olha um ratoneiro¹¹ imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistras, ¹² salubres¹³ e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos,¹⁴
E a vossa palidez romântica e lunar!

- 25 Que grande cobra, a lúbrica¹⁵ pessoa,
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!¹⁶
Sua excelência atrai, magnética, entre o luxo,
Que ao longo dos balcões de mogno¹⁷ se amontoa.

- E aquela velha, de bandós!¹⁸ Por vezes,
30 A sua *traîne*¹⁹ imita um leque antigo, aberto,
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,
Escarvam,²⁰ à vitória,²¹ os seus mecklemburgueses.²²



Childe Hassam, *Noite de chuva* (1893).

Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
35 Flocos de pós de arroz pairam sufocadores,
E em nuvens de cetins requebram-se²³ os caixeiros.

Mas tudo cansa! Apagam-se, nas frentes,
Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;
Da solidão regouga²⁴ um cauteleiro²⁵ rouco;
40 Tornam-se mausoléus²⁶ as armações fulgentes.²⁷

«Dó da miséria!... Compaixão de mim!...»
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-me esmola um homenzinho idoso,
Meu velho professor nas aulas de latim!

Cesário Verde, *Cânticos do Realismo – O Livro de Cesário Verde*
(introd. De Helena Carvalhão Buescu), Lisboa, INCM, 2015, pp. 122-123.

¹ *impuras*: imorais (no texto, o termo é utilizado para fazer referência às prostitutas).

² *embocaduras*: entradas de uma rua.

³ *têpidas*: mornas.

⁴ *histerismo*: doença nervosa antigamente associada às mulheres.

⁵ *cuteleiro*: fabricante ou vendedor de objetos cortantes.

⁶ *torno*: aparelho em que se colocam as peças que se pretende limar ou polir.

⁷ *forjador*: indivíduo que forja.

⁸ *malho*: martelo grande de ferreiro.

⁹ *exacerbar*: irritar, exasperar.

¹⁰ *casa de confeção*: estabelecimento onde se fabrica roupa em série.

¹¹ *ratoneiro*: indivíduo que pratica pequenos furtos.

¹² *magistral*: perfeito, exemplar.

¹³ *salubre*: saudável.

¹⁴ *reverbero*: reflexo da luz.

¹⁵ *lúbrico*: que tem tendência para a luxúria.

¹⁶ *debuxo*: desenho ou estampa.

¹⁷ *mogno*: madeira nobre.

¹⁸ *bandós*: cada uma das duas partes em que se divide o cabelo através de uma risca ao meio.

¹⁹ *traîne*: (francês) cauda do vestido.

²⁰ *escarvar*: escavar superficialmente, esgaravatar.

²¹ *vitória*: carruagem descoberta, com quatro rodas.

²² *mecklemburguês*: originário de Meclemburgo, na Alemanha (no texto, é feita referência a cavalos importados desta região).

²³ *requebrar-se*: mover o corpo com requebros, saracotear-se.

²⁴ *regougar*: falar em voz áspera e gutural.

²⁵ *cauteleiro*: vendedor de bilhetes de lotaria.

²⁶ *mausoléu*: sepulcro sumptuoso.

²⁷ *fulgente*: brilhante.

2. Identifica o recurso expressivo presente na expressão «Ó moles hospitais!» (v. 3) e explicita o seu valor expressivo.

3. Explica o objetivo da transfiguração poética do real que é realizada na segunda estrofe do excerto.

4. Explicita o contraste que é estabelecido nesta parte do poema entre as classes altas e as classes baixas da sociedade, apontando a intenção crítica que lhe está subjacente. Ilustra a resposta através de transcrições textuais.

Ficha de Gramática 1

Processos fonológicos

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Classifica as afirmações que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.

- a) ☐ Na evolução de LUPU- para *lobo*, os fonemas representados pelas letras sublinhadas evidenciam a ocorrência de uma vocalização.
- b) ☐ Na evolução de ANTE para *antes*, o fonema representado pela letra sublinhada comprova que se verificou uma paragoge.
- c) ☐ Na evolução de ACTU- para *auto*, os fonemas representados pelas letras sublinhadas evidenciam a ocorrência de uma sinérese.
- d) ☐ Na evolução de PERSONA para *persooa*, os fonemas representados pelas letras sublinhadas comprovam que se verificou uma metátese.
- e) ☐ Na evolução de SENIORE- para *senhor*, os fonemas representados pelas letras sublinhadas evidenciam a ocorrência de uma palatalização.
- f) ☐ Na evolução de RIVU- para *rio*, o fonema representado pela letra sublinhada comprova que se verificou uma aférese.
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

2. Associa cada um dos étimos da coluna A à palavra a que deram origem, na coluna B, e ao processo fonológico que está associado a esta evolução, na coluna C.

A		B		C	
1. ACUME	☐	a) muito	☐	A. aférese	☐
2. ET	☐	b) hoje	☐	B. apócope	☐
3. FIDELE	☐	c) gume	☐	C. epêntese	☐
4. HODIE-	☐	d) fiel	☐	D. palatalização	☐
5. MULTU-	☐	e) estrela	☐	E. prótese	☐
6. SPIRITU-	☐	f) espírito	☐	F. síncope	☐
7. STELLA	☐	g) e	☐	G. vocalização	☐

3. Tendo em conta os fonemas representados pelas letras sublinhadas, identifica o processo fonológico ocorrido na evolução dos étimos que se seguem.

- a) VIRIDE -> verde: _____
- b) OCTO -> oito: _____
- c) FILIU -> filho: _____
- d) MARITU -> marido: _____
- e) COLORE -> coor > cor: _____
- f) INTER -> entre: _____
- g) IPSU -> isso: _____
- h) STARE -> estar: _____
- i) INFLARE -> inchar: _____
- j) FENESTRA -> feestra > festra > fresta: _____
- k) SCUTU -> escudo: _____
- l) CALAMELLU -> caramelo: _____
- m) NOCTE -> noite: _____
- n) APOTHECA -> bodega: _____
- o) FERIA -> feira: _____
- p) FLAMMA -> chama: _____

4. Tendo em conta o(s) fonema(s) sublinhado(s), faz corresponder o processo fonológico ocorrido em cada um dos étimos (ou palavras) da coluna A à sua classificação na coluna B. (Um elemento da coluna B pode corresponder a mais do que um elemento da coluna A.)

A	B
a) HUMILE -> humil <u>d</u> e ☐	1. prótese
b) OCULU -> oc <u>l</u> o > ol <u>h</u> o ☐	2. epêntese
c) LEGERE -> le <u>e</u> r > l <u>e</u> r ☐	3. paragoge
d) LEGE -> le <u>e</u> > le <u>i</u> ☐	4. aférese
e) REGNU -> re <u>i</u> no ☐	5. síncope
f) LI <u>I</u> U -> lí <u>r</u> io ☐	6. apócope
g) VIDE <u>O</u> -> ve <u>j</u> o ☐	7. metátese
h) CIVIT <u>A</u> T <u>E</u> -> cid <u>a</u> de ☐	8. assimilação
i) SPECULU -> e <u>s</u> pelho ☐	9. dissimilação
j) EPISCO <u>P</u> U -> o <u>b</u> ispo > bispo ☐	10. sonorização
k) CASTIGAT -> castiga ☐	11. vocalização
l) AQUILA -> águ <u>i</u> a ☐	12. palatalização
m) CLAVE -> ch <u>a</u> ve ☐	13. crase
n) PALE <u>A</u> -> pal <u>h</u> a ☐	14. sinérese
o) NOSTR <u>U</u> -> nos <u>s</u> o ☐	15. redução vocálica

Ficha de Gramática 2

Etimologia (valor semântico do étimo, palavras divergentes e convergentes)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Preenche o quadro que se segue com um exemplo de uma palavra na qual se inclui a forma apresentada do étimo latino ou grego.

Forma do étimo	Significado	Exemplo
a) AERO-	ar	_____
b) ANTROP(O)-	homem	_____
c) AUDIO-	audição	_____
d) AUT(O)-	próprio, de si mesmo	_____
e) AVI-	ave	_____
f) BELI -	guerra	_____
g) BIBLI(O)-	livro	_____
h) BIO-	vida	_____
i) CIRCUM-	em torno de	_____
j) CONTRA -	contrário	_____
k) COSMO-	mundo	_____
l) CROM(O)-	cor	_____
m) CRONO-	tempo	_____
n) DEM(O)-	povo	_____
o) DI -	dois	_____
p) ETN(O) -	povo	_____
q) HERB(I)-	erva	_____
r) INFRA-	posição inferior	_____
s) INTRA-	no interior	_____
t) MULTI-	muitas vezes	_____
u) OMNI-	todo	_____
v) PISC(I)-	peixe	_____
w) PLUR(I)-	vários	_____
x) SILVI-	selva, floresta	_____
y) SUPER	superioridade	_____
z) TRANS-	para além de	_____

2. Faz corresponder cada étimo apresentado na coluna A à sua forma erudita, na coluna B, e à sua forma popular, na coluna C.

A	B	C
1. ACTU- ☐	a) clave ☐	A. chave
2. ATRIU- ☐	b) delicado ☐	B. auto
3. CLAMARE- ☐	c) ato ☐	C. chamar
4. CLAVE- ☐	d) átrio ☐	D. adro
5. CONSILIU- ☐	e) clamar ☐	E. conselho
6. DELICATU- ☐	f) direto ☐	F. logro
7. DIRECTU- ☐	g) consílio ☐	G. olho
8. FRIGIDU- ☐	h) frígido ☐	H. delgado
9. LUCRU- ☐	i) lucro ☐	I. direito
10. OCULU- ☐	j) padre ☐	J. frio
11. PALATIU- ☐	k) óculo ☐	K. selo
12. PLANU- ☐	l) palácio ☐	L. paço
13. PATRE- ☐	m) sigilo ☐	M. pleno
14. PLENU- ☐	n) plano ☐	N. chão
15. SIGILLU- ☐	o) cheio ☐	O. pai

3. Preenche o quadro que se segue com a classificação das palavras apresentadas, de acordo com o seu processo evolutivo.

Processo evolutivo das palavras	Palavras divergentes	Palavras convergentes
a) RIVU- (nome) > rio RIDEO (verbo) > rio		
b) SUPERARE > sobrar (forma popular) > superar (forma erudita)		
c) VADUNT (verbo) > vão VANU- (adjetivo) > vão		
d) PARABOLA- > palavra (forma popular) > parábola (forma erudita)		

Ficha de Gramática 3

Classes de palavras

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Preenche o quadro que se segue com o nome ou o adjetivo correspondente à palavra apresentada na coluna oposta.

Nome	Adjetivo
<i>mãe</i>	
	<i>branco</i>
	<i>altivo</i>
	<i>digno</i>
<i>bondade</i>	
<i>sono</i>	
	<i>lento</i>
	<i>tolerante</i>
<i>sedução</i>	
<i>compaixão</i>	
<i>admiração</i>	

2. Transcreve as palavras sublinhadas em cada uma das frases para o quadro, agrupando-as de acordo com a classe a que pertencem.

- a) A elegância dos felinos surpreendia todos os visitantes do Jardim Zoológico.
- b) Eles comunicaram-nos que na semana seguinte não iriam à reunião.
- c) Alguns alunos entregaram o trabalho mais tarde.
- d) A festa estava cheia de jovens.
- e) Aquela equipa ganhou o primeiro prémio pelo seu desempenho.
- f) O velho era sapientíssimo.
- g) Os seus colegas apenas lhe perguntaram se sabia a resposta.
- h) Alguém explicou o motivo por que a reunião terminou abruptamente.
- i) Que queres que faça?
- j) A cidade onde eles vivem é muito famosa.
- k) Ambas as crianças responderam a todas as questões.
- l) Abre a porta, por favor, que a sala precisa de arejar.
- m) Como estava frio, levámos muitas mantas.

Classes	Palavras
a) Nomes	
b) Verbos	
c) Adjetivos	
d) Advérbios	
e) Pronomes	
f) Quantificadores	
g) Preposições	
h) Conjunções	
i) Determinantes	

3. Indica a classe e a subclasse das palavras sublinhadas.

- 3.1** a) Quem fez este trabalho?
b) As crianças a quem ofereci os brinquedos ficaram radiantes.
- 3.2** a) Ele era bastante alto.
b) Ela colocou bastante açúcar no café.
c) Não é necessário deitar mais sal no arroz. Já tem bastante.
- 3.3** a) Nós batemos à porta e eles abriram-na logo.
b) Estudei muito, logo vou ter um bom resultado.
- 3.4** a) Mal saímos de casa, começou a chover.
b) Eles reagiram mal à notícia.
c) O mal dele é ser invejoso.
- 3.5** a) Ele fez o seu trabalho muito bem.
b) Aqueles que fazem o bem são sempre recompensados.
- 3.6** a) Trouxemos muito sal, mas utilizámos pouco.
b) Deitei um pouco de azeite no refogado.
c) A salada de fruta tem pouco açúcar.
d) Eles trabalham pouco.
- 3.7** a) Quanto custa esta camisola?
b) Eles conseguiam obter tudo quanto queriam.
c) Quanto dinheiro tens neste banco?

- 3.1** a) _____
b) _____
- 3.2** a) _____
b) _____
c) _____
- 3.3** a) _____
b) _____
- 3.4** a) _____
b) _____
c) _____
- 3.5** a) _____
b) _____
- 3.6** a) _____
b) _____
c) _____
d) _____
- 3.7** a) _____
b) _____
c) _____

Ficha de Gramática 4

Funções sintáticas I (sujeito, predicado, vocativo)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Faz corresponder cada uma das frases da coluna A à classificação do seu tipo de sujeito apresentada na coluna B.

A	B
a) As etapas do processo de seleção de candidatos duraram várias semanas. ☐	1. sujeito simples
b) Na maior parte das ocasiões, faz-se este caminho a pé. ☐	2. sujeito composto
c) Na semana passada, chegaram várias encomendas a nossa casa. ☐	3. sujeito indeterminado
d) A maioria dos alunos resolveu o exercício com facilidade. ☐	4. sujeito subentendido
e) Alguns dos gatos mais pequenos esgueiraram-se através da porta entreaberta. ☐	
f) No ano passado, nomeei-o gerente da empresa. ☐	
g) Marta, podes tomar nota disto, por favor? ☐	
h) O António, o mais aventureiro dos meninos, decidi fazer uma caminhada à noite. ☐	
i) Correr e caminhar são atividades muito saudáveis. ☐	
j) Naquela aula, todas as nossas dúvidas foram esclarecidas pela professora. ☐	

2. Classifica as frases que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.

	V	F
a) O constituinte sublinhado na frase <i>Eles perguntaram <u>quem viria à festa</u></i> desempenha a função sintática de sujeito. ☐	☐	☐
b) Na frase <i>Durante vários meses, todos os seus amigos o ajudaram na realização das suas tarefas</i> , o predicado é «o ajudaram na realização das suas tarefas». ☐	☐	☐
c) O constituinte sublinhado na frase <i><u>Rir muito</u> faz bem à saúde</i> desempenha a função sintática de sujeito. ☐	☐	☐
d) Na frase <i>Estimado público, este filme foi galardoado com vários prémios no ano passado</i> , o predicado é «foi galardoado com vários prémios». ☐	☐	☐
e) O constituinte sublinhado na frase <i>Seria benéfico <u>que todos experimentassem pelo menos uma vez esta atividade</u></i> desempenha a função sintática de sujeito. ☐	☐	☐
f) Na frase <i>A organização de vários eventos da área do desporto foi uma experiência extremamente enriquecedora</i> , o sujeito é «A organização de vários eventos». ☐	☐	☐
g) Na frase <i>Caros membros da associação de estudantes da Faculdade de Direito, vamos dar início à sessão</i> , o vocativo é «Caros membros». ☐	☐	☐

3. De entre as orações sublinhadas, assinala com X aquelas que desempenham a função sintática de sujeito.

- A. ☐ É fundamental que faças um trabalho com qualidade.
- B. ☐ Eles ajudam quem precisa.
- C. ☐ O livro que comprei na semana passada é fascinante.
- D. ☐ Garantiste-me que não chegarias tarde.
- E. ☐ Quem não arrisca não petisca.
- F. ☐ Passear pelos campos ao pôr do sol tranquilizava-o profundamente.

4. Identifica o predicado de cada uma das frases que se seguem.

a) Durante vários meses, percorremos o continente asiático a pé.

b) Caros ouvintes, o programa desta noite será dedicado ao cinema.

c) Participámos na prova com muito entusiasmo.

d) O ladrão e os seus cúmplices foram surpreendidos em flagrante delito.

e) No mês passado, entraram vários trabalhadores novos na empresa.

f) Os atletas selecionados pelo comité treinavam intensivamente para a prova.

g) Naquele dia, ficámos em casa por causa de uma forte tempestade.

h) Vim para Lisboa de comboio.

i) Eles ensaiavam todos os dias a nova coreografia.

j) Ao longo da minha vida, sempre confiei nos meus amigos.

k) Coloca a jarra na mesa, Maria.

Ficha de Gramática 5

Funções sintáticas II (complementos do verbo, predicativo do sujeito, predicativo do complemento direto, modificador – do grupo verbal)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

- 1.** Faz corresponder cada um dos constituintes sublinhados da coluna A à respetiva função sintática da coluna B.

(Um elemento da coluna B pode corresponder a mais do que um dos elementos da coluna A.)

A	B
a) Os alunos garantiram à professora <u>que tinham terminado o trabalho.</u> ☐	1. complemento direto
b) Ele foi acompanhado <u>por vários especialistas</u> ao longo de todo o processo. ☐	2. complemento indireto
c) Perguntámos-lhe se queria viajar connosco. ☐	3. complemento oblíquo
d) Partilhámos o bolo <u>com os nossos amigos.</u> ☐	4. complemento agente da passiva
e) Após várias horas de espera, os passageiros continuavam <u>no aeroporto de Madrid.</u> ☐	5. modificador (do grupo verbal)
f) A empresa devolveu o dinheiro <u>a quem o exigiu.</u> ☐	6. predicativo do sujeito
g) Julgávamo-lo <u>mais perspicaz.</u> ☐	7. predicativo do complemento direto
h) Os alunos entraram na sala <u>em silêncio.</u> ☐	
i) Todos estavam <u>em paz.</u> ☐	
j) Os meus amigos ficaram <u>ali.</u> ☐	
k) A catedral foi sendo reconstruída <u>ao longo dos anos.</u> ☐	
l) Pensei <u>em ir a Barcelona no próximo ano.</u> ☐	

- 2.** Classifica as afirmações que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.

	V	F
a) Na frase «Ele esforçou-se muito <u>para que a sua equipa tivesse um bom resultado</u> », a oração sublinhada desempenha a função sintática de complemento oblíquo. ☐	☐	☐
b) O constituinte sublinhado, na frase «Todos o consideravam <u>digno de admiração</u> », desempenha a função sintática de predicativo do sujeito. ☐	☐	☐
c) O constituinte sublinhado, na frase «Durante vários dias, todos meditaram profundamente <u>sobre essa questão</u> », desempenha a função sintática de complemento oblíquo. ☐	☐	☐

3. Assinala com um X a frase da coluna B cujo constituinte sublinhado não desempenha a função sintática indicada na coluna A.

A	B
a) complemento direto	1. ☐ Chegaram agora <u>várias pessoas</u>. 2. ☐ Ele ajudava frequentemente <u>todos os seus colegas</u>. 3. ☐ Eles cumprimentavam <u>quem queriam</u>. 4. ☐ Ele prometeu <u>que chegaria cedo</u>. 5. ☐ Não sei <u>se escrevi a morada corretamente</u>.
b) complemento indireto	1. ☐ Devolvi o livro <u>a quem mo tinha emprestado</u>. 2. ☐ Os alunos contaram toda a verdade <u>à professora</u>. 3. ☐ Na semana passada, fomos <u>à praia</u>. 4. ☐ O orador transmitiu a mensagem <u>a todo o auditório</u>. 5. ☐ O jogador passava a bola <u>a todos os que lha pediam</u>.
c) complemento oblíquo	1. ☐ A vitória da equipa depende <u>de vários fatores</u>. 2. ☐ Como estava a chover, decidimos ficar <u>em casa</u>. 3. ☐ Antes de tomar uma decisão, refleti longamente <u>sobre o assunto</u>. 4. ☐ Ele desconfiava <u>de quem o rodeava</u>. 5. ☐ Procurei conjugar o meu horário <u>com o dos meus colegas</u>.
d) complemento agente da passiva	1. ☐ Ele foi aconselhado <u>por quem o apoiava</u>. 2. ☐ O trabalho foi realizado <u>pelos alunos mais empenhados da turma</u>. 3. ☐ O romance foi elogiado <u>por todos os que o leram</u>. 4. ☐ Antes de chegarem ao seu destino, eles passaram <u>por vários castelos</u>. 5. ☐ Este livro é sempre requisitado <u>por pessoas que gostam de ler</u>.
e) predicativo do sujeito	1. ☐ Eles estão <u>em Londres</u>. 2. ☐ Chegámos agora <u>ao Porto</u>. 3. ☐ Ao contemplar a paisagem, fiquei <u>deslumbrado</u>. 4. ☐ Eles continuavam <u>felizes</u>. 5. ☐ Uma vez que estava a chover, a família decidiu permanecer <u>em casa</u>.
f) predicativo do complemento direto	1. ☐ Os seus colegas elegeram-no <u>delegado de turma</u>. 2. ☐ Todos os seus amigos consideram o João <u>extremamente generoso</u>. 3. ☐ Ele julgava-se <u>muito inteligente</u>. 4. ☐ O diretor da empresa nomeou a minha colega <u>chefe de secção</u>. 5. ☐ Ele tornou-se <u>gerente da loja</u>.
g) modificador (do grupo verbal)	1. ☐ Eles entraram apressadamente <u>na sala de cinema</u>. 2. ☐ Quando era criança, ia <u>todos os anos</u> passar férias a Paris. 3. ☐ Ele comprou os bolos <u>nesta pastelaria</u>. 4. ☐ Executei as tarefas <u>com muita rapidez</u>. 5. ☐ Todos falavam em voz baixa <u>por causa do bebé</u>.

Ficha de Gramática 6

Funções sintáticas III (modificadores do nome e complemento do nome)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Faz corresponder cada um dos constituintes sublinhados da coluna A à respetiva função sintática da coluna B.

A	B
a) A prima <u>da Joana</u> é muito simpática. ☐	
b) O Porto, cidade <u>onde moram os meus amigos</u> , tem vindo a tornar-se um local cada vez mais belo. ☐	
c) A realização <u>de vários concertos</u> foi uma ideia fantástica. ☐	
d) A Mariana, <u>cujo irmão é meu colega</u> , emprestou-me este livro. ☐	1. complemento do nome
e) Encontrámos uma fotografia antiga <u>da nossa avó</u> . ☐	
f) Ela comprou um vestido <u>belíssimo</u> . ☐	
g) A bondade <u>do António</u> é admirável. ☐	2. modificador do nome restritivo
h) O avião <u>que chegou agora</u> veio de Berlim. ☐	
i) Os olhos <u>da criança</u> eram muito doces. ☐	
j) Gosto muito de chocolate <u>salgado</u> . ☐	
k) Eles foram rodeados por um grupo <u>de alunos</u> . ☐	3. modificador do nome apositivo
l) O facto <u>de eles me auxiliarem</u> foi fundamental para o sucesso do projeto. ☐	
m) A Maria, <u>uma menina muito perspicaz</u> , respondeu imediatamente à questão. ☐	
n) A descoberta <u>de um tesouro</u> foi algo absolutamente inesperado. ☐	

2. Sublinha, em cada uma das frases, o constituinte que desempenha a função sintática de modificador do nome restritivo, de modificador do nome apositivo ou de complemento do nome, assinalando na tabela a respetiva classificação.

Frases	Modificador do nome apositivo	Modificador do nome restritivo	Complemento do nome
a) O Miguel, profundamente satisfeito, aceitou prontamente o convite.			
b) A distribuição das tarefas foi realizada rapidamente.			
c) Eles vivem no arquipélago dos Açores.			
d) Os amigos da Marta ofereceram-lhe um livro.			
e) Os turistas entraram no palácio, onde o guia os aguardava.			
f) Esse vestido preto é muito elegante.			
g) A rua onde moro é muito tranquila.			
h) A peça de que te falei vai estrear agora.			
i) A hipótese de nos perdermos na floresta é muito remota.			
j) O regresso dos alunos trará mais vida à escola.			
k) O gelado que fizeste era delicioso.			
l) A elaboração do relatório demorou vários dias.			

3. Identifica a função sintática desempenhada por cada um dos constituintes sublinhados.

- a) O Manuel, muito gentil, ofereceu-se para me ajudar.
b) Tenho a certeza de que eles vêm à festa.
c) Os meninos mostraram a sua coleção de autocolantes.
d) Ele fez uma proposta polémica.
e) A alegria das crianças contagiou os adultos.
f) O relatório dos alunos estava muito bem feito.
g) A entrega dos diplomas foi feita no último dia de aulas.
h) O primo do João foi meu colega na escola.
i) Pedi-lhe uma fatia do bolo.
j) Conheço algumas pessoas que não gostam de chocolate.

- a) _____
b) _____
c) _____
d) _____
e) _____
f) _____
g) _____
h) _____
i) _____
j) _____

Ficha de Gramática 7

Funções sintáticas IV (modificadores do nome, complemento do nome, complemento do adjetivo)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Classifica as afirmações que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.

- | | V | F |
|--|--------------------------|--------------------------|
| a) Na frase <i>O neto <u>da Rita</u> é muito simpático</i> , o constituinte sublinhado desempenha a função sintática de modificador do nome restritivo. | ☐ | ☐ |
| b) O constituinte sublinhado na frase <i>O trabalho <u>da turma</u> tem sido muito satisfatório</i> desempenha a função sintática de complemento do nome. | ☐ | ☐ |
| c) Na frase <i>O museu <u>que visitámos</u> abriu recentemente</i> , o modificador do nome restritivo é «que visitámos abriu recentemente». | ☐ | ☐ |
| d) O constituinte sublinhado na frase <i>Ele está confiante <u>de que faremos um ótimo trabalho</u></i> desempenha a função sintática de complemento do nome. | ☐ | ☐ |
| e) Na frase <i>Todos ficaram deslumbrados com a imponência do edifício</i> , o constituinte «do edifício» desempenha a função sintática de modificador do nome restritivo. | ☐ | ☐ |
| f) O constituinte sublinhado na frase <i>O país <u>cujá capital visitei</u> é muito exótico</i> desempenha a função sintática de modificador do nome restritivo. | ☐ | ☐ |
| g) Na frase <i>Os ramos da árvore oscilavam com o vento</i> , o constituinte «da árvore» desempenha a função sintática de complemento do nome. | ☐ | ☐ |

2. Assinala com um X a frase da coluna B cujo constituinte sublinhado não desempenha a função sintática indicada na coluna A.

A	B
a) modificador do nome restritivo	1. ☐ O teu amigo é <u>muito simpático</u>. 2. ☐ A menina <u>a quem ofereci a bola</u> ficou radiante. 3. ☐ O mosteiro <u>cujo claustro visitei</u> é deslumbrante. 4. ☐ As flores <u>deste vaso</u> são lindíssimas. 5. ☐ Ela gosta de camisolas <u>às bolinhas</u>.
b) modificador do nome apositivo	1. ☐ O Diogo, <u>o meu vizinho</u>, vem cá visitar-nos hoje. 2. ☐ Os meninos, <u>que tinham medo da escuridão</u>, pediram-me que acendesse a luz. 3. ☐ Os alunos, <u>como não tinham mais aulas</u>, perguntaram à funcionária se poderiam ir para casa. 4. ☐ Este ator, <u>cujos filmes aprecio muito</u>, é famoso na Europa. 5. ☐ João, <u>muito calmo</u>, resolveu o problema rapidamente.

c) complemento do adjetivo	1. ☐ Eles ficaram muito satisfeitos <u>com o resultado da prova</u> . 2. ☐ A probabilidade <u>de os resultados estarem incorretos</u> é muito baixa. 3. ☐ Ele estava desejoso <u>de regressar a casa</u> . 4. ☐ As crianças estavam cheias <u>de esperança</u> . 5. ☐ Eles estavam convictos <u>de que tudo correria pelo melhor</u> .
d) complemento do nome	1. ☐ O entusiasmo <u>do público</u> comoveu o ator. 2. ☐ A ida <u>para Paris</u> foi muito agradável. 3. ☐ O grupo <u>de alunos</u> ouvia todas as informações transmitidas pelo guia. 4. ☐ Os cisnes <u>do lago</u> nadavam com muita elegância. 5. ☐ O retrato <u>da família</u> encontrava-se na sala.

3. Identifica a função sintática desempenhada por cada um dos constituintes sublinhados.

- a) Todos estamos preocupados com o desaparecimento da biodiversidade.
- b) Os filhos da Maria vieram passar o Natal com a mãe.
- c) A partida dos atletas foi anunciada pela buzina.
- d) Eles estavam certos de que o seu amigo não os desiludiria.
- e) O António, que é muito perspicaz, pediu-me logo que lhe contasse a verdade.
- f) Ficámos muito surpreendidos com a qualidade do espetáculo.
- g) A altura do edifício tornava-o muito imponente.
- h) As crianças estavam muito contentes com os presentes que tinham recebido.
- i) A professora deu-lhes permissão para entrarem na sala.
- j) Ele doou a sua coleção de moedas ao museu.
- k) Participaram na caminhada os meninos mais corajosos.
- l) Os seus colegas foram sensíveis aos argumentos que ele apresentou.
- m) A convicção de que todos lhe eram leais deixava-a tranquila.
- n) Comprei umas sapatilhas impermeáveis.
- o) Eles são capazes de vencer a prova.
- p) O menino, intrépido, ofereceu-se para guiar os seus companheiros.
- q) Os alunos estavam muito interessados em conhecer melhor a obra.
- r) O livro que requisitei na biblioteca é muito interessante.

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____
- f) _____
- g) _____
- h) _____
- i) _____
- j) _____
- k) _____
- l) _____
- m) _____
- n) _____
- o) _____
- p) _____
- q) _____
- r) _____

Ficha de Gramática 8

Funções sintáticas (global)

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Classifica as frases que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.

- | | V | F |
|---|--------------------------|--------------------------|
| a) A oração sublinhada na frase <i>É fundamental <u>que sigas as minhas instruções</u></i> desempenha a função sintática de complemento direto. | ☐ | ☐ |
| b) Na frase <i>Ele está convicto <u>de que todos ficarão entusiasmados com a sua proposta</u></i> , a oração sublinhada desempenha a função sintática de complemento do nome. | ☐ | ☐ |
| c) O constituinte sublinhado na frase <i>Eles conversaram durante toda a tarde <u>sobre a exposição de pintura</u></i> desempenha a função sintática de complemento oblíquo. | ☐ | ☐ |
| d) Na frase <i>Ao ver o filme, lembrei-me <u>de vários momentos da minha infância</u></i> , o constituinte sublinhado desempenha a função sintática de complemento indireto. | ☐ | ☐ |

2. Selecciona, de entre as funções sintáticas apresentadas no quadro, a que é desempenhada pelo constituinte sublinhado de cada uma das frases.

sujeito	predicado	modificador (do grupo verbal)	complemento indireto
complemento do nome	vocativo	predicativo do sujeito	
modificador restritivo do nome	complemento do adjetivo		modificador apositivo do nome
	complemento oblíquo		
predicativo complemento direto		complemento agente da passiva	complemento direto

- | | |
|--|-------|
| a) Este livro, <u>cujo autor recebeu o Prémio Camões</u> , encontra-se esgotado. | _____ |
| b) Há uma hora, saíram <u>vários alunos</u> da biblioteca. | _____ |
| c) O processo de selecção <u>dos candidatos</u> teve várias fases. | _____ |
| d) Eles pensavam <u>que nós iríamos à praia com eles</u> . | _____ |
| e) O filme <u>que estreou ontem</u> é fantástico. | _____ |
| f) Admiro-o profundamente por ele ser fiel <u>aos seus princípios</u> . | _____ |

g) Entreguei a chave ao inquilino na semana passada.

h) Ele informou-nos de que não viria à reunião.

i) Fui recentemente a Espanha.

j) Os nossos convidados ficaram na sala.

k) Meus senhores, lembrem-se de devolver o documento assinado, por favor.

l) Ele gosta muito de todos os seus colegas.

m) Nomearam-no presidente da associação.

3. Assinala com um X a frase da coluna B cujo constituinte sublinhado não desempenha a função sintática indicada na coluna A.

A	B
a) sujeito	1. ☐ Fizemos o trabalho em equipa. 2. ☐ Na cerimónia de encerramento do ano letivo, foram premiados <u>vários alunos</u>. 3. ☐ É urgente <u>travar o aquecimento global</u>. 4. ☐ <u>Caminhar</u> é uma atividade muito agradável. 5. ☐ A festa de <u>homenagem ao cientista</u> foi um evento muito concorrido.
b) predicativo do sujeito	1. ☐ Todos consideravam o Duarte <u>um génio</u>. 2. ☐ Neste momento, os meninos estão <u>na escola</u>. 3. ☐ O avião continuava <u>no aeroporto</u>. 4. ☐ As crianças permaneciam <u>tranquilas</u>. 5. ☐ Ficas <u>aqui</u> ou vens connosco?
c) complemento direto	1. ☐ Nesta biblioteca, há <u>obras antiquíssimas</u>. 2. ☐ Eles iam contando <u>quem entrava</u>. 3. ☐ A ideia <u>de que ninguém virá à festa</u> é absurda. 4. ☐ Eles perguntaram <u>se queríamos um gelado</u>. 5. ☐ Iniciámos há vários meses <u>o nosso estudo</u>.
d) complemento indireto	1. ☐ Eles comunicaram-<u>me</u> que viriam mais tarde. 2. ☐ Agradei muito <u>a quem me auxiliou</u>. 3. ☐ Ele garantiu <u>aos seus amigos</u> que não precisava de nada. 4. ☐ A descoberta foi revelada <u>a todos os que se encontravam na conferência</u>. 5. ☐ Ela penteou-<u>se</u> com cuidado.
e) complemento oblíquo	1. ☐ Os alunos prepararam-se <u>para o teste</u>. 2. ☐ Os meus amigos trataram <u>de tudo</u>. 3. ☐ A escola precisava <u>de computadores novos</u>. 4. ☐ A concretização <u>das medidas</u> era urgente. 5. ☐ Todos contribuíram <u>para o sucesso do projeto</u>.
f) modificador (do grupo verbal)	1. ☐ Eles ficaram <u>lá</u>. 2. ☐ Comprei esta camisola <u>aqui</u>. 3. ☐ <u>Mal chegámos a casa</u>, tirámos os casacos. 4. ☐ Continuou a nevar <u>durante vários dias</u>. 5. ☐ Eles esforçaram-se muito <u>para que tivessem uma boa nota</u>.

Ficha de Gramática 9

Coordenação

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Faz corresponder as orações sublinhadas em cada uma das frases da coluna A à sua classificação na coluna B.

A	B
a) Não te atrases, <u>que o filme já começou.</u> ☐	1. oração coordenada
b) Tirei os legumes do frigorífico, <u>acendi o fogão</u> e comecei a cozinhar. ☐	2. oração coordenada conclusiva
c) <u>Ora corriam,</u> ora nadavam. ☐	3. oração coordenada copulativa
d) O aluno enganou-se, <u>mas o professor não o censurou.</u> ☐	4. oração coordenada explicativa
e) Abri a janela <u>e inspirei o ar fresco.</u> ☐	5. oração coordenada assindética
f) Este é o único trajeto até à praia, <u>logo não estamos perdidos.</u> ☐	6. oração coordenada adversativa
g) Não só <u>terminámos o trabalho,</u> como também fomos à praia. ☐	7. oração coordenada disjuntiva
h) Os atletas esforçaram-se ao máximo, <u>contudo os seus adversários eram mais velozes.</u> ☐	
i) Queres ir jantar a um <u>restaurante ou preferes encomendar uma refeição?</u> ☐	
j) Aproxima-se uma grande tempestade, <u>portanto vamos ficar em casa.</u> ☐	
k) Quer fiques em casa, <u>quer venhas connosco,</u> acabarás sempre por te divertir. ☐	
l) Disse-lhe a verdade <u>e ele manifestou a sua compreensão.</u> ☐	
m) <u>Fecha a janela,</u> pois tenho frio. ☐	

2. Classifica as orações coordenadas das frases que se seguem.

- a) Há um engarrafamento na autoestrada, por conseguinte faremos a viagem por um percurso alternativo.

- b) Nem trabalhei nem descansei.

- c) Tanto concordavam comigo, como discordavam de mim.

- d) Terminaste o trabalho ou precisas de ajuda?

- e) Bati várias vezes à porta, porém ninguém ma abriu.

- f) Ainda não consegui superar o meu recorde, por isso esforçar-me-ei mais um pouco.

- g) Diz-me a verdade, que eu não suporto mentiras.

- h) Preparei o jantar, pus a mesa e acendi as velas.

- 3.** Reescreve as frases apresentadas na coluna A através de uma estrutura de coordenação, tendo em conta as indicações que são apresentadas na coluna B. Faz as alterações necessárias.

A	B
a) Nós fomos a Paris. Nós visitámos Londres.	1. oração coordenada copulativa + oração coordenada copulativa
b) Podes comer o pudim. Em alternativa, podes escolher a salada de fruta.	2. oração coordenada disjuntiva + oração coordenada disjuntiva
c) Trouxe vários brinquedos para as crianças. Comprei-te um livro.	3. oração coordenada + oração coordenada copulativa
d) Estas flores são lindas. Vou oferecê-las às minhas amigas.	4. oração coordenada + oração coordenada conclusiva
e) O seu discurso foi longo. Todos o escutaram com atenção.	5. oração coordenada + oração coordenada adversativa
f) Fui à praia. Apanhei vários búzios. Fiz um colar.	6. oração coordenada + oração coordenada assindética + oração coordenada copulativa
g) Entrega a encomenda o mais rapidamente possível. A encomenda deveria ter chegado ontem ao seu destino.	7. oração coordenada + oração coordenada explicativa

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____
- f) _____
- g) _____

- 4.** Redige frases nas quais utilizes as seguintes estruturas.

- a) oração coordenada + oração coordenada assindética + oração coordenada copulativa

- b) oração coordenada + oração coordenada conclusiva

- c) oração coordenada copulativa + oração coordenada copulativa

- d) oração coordenada + oração coordenada explicativa

- e) oração coordenada disjuntiva + oração coordenada disjuntiva

Ficha de Gramática 10

Subordinação

(orações subordinadas adverbiais)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Classifica as frases que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.

- | | V | F |
|--|--------------------------|--------------------------|
| a) Na frase <i>A menos que traças o casaco, não poderás vir connosco</i> , a oração sublinhada classifica-se como subordinada adverbial concessiva. | ☐ | ☐ |
| b) A oração sublinhada na frase <i>Como chegámos muito cedo, podemos ir passear</i> classifica-se como subordinada adverbial comparativa. | ☐ | ☐ |
| c) Na frase <i>Mal terminei a leitura, arrumei o livro</i> , a oração sublinhada classifica-se como subordinada adverbial temporal. | ☐ | ☐ |
| d) A oração sublinhada na frase <i>Mesmo que eles cheguem agora, não poderemos partir já</i> classifica-se como subordinada adverbial consecutiva. | ☐ | ☐ |
| e) Na frase <i>Salvo se comprares um bilhete, não poderás assistir ao concerto</i> , a oração sublinhada classifica-se como subordinada adverbial condicional. | ☐ | ☐ |
| f) A oração sublinhada na frase <i>A confusão era tão grande que nos perdemos uns dos outros</i> classifica-se como subordinada adverbial concessiva. | ☐ | ☐ |
| g) Na frase <i>Ele é tal qual o seu irmão</i> , a oração sublinhada classifica-se como subordinada adverbial comparativa. | ☐ | ☐ |

2. Divide e classifica as orações das frases que se seguem.

a) Por mais que falasse, ninguém o ouvia.

b) O filme era muito interessante, de maneira que todos o viram em silêncio.

c) Não poderei começar a leitura do texto sem que todos os alunos abram o livro.

d) Eles trouxeram tantos convidados que a sala se encheu.

e) Fiz tudo como me tinhas pedido.

f) A estrada está cortada, a fim de que os carros não fiquem atolados na lama.

g) Contanto que tragas umas botas, poderás fazer a caminhada connosco.

3. Assinala com um X a frase da coluna B cuja oração sublinhada não tem a classificação indicada na coluna A.

A	B
a) oração subordinada adverbial causal	1. ☐ Como está muito frio, vamos acender a lareira. 2. ☐ Ele canta tão bem <u>como dança</u>. 3. ☐ <u>Visto que eles ainda não chegaram</u>, vamos aguardar mais um pouco. 4. ☐ Já <u>que o bolo está delicioso</u>, vou comer mais uma fatia. 5. ☐ Decidi ajudá-los, <u>uma vez que havia uma pessoa em falta na equipa</u>.
b) oração subordinada adverbial concessiva	1. ☐ Por mais <u>que fizéssemos</u>, não conseguiríamos impedi-lo de se ir embora. 2. ☐ <u>Desde que não faças barulho</u>, podes ficar à vontade. 3. ☐ <u>Ainda que neve</u>, iremos passear. 4. ☐ Apesar de estar cansado, vou jantar fora. 5. ☐ <u>Embora a viagem fosse longa</u>, nenhuma das crianças adormeceu.
c) oração subordinada adverbial condicional	1. ☐ <u>Caso queiras</u>, podemos ir à praia. 2. ☐ <u>Dado que eles terminaram a refeição</u>, podemos levantar a mesa. 3. ☐ <u>A menos que eles cheguem agora</u>, não poderemos iniciar a reunião na hora marcada. 4. ☐ Não poderás vir connosco, <u>a não ser que tragas uns ténis</u>. 5. ☐ Ele não terminará a tarefa a tempo, <u>salvo se se apressar</u>.
d) oração subordinada adverbial temporal	1. ☐ Ele passou tão rapidamente por nós <u>que nem o vimos</u>. 2. ☐ <u>Assim que chegares a casa</u>, liga-me, por favor. 3. ☐ <u>Cada vez que vou viajar</u>, levo comigo esta mala. 4. ☐ Eles iam colocando as flores nas jarras <u>à medida que estas lhes eram entregues</u>. 5. ☐ <u>Depois de ele terminar o trabalho</u>, decidiu ir ver o mar.
e) oração subordinada adverbial final	1. ☐ Ele esforçou-se muito <u>para que o seu valor fosse reconhecido</u>. 2. ☐ <u>Para concluir o trabalho em condições</u>, ele tem de se esforçar mais. 3. ☐ <u>Com o propósito de se proceder à desinfestação do edifício</u>, este foi encerrado durante alguns dias. 4. ☐ Eles fizeram uma investigação aprofundada sobre o assunto, <u>a fim de que as informações apresentadas fossem pertinentes</u>. 5. ☐ <u>Desde que eles façam o trabalho</u>, terão um bom resultado.
f) oração subordinada adverbial comparativa	1. ☐ Este edifício é tão alto <u>quanto o outro</u>. 2. ☐ Ele é mais simpático <u>do que o seu irmão</u>. 3. ☐ Eles eram tão afáveis <u>que encantavam todos aqueles com quem falavam</u>. 4. ☐ A catedral era tão imponente <u>como o palácio</u>. 5. ☐ Ele era esperto <u>que nem uma raposa</u>.
g) oração subordinada adverbial consecutiva	1. ☐ A chuva era tanta <u>que não conseguíamos ver a estrada</u>. 2. ☐ Ele trabalhou de tal maneira <u>que conseguiu terminar a tarefa antes do fim do prazo</u>. 3. ☐ Ele era tão persistente <u>que conseguiu atingir o seu objetivo</u>. 4. ☐ A chita era mais veloz <u>que o leopardo</u>. 5. ☐ O orador falou de tal modo <u>que todos foram persuadidos pelo seu discurso</u>.

Ficha de Gramática 11

Subordinação

(orações subordinadas adjetivas)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Classifica as frases que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.

- | | V | F |
|--|--------------------------|--------------------------|
| a) Na frase <i>A fase em que nos encontramos é fundamental para o desenvolvimento do projeto</i> , a oração subordinada é «é fundamental para o desenvolvimento do projeto». | ☐ | ☐ |
| b) A oração subordinante na frase <i>Na zona onde moramos, há muitos jardins</i> é «Na zona onde moramos». | ☐ | ☐ |
| c) Na frase <i>Fiz tudo quanto queria</i> , a oração subordinada é «quanto queria». | ☐ | ☐ |
| d) A oração subordinada na frase <i>Confio plenamente nas pessoas a quem contei a verdade</i> é «nas pessoas a quem contei a verdade». | ☐ | ☐ |

1.1 Classifica as orações subordinadas de cada uma das frases.

2. Assinala com um X a classificação que corresponde a cada uma das orações sublinhadas nas frases.

Frases	Oração subordinada adjetiva relativa restritiva	Oração subordinada adjetiva relativa explicativa
a) Ele recebeu um prémio – <u>o que encheu os seus pais de orgulho</u> .		
b) Este castelo, <u>onde agora nos encontramos</u> , testemunhou batalhas importantes.		
c) O aluno <u>cujo trabalho mais me agradou</u> teve uma nota excelente.		
d) As pessoas <u>de quem gosto</u> foram todas convidadas para a festa.		
e) Os lobos (<u>que se tinham agrupado na floresta</u>) dirigiram-se para a planície.		
f) Na zona da aldeia <u>onde estamos</u> , não há rede de telemóvel.		
g) Gostei muito do museu <u>que visitámos ontem</u> .		
h) A Maria, <u>cujo talento muito admiro</u> , fez uma escultura profundamente original.		
i) Retiro tudo <u>quanto disse</u> .		
j) Ele gosta muito desta cidade, <u>onde decidiu viver</u> .		

3. Divide e classifica as orações das frases que se seguem.

a) A livraria de que te falei no outro dia fica nesta rua.

b) No ano em que me tornei adulto, fiz a minha primeira viagem pela Europa.

c) O Miguel (cujo trabalho tem muita qualidade) ofereceu-se para nos ajudar.

d) O público – que estava ansioso pelo início do concerto – saudou com entusiasmo a chegada da banda.

e) No país que visitámos, havia uma cordilheira impressionante.

f) O enigma cuja solução foi agora descoberta tinha intrigado vários cientistas ao longo dos séculos.

g) O local onde foi encontrado o tesouro já tinha sido explorado várias vezes.

4. Converte as frases simples da coluna A em frases complexas, tendo em conta as indicações que são apresentadas na coluna B. Procede a todas as alterações necessárias.

A	B
a) Eles estão no café. No café, há uma esplanada.	oração subordinante + oração subordinada adjetiva relativa restritiva
b) O António é um melómano. O António comprou um piano.	oração subordinante + oração subordinada adjetiva relativa explicativa
c) Este realizador ganhou um prémio. O último filme deste realizador é absolutamente admirável.	oração subordinante + oração subordinada adjetiva relativa explicativa
d) O Manuel é um apreciador de pintura. O Manuel ofereceu-nos convites para a exposição.	oração subordinante + oração subordinada adjetiva relativa explicativa
e) A informação foi transmitida a poucas pessoas. Essas pessoas divulgaram-na através da internet.	oração subordinante + oração subordinada adjetiva relativa restritiva
f) Falei-te deste livro. Este livro foi recentemente galardoado com um prémio.	oração subordinante + oração subordinada adjetiva relativa restritiva
g) Neste momento, estou a viver em Coimbra. Coimbra é uma cidade cheia de tradições.	oração subordinante + oração subordinada adjetiva relativa explicativa

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

e) _____

f) _____

g) _____

Ficha de Gramática 12

Subordinação

(orações subordinadas substantivas)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Assinala com um X a classificação que corresponde a cada uma das orações sublinhadas nas frases.

Frases	Oração subordinada substantiva completiva	Oração subordinada substantiva relativa
a) Ele prometeu-me <u>que regressaria no dia seguinte</u> .		
b) As crianças sonhavam <u>tornar o mundo melhor</u> .		
c) Não sei <u>se eles vêm à festa</u> .		
d) <u>Quem não arrisca</u> não petisca.		
e) Eles ajudam <u>quem mais precisa</u> .		
f) Gostaria <u>de ver este filme novamente</u> .		
g) Uma vez que o caminho é longo, é muito importante <u>que uses umas botas confortáveis</u> .		
h) Eles iam parando <u>onde lhes apetecia</u> .		
i) Respondi às questões <u>de quem se encontrava no auditório</u> .		
j) Eles aspiravam <u>a fazer uma viagem pela América do Sul</u> .		
k) Confio profundamente <u>em quem me ajudou ao longo do percurso</u> .		
l) O orador dirigiu-se <u>a quem o escutava</u> .		
m) Tínhamos a certeza <u>de que a festa seria um sucesso</u> .		
n) Num primeiro momento, pensámos <u>em parar um pouco</u> .		

2. Divide e classifica as orações das frases que se seguem.

- a) Ele duvidava sempre de quem não era sincero.
- b) Por várias vezes, procurámos abrir a porta.
- c) As crianças pediram para ficar mais um pouco na festa.
- d) Quem passava por ali raramente reparava naquele pormenor.
- e) Ela tinha vontade de fazer uma caminhada mais longa.
- f) Ela defendia quem a ajudava no seu projeto.
- g) É urgente que as obras se iniciem.
- h) Todos adoravam ouvir as suas histórias.
- i) Eles perguntaram-nos se tínhamos sede.
- j) Os jogadores estavam convictos de que a sua equipa venceria.
- k) Os alunos garantiram-me que ninguém levaria o livro.
- l) Chegámos onde queríamos.
- m) O professor ia respondendo a quem lhe colocava dúvidas.
- n) Comprometemo-nos a cumprir os prazos estipulados.

3. Converte as frases simples da coluna A em frases complexas, tendo em conta as indicações que são apresentadas na coluna B. Faz as alterações necessárias.

A	B
a) Algumas pessoas esforçaram-se ao máximo. Essas pessoas conseguiram ultrapassar todos os obstáculos.	oração subordinada substantiva relativa + oração subordinante
b) As crianças fizeram um juramento. Comprometeram-se a ajudar-se sempre umas às outras.	oração subordinante + oração subordinada substantiva completiva
c) Os alunos fizeram uma pergunta ao professor. Queriam saber se ele gostava de chocolate.	oração subordinante + oração subordinada substantiva completiva
d) Eles telefonavam a algumas pessoas. Essas pessoas sentiam-se solitárias.	oração subordinante + oração subordinada substantiva relativa
e) Ele começou a procurar os óculos. Fê-lo no sítio em que os tinha visto pela última vez.	oração subordinante + oração subordinada substantiva relativa

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____
- e) _____

4. Completa as frases que se seguem com o tipo de oração subordinada substantiva indicado entre parênteses.

- a) Ele ordenou _____. (completiva)
- b) Oferecemos as rosas _____. (relativa)
- c) _____ pode repetir a refeição. (relativa)
- d) Nem todos partilham a convicção _____. (completiva)
- e) É imprescindível _____. (completiva)
- f) Creio _____. (completiva)
- g) Temos pena _____. (completiva)
- h) Eles deixaram o livro _____. (relativa)
- i) Não sabemos _____. (completiva)
- j) Ele está ciente _____. (completiva)
- k) Todos pensámos _____. (completiva)
- l) Os voluntários apoiavam _____. (relativa)

Ficha de Gramática 13

Coordenação e subordinação (global)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Faz corresponder as orações sublinhadas em cada uma das frases da coluna A à sua classificação na coluna B.

A	B
a) A ave <u>cujo comportamento estou a estudar</u> é praticamente desconhecida.	1. oração coordenada
b) Não sei <u>se o horário do museu sofreu alterações</u> .	2. oração coordenada conclusiva
c) Ele defende sempre <u>quem é mais frágil</u> .	3. oração coordenada copulativa
d) <u>A menos que tenha companhia</u> , não farei a caminhada.	4. oração coordenada explicativa
e) A Maria (<u>de quem sou amiga há vários anos</u>) não hesitou em abrir-me as portas da sua casa.	5. oração subordinada adjetiva relativa restritiva
f) <u>Calcei os ténis</u> e comecei a correr.	6. oração subordinada adjetiva relativa explicativa
g) <u>Embora não esteja há muito tempo nesta empresa</u> , já fiz bons amigos.	7. oração subordinada adverbial causal
h) <u>Como as crianças vêm connosco à praia</u> , vou levar um guarda-sol.	8. oração subordinada adverbial comparativa
i) <u>O jardim</u> que eles me levaram a visitar <u>é deslumbrante</u> .	9. oração subordinada adverbial concessiva
j) Não venho aqui há dez anos, <u>portanto ainda não tinha visto este edifício</u> .	10. oração subordinada adverbial condicional
k) <u>Assim que souberes a resposta</u> , telefona-me, por favor.	11. oração subordinada adverbial consecutiva
l) Ele acendeu a lareira e <u>sentou-se no sofá</u> .	12. oração subordinada adverbial final
m) Ele desenha melhor <u>do que escreve</u> .	13. oração subordinada adverbial temporal
n) Eles limpam a casa <u>de tal maneira que esta ficou irreconhecível</u> .	14. oração subordinada substantiva completiva
o) Não demores muito, por favor, <u>que estou com muita fome</u> .	15. oração subordinada substantiva relativa
p) Ele comprou um cronómetro <u>para controlar melhor os seus resultados</u> .	16. oração subordinante

- 2.** Converte as frases simples da coluna A em frases complexas, tendo em conta as indicações que são apresentadas na coluna B. Faz as alterações necessárias.

A	B
a) É fundamental reduzir o desperdício de energia. Desta forma, poderemos combater as alterações climáticas.	oração subordinante + oração subordinada adverbial final
b) Avistámos a ave. Esta escondeu-se.	oração subordinada adverbial temporal + oração subordinante
c) Esta praia é a minha preferida. Todos os anos regresso cá.	oração subordinada adverbial causal + oração subordinante
d) A temperatura tinha subido bastante. O gelo não derreteu.	oração subordinante + oração subordinada adverbial concessiva
e) Faz o que te digo. Não te arrependerás.	oração subordinada adverbial condicional + oração subordinante
f) O espetáculo era muito original. Todos o recomendavam vivamente.	oração subordinante + oração subordinada adverbial consecutiva
g) Põe a mesa, por favor. Já fiz o jantar.	oração coordenada + oração coordenada explicativa

- 3.** Divide e classifica as orações das frases que se seguem.

a) Tenho a certeza de que o bando de aves passou por aqui.

b) Já que fizeste um bolo de chocolate, servirei um gelado.

c) Caso tragas mais pessoas para a festa, avisa-me, por favor.

d) Não só lhe ofereci chocolates, como também lhe levei flores.

e) Não fico aqui, nem que eles me peçam.

f) A música estava tão alta que nem conseguiam conversar.

g) O filme é mais recente do que o livro.

h) Ele estava absolutamente convicto de que todos tinham dito a verdade.

i) Antes de leres a carta, abre o postal.

Ficha de Gramática 14

Modalidade epistémica, deôntica e apreciativa (valores modais)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

- 1.** Faz corresponder cada uma das frases da coluna A à sua modalidade (e, caso se aplique, ao respetivo valor modal), que é apresentada na coluna B.

A	B
a) Felizmente, conseguimos chegar antes do início do filme. ☐	
b) É provável que se tenham esquecido do livro aqui. ☐	
c) Deves estruturar as respostas de forma adequada. ☐	1. modalidade epistémica (valor modal de certeza)
d) Eles já devem ter chegado ao seu destino. ☐	
e) Sei que eles receberam a encomenda ontem. ☐	2. modalidade epistémica (valor modal de probabilidade)
f) Não abras a porta, por favor. ☐	
g) Já podem arrumar os brinquedos. ☐	3. modalidade deôntica (valor modal de obrigação)
h) Talvez nos tenhamos enganado no caminho. ☐	
i) É inegável que a sua ajuda foi preciosa. ☐	4. modalidade deôntica (valor modal de permissão)
j) Se quiseres, podes terminar a tarefa amanhã. ☐	
k) Tenho a certeza de que ele não recebeu a mensagem. ☐	5. modalidade apreciativa
l) É preciso que arrumes o teu quarto hoje. ☐	
m) A festa foi fantástica! ☐	
n) Estás proibido de sair sem a minha autorização! ☐	

2. Assinala com um X a frase da coluna B cuja modalidade e/ou valor modal não corresponde(m) ao(s) indicado(s) na coluna A.

A	B
a) Modalidade epistémica (valor modal de certeza)	1. ☐ Eles conheceram-se nesse jantar. 2. ☐ Não há dúvida de que o comboio será pontual. 3. ☐ Estou certa de que este é o caminho correto. 4. ☐ Aprecio bastante este prato. 5. ☐ É incontestável que este resultado está correto.
b) Modalidade epistémica (valor modal de probabilidade)	1. ☐ Eles devem estar a chegar. 2. ☐ Deves repetir a frase as vezes que forem necessárias. 3. ☐ É provável que amanhã chova. 4. ☐ Talvez ele tenha encontrado os seus amigos no caminho. 5. ☐ Se calhar, ela já acabou de comer.
c) Modalidade deôntica (valor modal de obrigação)	1. ☐ É imprescindível que tragas um casaco. 2. ☐ Não podes tocar nas peças de porcelana. 3. ☐ Fecha a porta. 4. ☐ Deves entrar silenciosamente na sala. 5. ☐ Já podes sair.
d) Modalidade deôntica (valor modal de permissão)	1. ☐ Se quiserem, podem requisitar mais do que um livro. 2. ☐ Têm a minha autorização para falarem em meu nome. 3. ☐ Tragam uma mochila. 4. ☐ É permitido consultar os pergaminhos. 5. ☐ Estás autorizado a comprar o que desejares.
e) Modalidade apreciativa	1. ☐ Lamentavelmente, chegámos um pouco atrasados. 2. ☐ Que paisagem deslumbrante! 3. ☐ Adoro passear na floresta. 4. ☐ Estou muito satisfeito com os resultados. 5. ☐ Pode ser que ele fique feliz quando nos vir.

3. Identifica a modalidade (e, caso se aplique, o valor modal) das frases que se seguem.

a) É proibido mergulhar no rio.

b) É inquestionável que todos colaboraram connosco.

c) Estamos orgulhosos do projeto.

d) Devem arrumar os livros nas estantes.

e) Eles devem estar com dúvidas em relação a essa questão.

f) Se quiseres, podes vir connosco.

Ficha de Gramática 15

Atos ilocutórios

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Classifica as frases que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.

	V	F
a) Na frase <i>Que horas são?</i> está presente um ato ilocutório diretivo.	☐	☐
b) Através da frase <i>Concordo com o que disseste</i> é realizado um ato ilocutório expressivo.	☐	☐
c) Na frase <i>Juro que não te vou desiludir</i> está presente um ato ilocutório assertivo.	☐	☐
d) Através da frase <i>Agradeço profundamente a tua ajuda</i> é realizado um ato ilocutório assertivo.	☐	☐
e) Na frase <i>Confesso que não percebi o que me disseste</i> está presente um ato ilocutório diretivo.	☐	☐
f) Através da frase <i>Está contratado!</i> (proferida por um locutor com autoridade para o fazer) é realizado um ato ilocutório diretivo.	☐	☐
g) Na frase <i>Aconselho-te a não desistires dos teus objetivos</i> está presente um ato ilocutório assertivo.	☐	☐
h) Através da frase <i>Garanto-te que, daqui em diante, passarei a ser pontual</i> é realizado um ato ilocutório compromissivo.	☐	☐
i) Na frase <i>Aprecio profundamente as caminhadas no meio da Natureza</i> está presente um ato ilocutório expressivo.	☐	☐
j) Através da frase <i>Parabéns pelo teu novo emprego!</i> é realizado um ato ilocutório assertivo.	☐	☐
k) Na frase <i>Suplico-vos que me ouçam</i> está presente um ato ilocutório diretivo.	☐	☐
l) Através da frase <i>Peço desculpa pelo meu atraso</i> é realizado um ato ilocutório assertivo.	☐	☐
m) Na frase <i>Farei tudo o que puder para te ajudar</i> está presente um ato ilocutório expressivo.	☐	☐
n) Através da frase <i>Sugiro que recomeces o texto</i> é realizado um ato ilocutório diretivo.	☐	☐
o) Na frase <i>Podes abrir a porta, por favor?</i> está presente um ato ilocutório assertivo.	☐	☐
p) Através da frase <i>Responsabilizar-me-ei pelos resultados do projeto</i> é realizado um ato ilocutório expressivo.	☐	☐
q) Na frase <i>O romance Os Maias foi publicado em 1888</i> está presente um ato ilocutório assertivo.	☐	☐

2. Identifica os atos ilocutórios presentes nas frases que se seguem.

- a) Sabe dizer-me onde fica o restaurante mais próximo? _____
- b) Congratulo-vos pelos bons resultados que tiveram. _____
- c) Neste ano, vou dedicar-me mais às pessoas de quem gosto. _____
- d) Gostas de gelado de limão? _____
- e) Comprometo-me a melhorar os meus resultados. _____
- f) Espero que tragas os teus amigos contigo. _____
- g) Esta estrada termina na entrada da vila. _____
- h) Proponho que façamos um brinde. _____
- i) Informo-vos de que os resultados já chegaram. _____
- j) Convido-vos a acompanharem-me nesta visita. _____
- k) Que vestido bonito! _____
- l) Tenho a intenção de terminar o trabalho amanhã. _____

3. Assinala com um X a frase da coluna B na qual é configurado um ato ilocutório cuja tipologia não se enquadra naquela que é indicada na coluna A.

A	B
a) Ato ilocutório assertivo	1. ☐ Admito que me enganei no caminho. 2. ☐ O degelo tem vindo a acentuar-se cada vez mais. 3. ☐ Confesso que não ouvi o seu discurso. 4. ☐ Amanhã começarei o trabalho. 5. ☐ Todos os verões, vou passar férias ao Algarve.
b) Ato ilocutório diretivo	1. ☐ Proíbo-te de abrires a porta! 2. ☐ Queria que terminasses o trabalho antes de saíres. 3. ☐ Desafio-te a pensares numa solução original. 4. ☐ Penso que tens razão. 5. ☐ Queres uma fatia de bolo?
c) Ato ilocutório compromissivo	1. ☐ Prometo-vos que nunca nos separarão. 2. ☐ Na próxima semana, vamos à praia. 3. ☐ Tenciono ficar em tua casa enquanto precisares de companhia. 4. ☐ Sugiro que não trabalhes mais hoje. 5. ☐ Apoiar-te-ei em tudo o que precisares.
d) Ato ilocutório expressivo	1. ☐ Discordo do que estás a dizer. 2. ☐ Lamento muito não ter intervindo mais cedo. 3. ☐ Adoro esta cidade! 4. ☐ Detesto chegar atrasado. 5. ☐ Que paisagem maravilhosa!
e) Ato ilocutório declarativo	1. ☐ Nomeio-te presidente da associação. (frase proferida por um locutor com autoridade para o fazer) 2. ☐ Comprometo-me a contribuir para este projeto. 3. ☐ Declaro-vos marido e mulher. (frase proferida por um locutor com autoridade para o fazer) 4. ☐ A reunião vai iniciar-se agora. (frase proferida por um locutor com autoridade para o fazer) 5. ☐ A aula terminou. frase proferida por um locutor com autoridade para o fazer)

Ficha de Gramática 16

Anáfora como mecanismo de coesão e de progressão

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Faz corresponder cada uma das anáforas da coluna A à sua classificação, que é apresentada na coluna B.

A	B
a) A ideia de ir a Paris nas férias da Páscoa foi recebida com entusiasmo. Todos apoiaram <u>essa proposta</u>.	1. Anáfora por repetição
b) A Ana abriu o livro e [-] começou a lê-lo.	2. Anáfora por substituição (pronome)
c) Esta rua é muito famosa. <u>Aqui</u> viveram vários escritores.	3. Anáfora por substituição (determinante)
d) O livro <u>que</u> te recomendei foi galardoado com um prémio.	4. Anáfora por substituição (advérbio)
e) Os alunos trouxeram os <u>seus</u> livros para os emprestarem aos colegas.	5. Anáfora por substituição (sinónimo)
f) Simão e Teresa apaixonaram-se um pelo outro, tendo a paixão transformado <u>Simão</u>.	6. Anáfora por substituição (hiperónimo/hipónimo)
g) O aluno começou a ler o texto. Era um <u>poema</u> maravilhoso.	7. Anáfora por substituição (holónimo/merónimo)
h) Nessas férias, escalámos a montanha. Quando atingimos o seu <u>cume</u>, ficámos deslumbrados com a paisagem.	8. Anáfora por elipse
i) Eles adoravam caminhar na floresta. Sempre apreciaram <u>andar</u> no meio da Natureza.	9. Anáfora conceptual

- 2.** Circunda, em cada uma das frases, o antecedente da anáfora que se encontra sublinhada.
- O livro de que te falei é excelente. Reli-o recentemente.
 - A cidade onde vivo tem muitos jardins. Moro lá há dez anos.
 - A melhor amiga da Maria dá-lhe sempre bons conselhos. Ela é muito sensata.
 - Gostaria que me revelassem a receita deste bolo, que tem sido mantida em segredo há séculos.
 - Eles juraram que nunca o tinham visto. Garantiram-no a todos os que os interrogaram.
 - A ponte antiquíssima onde os turistas se encontravam tinha sido construída pelos romanos.
 - O escritor cuja obra foi premiada no mês passado é muito simpático. Entrevistei-o há uma semana.
 - O texto mais interessante de todos venceu o concurso de escrita. A aluna leu-o em voz alta no momento da entrega dos prémios.
 - Quando chego a casa, gosto de descalçar os sapatos. Fazê-lo ajuda-me a descontraír.
- 3.** Reescreve as frases da coluna A, substituindo o constituinte sublinhado por uma anáfora, de acordo com as indicações apresentadas na coluna B. Procede a todas as alterações necessárias.

A	B
a) Eles entraram numa rua sem saída. <u>Nessa rua</u>, pediram a uma transeunte que lhes indicasse o caminho. b) Quando os livros chegarem, entregar-te-ei <u>os livros</u>. c) Os alunos estavam preocupados com o aquecimento global. Por isso, <u>os alunos</u> prepararam uma exposição sobre este tema. d) A floresta era muito densa. As árvores <u>da floresta</u> erguiam-se majestosamente. e) Ele disse que iria à praia. <u>Disse</u> que sairia de casa logo de manhã. f) A Maria precisava de ajuda na elaboração do texto e pediu-me <u>ajuda na elaboração do texto</u>. g) Eles fizeram várias atividades, <u>fizeram</u> um projeto e <u>fizeram</u> um relatório. h) O guia turístico sugeriu que seguissemos o percurso ao longo do rio. <u>Seguir o percurso ao longo do rio</u> permitir-nos-ia apreciar melhor a cidade.	1. anáfora por substituição (advérbio) 2. anáfora por substituição (pronome) 3. anáfora por elipse 4. anáfora por substituição (determinante) 5. anáfora por substituição (sinónimo) 6. anáfora por substituição (pronome) 7. anáfora por substituição (sinónimo) 8. anáfora conceptual

Ficha de Gramática 17

Processos de coesão (gramatical e lexical)

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

- 1.** Faz corresponder as frases da coluna A ao tipo de coesão que é garantido através dos elementos sublinhados, que é apresentado na coluna B.
(Um elemento da coluna B pode corresponder a mais de uma frase.)

A	B
a) Na pastelaria, escolhi vários <u>bolos</u> : um <u>pastel de nata</u> , uma <u>bola de Berlim</u> e um <u>pastel de feijão</u> . ☐	1. Coesão lexical por reiteração
b) Ao longo dos anos, o escritor deu várias entrevistas <u>que</u> , mais tarde, foram compiladas num livro. ☐	2. Coesão lexical por substituição (sinónimos)
c) <u>As crianças</u> escutavam atentamente os adultos; todas <u>as crianças</u> se mantinham em silêncio. ☐	3. Coesão lexical por substituição (hiperónimo/hipónimo)
d) Eles <u>confiam em</u> quem os contratou. ☐	4. Coesão lexical por substituição (holónimo/merónimo)
e) Os convidados foram encaminhados para a sala. <u>Aí</u> foi servido o jantar. ☐	5. Coesão gramatical referencial
f) O tempo estava ótimo. <u>Assim</u> , decidiram ir à praia. ☐	6. Coesão gramatical frásica
g) Contemplámos a <u>árvore</u> desde as <u>raízes</u> até às <u>folhas</u> . ☐	7. Coesão gramatical interfrásica
h) Estava a chover, <u>mas</u> a temperatura continuava amena. ☐	
i) Os jovens dedicavam-se a várias <u>modalidades desportivas</u> , como a <u>natação</u> e a <u>canoagem</u> . ☐	
j) Decidi não levar esta mala: deixo- <u>a</u> aí. ☐	
k) Eles mostraram-se <u>gratos</u> por tudo o que tínhamos feito. Estavam, de facto, profundamente <u>agradecidos</u> pelo nosso auxílio. ☐	

- 2.** Lê atentamente o excerto d' *Os Maias*, de Eça de Queirós, que se segue.

A casa que os Maias vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875, era conhecida na vizinhança da Rua de S. Francisco de Paula, e em todo o bairro das Janelas Verdes, pela Casa do Ramalhete, ou simplesmente o Ramalhete. Apesar deste fresco nome de vivenda campestre, o Ramalhete, sombrio casarão de paredes severas, com um renque de estreitas varandas de ferro no primeiro andar, e por cima uma tímida fila de janelinhas abrigadas à beira do telhado, tinha o aspeto tristonho de residência eclesiástica que competia a uma edificação do reinado da senhora

D. Maria I: com uma sineta e com uma cruz no topo, assemelhar-se-ia a um colégio de Jesuítas. O nome de Ramalhete provinha decerto de um revestimento quadrado de azulejos fazendo painel no lugar heráldico do escudo de armas, que nunca chegara a ser colocado, e
10 representando um grande ramo de girassóis atado por uma fita onde se distinguiam letras e números de uma data.

Longos anos o Ramalhete permanecera desabitado, com teias de aranha pelas grades dos postigos térreos, e cobrindo-se de tons de ruína. Em 1858, monsenhor Buccarini, núncio de Sua Santidade, visitara-o com ideia de instalar lá a Nunciatura, seduzido pela gravidade clerical do
15 edifício e pela paz dormente do bairro: e o interior do casarão agradara-lhe também, com a sua disposição apalaçada, os tetos apainelados, as paredes cobertas de frescos onde já desmaiavam as rosas das grinaldas e as faces dos cupidinhos. Mas Monsenhor, com os seus hábitos de rico prelado romano, necessitava na sua vivenda os arvoredos e as águas de um jardim de luxo e o Ramalhete possuía apenas, ao fundo de um terraço de tijolo, um pobre quintal inculto,
20 abandonado às ervas bravas, com um cipreste, um cedro, uma cascatazinha seca, um tanque entulhado, e uma estátua de mármore (onde Monsenhor reconheceu logo Vénus Citereia) enegrecendo a um canto na lenta humidade das ramagens silvestres. Além disso, a renda que pediu o velho Vilaça, procurador dos Maias, pareceu tão exagerada a Monsenhor, que lhe perguntou sorrindo se ainda julgava a Igreja nos tempos de Leão X. Vilaça respondeu – que
25 também a nobreza não estava nos tempos do senhor D. João V. E o Ramalhete continuou desabitado.

Eça de Queirós, *Os Maias*, Porto, Livros do Brasil, 2002, pp. 7-8.

3. Identifica o tipo de coesão que é garantido através dos processos referidos nas alíneas que se seguem.

a) Relação entre os vocábulos «casa» (linha 1) e «varandas» (linha 4), «janelinhas» (linha 5), «telhado» (linha 5), «postigos» (linha 13), «tetos» (linha 16), «paredes» (linha 16), «terraço» (linha 19) e «quintal» (linha 19).

b) Utilização do pronome «que» (linha 1).

c) Recurso ao termos «Ramalhete» (linhas 3, 4, 8, 12, 19 e 25).

d) Relação entre as palavras «edificação» (linha 6), «vivenda» (linha 3) e «casarão» (linha 4).

e) Utilização do advérbio «lá» (linha 14).

f) Recurso ao pronome «lhe» (linha 15).

g) Utilização da conjunção coordenativa «mas» (linha 17).

h) Recurso ao advérbio relativo «onde» (linha 21).

i) Utilização do conector «Além disso» (linha 22).

Ficha de Gramática 18

Deíticos

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Classifica as frases que se seguem como verdadeiras (V) ou falsas (F), corrigindo as falsas.

- | | V | F |
|--|--------------------------|--------------------------|
| a) Na frase <i>Eles foram à praia <u>comigo</u></i> , a palavra sublinhada é um deíctico pessoal. | ☐ | ☐ |
| b) O deíctico sublinhado na frase <i><u>Maria</u>, por favor, fecha a porta</i> classifica-se como espacial. | ☐ | ☐ |
| c) Na frase <i><u>Ontem</u> encontrámos os nossos amigos naquele jardim</i> , a palavra sublinhada é um deíctico temporal. | ☐ | ☐ |
| d) O deíctico sublinhado na frase <i><u>Este</u> livro é muito interessante</i> classifica-se como espacial. | ☐ | ☐ |
| e) Na frase <i>Eles deram-<u>te</u> os bilhetes?</i> , a palavra sublinhada é um deíctico espacial. | ☐ | ☐ |
| f) O deíctico sublinhado na frase <i>Este casaco é <u>teu</u>?</i> classifica-se como espacial. | ☐ | ☐ |

2. Lê com atenção o excerto d’*Os Maias* que se segue.

E Dâmaso rompeu pela sala, carregado de luto, de flor ao peito, gorducho, risonho, familiar, com o chapéu na mão, trazendo dependurado por um barbante um grande embrulho de papel pardo... Mas ao ver Carlos ali, intimamente, de cadelinha no colo, estacou assombrado, com o olho esbugalhado, como tonto. [...]

– Então tu aqui, homem? Isto é que é uma surpresa! Ora quem me diria!... Eu estava mais longe...

Maria Eduarda, incomodada com aquele alarido, indicou-lhe vivamente uma cadeira, interrompeu um instante o bordado, quis saber como ele tinha chegado.

– Perfeitamente, minha senhora... Um bocado cansado, como é natural... Venho direitinho de Penafiel... Como Vossa Excelência vê – e mostrou o seu luto pesado – acabo de passar por um grande desgosto.

Eça de Queirós, *Os Maias*, Porto, Livros do Brasil, 2002, p. 379.

2.1 Preenche o quadro que se segue com exemplos retirados do texto.

Deícticos pessoais	Deícticos temporais	Deícticos espaciais
a) _____	c) _____	e) _____
b) _____	d) _____	f) _____

3. Faz corresponder cada um dos deíticos sublinhados nas frases da coluna A à respetiva classificação da coluna B.

A		B
a) A <u>minha</u> casa é aquela.	☐	
b) <u>Aquele</u> caminho é o mais curto.	☐	
c) Colaborarei com eles no próximo projeto.	☐	
d) <u>Depois de amanhã</u> , iniciaremos a nossa viagem.	☐	
e) Eles chegaram a Lisboa <u>na semana passada</u> .	☐	
f) <u>Entrámos</u> agora em casa.	☐	
g) Estacionámos o carro <u>acolá</u> .	☐	
h) Eu não te disse <u>isso</u> .	☐	1. deítico temporal
i) <u>Levas</u> as crianças contigo?	☐	
j) <u>Meninos</u> , vistam os casacos, por favor.	☐	
k) O café fica <u>aqui perto</u> .	☐	2. deítico pessoal
l) O carro foi <u>por ali</u> .	☐	
m) Respondeste- <u>me</u> ontem?	☐	
n) <u>Subi</u> as escadas agora mesmo.	☐	3. deítico espacial
o) Todos os dias, <u>falamos</u> com os nossos avós.	☐	
p) Ele não estava aqui <u>de manhã</u> .	☐	
q) <u>Vieste</u> à festa com os teus amigos?	☐	
r) Eles ainda não <u>vos</u> tinham visto?	☐	
s) <u>Aproximámo-nos</u> da janela e espreitámos para dentro da casa.	☐	
t) <u>Daqui a um mês</u> , terei terminado o trabalho.	☐	

Ficha de Leitura/Gramática 1

Cartoon

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Texto A

Observa com atenção o **cartoon** de Igor Pashchenko, abaixo apresentado, intitulado «O que há no menu?».



Igor Pashchenko, «O que há no menu?», in <https://cartoonmovement.com> (consultado em 2/8/2021).

1. Descreve a imagem, tendo em atenção os seguintes aspetos:

a) figuras e objetos representados;

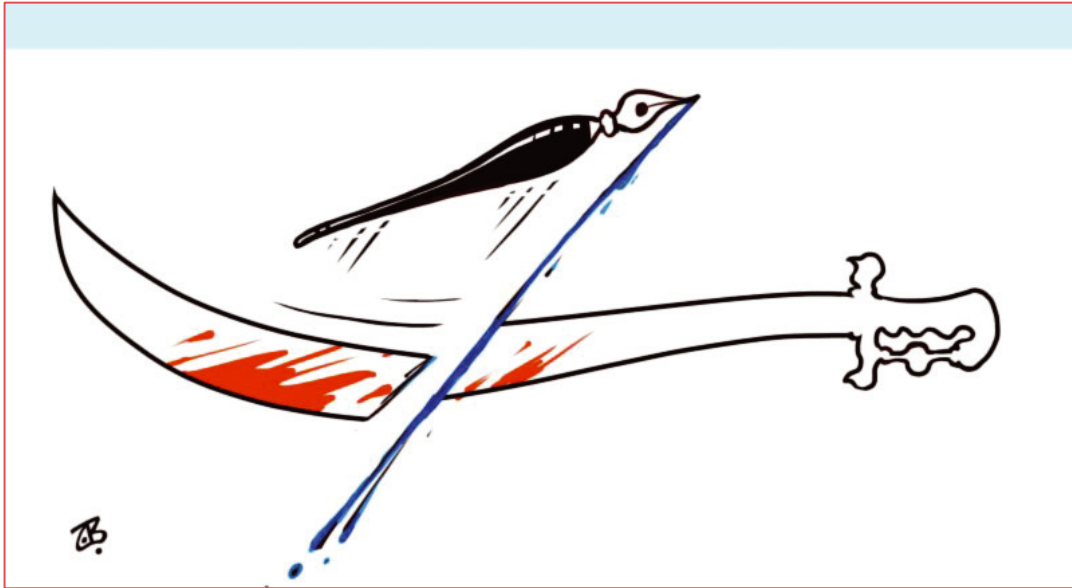
b) cores utilizadas.

2. Interpreta o significado simbólico de cada um dos elementos apresentados no *cartoon*.

3. Relaciona a imagem com uma situação da atualidade.

Texto B

Observa atentamente o **cartoon** de Emad Hajjaj abaixo apresentado, intitulado «A caneta é mais forte do que a espada».



Emad Hajjaj, «A caneta é mais forte do que a espada», in <https://cartoonmovement.com> (consultado em 2/8/2021).

1. Descreve a imagem, tendo em atenção os seguintes aspetos:

- a) figuras e objetos representados;
- b) cores utilizadas;
- c) movimento descrito por cada um dos elementos representados.

2. Interpreta o significado simbólico do *cartoon*.

3. Classifica as orações destacadas nas frases seguintes.

- a) Os *cartoons* que incidem sobre o tema da liberdade são muito expressivos.
- b) É importante que a imagem dos *cartoons* seja impactante para atingir o seu objetivo.
- c) É preciso ter consciência de que os *cartoons* são um meio de denúncia social.

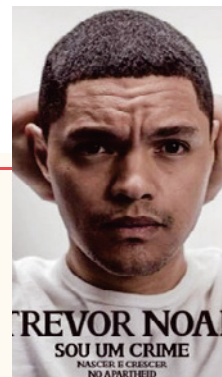
3.1 Identifica a função sintática que desempenham nas frases.

- a) _____
- b) _____
- c) _____

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Texto A

Lê com atenção a **apreciação crítica** de Mamadou Ba que se segue.

★★★★★

Trevor Noah: o ódio transforma o amor num crime.

A presentador de *The Daily Show*, um dos mais famosos *stand-up comedians* do mundo, o autor deste livro é ele próprio um condensado da história de uma das maiores vilanias ideológicas do século XIX, arrastada até finais do século XX: o *Apartheid*.

Nelson Mandela disse um dia que «uma autobiografia não é um mero catálogo de eventos e experiências, mas serve também como uma espécie de anteprojecto em que os outros podem modelar as suas vidas», mostrando como a história dos resistentes contra o *Apartheid* é também a história do país e da sua gente.

Assim se pode ler este livro que se concentra numa história familiar cujo lugar de enunciação parte dum corpo mestiço numa sociedade em que a mistura racial era uma heresia. Trevor nasce do amor que a política do ódio transformou em crime porque, para a ideologia da supremacia racial, ele era o resultado da conspurcação da pureza branca.

O autor de *Sou um crime* nasceu em 1984, de mãe sul-africana negra e pai suíço germanófono, na *township* de Soweto, arredores de Joanesburgo, onde 8 anos antes Hector Pieterse, uma criança de 13 anos, fora assassinado pela polícia numa manifestação estudantil. O autor narra a infância durante um regime que mantinha o poder pela violência e terror («a *township* vivia num estado constante de insurreição; onde havia sempre alguém a

manifestar-se ou a protestar algures e era preciso reprimi-lo», p. 36), retratando como a violência simbólica e física era presença quotidiana em todas as esferas da vida dos não brancos, sobretudo negros, e como foi a forma administrativa de gestão política da segregação racial e da manutenção do privilégio branco. Ele nasce 10 anos antes do fim oficial do *Apartheid* com a chegada ao poder de Mandela, em 1994, e nessa década o regime sul-africano estava cada vez mais isolado, perdendo apoio das antigas potências coloniais ocidentais devido à luta dos movimentos de libertação dos negros, mas também às pressões e mobilizações internacionais contra o *Apartheid*, num continente quase totalmente livre do jugo colonial.

Todos os episódios contados com a avó e com o avô, mas, sobretudo, com os colegas negros e brancos da escola em que para estes era negro e para aqueles era branco, são o resultado da cultura da ideologia da raça que definiu a dimensão cromática como uma fronteira de identificação. Trevor percebeu bem cedo que tinha de se posicionar face ao não lugar que o *Apartheid* lhe atribuía: «Apesar de tudo, tinha de escolher. Porque o racismo existe e temos de eleger um lado. Podemos afirmar que não escolhemos lados, mas, mais cedo ou mais tarde, a vida obrigar-nos á a escolher» (p. 231) «e com os miúdos negros, não estava constantemente a tentar ser. Com os miúdos negros, simplesmente era». (p. 63).

65 Se o livro pode ser um exercício de reencontro entre Trevor Noah e a sua memória de infância e, por essa via, uma exorcização dos seus fantasmas, o certo é que a sociedade sul-africana está longe da catarse em relação ao 70 *Apartheid*, cujas feridas continuam abertas, como o provam as desigualdades profundas que ainda persistem, apesar do fim formal do regime segregacionista.

Mamadou Ba, in *Público*, 10/01/2019
(texto adaptado e com supressões, consultado em <https://www.publico.pt> a 6/8/2021).

1. O título da obra de Trevor Noah é *Sou um crime* porque

- A. ☐ o autor lutou contra o *Apartheid*.
- B. ☐ o regime do *Apartheid*, que mantinha o poder pela violência, considerava todos os negros criminosos.
- C. ☐ no regime do *Apartheid*, as relações amorosas inter-raciais eram ilegais.
- D. ☐ a sua mãe era sul-africana e o seu pai era suíço.

2. Durante a infância de Trevor Noah,

- A. ☐ Hector Pieterse, com apenas treze anos, foi assassinado pela polícia numa manifestação estudantil.
- B. ☐ os habitantes da *township* de Soweto, amedrontados pela violência simbólica e física de que eram vítimas, não ousavam protestar contra o regime.
- C. ☐ o regime do *Apartheid* foi perdendo o apoio internacional.
- D. ☐ este sentiu-se sempre bem integrado, tanto no meio dos colegas negros, como entre os colegas brancos.

3. Tendo em conta o último parágrafo, é possível verificar que, na perspetiva do autor

- A. ☐ a sociedade sul-africana ainda está a ser vítima das sequelas do regime do *Apartheid*.
- B. ☐ o fim formal do regime segregacionista permitiu à África do Sul libertar-se completamente das suas consequências negativas.
- C. ☐ a rememoração da infância por parte de Trevor Noah permitirá àqueles que lerem a sua obra exorcizarem os seus fantasmas.
- D. ☐ a sociedade sul-africana atual está ainda longe de compreender em toda a sua extensão os efeitos negativos do regime do *Apartheid*.

4. A oração «que a política do ódio transformou em crime» (linhas 20-21) desempenha a função sintática de

- A. ☐ modificador do nome apositivo.
- B. ☐ modificador do nome restritivo.
- C. ☐ complemento do nome.
- D. ☐ complemento direto.

5. A oração «que tinha de se posicionar face ao não-lugar que o *Apartheid* lhe atribuía» (linhas 56-58) desempenha a função sintática de

- A. ☐ sujeito.
- B. ☐ complemento direto.
- C. ☐ complemento oblíquo.
- D. ☐ complemento indireto.

Texto B

Lê a seguinte **apreciação crítica**, da autoria de Isabel Coutinho.



Klara vai ficar connosco para sempre

Quem leu há mais de uma década o romance *Nunca me deixes*, de Kazuo Ishiguro, publicado em 2005 pela Gradiva, editora portuguesa do escritor britânico nascido no Japão, poderá não se recordar bem da história ou das suas personagens. Mas nunca terá esquecido o impacto que sentiu ao lê-lo: não só por causa do ambiente que o autor, galardoado com o Prémio Nobel da Literatura anos depois, em 2017, recria naquele romance distópico de ficção científica que aborda a clonagem; mas também pela forma brilhante como conduz os leitores através da narrativa e demora a revelação do que realmente ali se passa. Essa mesma sensação é-nos dada pela leitura deste *Klara e o Sol*, o primeiro romance que lança depois do Nobel, e que situa alguns nos Estados Unidos da América. Há por isso em *Klara e o Sol* um imaginário e paisagens como as dos quadros de alguns pintores norte-americanos, com vastos campos e céu no horizonte, mas também, imagens como as dos prédios e luzes artificiais de Edward Hopper (1882-1967).

Klara é uma Amiga Artificial, um tipo de androide alimentado a energia solar que os pais compram para que faça companhia aos filhos enquanto estes crescem. Ela é a narradora que nos descreve e revela todas aquelas personagens – Josie, a menina que a escolhe para companheira; o seu amigo Rick, que constrói pássaros mecânicos; as mães de ambas as crianças, a governanta, o pai de Josie, etc. – e aquela sociedade imaginária, jovem, com valores em mudança servindo-se da Inteligência Artificial como recurso para a vida quotidiana, com questões éticas levantadas pela opção de criar crianças geneticamente modificadas para serem mais capazes. Com alguns ecos do tempo atual, pois há poluição neste mundo e estes jovens estudam a partir de casa, frente a um retângulo e de auscultadores nos ouvidos. É uma sociedade estratificada, em que uns ainda mantêm o emprego e outros o perderam para sempre.

Nela, por causa dos avanços tecnológicos, sofre-se perda de *status* e respeito por si próprio. O fosso não existe só entre ricos e pobres. Máquinas como Klara podem sofrer *bullying*, por parte dos humanos que as veem como uma ameaça, e são de alguma maneira escravas até ficarem obsoletas. Por outro lado, há por vezes uma crença nela e nas suas capacidades por parte dos humanos que é inexplicável. Tal como existe a crença de Klara no Sol todo-poderoso.

Uma das características mais apaixonantes deste romance, em que Ishiguro volta a abordar o tema da condição humana, da alma, da solidão, da doença, da morte, do amor, é a oportunidade que o escritor tem aqui de jogar com a perceção através da maneira como Klara vê o mundo que tem à sua frente. Às vezes, as imagens que ela vê estão divididas em caixas. Isto é, sob *stress*, a sua visão muda: em vez de um único painel, surgem muitos painéis, às vezes com imagens em conflito. Uma coincidência ou talvez não em relação à situação pandémica que agora vivemos, em que passamos muitas horas em frente a ecrãs de computador, enfrentando diversos rostos, tal como Klara. E há cenas em que as suas memórias, se assim lhe podemos chamar, parecem intrometer-se na sua visão, o que é bastante surreal, pois não têm qualquer lugar naquilo que ela está a ver nesse momento. «Como se fossem diferentes olhos», ou «uma espécie de cubismo» como se lhe referiu Ishiguro durante a conferência de imprensa *online*. Uma das coisas mais libertadoras que conseguiu por ter escolhido uma inteligência artificial como narrador. «É como se fosse aquela sequência na última parte do filme de Kubrik, *2001: odisseia no Espaço*, em que as coisas ficam muito *avant-garde*, em que vemos no ecrã aquelas formas estranhas coloridas e abstratas. Lembro-me de ver aquilo em miúdo e pensar como era interessante podermos colocar um pedaço de um filme completamente abstrato,

90 uma experiência *avant-garde* que veríamos na escola de cinema, num filme *mainstream* e que por causa do contexto a audiência saberia lidar

com isso». Tudo isto nos é oferecido com a reconhecida mestria de Kazuo Ishiguro. E Klara vai ficar connosco para sempre.

Isabel Coutinho, in *Público*, 03/03/2021
(texto adaptado e com supressões, consultado em <https://www.publico.pt> a 6/8/2021).

1. O romance *Klara e o Sol*

- A. ☐ é uma obra de ficção científica que se centra na questão da clonagem.
- B. ☐ aborda, entre outras questões, a da manipulação genética de humanos.
- C. ☐ sublinha a ameaça que o recurso à Inteligência Artificial pode representar para os humanos.
- D. ☐ mostra que os androides têm capacidades muito superiores às dos homens.

2. No universo imaginário descrito na obra,

- A. ☐ graças ao recurso à Inteligência Artificial, todos os seres humanos vivem no ócio.
- B. ☐ não existe nenhum dos problemas que assola o mundo na atualidade.
- C. ☐ não há qualquer tipo de estratificação social que diferencie os humanos.
- D. ☐ as máquinas desempenham uma função análoga à dos escravos, até se tornarem antiquadas.

3. Segundo a autora, um dos traços mais cativantes da obra é o facto de

- A. ☐ nela ser abordado o tema da condição humana.
- B. ☐ a narradora ser uma Amiga Artificial.
- C. ☐ a perceção que Klara tem da realidade assumir, por vezes, a forma de painéis múltiplos.
- D. ☐ Kasuo Ishiguro ter assumido ter sido influenciado pelo filme *2001: odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrik.

4. Os pronomes relativos presentes nas linhas 7 e 11 do texto desempenham a(s) função(ões) sintática(s) de

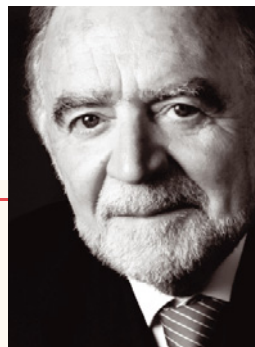
- A. ☐ sujeito.
- B. ☐ complemento direto.
- C. ☐ sujeito e complemento direto, respetivamente.
- D. ☐ complemento direto e sujeito, respetivamente.

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Texto A

Lê o discurso político que se segue.



Ousem a vossa vida, dancem a vossa vida

Há muita gente preocupada com o desinteresse dos jovens em relação à política e à coisa pública. Eu não estou preocupado, porque cada
5 geração sabe encontrar respostas para os seus próprios problemas. Não vou dizer, como é costume, que no meu tempo é que era. Não era. No meu tempo era a ditadura, a censura, a repressão política, social, cultural, sexual. No
10 meu tempo era a guerra.

Também não vou dizer que hoje é tudo bom. Os problemas são outros, outras as guerras da juventude de hoje: primeiro emprego, precariedade, incerteza e insegurança em relação ao
15 futuro.

Mas há uma diferença. Essa diferença é a liberdade e a democracia. Essa diferença é a Constituição, onde estão não só os direitos políticos, mas os direitos sociais, económicos,
20 culturais, ambientais. Essa diferença é a possibilidade de falar de política sem medo de falar de política. A possibilidade de criticar sem medo de criticar. O direito de protestar sem medo de protestar.

Havia uma má tradição em Portugal –
25 antipolítica e antiparlamentar. Quem diz que não é político já está a fazer uma declaração política e a manifestar o pior de todos os incivismos.

Sócrates, o filósofo grego, dizia que fazia
30 política em legítima defesa, para não serem

outros a fazerem política por ele ou contra ele.

Assim em relação a vocês: se não defenderem os vossos direitos, se não fizerem política pelos vossos direitos, alguém a fará por
35 vós ou contra vós.

Quem ataca o Parlamento ataca-se a si mesmo. O Parlamento é a casa da Democracia e a instituição que representa o povo.

Robert Buron, um resistente francês, disse
40 que «ser deputado é a mais nobre missão do mundo». Claro que pode haver bons e maus deputados. O parlamento podia ser melhor. Mas o pior de tudo é não haver parlamento nenhum.

Estamos num mundo diferente, global, com
45 novas causas – o ambiente, o urbanismo, a luta contra o desemprego e contra as desigualdades. Um mundo difícil para todos e para a juventude. Têm na vossa mão uma grande arma – a liberdade de falar, de pensar pela vossa cabeça, de protestar, de votar, de agir, de
50 intervir.

Sartre, um filósofo francês, escreveu: «Não tenham medo de pedir a Lua, porque o próprio da juventude é pedir o impossível.»

Não se conformem, não deixem que vos roubem a juventude, não deixem que vos roubem a vossa vida.

Ousem a vossa vida, dancem a vossa vida.

Manuel Alegre, in *Sessão de abertura do Parlamento Jovem*, 26/05/2009
(texto adaptado, consultado em 23/12/2021).

- 1.** Nos três primeiros parágrafos do texto, o autor mostra que
- A. ☐ o desinteresse dos jovens em relação à política é um problema sem solução.
 - B. ☐ os jovens do passado eram muito mais felizes do que os do presente.
 - C. ☐ a juventude da atualidade tem a vantagem de poder manifestar abertamente a sua indignação.
 - D. ☐ os jovens do presente não têm qualquer tipo de problemas.
- 2.** Para comprovar que «Quem diz que não é político [...] está [...] a manifestar o pior de todos os incivismos» (linhas 26-28), Manuel Alegre afirma que
- A. ☐ os jovens devem lutar pelos seus direitos; caso contrário, estes poderão vir a ser postos em causa.
 - B. ☐ os deputados, na qualidade de representantes do povo no Parlamento, desempenham uma missão muito nobre, razão pela qual devem ser incondicionalmente apoiados pelos jovens.
 - C. ☐ Sócrates, o filósofo grego, dedicava-se à política, uma vez que tinha consciência de que, se outros o fizessem no seu lugar, seria inevitavelmente prejudicado pelos seus adversários.
 - D. ☐ o Parlamento, enquanto casa da Democracia, funciona de forma perfeita.
- 3.** Através da última frase do texto – «Ousem a vossa vida, dancem a vossa vida.» (linha 58) –, na qual é retomado o seu título, o autor visa
- A. ☐ salientar o facto de que, na época atual, a vida dos jovens é muito difícil.
 - B. ☐ sublinhar o facto de que a globalização levou ao aparecimento de novas causas.
 - C. ☐ incentivar os jovens a terem a coragem de lutar ativamente pelos seus ideais.
 - D. ☐ destacar o crescente conformismo dos jovens.
- 4.** A oração «que no meu tempo é que era» (linha 7) classifica-se como subordinada
- A. ☐ adverbial temporal.
 - B. ☐ adjetiva relativa restritiva.
 - C. ☐ adverbial consecutiva.
 - D. ☐ substantiva completiva.
- 5.** A oração «onde estão não só os direitos políticos, mas os direitos sociais, económicos, culturais, ambientais» (linhas 18-20) classifica-se como subordinada
- A. ☐ substantiva relativa.
 - B. ☐ adjetiva relativa explicativa.
 - C. ☐ adjetiva relativa restritiva.
 - D. ☐ adverbial concessiva.

Lê o seguinte **discurso político**.



Que a liberdade ressoe!

Há 100 anos, um grande americano, sob cuja sombra simbólica nos encontramos, assinava a Proclamação da Emancipação. Esse decreto fundamental foi como um raio de luz de esperança para milhões de escravos negros que tinham sido marcados a ferro nas chamas de uma vergonhosa injustiça. Veio como uma aurora feliz para terminar a longa noite do cativeiro. Mas, 100 anos mais tarde, devemos enfrentar a realidade trágica de que o Negro ainda não é livre.

100 anos mais tarde, a vida do Negro é ainda lamentavelmente dilacerada pelas algemas da segregação e pelas correntes da discriminação.

Por isso, encontramos-nos aqui hoje para dramaticamente mostrarmos esta extraordinária condição. Num certo sentido, viemos à capital do nosso país para descontar um cheque. Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e da Declaração de Independência, estavam a assinar uma promissória de que cada cidadão americano se tornaria herdeiro.

Este documento era uma promessa de que todos os homens veriam garantidos os direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à procura da felicidade. É óbvio que a América ainda hoje não pagou tal promissória no que concerne aos seus cidadãos de cor.

Por isso viemos aqui cobrar este cheque – um cheque que nos dará quando o recebermos as riquezas da liberdade e a segurança da justiça. Também viemos a este lugar sagrado para lembrar à América a clara urgência do agora. Não é o momento de se dedicar à luxúria do adiamento, nem para se tomar a pílula tranquilizante do gradualismo. Agora é tempo de tornar reais as promessas da Democracia. Agora é o tempo de sairmos do vale escuro e desolado da segregação para o iluminado caminho da justiça racial. Agora é tempo de abrir as portas da oportunidade para todos os filhos de Deus.

Agora é tempo para retirar o nosso país das areias movediças da injustiça racial para a rocha sólida da fraternidade.

Não haverá tranquilidade nem descanso na América até que o Negro tenha garantido todos os seus direitos de cidadania.

Existe algo, porém, que devo dizer ao meu povo que se encontra no caloroso limiar que conduz ao palácio da justiça. No percurso de ganharmos o nosso legítimo lugar não devemos ser culpados de atos errados. Não tentemos satisfazer a sede de liberdade bebendo da taça da amargura e do ódio.

Temos de conduzir a nossa luta sempre no nível elevado da dignidade e disciplina. Não devemos deixar que o nosso protesto realizado de uma forma criativa degenera na violência física. Teremos de nos erguer uma e outra vez às alturas majestosas para enfrentar a força física com a força da consciência.

Esta maravilhosa nova militância que engolfou a comunidade negra não nos deve levar a desconfiar de todas as pessoas brancas, pois muitos dos nossos irmãos brancos, como é claro pela sua presença aqui, hoje, estão conscientes de que os seus destinos estão ligados ao nosso destino, e de que a sua liberdade está intrinsecamente ligada à nossa liberdade.

Voltem para o Mississippi, voltem para o Alabama, voltem para a Carolina do Sul, voltem para a Geórgia, voltem para a Luisiana, voltem para os bairros de lata e para os guetos das nossas modernas cidades, sabendo que, de alguma forma, esta situação pode e será alterada. Não nos embrenhemos no vale do desespero.

Digo-lhes, hoje, meus amigos, que apesar das dificuldades e frustrações do momento, ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

Tenho um sonho que um dia esta nação levantar-se-á e viverá o verdadeiro significado da sua crença: «Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais.»

Discurso de Martin Luther King, Jr., em Washington, D.C., após a Marcha para Washington, 28/08/1963 (texto adaptado e com supressões, consultado em <https://www.arqnet.pt> a 23/12/2021).

- 1.** Através da metáfora apresentada na frase «Num certo sentido, viemos à capital do nosso país para descontar um cheque» (linhas 18-19), o orador procura
- A. ☐ sublinhar o facto de que o movimento de defesa dos direitos dos negros necessitava de apoio financeiro.
 - B. ☐ comprovar que os seus interlocutores pretendiam lutar pela liberdade de forma pacífica.
 - C. ☐ mostrar que o objetivo da manifestação era reivindicar os direitos que tinham sido prometidos a todos os americanos na Constituição e na Declaração de Independência, mas dos quais a comunidade negra ainda não beneficiava.
 - D. ☐ incentivar os seus ouvintes a revoltarem-se contra a comunidade branca.
- 2.** A anáfora utilizada nas frases apresentadas entre as linhas 22 e 26 visa demonstrar que
- A. ☐ as mudanças exigidas devem ser implementadas de forma gradual, para que o processo não acabe por degenerar em conflitos violentos.
 - B. ☐ é urgente acabar com a segregação racial.
 - C. ☐ é fundamental que os seus interlocutores enfrentem a força física com dignidade e disciplina.
 - D. ☐ os seus interlocutores devem regressar urgentemente aos locais de onde são naturais.
- 3.** O constituinte «100 anos mais tarde» (linha 12) desempenha a função sintática de
- A. ☐ complemento oblíquo.
 - B. ☐ modificador (do grupo verbal).
 - C. ☐ modificador apositivo do nome.
 - D. ☐ complemento do adjetivo.
- 4.** O constituinte «as promessas da Democracia» (linha 39) desempenha a função sintática de
- A. ☐ sujeito.
 - B. ☐ complemento direto.
 - C. ☐ predicativo do sujeito.
 - D. ☐ predicativo do complemento direto.

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Texto A

Lê atentamente o seguinte **artigo de opinião**, de Vítor Belanciano.
Se necessário, consulta as notas.



Intoxicar a opinião pública

O efeito não é novo. Tem barbas. Mas dir-se-ia que nos últimos tempos se intensificou. Diz a sabedoria popular que o fenómeno tem nome: virar o bico ao prego. Ou seja, mudar de assunto, fazendo com que não se discuta verdadeiramente o que está em causa. Quando se debate assédio sexual ou machismo, acaba-se a discutir as responsabilidades de quem resolveu queixar-se. Quando o assunto é a representatividade ou o direito à igualdade, por razões raciais, de género ou outras, como parece normal em democracias com alguma maturidade como a portuguesa, inverte-se a contestação e fala-se antes de boicote, censura ou intolerância.

Agora existe ainda um outro fenómeno. Antecipar controvérsias. Em Portugal, aconteceu isso recentemente quando, a propósito da polémica à volta de *Os Maias*, de Eça de Queirós,¹ se afirmou que, por este andar, qualquer dia, os visados poderiam ser Camões, Fernando Pessoa e sabe-se lá que mais outras figuras imaculadas da Lusitânia, forma evidente de desvalorizar o que está a ser nomeado no presente e o que virá no futuro.

Um outro fenómeno é o escarnecer de quem pede desculpa por acontecimentos do seu passado. Nos últimos dias, o comediante John Cleese mostrou-se irónico em relação a um pedido de desculpas, endereçado a imigrantes indianos pelo ator Hank Azaria (por ter dado voz a uma personagem de estereótipo racial na série *Os Simpsons*),² argumentando que sendo assim também os *Monthly Python* teriam de pedir desculpa a todos

os ingleses que foram parodiando ao longo dos anos. A comparação não faz qualquer sentido e esquece o principal, o que é habitual em quem passa o tempo a assegurar que o passado não pode ser reparado, como se essa fosse a questão. Claro que o passado não pode ser emendado. Mas estes gestos são relevantes e profiláticos para o presente e levam-nos a pensar também noutros futuros possíveis. São reconhecimentos de que algo está a mudar, de que surgiram outras compreensões que antes não entrevíamos, e que vieram adicionar outras camadas de entendimento à realidade. Ao mesmo tempo, são demonstrações de que é possível criar coabitações sem paternalismos, expondo vontade de construir com quem foi desumanizado e sobre quem continua a ser alvo dos piores estereótipos.

Querem-nos fazer acreditar que o mundo está a ser varrido por uma onda de choque que já se teria tornado dominante e que deseja censurar tudo à sua passagem, o que só pode provocar sorrisos. É inegável que existe uma nova consciência sobre questões raciais, de género, ambientais ou classistas, mas os ventos de mudança são lentos. Agora parece evidente que existe muita gente a sentir-se posta em causa, aproveitando com astúcia algumas das fragilidades – e excessos, aqui e ali, é verdade – destas lutas, tentando nivelá-las com pregões como a «invasão da ideologia de género» ou as «fogueiras da inquisição» e outras tontarias que tais. O objetivo da intoxicação, consciente ou inconsciente, é óbvio. Entra-se na discussão, mas nunca se fala do que realmente está a ser questionado, seja racismo, sexismo ou classismo, para o foco serem possíveis efeitos

laterais e o desacreditar de quem ouse propor outro tipo de parecer. Dessa forma legitima-se
75 ainda mais e reforça-se o poder daqueles que o detêm, e que já é totalmente desigual.

No fim de contas, considera-se que a realidade atual é aceitável e que qualquer mudança é indesejável.

Vítor Belanciano, in *Público*, 25/04/2021

(texto adaptado, consultado em <http://www.publico.pt> a em 3/8/2021).

¹ Em 2021, Vanusa Lima, uma estudante de doutoramento da universidade americana de Massachussets, apresentou uma palestra na qual fez referência a passagens racistas d' *Os Maias*, leitura do romance que gerou muita polémica.

² No documentário *The problem with Apu* (2017), da autoria de Haru Kondabolu, a série *Os Simpsons* é criticada por, através da personagem Apu, contribuir para a manutenção dos estereótipos das pessoas sul-asiáticas na cultura norte-americana. Em consequência disso, o ator Hank Azaria decidiu deixar de dar voz a esta figura.

1. No primeiro parágrafo, o autor critica o facto de

- A. ☐ o fenómeno de «virar o bico ao prego» (linha 5) não ser novo.
- B. ☐ não ser dada primazia à responsabilidade dos queixosos nos casos de machismo ou de abuso sexual.
- C. ☐ a tendência para se mudar de assunto quando se discutem questões como o assédio sexual, o machismo ou o direito à igualdade se ter vindo a tornar cada vez mais frequente.
- D. ☐ a democracia portuguesa ter pouca maturidade.

2. No segundo e no terceiro parágrafos, são destacadas como estratégias para «mudar de assunto» (linha 6)

- A. ☐ a antecipação de futuras controvérsias e o pedido de desculpas em relação a erros do passado.
- B. ☐ a crítica a Camões, a Fernando Pessoa e a Hank Azaria.
- C. ☐ a desvalorização do que está a suceder no presente e do que virá no futuro, bem como a consciência de que o passado não pode ser corrigido.
- D. ☐ a previsão de polémicas que virão a surgir e a assunção de uma atitude trocista em relação a quem pede desculpa por acontecimentos passados.

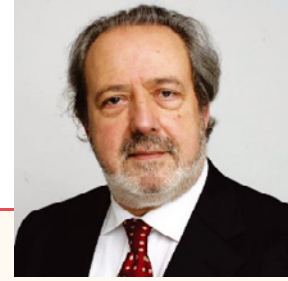
3. No último parágrafo, Vítor Belanciano afirma que

- A. ☐ a «onda de choque» (linha 56) que está a varrer o mundo não tem qualquer tipo de fragilidades.
- B. ☐ o mundo atual está a ser invadido pela ideologia de género.
- C. ☐ a sociedade atual está a ser intoxicada por aqueles que não desejam discutir o que está verdadeiramente em causa nas questões fraturantes.
- D. ☐ a nova ideologia pretende exercer uma censura feroz sobre todas as formas de expressão.

4. A oração «de quem resolveu queixar-se» (linha 10) classifica-se como subordinada

- A. ☐ adjetiva relativa restritiva.
- B. ☐ substantiva relativa.
- C. ☐ substantiva completiva.
- D. ☐ adverbial consecutiva.

Lê o seguinte **artigo de opinião**, da autoria de José Pacheco Pereira.
Caso seja necessário, consulta as notas.



A máquina do preto e branco

Um dos fatores do empobrecimento do debate público, trazido pelas chamadas «redes sociais», mas não só, é o funcionamento em pleno da máquina a preto e branco. Para o debate político e cívico, só há duas componentes que ganham em ser colocadas a preto e branco: uma é do domínio ético, é justo ou injusto; e outra do domínio factual, é verdade ou mentira. E mesmo nestes casos há muita coisa em cinzento que torna estas exceções difíceis de usar e fácil abusar delas. Fora disso, fora das fotografias artísticas, o preto e branco é tóxico e faz mal à cabeça. Cuidem-se para não se deixarem formatar.

As coisas têm cor, as que se veem e as que não se veem, mas hoje, se não forem a preto e branco, não circulam no ambiente tribal das políticas dos nossos dias. A redução da complexidade, das *nuanças*, das diferenças de tempo e circunstância a duas simples caixas, preto e branco, esquerda e direita, nossos e deles, e as múltiplas variantes deste dualismo contraditório exercem um feito perverso de empobrecimento de qualquer discussão que começa e acaba com uma classificação ou um epíteto. Ou é preto, ou é branco. Ou é dos nossos, ou é contra nós. Este estilo está a migrar para toda a comunicação social, para a imprensa sensacionalista e, em particular, para as televisões, com toda uma indústria da indi-

gnação a funcionar em pleno, em particular se os gritos vierem de figuras que se apresentam de forma folclórica. Olhem para mim e vejam como estou indignado/a. Este estilo estava já no futebol, passa para tudo o resto. Está bem para os tempos, porque gera audiências. E mete medo aos medrosos, porque a intimidação e vingança têm aqui um papel importante.

O preto e branco é simples, é preguiçoso, é redutor, é cómodo, não implica qualquer saber ou trabalho, e é eficaz para arregimentar pessoas para a política tribal. As longas fiadas de *tweets* pouco mais são do que verificações de presença e identidade, através das quais o autor do *tweet* entra na cadeia alimentar para se sentir seguro e acompanhado e vilipendiar¹ o adversário em cenas de matilha. Nada é verificado, frases, factos, opiniões, nada é datado, nada tem o contexto das circunstâncias, como se tudo fosse na mesma e os tempos fossem iguais, e como tudo é repetido *ad nauseam*² transforma-se não digo em verdade, mas em imprecisões úteis para o fim em vista. Ajustar contas, garantir o território, disseminar a calúnia e voltar para casa muito contente e feliz pelo serviço prestado ao ego próprio e às suas causas. Pobre mundo em que vive esta gente viciada nas redes, mundo triste e solitário, enclausurado em boiões de vinagre e numa gigantesca insegurança associada à covardia do anonimato ou ao conforto da tribo.

José Pacheco Pereira, in *Público*, 31/07/2021

(texto adaptado e consultado em <http://www.publico.pt> a 3/8/2021).

¹vilipendiar: menosprezar.

²ad nauseam: até provocar náuseas ou aborrecimento.

1. Tendo em conta o primeiro parágrafo, é possível verificar que, na perspetiva do autor,
- A. ☐ em caso algum o recurso à «máquina a preto e branco» (linha 5) tem vantagens.
 - B. ☐ não nos devemos deixar formatar por uma visão da realidade a preto e branco.
 - C. ☐ o debate público tem vindo a ser empobrecido pelas redes sociais.
 - D. ☐ o domínio ético (justo/injusto) e o domínio factual (verdade/mentira) são os únicos que excluem, em todos os casos, a existência de zonas cinzentas.

- 2.** No segundo parágrafo, a utilização da expressão «ambiente tribal» (linha 18) visa mostrar que
- A. ☐ atualmente o debate público está muito polarizado, não se tendo em conta a complexidade das questões e procurando-se classificar todos os intervenientes como apoiantes ou adversários.
 - B. ☐ os debates televisivos têm vindo a tornar-se cada vez mais ricos, o que tem como consequência o aumento das audiências.
 - C. ☐ os comentadores futebolísticos têm sido convidados a participar noutro tipo de debates.
 - D. ☐ a imprensa sensacionalista tem sido o principal motor da «indústria da indignação» (linhas 31-32).
- 3.** No último parágrafo, José Pacheco Pereira
- A. ☐ mostra sentir inveja de todos os que veem o mundo a preto e branco.
 - B. ☐ faz referência ao facto de o recurso à repetição tornar as publicações nas redes sociais em verdades inquestionáveis.
 - C. ☐ afirma que o recurso ao insulto ao adversário nas redes sociais é uma forma de os seus utilizadores se sentirem integrados em determinada fação.
 - D. ☐ sublinha o facto de a «gente viciada nas redes» (linha 58) ser muito feliz.
- 4.** Na frase «O preto e branco é simples, é preguiçoso, é redutor, é cómodo, não implica qualquer saber ou trabalho, e é eficaz para arregimentar pessoas para a política tribal» (linhas 40-43), as formas verbais exprimem um valor aspetual
- A. ☐ genérico.
 - B. ☐ perfetivo.
 - C. ☐ habitual.
 - D. ☐ iterativo.
- 5.** A frase «Olhem para mim [...]» (linha 34) exprime a modalidade
- A. ☐ epistémica, com valor modal de certeza.
 - B. ☐ deontica, com valor modal de permissão.
 - C. ☐ deontica, com valor modal de obrigação.
 - D. ☐ epistémica, com valor modal de probabilidade.

Ficha de Escrita 1

Exposição sobre um tema – Fases de produção

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Na elaboração de uma **exposição sobre um tema**, deves ter em conta as fases que se seguem.

1. Planificação

Antes de iniciares a escrita do texto, procede à sua planificação, tendo em conta as informações que deverão ser apresentadas em cada uma das suas partes.

Introdução	• Apresentação do tema que vai ser tratado.
Desenvolvimento	• Exposição de informações sobre o tema. • Ilustração da informação apresentada com exemplos significativos.
Conclusão	• Sistematização das informações apresentadas.

2. Textualização

Utilizando como ponto de partida o plano que elaboraste, procede à escrita do texto, tendo em conta as informações abaixo indicadas.

- A linguagem deve ser objetiva, não podendo ter marcas de subjetividade.
- O texto deve ser redigido na terceira pessoa.
- A introdução, o desenvolvimento e a conclusão do texto devem ser demarcados de forma clara, através de parágrafos.
- As ideias devem ser articuladas de forma clara e coesa, através da utilização de conectores e articuladores do discurso.

3. Revisão

Após a elaboração do texto, procede à sua revisão, verificando se:

- a) o tema foi tratado sem desvios;
- b) a informação e os exemplos apresentados se pautam pelo rigor;
- c) as ideias foram apresentadas de forma coerente;
- d) os parágrafos foram adequadamente marcados;
- e) a linguagem foi utilizada de forma objetiva;
- f) as ideias foram articuladas através de conectores discursivos;
- g) o vocabulário se adequa ao tema tratado;
- h) não existem incorreções a nível linguístico.

Ficha de Escrita 1

Exposição sobre um tema – Propostas

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 1 – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Proposta A

Fazendo apelo à tua experiência de leitura do «Sermão de Santo António», de Padre António Vieira, redige um **texto expositivo** no qual explicites as repreensões que são dirigidas aos Roncadores, aos Pegadores, aos Voadores e ao Polvo, bem como as críticas aos homens que estão associadas a cada um destes animais.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites as repreensões que são dirigidas aos Roncadores, aos Voadores, aos Pegadores e ao Polvo, bem como as críticas aos homens que estão associadas a cada um destes animais, fundamentando os aspetos apontados com referências concretas ao texto em causa;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Proposta B

Fazendo apelo à tua experiência de leitura do «Sermão de Santo António», de Padre António Vieira, redige um **texto expositivo** no qual explicites as repreensões, em geral, aos peixes que são apresentadas nesta obra, bem como as críticas aos homens que lhes estão associadas.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites as repreensões, em geral, aos peixes que são apresentadas nesta obra, bem como as críticas aos homens que lhes estão associadas, fundamentando os aspetos apontados através de referências concretas ao texto em causa;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Unidade 2 – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Proposta A

Redige um **texto expositivo** sobre o afunilamento do tempo em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual expliques de que modo se processa o afunilamento do tempo em *Frei Luís de Sousa*, bem como o seu contributo para a intensificação da tensão dramática, fundamentando a tua resposta através de referências concretas à obra;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Proposta B

Redige um **texto expositivo** sobre o afunilamento do espaço em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual expliques de que forma se processa o afunilamento do espaço em *Frei Luís de Sousa*, bem como o seu contributo para a intensificação da tensão dramática, fundamentando a tua resposta através de referências concretas à obra;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Unidade 3 – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Proposta A

Redige um **texto expositivo** no qual comparaes a forma como Inês, na *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente (obra que estudaste no 10.º ano), e Simão, Teresa e Mariana, em *Amor de perdição*, reagem ao fracasso das suas expectativas em relação ao futuro.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual apontes uma diferença entre o modo como o malogro das esperanças é encarado, por um lado, por Inês Pereira e, por outro lado, por Simão, Teresa e Mariana, fundamentando a tua resposta através de exemplos significativos de cada uma das obras;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Proposta B

Redige um **texto expositivo** no qual comparaes o comportamento que a Mãe tem em relação a Inês na *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente (obra que estudaste no 10.º ano), com a atitude que João da Cruz tem relação à sua filha ao longo de *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual apontes uma semelhança e uma diferença entre a atitude da Mãe de Inês e de João da Cruz em relação às respetivas filhas, fundamentando cada um dos aspetos apontados através de um exemplo significativo da obra;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Unidade 4 – Eça de Queirós, *Os Maias*

Proposta A

Tendo em conta a tua experiência de leitura d’*Os Maias*, de Eça de Queirós, redige um **texto expositivo** sobre as críticas que são feitas à sociedade portuguesa no episódio do jantar no Hotel Central.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual enuncies duas críticas que são feitas à sociedade portuguesa oitocentista no episódio do jantar no Hotel Central, fundamentando cada uma delas através de referências concretas à obra;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Proposta B

Tendo em conta a tua experiência de leitura d’*Os Maias*, de Eça de Queirós, redige um **texto expositivo** no qual te refiras ao contraste entre a forma como Pedro da Maia e Carlos da Maia foram educados, bem como às consequências que cada um dos métodos teve no percurso de vida das personagens.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites as diferenças entre o método seguido na educação de Pedro da Maia e aquele que é aplicado na educação de Carlos da Maia, bem como os efeitos que o processo educativo terá implementado no percurso de cada uma destas personagens, fundamentando os aspetos apontados através de referências concretas à obra;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Unidade 5 – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Proposta A

Tendo em conta a tua experiência de leitura do poema «O palácio da Ventura», redige um **texto expositivo** no qual te refiras ao modo como, neste texto, é configurada a busca do Ideal.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites a forma como, no poema «O palácio da Ventura», é perspectivada a busca do Ideal, fundamentando os aspetos apontados através de referências concretas ao texto em causa;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Proposta B

Tendo em conta a tua experiência de leitura do poema «Tormento do ideal», redige um **texto expositivo** no qual explicites o contraste Ideal/realidade que é estabelecido neste texto.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites o contraste Ideal/realidade que é estabelecido no poema «Tormento do ideal», fundamentando os aspetos apontados através de referências concretas ao texto em causa;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Unidade 6 – Cesário Verde, *Cânticos do Realismo*

Proposta A

Tendo em conta a tua experiência de leitura do poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde, redige um **texto expositivo** no qual te refiras ao modo como, neste texto, é feita uma crítica às discrepâncias sociais existentes na sociedade portuguesa do final do século XIX.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites a forma como, no poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde, é feita uma crítica às discrepâncias sociais que marcavam a sociedade portuguesa do final do século XIX, fundamentando os aspetos apontados através de referências concretas ao texto em causa;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Proposta B

Tendo em conta a tua experiência de leitura do poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde, redige um **texto expositivo** no qual explicites a forma como, neste texto, é estabelecido um contraste entre o passado e o presente de Portugal.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites a forma como, no poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde, é estabelecido um contraste entre o passado e o presente de Portugal, fundamentando os aspetos apontados através de referências concretas ao texto em causa;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Ficha de Escrita 2

Apreciação crítica – Fases de produção

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Na elaboração da **apreciação crítica**, deves ter em conta as fases que se seguem.

1. Planificação

Antes de iniciares a escrita do texto, procede à sua planificação, tendo em conta as informações que deverão ser apresentadas em cada uma das suas partes.

Introdução	Breve apresentação do objeto da apreciação crítica.
Desenvolvimento	Descrição e comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.
Conclusão	Sistematização da apreciação elaborada e reforço da crítica apresentada.

2. Textualização

Utilizando como ponto de partida o plano que elaboraste, procede à escrita do texto, tendo em conta as informações abaixo indicadas.

- Deves recorrer a um discurso valorativo – ou seja, a um discurso em que apresentes, de forma explícita ou implícita, juízos de valor sobre a questão em causa.
- O texto pode ser redigido na primeira ou na terceira pessoa.
- A introdução, o desenvolvimento e a conclusão do texto devem ser demarcados de forma clara, através de parágrafos.
- As ideias devem ser articuladas de forma clara e coesa, através da utilização de conectores e articuladores de discurso.

3. Revisão

Após a elaboração do texto, procede à sua revisão, verificando se:

- a) o tema foi tratado sem desvios;
- b) foi feita referência aos aspetos essenciais do objeto em causa;
- c) o comentário crítico foi fundamentado através de argumentos diversificados e pertinentes;
- d) a informação foi apresentada de forma coerente;
- e) os parágrafos foram adequadamente marcados;
- f) foi utilizada uma linguagem valorativa;
- g) as ideias foram articuladas através de conectores discursivos;
- h) o vocabulário se adequa ao tema tratado;
- i) não existem incorreções a nível linguístico.

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 1 – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Proposta A

Atenta na gravura que se segue, intitulada *Tobias e o arcanjo Rafael*, de Jacopo Vignali.

Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** da pintura apresentada, relacionando-a com o «Sermão de Santo António», do Padre António Vieira.

O texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.



Jacopo Vignali, *Tobias e o arcanjo Rafael* (s/d).

Proposta B

Atenta na gravura que se segue, intitulada *Os hipócritas*, de Gustave Doré, na qual é ilustrado um passo da *Divina comédia* em que Dante e Virgílio observam as almas daqueles que cometeram o pecado da hipocrisia.

Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** da pintura apresentada, relacionando-a com o «Sermão de Santo António», do Padre António Vieira.

O texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.



Gustave Doré, *Os hipócritas* (séc. XIX),
in Dante Alighieri, *A Divina Comédia*.

Unidade 2 – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Proposta A

Lê a letra da música «Destino», de Carminho.

Disponível para audição em  auladigital

Quando nasce uma pessoa
No livro o destino faz-se, uma história moldou-a
E a vida que teremos ali escrita e resolvida
Não somos nós que a escolhemos
E a vida que teremos ali escrita e resolvida
Não somos nós que a escolhemos

Por que procuras esquecer o meu carinho
Se naquelas escrituras não é esse o teu caminho?
Vós depois, sentes que o destino tonto
Resolveu que nós os dois entramos no mesmo ponto
Resolveu que nós os dois entramos no mesmo ponto
O caminho dos teus passos na vida e o meu carinho
Estão escritos nos mesmos traços
A verdade é conhecida, é que tu és a metade
Metade da minha vida
A verdade é conhecida, é que tu és a metade
Metade da minha vida

Porque procuras esquecer o meu carinho
Se naquelas escrituras não é esse o teu caminho
Vós depois, sentes que o destino tonto
Resolveu que nós os dois entramos no mesmo ponto
Resolveu que nós os dois entramos no mesmo ponto

Não sei porquê na história dos nossos fados
Nem uma linha se lê que nos deixe separados
E se o destino já nos marcou esta sina
És meu desde pequenino, sou tua de pequenina
És meu desde pequenino, sou tua de pequenina

Carminho «Destino», in <https://www.musixmatch.com>
(consultado em 14/11/2021)

Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** da letra da música apresentada, relacionando-a com a conceção de destino em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett.

Proposta B

Atenta na gravura intitulada *O assassinio de Inês de Castro*, de Karl Briullov.



Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** da pintura apresentada, relacionando-a com o percurso de D. Madalena em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett.

Unidade 3 – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Proposta A

Observa com atenção a pintura intitulada *A noiva relutante*, de Auguste Toulmouche.

Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** da pintura apresentada, relacionando-a com a intriga de *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco.

O texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.



Auguste Toulmouche, *A noiva relutante* (1866).

Proposta B

Lê atentamente o poema «As facas», de Manuel Alegre.

Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** do poema apresentado, relacionando-o com a forma como o amor é concebido em *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco.

As Facas

Quatro letras nos matam quatro facas
que no corpo me gravam o teu nome.
Quatro facas amor com que me matas
sem que eu mate esta sede e esta fome.

Este amor é de guerra. (De arma branca).
Amando ataco amando contra-atacas
este amor é de sangue que não estanca.
Quatro letras nos matam quatro facas.

Armado estou de amor. E desarmado.
Morro assaltando morro se me assaltas.
E em cada assalto sou assassinado.

Quatro letras amor com que me matas.
E as facas ferem mais quando me faltas.
Quatro letras nos matam quatro facas.

Manuel Alegre, *Obra poética de Manuel Alegre*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999.

Unidade 4 – Eça de Queirós, *Os Maias*

Proposta A

Observa com atenção a pintura intitulada *Édipo cego confiando os seus filhos aos deuses*, de Bénigne Gagneraux.

Depois de realizares uma breve investigação sobre a tragédia que se abateu sobre Édipo, elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** da pintura apresentada, relacionando-a com a intriga d' *Os Maias*, de Eça de Queirós.

O texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.



Bénigne Gagneraux, *Édipo cego confiando os seus filhos aos deuses* (1784).

Proposta B

Observa atentamente o *graffitto* de Banksy que se segue.

Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** do *graffitto* apresentado, relacionando-o com a intriga d' *Os Maias*, de Eça de Queirós.

O texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.



Tradução: «Guardem as moedas, eu quero mudança.»
(Na frase, está presente um jogo de palavras, pelo facto de «change» também significar «trocos».)

Unidade 5 – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Proposta A

Lê com atenção o seguinte poema de António Nobre.

Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** do poema apresentado, relacionando-o com o poema «O palácio da Ventura», de Antero de Quental.

Na praia lá da Boa Nova, um dia,
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castelo, o que é a fantasia,
Todo de lápis-lazúli e coral!

Naquelas redondezas não havia
Quem se gabasse dum domínio igual:
Oh Castelo tão alto! parecia
O território dum Senhor feudal!

Um dia (não sei quando, nem sei donde)
Um vento seco de deserto e *spleen*
Deitou por terra, ao pó que tudo esconde,
O meu condado, o meu condado, sim!
Porque eu já fui um poderoso Conde,
Naquela idade em que se é conde assim...

António Nobre, *Só*, Porto, Porto Editora, 2015.

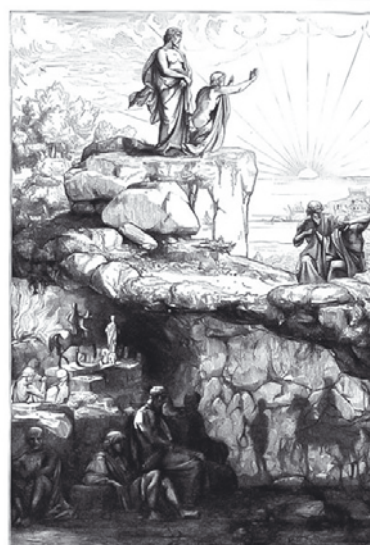
Proposta B

Observa com atenção a gravura que se segue, intitulada *Alegoria da caverna de Platão*.

Depois de realizares uma breve investigação sobre a alegoria da caverna, elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** da gravura apresentada, relacionando-a com o poema «Tormento do Ideal», de Antero de Quental.

O texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.



Mary Evans, desenho de galeria de imagens, *Alegoria da caverna de Platão* (2017).

Unidade 6 – Cesário Verde, *Cânticos do Realismo*

Proposta A

Observa com atenção a pintura de Jorge Barradas intitulada *As varinas*.

Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** da pintura apresentada, relacionando-a com o poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde.

O texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.



Jorge Barradas, *As varinas* (1930).

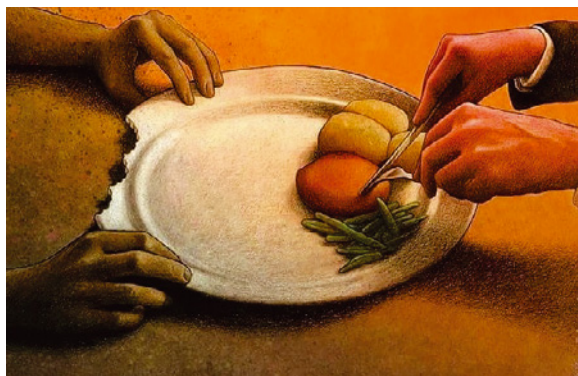
Proposta B

Observa com atenção o *cartoon* de Pawel Kuczynski que se segue, intitulado *Pobreza*.

Elabora um texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, na qual faças uma **apreciação crítica** do *cartoon* apresentado, relacionando-o com o poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde.

O texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.



Pawel Kuczynski, *Pobreza* (2007).

Ficha de Escrita 3

Texto de opinião – Fases de produção

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Na elaboração do **texto de opinião**, deves ter em conta as fases que se seguem.

1. Planificação

Antes de iniciares a escrita do texto, procede à sua planificação, tendo em conta as informações que deverão ser apresentadas em cada uma das suas partes.

Introdução	• Apresentação da tese que vai ser defendida.
Desenvolvimento	• Enunciação de argumentos significativos que ilustrem o ponto de vista adotado. • Fundamentação de cada um dos argumentos através de um exemplo pertinente.
Conclusão	• Sistematização da argumentação apresentada e reforço do ponto de vista defendido.

2. Textualização

Utilizando como ponto de partida o plano que elaboraste, procede à escrita do texto, tendo em conta as informações abaixo indicadas.

- Deves recorrer a um discurso valorativo – ou seja, a um discurso em que apresentes, de forma explícita ou implícita, juízos de valor sobre a questão em causa.
- O texto pode ser redigido na primeira ou na terceira pessoa.
- A introdução, o desenvolvimento e a conclusão do texto devem ser demarcados de forma clara, através de parágrafos.
- As ideias devem ser articuladas de forma clara e coesa, através da utilização de conectores e articuladores do discurso.

3. Revisão

Após a elaboração do texto, procede à sua revisão, verificando se:

- a) o tema foi tratado sem desvios;
- b) os argumentos e exemplos utilizados são válidos e diversificados;
- c) a informação foi apresentada de forma coerente;
- d) os parágrafos foram adequadamente marcados;
- e) foi utilizada uma linguagem valorativa;
- f) as ideias foram articuladas através de conectores discursivos;
- g) o vocabulário se adequa ao tema tratado;
- h) não existem incorreções a nível linguístico.

Ficha de Escrita 3

Texto de opinião – Propostas

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____
Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 1 – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Proposta A

O Padre António Vieira, após proferir o «Sermão de Santo António», partiu ocultamente para o reino de Portugal, a fim de solicitar ao monarca que os índios fossem libertados da escravatura e ficassem sob a jurisdição dos jesuítas.

Do teu ponto de vista, a defesa dos direitos humanos é uma questão importante na sociedade atual?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Proposta B

No capítulo IV do «Sermão de Santo António», de Padre António Vieira, são feitas críticas àqueles que se deixam levar pela vaidade.

Na tua opinião, a vaidade tem consequências positivas ou negativas na vida do ser humano?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Unidade 2 – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Proposta A

Na Cena II do Ato I de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, D. Madalena pede a Telmo que não fale a Maria em coisas «fora [...] de seu sexo».

Na tua perspetiva, a discriminação em relação às mulheres ainda se mantém na atualidade?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Proposta B

No final do Ato I de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, Manuel de Sousa Coutinho incendeia o seu palácio para impedir que os governadores ao serviço de Castela se instalem nele. Deste modo, sacrificou a sua propriedade e os seus pertences em nome dos seus valores.

Na tua opinião, na sociedade atual, ainda faz sentido sacrificarmo-nos pelos nossos ideais?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Unidade 3 – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Proposta A

Em *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, Teresa e Simão sacrificam as suas vidas em nome do amor.

Do teu ponto de vista, na atualidade, o sofrimento amoroso ainda é um tema importante?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Proposta B

Na novela *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, o conflito entre gerações é uma questão fundamental.

Na tua perspetiva, na sociedade atual, os jovens ainda têm necessidade de se revoltar contra as gerações mais velhas para defenderem os seus valores?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Unidade 4 – Eça de Queirós, *Os Maias*

Proposta A

No romance *Os Maias*, de Eça de Queirós, são apresentadas diversas críticas à sociedade portuguesa do final do século XIX.

Do teu ponto de vista, algumas das críticas desta obra ainda se aplicam ao nosso país na atualidade?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Proposta B

Em *Os Maias*, de Eça de Queirós, Afonso da Maia suplica a Carlos e a Ega que façam alguma coisa para mudar a sociedade.

Na tua opinião, nos dias de hoje, os jovens têm um papel importante na mudança da sociedade?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Unidade 5 – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Proposta A

Nos poemas de Antero de Quental, o sujeito poético aspira muitas vezes à perfeição.

Do teu ponto de vista, o desejo de alcançar a perfeição é benéfico ou prejudicial para o ser humano?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Proposta B

No poema «O palácio da Ventura», apesar de o sonho do eu poético acabar por culminar no desalento, este mostra uma profunda determinação na busca do seu objetivo.

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual te refiras ao papel que a determinação tem na concretização dos sonhos.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Unidade 6 – Cesário Verde, *Cânticos do Realismo*

Proposta A

No poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde, o sujeito poético manifesta o desejo de se evadir da cidade através de uma viagem para o estrangeiro.

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual te refiras ao papel que as viagens têm na vida do ser humano.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Proposta B

No poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde, é apresentada uma crítica ao fosso existente entre as classes mais altas e as classes mais baixas na sociedade portuguesa do final do século XIX.

Do teu ponto de vista, na sociedade atual, esta distância entre as classes ainda se mantém ou tem vindo a esbater-se?

Elabora um **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Ficha de Compreensão do Oral 1

Exposição sobre um tema

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Escuta com atenção o excerto (desde o início até aos 9 min e 13 s) de uma conferência proferida por Martim Sousa Tavares em outubro de 2019, no âmbito das Ted Talks realizadas em Aveiro, intitulada «Ouvir não chega (para melhorar o mundo)» e, de entre as opções apresentadas, seleciona a única hipótese correta).



1. Martim Sousa Tavares decidiu dedicar-se à Música, porque

- A. ☐ queria melhorar o mundo.
- B. ☐ esta área era aquela de que mais gostava.
- C. ☐ sabia que esta profissão é difícil e gosta de desafios.
- D. ☐ tinha o sonho de ser um artista extraordinário.

2. O orador refere-se ao projeto-piloto que a Tate Modern desenvolveu num hospital para

- A. ☐ comprovar que o hospital é, por excelência, o lugar em que se pode melhorar a qualidade de vida das pessoas.
- B. ☐ evidenciar a supremacia da Música em relação à Medicina.
- C. ☐ sublinhar o dinamismo desta galeria de arte.
- D. ☐ mostrar que a arte pode melhorar a qualidade de vida das pessoas.

3. Na perspetiva de Martim Sousa Tavares, a arte

- A. ☐ nunca deveria ser utilizada como um analgésico.
- B. ☐ é sempre um encontro com a beleza.
- C. ☐ nem sempre tem um efeito analgésico.
- D. ☐ funciona sempre como uma forma de evasão.

4. O músico faz referência ao quadro que tem na parede da sala onde trabalha para

- A. ☐ mostrar que gostaria de ter outro quadro para além daquele.
- B. ☐ ilustrar a forma ativa de fruição da arte.
- C. ☐ comprovar que a arte deve ser desfrutada de forma passiva.
- D. ☐ demonstrar que a reação do ser humano às obras de arte é imutável.

Ficha de Compreensão do Oral 2

Discurso político

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Escuta com atenção o discurso que o Presidente da República, o Professor Marcelo Rebelo de Sousa, dirigiu aos jovens no Dia Nacional do Estudante (24 de março) de 2021.



1. O Dia do Estudante nasceu

- A. ☐ numa época em que o Presidente da República era estudante universitário.
- B. ☐ como uma forma de revolta, num primeiro momento, contra a existência de colónias.
- C. ☐ como uma forma de luta pela liberdade académica, pela autonomia das universidades, pela liberdade e pelos direitos em geral.
- D. ☐ no final dos anos 60.

2. Depois da Revolução de 25 de Abril de 1974,

- A. ☐ a comemoração do Dia do Estudante deixou de fazer sentido.
- B. ☐ o Dia do Estudante passou a ter outro significado.
- C. ☐ o Dia do Estudante passou a estar exclusivamente associado à luta por uma escola melhor.
- D. ☐ a luta dos movimentos estudantis começou a centrar-se apenas nos direitos dos jovens estudantes.

3. De acordo com o Presidente da República,

- A. ☐ na atualidade, deixou de haver desigualdades no contexto escolar.
- B. ☐ a situação atual ainda é mais exigente do que a vivida nas primeiras três décadas após a instauração do regime democrático.
- C. ☐ no contexto atual, não faz sentido os jovens continuarem a abraçar as causas por que os estudantes se batiam anteriormente.
- D. ☐ graças à pandemia, a comemoração do Dia do Estudante deixou de fazer sentido.

4. Na sociedade atual, os jovens têm de enfrentar desafios que não eram tão importantes no passado, como é o caso

- A. ☐ da transição energética, da falta de recursos hídricos e da ação climática.
- B. ☐ da ação climática, da necessidade de novas qualificações e de uma atualização permanente.
- C. ☐ da globalização, da precariedade no emprego e da ação climática.
- D. ☐ da transição energética, da ação climática e da necessidade de se emigrar para se conseguir um emprego.

Ficha de Compreensão do Oral 3

Debate

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Escuta com atenção o excerto (entre os 36 min 20 s e os 39 min 28 s) do programa «Prós e Contras – 100 Oportunidades», que foi emitido no dia 20 de janeiro de 2020, e, de entre as opções apresentadas, seleciona a única hipótese correta.



1. Segundo o orador (Carlos Moedas), o fator mais importante para se ter uma ideia diferente é

- A. ☐ a interdisciplinaridade.
- B. ☐ a diversidade.
- C. ☐ a existência de jovens na equipa.
- D. ☐ a preparação científica dos elementos da equipa.

2. Carlos Moedas faz referência ao caso de Einstein para mostrar que

- A. ☐ este cientista era um génio.
- B. ☐ a inteligência do físico era equivalente à de mil homens.
- C. ☐ a sociedade atual é marcada pelo trabalho colaborativo.
- D. ☐ o seu trabalho revolucionou o mundo.

3. Do ponto de vista do orador,

- A. ☐ na atualidade, todos esperam que os políticos apresentem soluções.
- B. ☐ os jovens querem participar na criação do futuro.
- C. ☐ os *opinion makers* têm um papel fundamental na sociedade.
- D. ☐ é fundamental alterarmos as leis.

4. Carlos Moedas alude à alteração da lei de proteção de dados que teve lugar no Parlamento Europeu com o objetivo de

- A. ☐ mostrar que esta mudança não fez qualquer sentido.
- B. ☐ salientar o papel que os jovens tiveram neste processo.
- C. ☐ demonstrar que o funcionamento da sociedade não se alterou desde o início do século.
- D. ☐ sublinhar o facto de que os jovens, pelo seu conhecimento do assunto, deveriam ter sido convidados a colaborar neste processo.

Ficha de Expressão Oral 1

Exposição sobre um tema – Fases de produção

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Na elaboração de uma **exposição sobre um tema** a ser apresentada oralmente, deves ter em conta as fases que se seguem.

1. Planificação

A planificação da exposição oral sobre um tema deverá ter a seguinte estrutura.

Introdução	• Apresentação do tema que vai ser tratado.
Desenvolvimento	• Exposição de informações sobre o tema. • Ilustração da informação apresentada através de exemplos significativos.
Conclusão	• Sistematização das informações apresentadas.

Caso tenhas a possibilidade de consultar o guião durante a apresentação, é muito importante que este não seja constituído por um texto demasiado denso, para que seja fácil localizar alguma informação de que necessites.

É fundamental que, na elaboração do plano da exposição oral, tenhas em conta o tempo de que dispões para a apresentação do trabalho. Antes de realizares a exposição, deverás ensaiá-la com o auxílio de um cronómetro, de modo a verificares se é possível transmitir a informação pretendida dentro do período estipulado.

Se tal for solicitado ou autorizado, deverás procurar utilizar meios tecnológicos para apoiarem a tua exposição: o recurso a um suporte visual geralmente contribui para captar a atenção do auditório.

2. Exposição oral

Aquando da apresentação do trabalho, o teu discurso deve obedecer às seguintes indicações.

- A linguagem deve ser objetiva, não podendo ter marcas de subjetividade.
- O discurso deve ser enunciado na terceira pessoa;
- As ideias devem ser articuladas de forma clara e coesa, através da utilização de conectores e articuladores do discurso.
- O registo de língua e o repertório lexical devem adequar-se ao tema.

Além disso, é muito importante que procures trabalhar a tua linguagem não verbal, isto é, aspetos como a postura corporal, a expressão facial, a entoação, a fluência do discurso e a dicção.

Ficha de Expressão Oral 1

Exposição sobre um tema – Propostas

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 1 – «Sermão de Santo António»

Proposta A

Os peixes referidos no «Sermão de Santo António», de Padre António Vieira: factos científicos e aspetos ficcionais.

Proposta B

Comparação entre a forma como a hipocrisia é perspetivada no «Sermão de Santo António», de Padre António Vieira, e na sociedade atual.

Unidade 2 – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Proposta A

Comparação entre a forma como o casamento é perspetivado em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, e na atualidade.

Proposta B

Comparação entre o modo como o papel das figuras femininas é perspetivado em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, e na atualidade.

Unidade 3 – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Proposta A

Comparação entre a forma como o amor é perspetivado em *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, e na atualidade.

Proposta B

Comparação entre a relação pais/filhos em *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, e na atualidade.

Unidade 4 – Eça de Queirós, *Os Maias*

Proposta A

Comparação entre a forma como a classe política é descrita n’*Os Maias*, de Eça de Queirós, e o modo como é vista pela opinião pública na atualidade.

Proposta B

Comparação entre o modo como as figuras femininas são perspectivadas n’*Os Maias*, de Eça de Queirós, e a forma como a mulher é vista na sociedade atual.

Unidade 5 – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Proposta A

Comparação entre a importância que a busca dos ideais tem na poesia de Antero de Quental e a relevância que é atribuída a esta questão na atualidade.

Proposta B

Comparação entre a forma como o pessimismo é configurado na poesia de Antero de Quental e o modo como este é perspectivado na sociedade atual.

Unidade 6 – Cesário Verde, *Cânticos do Realismo*

Proposta A

Comparação entre a forma como as diferenças sociais são configuradas em «O sentimento dum ocidental», Cesário Verde, e o modo como são perspectivadas na sociedade atual.

Proposta B

Comparação entre o modo como os Descobrimentos portugueses são descritos em «O sentimento dum ocidental», Cesário Verde, e a forma como são configurados aos olhos da sociedade atual.

Ficha de Expressão Oral 2

Apreciação crítica – Fases de produção

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Na elaboração de uma **apreciação crítica** a ser apresentada oralmente, deves ter em conta as fases que se seguem.

1. Planificação

Na planificação da apresentação da apreciação crítica, deverás ter em conta a seguinte estrutura.

Introdução	Breve apresentação do objeto da apreciação crítica.
Desenvolvimento	Comentário crítico fundamentado através de argumentos válidos.
Conclusão	Sistematização da apreciação elaborada e reforço da crítica apresentada.

Caso tenhas a possibilidade de consultar o guião durante a apresentação, é muito importante que este não seja constituído por um texto demasiado denso, para que seja fácil localizar alguma informação de que necessites.

É fundamental que, na elaboração da apreciação crítica, tenhas em conta o tempo de que dispões para a apresentação do trabalho. Antes de procederes à sua apresentação em aula, deverás ensaiá-lo com o auxílio de um cronómetro, de modo a verificares se é possível transmitir a informação pretendida dentro do período estipulado.

Se tal for solicitado ou autorizado, deverás procurar utilizar meios tecnológicos para apoiarem a tua apresentação oral: o recurso a um suporte visual geralmente contribui para captar a atenção do auditório.

2. Apresentação oral

Aquando da apresentação do trabalho, o teu discurso deve obedecer às seguintes indicações.

- Deves recorrer a um discurso valorativo – ou seja, a um discurso em que apresentes, de forma explícita ou implícita, juízos de valor sobre a questão em causa.
- O discurso pode ser enunciado na primeira ou na terceira pessoa.
- As ideias devem ser articuladas de forma clara e coesa, através da utilização de conectores e articuladores do discurso.
- O registo de língua e o repertório lexical devem adequar-se ao tema.

Além disso, é muito importante que procures trabalhar a tua linguagem não verbal, isto é, aspetos como a postura corporal, a expressão facial, a entoação, a fluência do discurso e a dicção.

Ficha de Expressão Oral 2

Apreciação crítica – Propostas

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 1 – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Proposta A

Observa com atenção o *cartoon* de Galym Boranbayev que se segue.



Galym Boranbayev, *Controle de fronteira* (2016).

Elabora uma **apreciação crítica** do *cartoon* apresentado, relacionando-o com o «Sermão de Santo António», de Padre António Vieira.

Proposta B

Observa atentamente a seguinte gravura de Gustave Doré, na qual é retratado o dilúvio bíblico.

Elabora uma **apreciação crítica** da gravura apresentada, relacionando-a com o «Sermão de Santo António», de Padre António Vieira.



Gustave Doré, *O dilúvio* (s/d).

Unidade 2 – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Proposta A

Disponível para audição em  **auladigital**

Lê com atenção a letra da música «Bom destino», de Márcia.

Elabora uma **apreciação crítica** do texto apresentado, relacionando-o com a intriga de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett.

Foi p'ra fazer um bom destino
Que ela inventou com que se entreter
Dança os mais altos desafios
Que toda a alma pretende ter

Experimentou o desatino
Viu o seu esforço a querer se inverter
Ainda p'ra mais tendo aprendido
Nunca é tarde p'ra perder

Semeia o sol, colhe a tempestade
Quem paga p'ra ver?
Ninguém aposta no teu fracasso
Ninguém se abate se ele acontecer
Dizem que os bons não nascem por acaso
Tens tanto a fazer

Foi p'lo sabor do seu caminho
Que ela acabou por se convencer
Que avançava mais indo mansinho
Que em passos altos a combater

Onde plantou o azevinho
Cresceu o dom de saber ver crescer
Linda a promessa do destino
Se houver vontade de a manter

Semeia o sol, colhe a tempestade
Quem paga p'ra ver?
Ninguém aposta no teu fracasso
Ninguém se abate se ele acontecer
Dizem que um dom não desce por acaso
Quem tem tem de o ter

Tu deste o fortúnio pelo amor
Não te restou mais nada
Provaste o grande dissabor
da fria madrugada

Quando assentou o teu sorriso
não te restava nada
Apenas tudo o que é preciso:
a paz da caminhada

Semeia o sol, colhe a tempestade
Quem paga p'ra ver?
Ninguém aposta no teu fracasso
Ninguém se abate se ele acontecer
Dizem que os bons não nascem por acaso
Tens tanto a fazer

Márcia, «Bom destino», in <https://amusicaportuguesa.blogs.sapo.pt>
(consultado em 10/1/2022).

Proposta B

Observa com atenção o quadro de Pietro da Cortona, intitulado *Cristo e a mulher surpreendida em adultério*.

Elabora uma **apreciação crítica** da pintura apresentada, relacionando-a com a intriga de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett.



Pietro da Cortona, *Cristo e a mulher surpreendida em adultério* (séc. XVII).

Unidade 3 – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Proposta A

Lê com atenção o poema de Rupi Kaur que se segue.

como é que o nosso amor pode morrer
se está escrito
nestas páginas

Rupi Kaur, *Leite e mel*, Alfragide, Lua de Papel, 2021.

Elabora uma **apreciação crítica** do poema apresentado, relacionando-o com a intriga de *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco.

Proposta B

Observa com atenção a pintura de Julius Kronberg, intitulada *Romeu e Julieta na varanda*.



Julius Kronberg, *Romeu e Julieta na varanda* (1886).

Elabora uma **apreciação crítica** da pintura apresentada, relacionando-a com a intriga de *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco.

Unidade 4 – Eça de Queirós, *Os Maias*

Proposta A

Disponível para audição em  auladigital

Lê com atenção a letra da música «Portas do sol», de Nena.

Elabora uma **apreciação crítica** do texto apresentado, relacionando-o com a intriga d’*Os Maias*, de Eça de Queirós.

Não me dás um sinal
Vou pela marginal a olhar pro rio
Ouço a rádio a dar
E está a tocar, o que nos uniu
Passo pelo Chiado,
História em todo lado, o que tremeu
Um dia meu amado
Agora passado, no Rossio

Quer tu esqueças ou guardes
Mais cedo ou mais tarde
vais te lembrar
Que fomos como Lisboa
E se isto não soa
Bem então não sei
O que mais irá
O que mais virá

Vimos esta paisagem
Como uma miragem, mas não foi
Ali no miradouro
Das portas do Sol
Um «nós» surgiu

Canto agora em Sintra, e mesmo que minta
Diz se aí
Que esta frase que digo, de coração partido,
É pra ti

Quer tu esqueças ou guardes
Mais cedo ou mais tarde
vais te lembrar

Que fomos como Lisboa
E se isto não soa
Bem então não sei
O que mais irá
O que mais virá

E tu estás cá ou estás fora
Um antes no agora
Em postal

Diz «não gostes de alguém
Que sonha pra além de Portugal»

Quer tu esqueças ou guardes
Mais cedo ou mais tarde
vais te lembrar

Que fomos como Lisboa
E se isto não soa
Bem então não sei
O que mais irá
O que mais virá

Nena, «Portas do sol», in <https://madeinportugalmusica.pt>
(consultado em 10/01/2022).

Proposta B

Observa com atenção a pintura de Berthold Woltze, intitulada *O cavalheiro irritante*.

Elabora uma **apreciação crítica** da gravura apresentada, relacionando-o com a intriga d’*Os Maias*, de Eça de Queirós.



Berthold Woltze,
O cavalheiro irritante (1874).

Unidade 5 – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Proposta A

Observa com atenção a seguinte pintura de Viktor Vasnetsov, intitulada *Um cavaleiro na encruzilhada*.



Viktor Vasnetsov, *Um cavaleiro na encruzilhada* (1878).

Proposta B

Disponível para audição/visualização em  **auladigital**

Visualiza a reportagem intitulada «A realidade dos sonhos», sobre o «Sonhadorismo».



Elabora uma **apreciação crítica** deste excerto desta reportagem, relacionando-a com o poema «O palácio da Ventura», de Antero de Quental.

Unidade 6 – Cesário Verde, *Cânticos do Realismo*

Proposta A

Disponível para audição em  auladigital

Visualiza um excerto do primeiro episódio, intitulado «Gente diferente», do documentário *Portugal – Um retrato social*, de António Barreto.



Elabora uma **apreciação crítica** deste excerto do documentário, relacionando-o com o poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde.

Proposta B

Observa com atenção a seguinte obra de Vhils.



Vhils, *Ceifeira*, Comporta (2020).

Elabora uma **apreciação crítica** desta fotografia, relacionando-a com o poema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde.

Ficha de Expressão Oral 3

Texto de opinião – Fases de produção

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Na elaboração de um **texto de opinião** a ser apresentado oralmente, deves ter em conta as fases que se seguem.

1. Planificação

Na planificação da apresentação do texto de opinião, deverás ter em conta a seguinte estrutura.

Introdução	• Apresentação da tese que vai ser defendida.
Desenvolvimento	• Enunciação de argumentos significativos que ilustrem o ponto de vista adotado. • Fundamentação de cada um dos argumentos através de um exemplo pertinente.
Conclusão	• Sistematização da argumentação apresentada e reforço do ponto de vista defendido.

Caso tenhas a possibilidade de consultar o guião durante a apresentação, é muito importante que este não seja constituído por um texto demasiado denso, para que seja fácil localizar alguma informação de que necessites.

É fundamental que, na elaboração do plano do texto de opinião, tenhas em conta o tempo de que dispões para a apresentação do trabalho. Antes de procederes à sua apresentação em aula, deverás ensaiá-lo com o auxílio de um cronómetro, de modo a verificares se é possível transmitir a informação pretendida dentro do período estipulado.

Se tal for solicitado ou autorizado, deverás procurar utilizar meios tecnológicos para apoiarem a tua apresentação oral: o recurso a um suporte visual geralmente contribui para captar a atenção do auditório.

2. Apresentação oral

Aquando da apresentação do trabalho, o teu discurso deve obedecer às seguintes indicações.

- Deves recorrer a um discurso valorativo – ou seja, a um discurso em que apresentes, de forma explícita ou implícita, juízos de valor sobre a questão em causa.
- O discurso pode ser enunciado na primeira ou na terceira pessoa.
- As ideias devem ser articuladas de forma clara e coesa, através da utilização de conectores e articuladores do discurso.
- O registo de língua e o repertório lexical devem adequar-se ao tema.

Além disso, é muito importante que procures trabalhar a tua linguagem não verbal, isto é, aspetos como a postura corporal, a expressão facial, a entoação, a fluência do discurso e a dicção.

Ficha de Expressão Oral 3

Texto de opinião – Propostas

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Unidade 1 – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Proposta A

No «Sermão de Santo António», de Padre António Vieira, os Voadores surgem como um símbolo da ambição desmedida.

Na tua opinião, a ambição é benéfica ou prejudicial?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Proposta B

No «Sermão de Santo António», de Padre António Vieira, a palavra é investida de um enorme poder persuasivo.

Do teu ponto de vista, atualmente, a palavra continua a ter um grande poder persuasivo ou esta função passou a ser primordialmente desempenhada pela imagem?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Unidade 2 – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Proposta A

Em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, o patriotismo é um tema fundamental.

Na tua opinião, na sociedade atual, o patriotismo continua a ser uma questão importante?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Proposta B

Em *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, Maria mostra ser uma jovem idealista, acreditando que é possível «emendar» o mundo.

Do teu ponto de vista, atualmente, os jovens ainda são idealistas?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Unidade 3 – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Proposta A

Em *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, Teresa e Simão deixam-se levar inteiramente pelo coração no momento em que escolhem a pessoa com quem desejam casar.

Na tua opinião, na sociedade atual, na escolha de um parceiro para a vida, é mais importante seguir o coração ou a razão?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Proposta B

Em *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, o amor que Simão sente por Teresa tem nele um efeito redentor.

Do teu ponto de vista, o amor tem, de facto, o poder de redimir o ser humano?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Unidade 4 – Eça de Queirós, *Os Maias*

Proposta A

N'Os *Maias*, um dos temas fundamentais é a diferença ser/parecer que caracteriza a sociedade portuguesa oitocentista.

Na tua opinião, esta diferença ainda existe na sociedade portuguesa atual?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Proposta B

N'Os *Maias*, a sociedade portuguesa oitocentista é criticada, entre outros aspetos, pelo facto de imitar acriticamente os modelos estrangeiros.

Do teu ponto de vista, a sociedade portuguesa atual ainda mantém este tipo de comportamento?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Unidade 5 – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Proposta A

Nos poemas de Antero de Quental, um dos temas tratados é o da busca da felicidade.

Na tua opinião, na sociedade atual, esta questão é importante?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Proposta B

Na obra poética de Antero de Quental, as reflexões do sujeito poético levam-nos, muitas vezes, a assumir uma visão desencantada em relação à vida.

Do teu ponto de vista, aqueles que refletem com alguma profundidade sobre aquilo que os rodeia têm mais tendência a ter uma visão negativa da existência?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Unidade 6 – Cesário Verde, *Cânticos do Realismo*

Proposta A

No poema «O sentimento dum ocidental», é referida, entre outras questões, a ligação de Portugal ao mar (que passa de um domínio do mar de contornos épicos da época dos Descobrimentos a uma relação com o elemento marítimo meramente associada à morte dos pescadores).

Na tua opinião, atualmente, o mar ainda tem um papel importante no nosso país?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

Proposta B

No poema «O sentimento dum ocidental», o espaço citadino é configurado como um local claustrofóbico.

Do teu ponto de vista, na sociedade atual, a cidade ainda é um espaço opressivo?

Elabora um **texto de opinião** no qual defendas uma perspetiva pessoal sobre esta questão, fundamentando o teu ponto de vista com dois argumentos e ilustrando cada um deles com um exemplo pertinente.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA

Ficha 1 (p. 35)

PADRE ANTÓNIO VIEIRA, «SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO»

- 1.1** O autor cita Aristóteles para reforçar a oposição que pretende estabelecer entre os peixes e os restantes animais terrestres e do ar; os peixes, já o filósofo grego o afirmava, são os únicos animais que não se deixam domesticar pelo ser humano.
- 2.** Os animais da terra e do ar aproximaram-se dos homens e convivem com eles, mas sobrevivem aprisionados, domados e domesticados.
- 3.** Vieira pretende lembrar aos Peixes que a proximidade do ser humano não é benéfica; quanto mais longe ficarem dos homens, melhor será para eles e mais seguros viverão.
- 4.** Neste excerto, surgem em antítese o cativo/a escravidão e a liberdade. Tal relaciona-se diretamente com os objetivos deste «Sermão», já que se pretende acabar com a exploração dos índios brasileiros que vivem subjugados pelos colonos.
- 5.** B.

Ficha 2 (p. 37)

PADRE ANTÓNIO VIEIRA, «SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO»

- 1.1** O excerto faz parte do desenvolvimento (exposição/confirmação) do «Sermão», mais especificamente do momento das repreensões em particular aos peixes, neste caso ao Polvo.
- 2.** São Basílio e Santo Ambrósio são nomeados para legitimar as acusações apresentadas e conferir maior gravidade aos defeitos do Polvo, reforçando ainda o poder argumentativo do «Sermão».
- 3.** O Polvo aparenta ser inofensivo, sem osso nem espinha, pleno de brandura e mansidão, mas, na realidade, é um ser traiçoeiro e dissimulado, pronto a atacar os inocentes.
- 3.1** «E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja Latina, e Grega, que o dito Polvo é o maior traidor do mar.» (ll. 7-10).
- 4.** a) comparação; b) hipérbole; c) interrogação retórica; d) apóstrofe.
- 5.** Com o exemplo da *Bíblia*, mais concretamente o caso de Judas, amplifica-se o raciocínio do orador, reforçando o caráter traidor do Polvo, que consegue ser ainda mais perverso que Judas.

Ficha 3 (p. 39)

ALMEIDA GARRETT, *FREI LUÍS DE SOUSA*

- 1.** a) V; b) F; c) F; d) V; e) V; f) F; g) F; h) F.
- 1.1** b) A paisagem romântica é agreste, sombria e apelidada de *locus horrendus*; c) Almeida Garrett é oriundo de uma família burguesa e culta, o que lhe permitiu

aliar a escrita à vida de homem político; f) Garrett escreveu a primeira versão de *Frei Luís de Sousa* em 13 dias; g) Na «Memória ao Conservatório Real», o autor assume que *Frei Luís de Sousa* «é uma verdadeira tragédia»; h) A estrutura interna da obra permite-nos dividir a obra em três momentos distintos: exposição, conflito e desenlace.

- 2.** a) felicidade e a sua desgraça; b) a leitura dos versos de Camões (fim trágico dos amores de Pedro e Inês), a idade de Maria (13 anos), o Sebastianismo (a crença no regresso do rei/a crença de Telmo no regresso de D. João de Portugal), o retrato de Manuel de Sousa que é consumido pelas chamas (destruição), a mudança para o palácio de D. João de Portugal (prelúdio de desgraça) ...; c) no final do ato II, o Romeiro informa que D. João de Portugal se encontra vivo; d) catástrofe ou do desenlace trágico; e) exalta o patriotismo anticastelhano e evoca o Sebastianismo (passado) enquanto elemento destruidor.
- 3.** a) Antítese; b) Ironia.

4.1 O dia será efetivamente fatal para D. Madalena, pois aparecerá um Romeiro com a notícia de que D. João de Portugal está vivo. Esta revelação (dada afinal pelo próprio D. João de Portugal) vai fazer com que o casamento de D. Madalena com Manuel de Sousa Coutinho deixe de ser válido, tornando-a a ela uma mulher adúltera e a Maria, filha de ambos, ilegítima. Tais acontecimentos levarão, por fim, à morte de Maria e à tomada de hábito por parte de D. Madalena e de Manuel de Sousa Coutinho.

- 5.** O recurso às reticências no discurso de D. Madalena é revelador da sua tensão emocional – começam por exprimir a sua constante angústia sempre que se encontra separada dos que ama; ao desabafar com Frei Jorge e ao confessar-lhe o seu pecado, este sinal de pontuação marca sobretudo o seu terror relativamente à data, as suas hesitações e o seu receio quanto ao possível castigo pelo pecado cometido (a traição, mesmo que só em pensamento).

Ficha 4 (p. 41)

ALMEIDA GARRETT, *FREI LUÍS DE SOUSA*

- 1.1** Trata-se da cena III, do ato I (estrutura externa), e faz parte da exposição (estrutura interna) quando Maria entra em cena, após o diálogo entre D. Madalena e Telmo Pais.
- 2.** A cena passa-se no palácio de Manuel de Sousa Coutinho, em Almada.
- 3.1** D. Madalena tenta dissuadir a filha de pensar na possibilidade do regresso de D. Sebastião a Portugal.
- 3.2** D. Madalena associa o regresso de D. Sebastião ao seu primeiro marido, D. João de Portugal, o que poria em causa o seu atual casamento e, consequentemente, a legitimidade da paternidade de Maria.
- 4.** Para Maria, as palavras do povo são tão verdadeiras e tão inquestionáveis quanto o são as palavras de Deus; por isso, as crenças populares também não devem ser postas em causa.

5. Nesta fala fica evidente a preocupação e a sensibilidade de Maria face ao sofrimento e à angústia dos pais.
6. «Que febre que ela tem hoje, meu Deus! queimam-lhe as mãos... e aquelas rosetas nas faces... Se o perceberá a pobre da mãe!» (Il. 30-31); esta frase indica que Maria está doente e que, talvez, D. Madalena não se tenha, ainda, apercebido da gravidade do seu estado de saúde.
7. No final da peça, Maria não resistiu à doença (tuberculose) que, aliada à vergonha da sua própria ilegitimidade e ao sofrimento e «perda» dos pais, acabaria por provocar a sua morte.
8. Nesta cena de *Frei Luís de Sousa* é visível o patriotismo de Manuel de Sousa Coutinho nas palavras de Maria («Meu pai, que é tão bom português, que não pode sofrer estes castelhanos [...]», l. 17) e o Sebastianismo, patente na crença de Maria no regresso de D. Sebastião.

Ficha 5 (p. 43)

CAMILO CASTELO BRANCO, AMOR DE PERDIÇÃO

- 1.1 Ao contrário de Tadeu de Albuquerque, que se mostra abatido pelo facto de ter forçado a sua filha a ir para um convento no Porto («viu Simão chegar à portaria Tadeu de Albuquerque encostado ao braço de Baltasar Coutinho. O velho denotava quebranto e desfalecimento a espaços», Il. 4-7), Baltasar Coutinho está inteiramente convicto de que aquela era a única solução para forçar a prima a casar com ele, procurando apresentar os seus argumentos ao seu tio e mostrando-se algo desdenhoso em relação ao sofrimento de Tadeu de Albuquerque: «O de Castro Daire [...] gesticulava com o aprumo de quem dá as suas irrefutáveis razões, e consola tomando a riso a dor alheia» (Il. 7-10). A sua indiferença em relação ao facto de este ser um momento angustiante para o tio (e também para Teresa) é corroborada pela elegância do vestuário com que se apresenta, que teria o objetivo de seduzir a sua prima: «bem composto de figura e caprichosamente vestido à castelhana» (Il. 7-8).
2. De modo a persuadir o tio de que estava a tomar a atitude correta em relação à filha, Baltasar Coutinho começa por lhe afiançar que um ano no convento levará inevitavelmente Teresa a libertar-se do seu amor por Simão: «Eu prometo-lhe antes de um ano restituir-lha curada. Um ano de convento é um ótimo vomitório do coração.» (Il. 12-14). Com efeito, na sua perspectiva, o tio cometera um erro ao não submeter a filha a uma obediência cega. Tendo em conta que Teresa era filha única, a única solução para que esta não desonrasse a família seria sujeitá-la a um castigo violento: «Se meu tio a obrigasse, desde menina, a uma obediência cega, tê-la-ia agora submissa, e ela não se julgaria autorizada a escolher marido. [...] Se tivesse outra, ser-lhe-ia menos sensível a perda, e menos funesta a desobediência. [...] Assim, agora, não lhe vejo outro remédio senão empregar o cautério à chaga; com emplastos é que se não faz nada.» (Il. 16-25).

3. Quando avista Simão Botelho, Baltasar Coutinho mostra-se assustado com a sua ousadia («espavorido», l. 29). Deste modo, é possível verificar que a audácia do protagonista surpreende o seu adversário, amedrontando-o. Em contrapartida, Simão mostra-se profundamente calmo quando é insultado por Baltasar: «Simão deu alguns passos, e disse placidamente» (l. 31). A cobardia do primo de Teresa é também corroborada pelo facto de este se limitar a ameaçar o protagonista, mostrando-se, no entanto, relutante em atacá-lo: «— Vilão é o desgraçado, que me ameaça, sem ousar avançar para mim um passo — redarguiu o filho do corregedor.» (Il. 37-38). O pretexto de que não o teria feito pela possibilidade de ser defendido pelos criados do seu tio, o que lhe daria fama de cobarde, é desconstruído pela troça de Simão, que o acusa de ser cobarde e ameaça mandar espancá-lo «pelo primeiro mariola das esquinas» (Il. 42-43), ou seja, por alguém que, sendo absolutamente insignificante na escala social, mostraria o quão desprezível Baltasar Coutinho era.

Ficha 6 (p. 45)

CAMILO CASTELO BRANCO, AMOR DE PERDIÇÃO

- 1.1 O texto integra a última parte, a conclusão, da obra.
- 1.2 Neste capítulo final, o leitor acompanha os últimos dias da vida de Simão Botelho a bordo da embarcação que o conduziria ao degredo. Já bastante doente, o protagonista lê a última carta que Teresa lhe escreveu, ainda consegue subir até ao convés para, pouco depois, descer definitivamente para o camarote e aí continuar a definhar. Sempre a seu lado, Mariana acompanha esta última fase da vida do homem que ama e chega, mesmo, a dizer-lhe que se ele morrer ela o seguirá, numa clara alusão ao carácter eterno do seu amor. Passada a tempestade que se tinha levantado, o barco retoma a sua rota em direção à Índia, enquanto, a bordo, Simão exala o último suspiro. O seu corpo é atirado ao mar e Mariana — sem que ninguém a possa impedir — lança-se com ele, terminando, dessa forma, a novela de que restaram, como testemunho, as cartas resgatadas das águas pelos marinheiros.
- 2.1 Mariana desempenha, neste momento da ação, o papel de amiga, irmã, confidente e mulher apaixonada. É Mariana quem alerta o capitão para a possibilidade de Simão se tentar suicidar, é ela que o acompanha na última vez que se desloca entre o camarote e o convés, é no colo dela que Simão descansa a sua cabeça, é a Mariana que Simão revela o que deseja que se faça com a correspondência depois da sua morte. De «minha amiga» passa a chamar-lhe «minha irmã» e no seu último delírio sugere, mesmo, o reencontro no Céu.
- 2.2 Mariana é movida pelo típico amor romântico, capaz de enfrentar todas as adversidades, um amor que nada, nem ninguém, terá força para deter, mesmo que se venha a concretizar apenas na morte. A mulher abnegada e fiel controla resignadamente o seu ciúme, serve de confidente e de intermediária entre Simão e Teresa e, no final, consegue cumprir o

desejo de estar ao lado do homem que ama para sempre, acompanhando-o para além da vida. O seu sacrifício, abandonando tudo e todos para se manter ao lado de Simão, é a personificação do Romantismo levado às últimas consequências.

3. O amor que Mariana tem por Simão é superior a tudo, revelando, por isso, uma vontade de ficar junto dele para todo o sempre. Este último parágrafo é como que uma recompensa por todo o amor não correspondido: ao contrário de Teresa que morreu sozinha, Mariana acompanhou Simão até ao fim e terminou abraçada a ele para a eternidade, vendo realizar-se na morte o que não alcançou em vida.
4. Neste excerto predomina a narração, embora também existam marcas evidentes de descrição (da «casinha» de Coimbra que Teresa evoca na sua carta, por exemplo) e de diálogo (entre o capitão e o protagonista ou entre este e Mariana). A narração acontece pelo avanço rápido da ação – passam-se vários dias em poucas linhas, a doença de Simão agudiza-se, acontece a sua morte e o suicídio de Mariana; recorre-se ao uso do pretérito perfeito e mais-que-perfeito («O navio fez-se ao largo», ll. 36-37; «navegou», l. 38; «partiu-se o leme», l. 39; e o relato dos acontecimentos é bastante objetivo.
5. a) A carta de Teresa deixa evidente a sua crença na eternidade («À luz da eternidade parece-me que já te vejo», l. 24) e refere, ainda, a paz e o descanso proporcionados pela morte («a morte é mais que uma necessidade, é uma misericórdia divina, uma bem-aventurança para mim», ll. 15-17).
b) Na carta de Teresa são visíveis traços que a caracterizam como uma heroína romântica, nomeadamente a destruição a que foi conduzida por não abdicar do seu ideal amoroso («a morte é mais que uma necessidade, é uma misericórdia divina, uma bem-aventurança para mim», ll. 15-17); a abnegação («Todas as minhas angústias lhe ofereço em desconto das tuas culpas», ll. 19-21); a busca do absoluto, na sua certeza de que o encontrará na eternidade («À luz da eternidade parece-me que já te vejo, Simão!», ll. 24-25).
6. A cadeia, representada pelas grades, e o mar formam espaços antitéticos em que a clausura de um se opõe à liberdade sugerida pelo outro. Para Simão, a vida foi um espaço de clausura, repleta de regras e restrições e foi o seu espírito que, depois de lançado o corpo ao mar, cumpriu o objetivo e se tornou livre.

Ficha 7 (p. 47)

ALMEIDA GARRETT, VIAGENS NA MINHA TERRA

1. a) 1; b) 3; c) 2; d) 1; e) 3; f) 2; g) 3.
- 1.1 Cenário de respostas possíveis: Cap. I – Rumo ao Vale de Santarém; Cap. XLIV – Confissões de Carlos; Cap. XLIX – O regresso a Lisboa.
- 2.1 O excerto faz parte da carta que Carlos escreveu a Joanhina e que ocupa o cap. XLIV da obra.
3. A figura que enuncia o discurso neste excerto é Carlos.

4. Carlos refere-se a si próprio e às três jovens que faziam parte da família que o acolheu em Inglaterra.
5. Aquele tempo foi vivido de forma tão intensa que é como se, até aí, nada mais importasse; foi um tempo de novidade e de descoberta que faz a vida anterior parecer pouco interessante.
6. O narrador confessa-se pouco crédulo («eu ainda creio nas estrelas, e em pouco mais deste mundo creio já», ll. 3-4), espantado com os hábitos da rica e elegante civilização inglesa a que, no entanto, facilmente se consegue adaptar; sente-se, também, um pouco constrangido pelo facto de viver uma mentira – ele não era quem aparentava ser («No fundo de alma e de caráter eu não era aquilo por que me tomavam», ll. 11-12).
7. Carlos não se identifica com a sociedade inglesa representada pela família que o acolheu, estranhando os hábitos e considerando-a artificial; por outro lado, reconhece que aquele modo de vida lhe agradou e que facilmente se adaptou a ele.

Ficha 8 (p. 49)

ALMEIDA GARRETT, VIAGENS NA MINHA TERRA

- 1.1 O narrador sente-se desapontado, desiludido.
- 1.2 Na origem desta desilusão está o facto de o pinhal da Azambuja não corresponder ao que ele tinha imaginado; este deveria ser um arvoredado denso, frondoso, quase «medonho» e, no entanto, não passava de «Uns poucos de pinheiros raros e enfezados» (l. 37).
2. Neste capítulo, o narrador fala da criação literária como se se tratasse de uma receita de cozinha, em que se vão buscar os «ingredientes», neste caso, as personagens, as situações, os nomes, etc., aos «livros de receitas», ou seja, às criações literárias de outros e, no final, mistura-se tudo e... está criada uma obra literária.
- 2.1 O Romantismo é, aqui, caracterizado por uma natureza sombria e horrível (*locus horrendus*) – «os arvoredos fechados, os sítios medonhos» (l. 5) – e pela vontade de «dialogar» com o leitor – «Sim, leitor benévolo, e por esta ocasião te vou explicar» (ll. 8-9).
3. Ironia: «E aqui está como nós fazemos a nossa literatura original.» (ll. 34-35).
- 3.1 Após ter indicado a receita de como escrever um drama ou um romance e de ter deixado claro que tudo, na literatura portuguesa, é copiado daqui e dali, o narrador termina com a expressão contrária, referindo-se à «nossa literatura original» (l. 35).
4. A relação entre a realidade e a literatura que ocorre no texto pode ser ilustrado pelo pinhal da Azambuja aparecer aos olhos do narrador, exatamente, como o oposto daquilo que o escritor romântico ali esperava encontrar, ou, ainda, do processo de criação da escrita, que é aqui completamente «desmistificado» pelo próprio narrador, desmontando, dessa forma, a ideia que o leitor faz desse mesmo processo.
5. Sugestões: «Pois isto é possível, pois o pinhal da Azambuja é isto?...» (ll. 6-7); «Não senhor: a coisa faz-se muito mais facilmente. Eu lhe explico.» (ll. 20-21).

6. a) 4; b) 1 e 6; c) 1; d) 3.

Ficha 9 (p. 51)

ALEXANDRE HERCULANO, «A ABÓBADA»

- 1.1** O texto faz parte integrante do primeiro capítulo da obra, intitulado «Cego», coincidindo com o início da narrativa.
- 2.** A ação situa-se no reinado de D. João I, Mestre de Avis, no dia 6 de janeiro de 1401 e decorre junto ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória (ainda em construção), na Batalha.
- 2.1** Nos três primeiros parágrafos do texto, o narrador apresenta-nos um ambiente bucólico e verdejante e um clima ameno (formosíssimo) característico do inverno português. Este ambiente agradável transmite esperança e funciona como uma espécie de alimento para além da realidade («mais gratos que os do estio, porque são [dias] de esperança, e a esperança vale mais do que a realidade», ll. 5-6).
- 3.** Mestre Afonso Domingues, arquiteto inicialmente responsável pelo projeto do Mosteiro da Batalha.
- 4.** a) Mestre Afonso Domingues é-nos apresentado, tal como o Velho do Restelo, como um velho ancião («venerável de aspeto», l. 14) de longas barbas brancas. Apesar da cegueira, as suas feições faziam supor um nobre caráter: as suas faces «eram fundas, as maçãs do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva e o perfil do rosto quase perpendicular» (ll. 20-21). As rugas da testa provavam o «contínuo pensar» (l. 23) em que vivia.
- b) O Velho do Restelo opôs-se às aventuras marítimas dos portugueses porque a sua idade e experiência de vida lhe faziam prever grandes desastres e tormentas; também o Mestre Afonso Domingues, que tinha sido o autor inicial do projeto do mosteiro e que o conhecia como ninguém, se sentia amargurado pela sua substituição; ambos sentiram os seus «saberes» relegados e ignorados pelo poder.
- c) A tença é encarada pelo Mestre com azedume e enorme desprezo («Que a guarde em seu tesouro», l. 38) – se o rei não quer saber da sua experiência, da sua lealdade e do seu amor à Pátria, ele não quer saber das riquezas de el-rei, nem quer dele receber o que quer que seja.
- 5.** O ancião preferia que, em vez de dinheiro, o rei demonstrasse reconhecimento pelo seu mérito, empenho e fidelidade.
- 6.** Interrogação retórica usada para intensificar a ideia de que o rei reconheceu e deu o devido valor a Afonso Domingues.

Ficha 10 (p. 53)

ALEXANDRE HERCULANO, «A ABÓBADA»

- 1.1** **Texto A** – Mestre Ouguet; **Texto B** – O rei D. João I, Mestre de Avis, a sua comitiva e a multidão que assistia às cerimónias; **Texto C** – O rei D. João I e o arquiteto Afonso Domingues; **Textos D e E** – Mestre Afonso Domingues.

- 2.** O arquiteto irlandês Ouguet interrompe a cena, completamente transtornado e em delírio, levando o narrador a antecipar a queda da abóbada; era como se o mestre carregasse naquele momento, sobre si, o peso do horror de ver «desabar aquelas altíssimas e maciças arcarias» (ll. 6-7).
- 3.** Na origem do estrondo relatado, no texto B, esteve a efetiva queda da cúpula do Capítulo, terminada vinte e quatro horas antes.
- 4.** O texto C evidencia a mestria do arquiteto Afonso Domingues: ele estava tão seguro do seu trabalho que, ao saber que o seu projeto tinha sido alterado («soube que a traça primitiva fora alterada e que a juntura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado», ll. 8-9), teve a certeza que a cúpula ruiria («Sabia-o, senhor, antes do caso suceder», l. 4); por outro lado, evidencia, ainda, a sua humildade («meu fraco engenho», l. 7) e o orgulho que tinha no projeto que planeava («era a obra-prima da minha imaginação», l. 8).
- 4.1** Na base da convicção de Afonso Domingues estava a sua capacidade profissional e a certeza de que, ao alterar-se o que ele tinha planeado, o projeto não iria correr bem.
- 5.** Nos excertos D e E, Afonso Domingues surge como o herói que fora injustiçado e que vê o seu nome e a sua honra resgatados pelo rei, quando este lhe devolve o cargo; o sentimento nacional vem, mais uma vez, ao de cima ao exigir mão de obra nacional («os meus oficiais e obreiros portugueses; que português sou eu, portuguesa a minha obra», ll. 3-5) e, como o típico herói romântico, Domingues cede aos apelos do rei por amor à Pátria, abdicando do seu individualismo e da sua vida para atingir os seus ideais.
- 6.** A descrição é predominante no texto A. Antes do avanço definitivo e da reviravolta provocada pela queda da cúpula, a ação é interrompida pela entrada de Mestre Ouguet que é descrito em pormenor (aspeto, indumentária, atitude), com predomínio de adjetivos («cabelos desgrehados, boca torcida e coberta de espuma, olhos esgazeados», l. 3) e uso do pretérito imperfeito do indicativo («fazia», l. 4; «via», l. 6).
- 7.** Algumas marcas de estilo e linguagem: recursos expressivos – hipérbole («Um ruído, semelhante ao de cem bombardas», texto B, l. 1; e «convertido em estátuas essa multidão de povo», texto B, ll. 2-3); comparação («a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na imortalidade e na glória», texto D, ll. 6-8); afirmação do sentimento nacional («Que me restituam os meus oficiais e obreiros portugueses; que português sou eu, portuguesa a minha obra!», texto D, ll. 3-5); estruturação da obra a partir de factos reais (que o autor ficciona para fazer evoluir os seus heróis).

Ficha 11 (p. 55)

EÇA DE QUEIRÓS, OS MAIAS

- 1.1** Os três excertos integram a crítica de costumes: texto A – o jantar no Hotel Central, onde Ega organiza um jantar para homenagear o banqueiro Cohen; o texto B descreve os momentos finais das corridas de cavalos no Hipódromo (Belém); o texto C relata o encontro de João da Ega com Dâmaso, quando este é obrigado a retratar-se por ter mandado publicar, no jornal *A Corrida do Diabo*, uma carta difamatória contra Carlos.
- 2.** No texto A, fala-se de finanças e da situação económica do país que «ia alegremente e lindamente para a bancarrota» (ll. 11-12), criticando-se não só a classe política, mas também uma certa camada social que assiste impávida e serena ao descalabro do país, sem nada fazer para o impedir. O texto B critica a mentalidade provinciana e o cosmopolitismo forçado («linha postiça de civilização e a atitude forçada de decoro», ll. 3-4) reinantes na capital que, com o desejo de imitar o estrangeiro, facilmente caem no ridículo. Finalmente, o texto C deixa claro o clientelismo e a corrupção no mundo do jornalismo, que se presta a pequenas vinganças pessoais e políticas.
- 3.** A ação de qualquer um dos três excertos passa-se em Lisboa, espaço de vivência e de convívio social, representativo da nação portuguesa. Assim, a ação do texto A decorre no Hotel Central; o texto B, no hipódromo em Belém; o texto C, na zona do Aterro e em casa de Dâmaso.
- 4.** O poeta referido no texto A é Tomás de Alencar. Alencar é caracterizado como «antiquado», «artificial» e «lúgubre», estabelecendo-se uma analogia evidente com o movimento literário romântico. Também o seu aspeto desganhado e os «românticos bigodes grisalhos» se relacionam com o Romantismo.
- 5.** a) 3; b) 1; c) 2; d) 3; e) 2.

Ficha 12 (p. 57)

EÇA DE QUEIRÓS, OS MAIAS

- 1.1** O texto situa-se no momento em que a identidade de Maria Eduarda é desvendada a Carlos e este procura confirmar a verdade junto do avô – trata-se, portanto, do reconhecimento (anagnórise).
- 2.** A intriga principal sofre uma reviravolta profunda a partir deste momento: a descoberta da verdadeira identidade de Maria Eduarda vai originar a consumação de relacionamento incestuoso consciente por parte de Carlos, contribui para o desgosto e, provavelmente, acelera a chegada da morte para Afonso da Maia e muda, por completo, o destino de Carlos e de Maria Eduarda e do próprio Ega.
- 3.** a) O texto termina com a referência do velho Afonso da Maia à tragédia que se abatera sobre o filho Pedro e, anos mais tarde, sobre o neto Carlos; a primeira deixara-o «ferido», a segunda «esmagava-o».
- b) Neste texto estamos perante o reconhecimento (anagnórise) típico da tragédia clássica que pressagia o desenlace fatal (catástrofe); o ambiente exterior aumenta a angústia e o sofrimento (a chuva alagava o

jardim e batia nas vidraças); a alegria e boa-disposição («Afonso da Maia apareceu numa abertura do reposteiro, encostado à bengala, sorrindo todo», ll. 8-9), de um momento para o outro, passa a desespero («ficou como esmagado e sem força», ll. 24-25); a referência a um destino implacável (fado) que vencia, em definitivo, a família («vencido enfim por aquele implacável destino», ll. 53-54).

c) Carlos da Maia era um ser superior, pela linhagem, pela formação e pelo ambiente social em que se movimentava; vivia feliz e despreocupado, apaixonado por uma bela mulher; com o evoluir da ação, o herói começa a dar-se conta da pequenez/mesquinhez da sociedade lisboeta e cai em transgressão quando, mesmo depois de saber quem é Maria Eduarda, não se afasta dela. Desafia as convenções sociais e o destino mas acaba vencido por este: perde o avô e perde a paixão da sua vida.

- 4.** Uso expressivo do advérbio: «E Ega, miudamente, contou a sua longa, terrível conversa com o Guimarães» (l. 1); «respirando penosamente» (ll. 22-23). Recurso ao discurso indireto livre: «Ele nada sabia... O que a Monforte ali assegurava, ele não podia destruir...» (ll. 26-27). Uso do expressivo do adjetivo: «As palavras por fim vieram-lhe apagadas, morosas» (ll. 25-26).

Ficha 13 (p. 59)

EÇA DE QUEIRÓS, A ILUSTRE CASA DE RAMIRES

- 1.1** Resposta pessoal (sugestões: Um susto de morte; A galbarolice do Fidalgo; ...).
- 2.** Neste excerto, algo ou alguém fez com que o Fidalgo da Torre apanhasse um susto de morte, deixando-o tão aterrorizado que ele se refugiou num «esconderijo de rama e pedra» (l. 7) até não ouvir o menor ruído à sua volta. Só assim teve coragem para sair e, numa correria desenfreada e ainda dominado pelo pânico, dirigiu-se para casa. Quando aí chegou, deu ares de grande bravura, exagerou os seus feitos e atemorizou ele os serviços.
- 2.1** No segundo parágrafo do texto, é possível identificarmos o Casco como agente perturbador, aquele que provocou o pânico e aterrorizou o fidalgo («Pois que dois homens corressem com paus ou enxadas – e ainda colhiam o Casco na estrada, o malhavam como uma espiga», ll. 24-25).
- 3.** A ação decorre junto ao muro da propriedade da Torre («Gonçalo Mendes Ramires correu à cancela entalada nos velhos umbrais de granito, saltou por sobre as tábuas mal pregadas, enfiou pela latada que orla o muro», ll. 1-3) e vai avançando pela vinha, junto aos milheirais, no pomar e, finalmente, no pátio da casa, junto à porta da cozinha.
- 3.1** A Torre é uma fortaleza que, segundo o narrador é «negra e de mil anos» (l. 18); portanto, trata-se de um reduto que tem passado de geração em geração, forte e seguro, capaz de enfrentar as mais duras tormentas. Já Gonçalo Ramires é um fidalgo fraco e covarde, a quem a mais ligeira ameaça deixa aterrorizado.

4. No início do excerto encontramos um protagonista acochado e aterrorizado, correndo desenfreado para fugir (da nobreza de caráter) do Casco; a partir do momento em que começa a sentir-se protegido pela propriedade, o pânico dá lugar à cólera (por ninguém o ter ajudado) que descarrega, finalmente, sobre os mais fracos e desprotegidos – os empregados; finalmente, recupera a sua «valentia», por um lado, face à submissão dos outros, por outro, porque se sente protegido pelo espaço que o rodeia. Nessa altura, recompõe-se e assume um ar quase paternal.
5. O Fidalgo da Torre é um homem pouco corajoso que foge como uma «lebre acoçada» (l. 4), incapaz de enfrentar o perigo (só o silêncio o convenceu a sair do esconderijo), mas que gosta de se gabar, a quem apraz o poder e a altivez. Senhor de grandes cóleras («Toda a cólera do Fidalgo rompeu», l. 29), mas também de brandura reconfortante, Gonçalo acha-se superior, mas não deixa de transmitir uma certa simpatia («Gonçalo [...] amansava», ll. 37-38).
6. A condição de nobre, descendente de uma classe social forte e determinada surge em oposição ao comportamento covarde e ao medo aterrorizador com que enfrenta os mais inofensivos obstáculos, como foge e se esconde.
7. a) 5; b) 6; c) 2; d) 1; e) 3.

Ficha 14 (p. 61)

EÇA DE QUEIRÓS, A ILUSTRE CASA DE RAMIRES

- 1.1 O excerto anterior localiza-se no final da obra e corresponde à parte final do último capítulo do romance.
2. No segundo parágrafo do texto, uma das personagens do romance, João Gouveia, cita, com algumas hesitações e recurso à memória, um excerto da novela escrita pelo protagonista, Gonçalo Mendes Ramires, intitulada *A Torre de D. Ramires*.
- 2.1 Os dois planos narrativos, o da novela e o do romance, são paralelos mas contrastivos entre si: através da escrita de Gonçalo Ramires surgem os valores do passado – honra, lealdade, bravura – em oposição aos valores encarnados pelo próprio protagonista, que viveu uma parte da sua vida dominado pelo medo, pela covardia, pelo desrespeito da palavra, da honra e até do orgulho. Em termos de correntes literárias, podemos afirmar que Eça conseguiu, num único romance, fazer coexistir o Romantismo (do passado, glorioso e heroico) com o Realismo (do presente, decadente e desleixado).
3. Gonçalo Ramires é descrito como um ser paradoxal, capaz de grandes contradições: pouco persistente, por um lado, mas teimoso e casmurro, por outro; franco, doce e possuidor de um grande e bom coração; generoso e desleixado, sem grande vocação para os negócios, mas dono de uma fértil imaginação que chega a confundir-se com mentira. O fidalgo é, ainda, inteligente, de espírito vivo e sagaz, capaz das maiores vaidades e, simultaneamente, da maior simplicidade. Embora de espírito melancólico, não deixa de ser um sonhador e apesar de alguma covardia e insegurança, consegue tomar grandes decisões.

4. Os três amigos de que se fala são os companheiros de sempre de Gonçalo Ramires: Titó (António Vilalobos), Videirinha e João Gouveia.
5. O autor vê em Portugal um país quase moribundo, mas capaz de grandes feitos e com esperança em algum milagre que recupere a glória dos gloriosos tempos passados; tal como acontece com Gonçalo, ao longo do romance, Eça de Queirós acredita na capacidade do país se reerguer e regenerar.
6. Enumerações: «a franqueza, a doçura, a bondade» (ll. 29-30)...; uso expressivo de formas verbais: «para que o Sr. Administrador se alastrasse confortavelmente» (ll. 13-14); uso expressivo do adjetivo: «apesar de tão palrador, tão sociável» (l. 38).

Ficha 15 (p. 63)

ANTERO DE QUENTAL, SONETOS COMPLETOS

- 1.1 O poema pode ser dividido em duas partes distintas: a primeira constituída pelas duas quadras e a segunda pelos dois tercetos.
- 1.2 Na primeira sequência, o sujeito poético evoca a noite e caracteriza-a por oposição ao dia, onde predominam a «luz cruel» (v. 2), a «agonia» (v. 3) e os «ásperos tormentos» (v. 4), ou seja, o mal. Na segunda parte, o sujeito poético manifesta o desejo de que a noite, «caindo sobre o mundo» (v. 11), possa libertá-lo (adormecê-lo) de todo esse mal.
2. O sujeito poético dirige-se à noite; esse apelo é visível no uso do vocativo «Noite» (v. 1), na presença explícita do pronome pessoal de segunda pessoa («Tu», v. 5; «Em ti», v. 8) ou, ainda, na segunda pessoa das formas verbais «abafas» (v. 5), «adormecesses» (v. 9)...
3. No último verso do poema é evidente a conotação de noite com morte, pois esta não é uma noite qualquer, é uma noite «sem termo», uma noite do «Não-ser», o fim definitivo de todas as adversidades. Estamos, portanto, perante uma metáfora da morte.
4. O dia surge associado às lutas estereis («estéril lutar», v. 3), ao sofrimento («agonia», v. 3) e à inutilidade de tudo isso («inúteis tantos ásperos tormentos», v. 4), enquanto a noite aparece como a possibilidade de descanso e esquecimento («O eterno Mal [...] / Em ti descansa e esquece», vv. 7-8).
5. Nos dois tercetos, o sujeito poético manifesta o desejo de que, sobre o Mundo, caia uma noite eterna que termine com tantas lutas inglórias – as que o atormentam a si próprio e as do Mundo, em geral; ele desejava que «o mundo, sem mais lutar nem ver, / Dormisse» (vv. 12-13).
6. Nas duas quadras é usado o presente do indicativo para indicar a realidade, os factos de que se parte, enquanto nas duas estrofes finais se recorre ao imperfeito do conjuntivo para realçar o caráter hipotético e o desejo de concretização de uma ideia.
- 7.1 A nível temático são visíveis a angústia existencial e a ideia da libertação através da morte; a nível formal trata-se de um soneto, composição característica da poesia de Antero.

8. C.

Ficha 16 (p. 65)

ANTERO DE QUENTAL, *SONETOS COMPLETOS*

1. A primeira parte do soneto ocupa as duas quadras, enquanto os dois tercetos constituem a segunda parte lógica do poema.
- 1.1 Na primeira parte, o sujeito poético define a mulher que não adora: ele não é atraído pela beleza de Vénus, nem pelas «artimanhas» de Circe, nem mesmo pela forte e combativa Amazonas. Na segunda parte, ele apresenta o seu ideal feminino, que não passa de uma visão, fruto da solidão e do desejo.
2. Ao identificar as características da mulher que não aprecia, o sujeito poético está, automaticamente, a definir o seu ideal feminino: que corresponde a uma mulher que não se comporte como uma «mulher fatal», efusivamente bela e traiçoeira («Não é a Circe, cuja mão suspeita / Compõe filtros mortais entre ruínas», vv. 5-6).
3. Pela afirmativa, o sujeito poético dá-nos conta que o seu ideal feminino é algo de indefinido, uma visão, uma miragem que apenas pode ser adorada à distância («não atino / Com o nome que dê a essa visão», vv. 9-10; «É como uma miragem», v. 12).
4. Podemos afirmar que a mulher ideal é um ser inatingível, pois trata-se apenas de uma miragem projetada pelo sujeito poético, em resultado do seu próprio desespero ou solidão; é reconhecida como uma «visão, / Que ora amostra ora esconde» o seu destino. (vv. 10-11)
5. Esta definição de ideal resulta de um estado de alma solitário («É como uma miragem [...] / que nasceu na solidão», vv. 12-13); a mulher ideal é identificada com uma nuvem que ora aparece ora se esconde, tanto a si própria, como ao destino, e é nesta mutação constante que reside a incerteza do sujeito poético.
6. Sugestões: **a)** «lânguidas, divinas» (v. 3); **b)** «ora amostra ora esconde» (v. 11); **c)** «Nuvem, sonho» (v. 14); **d)** «É como uma miragem» (v. 12).

Ficha 17 (p. 67)

CESÁRIO VERDE, «O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL»

1. Na terceira estrofe, o sujeito poético manifesta o desejo de fuga para outras cidades, uma vez que visão da cidade de Lisboa ao anoitecer é configurada como sombria e melancólica, despertando no «eu» o desejo masoquista de sofrer: «Nas nossas ruas, ao anoitecer, / Há tal soturnidade, há tal melancolia, / Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia / Despertam um desejo absurdo de sofrer.» (vv. 1-4). Este desconforto é adensado por uma sensação de claustrofobia («O céu parece baixo e de neblina», v. 5) e pelas náuseas causadas pelo gás que era libertado pelos candeeiros da iluminação pública («O gás extravasado enjoina-nos, perturba», v. 6).

2. A quarta estrofe é construída com base na comparação. Em primeiro lugar, a estrutura de madeira das casas é assemelhada a uma gaiola – imagem que está associada não apenas à gaiola pombalina (estrutura utilizada nas construções da Baixa lisboeta), mas também à sensação de aprisionamento provocada pelo espaço urbano no sujeito poético. Em segundo lugar, os «mestres carpinteiros» (v. 16) são comparados a morcegos que «[s]altam de viga em viga» (v. 16). Deste modo se dá conta da agilidade destes elementos da classe trabalhadora. No entanto, esta associação vem também contribuir para reforçar a dimensão soturna que é conferida a Lisboa, uma vez que os morcegos são animais simbolicamente associados às trevas.
3. Na sexta estrofe, o sujeito poético evoca a época dos Descobrimentos («crónicas navais», v. 21), mostrando nostalgia por um período glorioso e mágoa por não ter podido experienciá-lo: «Singram soberbas naus que eu não verei jamais!» (v. 24). A admiração pelo período das Descobertas é evidenciada através da utilização das exclamações nos versos 22 a 24, da referência aos «heróis» (v. 22), da caracterização das naus como «soberbas» (v. 24) e da alusão ao facto de *Os Lusíadas* terem sido salvos por Camões na sequência de um naufrágio: «Luta Camões no Sul, salvando um livro, a nado!» (v. 23). Deste modo se homenageia o poeta épico (de notar que «O Sentimento dum Ocidental» foi publicado em 1880, no âmbito das comemorações do tricentenário da morte de Camões), bem como a época que este celebra na sua obra.
4. Na quinta estrofe e nas estrofes 7 a 11 é estabelecido um contraste entre as classes altas e as classes baixas da sociedade portuguesa, sendo as primeiras caracterizadas como ociosas e as segundas como profundamente ativas. Na sétima estrofe, é feita referência aos «hotéis da moda» (v. 28), onde os elementos das classes mais elevadas se limitam a jantar: «Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda» (*idem*). Também os elementos da burguesia são marcados pela inação: os dentistas limitam-se a conversar («Num trem de praça arengam dois dentistas», v. 29) e os lojistas mostram-se entediados à porta dos seus estabelecimentos comerciais («Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!», v. 32). Em contrapartida, na quinta estrofe, o sujeito poético descreve os calafates como figuras que regressam do seu posto de trabalho «enfarruscad[a]s, sec[a]s» (v. 18), adjetivos que evidenciam o carácter extenuante da sua profissão. Na nona estrofe, as «obreiras» (v. 34), isto é, as operárias, também são descritas como rápidas, vitalidade que é salientada através do contraste com o movimento lento das águas do rio: «Reluz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras» (*idem*). Finalmente, é conferido um enorme destaque às varinas, que, sendo «hercúleas» (v. 35), têm «ancas opulentas» (v. 37) e «trancos varonis» (v. 38). Esta imagem de força e de saúde é reforçada pelo facto de correrem «com firmeza» (v. 36). Apesar de se mostrarem alegres («galhofeiras», v. 35), estas figuras têm uma vida extremamente dura, marcada

pela morte e pela miséria: «E algumas, à cabeça, embalam nas canastras / Os filhos que depois naufragam nas tormentas. // Descalças! Nas descargas de carvão, / Desde manhã à noite, a bordo das fragatas; / E apinham-se num bairro aonde miam gatas, / E o peixe podre gera os focos de infeção!» (vv. 39-44).

O contraste entre o ócio das classes dominantes e duro trabalho das classes mais baixas vem salientar a injustiça de uma sociedade em que aqueles que funcionam como motor de desenvolvimento acabam por viver mergulhados na miséria.

Ficha 18 (p. 69)

CESÁRIO VERDE, «O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL»

1. O recurso expressivo é a apóstrofe e o seu objetivo é salientar o facto de as prostitutas serem figuras que, por estarem carregadas de doenças, contribuem para a degradação da sociedade. O adjetivo «moles» vai ao encontro do verbo utilizado no verso anterior para descrever o modo como estas personagens andam: «arrastam-se» (v. 2). Desta forma se sublinha a sua falta de vitalidade e, consequentemente, a decadência que as caracteriza.
2. Na segunda estrofe desta parte do poema, o sujeito poético procede à transfiguração poética do real, convertendo a rua cheia de lojas que observa numa catedral imensa. É possível considerar que este processo tem o objetivo de criticar o facto de o materialismo que caracterizava a sociedade da época ter levado os grandes centros de consumo a adquirirem um estatuto como que sagrado.
3. Nesta parte de «O Sentimento dum Ocidental» – e à semelhança do que sucede no resto do poema –, é estabelecido um contraste profundo entre as classes sociais altas e baixas.
No que diz respeito às classes privilegiadas, as primeiras figuras a serem referidas são as «burguesinhas do catolicismo» (v. 9). É possível associar a utilização do diminutivo a um tom pejorativo, uma vez que o «eu» afirma posteriormente que estas figuras «[r]esvalam pelo chão minado pelos canos» (v. 10). A transfiguração poética do real que se verifica neste passo pode ser interpretada como uma alusão ao facto de a sociedade aparentemente sólida em que estas personagens se enquadram ter, à semelhança do piso em que estas se deslocam, várias falhas ocultas. De salientar ainda o facto de estas figuras femininas serem associadas às «freiras que os jejuns matavam de histerismo» (v. 12). Desta forma, o sujeito poético relaciona tanto a burguesia como o catolicismo com uma face doentia da sociedade.
O «eu» observa posteriormente uma figura feminina da alta sociedade que se encontra a fazer compras. Apesar de se sentir atraído por ela («Sua excelência atrai, magnética, entre o luxo», v. 27), descreve-a como uma «grande cobra» (v. 25), evidenciando assim um misto de atração e de repulsa em relação a esta personagem. O facto de posteriormente fazer referência a uma «velha, de bandós» (v. 29) pode ser

interpretado como uma antevisão do processo de envelhecimento que inevitavelmente se abaterá sobre a mulher por quem se sente atraído – evidenciando-se, desta forma, que também esta figura perderá inexoravelmente os seus traços sedutores.

No que concerne às classes mais baixas da sociedade, na quarta estrofe, estas são associadas a uma série de sensações positivas (visuais, táteis e olfativas): «Num cuteleiro, de avental, ao torno, / Um forjador maneja um malho, rubramente; / E de uma padaria exala-se, inda quente, / Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.» (vv. 13-16). Deste modo, o povo é apresentado como a classe trabalhadora e, consequentemente, como a força motriz da sociedade. No entanto, as restantes figuras populares descritas nesta parte do poema vivem na mais profunda miséria. Com efeito, as prostitutas são descritas como «moles hospitais», expressão que salienta o carácter doentio da sua profissão e a degradação em que vivem. Além disso, a referência a «[u]m sopro que arrepiava os ombros quase nus» (v. 4) sublinha o frio e o desconforto que marcam a sua existência. Também o «ratoneiro imberbe» (v. 20) que contempla as vitrines vem destacar o contraste entre o luxo das lojas e a pobreza daquele que as observa. De salientar ainda a referência ao «cauteleiro rouco» (v. 39), cuja falta de voz evidencia o cansaço decorrente da necessidade de apregoar permanentemente o produto que vende. Finalmente, o caso mais pungente é o do antigo professor de Latim do «eu», que se encontra a pedir esmola na rua: «E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso, / Pede-me esmola um homenzinho idoso, / Meu velho professor nas aulas de latim!» (vv. 42-44).

Assim, através da descrição das classes mais baixas, o sujeito poético, por um lado, salienta o seu carácter trabalhador e, por outro, critica a sociedade profundamente estratificada em que vive, na qual as classes mais altas têm acesso a todo o tipo de luxos, enquanto as classes mais baixas vivem em condições precárias – inclusivamente aqueles que têm formação, como é o caso do professor.

GRAMÁTICA

Ficha 1 (p. 71)

PROCESSOS FONOLÓGICOS

1. a) F – sonorização; b) V; c) F – vocalização; d) F – assimilação; e) V; f) F – síncope.
2. 1. c) G; 2. g) F; 3. d) B; 4. b) D; 5. a) A; 6. f) C; 7. e) E.
3. a) síncope; b) vocalização; c) palatalização; d) sonorização; e) crase; f) metátese; g) assimilação; h) prótese; i) palatalização; j) metátese; k) prótese; l) dissimilação; m) vocalização; n) prótese; o) metátese; p) palatalização.
4. a) 2; b) 12; c) 13; d) 14; e) 11; f) 9; g) 12; h) 10; i) 1; j) 1; k) 6; l) 10; m) 12; n) 12; o) 8.

Ficha 2 (p. 73)

ETIMOLOGIA (VALOR SEMÂNTICO DO ÉTIMO, PALAVRAS DIVERGENTES E CONVERGENTES)

1. a) aeroporto; b) antropologia; c) audiolivro; d) autômato; e) avicultor; f) bélico; g) bibliografia; h) biologia; i) circum-navegação; j) contrapor; k) cosmógrafo; l) cromático; m) cronómetro; n) demografia; o) ditongo; p) etnologia; q) herbanário; r) infra-humano; s) intra-abdominal; t) multusos; u) onipotente; v) piscívoro; w) pluricelular; x) silvícola; y) superabundância; z) transcontinental.
2. 1. c) B; 2. d) D; 3. e) C; 4. a) A; 5. g) E; 6. b) H; 7. f) I; 8. h) J; 9. i) F; 10. k) G; 11. l) L; 12. n) N; 13. j) O; 14. o) M; 15. m) K.
3. a) palavras convergentes; b) palavras divergentes; c) palavras convergentes; d) palavras divergentes.

Ficha 3 (p. 75)

CLASSES DE PALAVRAS

1. mãe – materno/maternal; brancura – branco; altivez – altivo; dignidade – digno; bondade – bondoso; sono – sonolento; lentidão – lento; tolerância – tolerante; sedução – sedutor; compaixão – compassivo; admiração – admirável.
 2. a) elegância, felinos, visitantes, alunos, desempenho; b) surpreendia, comunicaram, iriam, estava; c) seguinte, cheia, primeiro, sapientíssimo; d) não, mais, tarde, apenas, abruptamente, onde, muito; e) Eles, nos, lhe, Alguém, que (h), Que (i); f) todos, alguns, ambas, todas, muitas; g) por, a, de; h) que (b), se, que (l), como; i) os, A, Aquela, O, seus.
- 3.1 a) pronome interrogativo; b) pronome relativo;
 - 3.2 a) advérbio de quantidade e grau; b) quantificador existencial; c) pronome indefinido;
 - 3.3 a) advérbio de predicado (com valor temporal); b) conjunção coordenativa conclusiva.
 - 3.4 a) conjunção subordinativa temporal; b) advérbio de predicado (valor de modo); c) nome comum.
 - 3.5 a) advérbio de predicado (valor de modo); b) nome comum.

3.6 a) pronome indefinido; b) nome comum; c) quantificador existencial; d) advérbio de quantidade e grau.

3.7 a) pronome interrogativo; b) quantificador relativo; c) quantificador interrogativo.

Ficha 4 (p. 77)

FUNÇÕES SINTÁTICAS I (SUJEITO, PREDICADO, VOCATIVO)

1. a) 1; b) 3; c) 1; d) 1; e) 1; f) 4; g) 4; h) 1; i) 2; j) 1.
2. a) F – Desempenha a função sintática de complemento direto; b) F – O predicado é «Durante vários meses [...] o ajudaram na realização das suas tarefas.»; c) V; d) F – O predicado é «foi galardoado com vários prémios no ano passado»; e) V; f) F – O sujeito é «A organização de vários eventos da área do desporto»; g) F – O vocativo é «Caros membros da associação de estudantes da Faculdade de Direito».
3. a), e), f).
4. a) Durante vários meses, percorremos o continente asiático a pé. b) será dedicado ao cinema.; c) Participámos na prova com muito entusiasmo.; d) foram surpreendidos em flagrante delito.; e) No mês passado, entraram na empresa.; f) treinavam intensivamente para a prova.; g) Naquele dia, ficámos em casa por causa de uma forte tempestade.; h) Vim para Lisboa de comboio.; i) ensaiavam todos os dias a nova coreografia.; j) Ao longo da minha vida, sempre confiei nos meus amigos. k) Coloca a jarra na mesa.

Ficha 5 (p. 79)

FUNÇÕES SINTÁTICAS II (COMPLEMENTOS DO VERBO, PREDICATIVO DO SUJEITO, PREDICATIVO DO COMPLEMENTO DIRETO E MODIFICADOR – DO GRUPO VERBAL)

1. a) 1; b) 4; c) 1; d) 3; e) 6; f) 2; g) 7; h) 5; i) 6; j) 3; k) 5; l) 3.
2. a) F – modificador (do grupo verbal); b) F – predicativo do complemento direto; c) V.
3. a) 1; b) 3; c) 2; d) 4; e) 5; f) 5; g) 1.

Ficha 6 (p. 81)

FUNÇÕES SINTÁTICAS III (MODIFICADORES DO NOME E COMPLEMENTO DO NOME)

1. a) 1; b) 2; c) 1; d) 3; e) 1; f) 2; g) 1; h) 2; i) 1; j) 2; k) 1; l) 1; m) 3; n) 2.
2. a) «profundamente satisfeito» – modificador do nome apositivo; b) «das tarefas» – complemento do nome; c) «dos Açores» – complemento do nome; d) «da Marta» – complemento do nome; e) «onde o guia os aguardava» – modificador do nome apositivo; f) «preto» – modificador do nome restritivo; g) «onde moro» – modificador do nome restritivo; h) «de que te falei» – modificador do nome restritivo; i) «de nos perdermos na floresta» – complemento do nome; j) «dos alunos» – complemento do nome; k) «que

fizeste» – modificador do nome restritivo; **l)** «do relatório» – complemento do nome.

- 3.** **a)** modificador do nome apositivo; **b)** complemento do nome; **c)** complemento do nome; **d)** modificador do nome restritivo; **e)** complemento do nome; **f)** complemento do nome; **g)** complemento do nome; **h)** complemento do nome; **i)** complemento do nome; **j)** modificador do nome restritivo.

Ficha 7 (p. 83)

FUNÇÕES SINTÁTICAS IV (MODIFICADORES DO NOME, COMPLEMENTO DO NOME E COMPLEMENTO DO ADJETIVO)

- 1.** **a)** F – complemento do nome; **b)** V; **c)** F – que visitámos; **d)** F – complemento do adjetivo; **e)** F – complemento do nome; **f)** V; **g)** V.

- 2.** **a)** 4; **b)** 3; **c)** 2; **d)** 4.

- 3.** **a)** complemento do adjetivo; **b)** complemento do nome; **c)** complemento do nome; **d)** complemento do adjetivo; **e)** modificador do nome apositivo; **f)** complemento do adjetivo; **g)** complemento do nome; **h)** complemento do adjetivo; **i)** complemento do nome; **j)** complemento do nome; **k)** modificador do nome restritivo; **l)** complemento do adjetivo; **m)** complemento do nome; **n)** modificador do nome restritivo; **o)** complemento do adjetivo; **p)** modificador do nome apositivo; **q)** complemento do adjetivo; **r)** modificador restritivo do nome.

Ficha 8 (p. 85)

FUNÇÕES SINTÁTICAS (GLOBAL)

- 1.** **a)** F – sujeito; **b)** V; **c)** F – complemento direto.

- 2.** **a)** modificador do nome apositivo; **b)** sujeito; **c)** complemento do nome; **d)** complemento direto; **e)** modificador do nome restritivo; **f)** complemento do adjetivo; **g)** predicado; **h)** complemento direto; **i)** modificador (do grupo verbal); **j)** predicativo do sujeito; **k)** vocativo; **l)** complemento oblíquo; **m)** predicativo do complemento direto.

- 3.** **a)** 1; **b)** 1; **c)** 3; **d)** 5; **e)** 4; **f)** 1.

Ficha 9 (p. 87)

ORAÇÕES COORDENADAS

- 1.** **a)** 4; **b)** 5; **c)** 7; **d)** 6; **e)** 3; **f)** 2; **g)** 3; **h)** 6; **i)** 8; **j)** 2; **k)** 7; **l)** 3; **m)** 1.

- 2.** **a)** «por conseguinte faremos a viagem por um percurso alternativo» – oração coordenada conclusiva; **b)** «Nem trabalhei» – oração coordenada copulativa; «nem descansei» – oração coordenada copulativa; **c)** «Tanto concordavam comigo» – oração coordenada copulativa; «como discordavam de mim» – oração coordenada copulativa; **d)** «ou precisas de ajuda» – oração coordenada disjuntiva; **e)** «porém ninguém ma abriu» – oração coordenada adversativa; **f)** «por isso esforçar-me-ei mais um pouco» – oração coordenada conclusiva; **g)** «que eu não suporto mentiras» – oração coordenada explicativa; **h)** «pus a

mesa» – oração coordenada assindética; «e acendi as velas» – oração coordenada copulativa.

- 3.** **a)** Não só fomos a Paris, como também visitámos Londres. **b)** Ou comes o pudim ou escolhes a salada de fruta. **c)** Trouxe vários brinquedos para as crianças e comprei-te um livro. **d)** Estas flores são lindas, portanto vou oferecê-las às minhas amigas. **e)** O seu discurso foi longo, porém todos o escutaram com atenção. **f)** Fui à praia, apanhei vários búzios e fiz um colar. **g)** Entrega a encomenda o mais rapidamente possível, que esta deveria ter chegado ontem ao seu destino.

- 4.** **a)** Entrei na sala, acendi as luzes e liguei o rádio. **b)** Trabalhei muito, portanto vou ter um bom resultado. **c)** Não só fiz um bolo, como também encomendei um gelado. **d)** Não faças barulho, que o bebé está a dormir. **e)** Ora sorria, ora chorava.

Ficha 10 (p. 89)

SUBORDINAÇÃO (ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS)

- 1.** **a)** F – oração subordinada adverbial condicional; **b)** F – oração subordinada adverbial causal; **c)** V; **d)** F – oração subordinada adverbial concessiva; **e)** V; **f)** oração subordinada adverbial consecutiva; **g)** V.

- 2.** **a)** «Por mais que falasse» – oração subordinada adverbial consecutiva; «ninguém o ouvia» – oração subordinante; **b)** «O filme era muito interessante» – oração subordinante; «de maneira que todos o viram em silêncio» – oração subordinada adverbial consecutiva; **c)** «Não poderei começar a leitura do texto» – oração subordinante; «sem que todos os alunos abram o livro» – oração subordinada adverbial condicional; **d)** «Eles trouxeram tantos convidados» – oração subordinante; «que a sala se encheu» – oração subordinada adverbial consecutiva; **e)** «Fiz tudo» – oração subordinante; «como me tinhas pedido» – oração subordinada adverbial casual; **f)** «a estrada está cortada» – oração subordinante; «a fim de que os carros não fiquem atolados na lama» – oração subordinada adverbial final; **g)** «contanto que tragas umas botas» – oração subordinada adverbial condicional; «poderás fazer a caminhada connosco» – oração subordinante.

- 2.** **a)** 1; **b)** 2; **c)** 2; **d)** 1; **e)** 5; **f)** 3; **g)** 4.

Ficha 11 (p. 91)

SUBORDINAÇÃO (ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS)

- 1.** **a)** F – «em que nos encontramos»; **b)** F – «Na zona [...] há muitos jardins»; **c)** V; **d)** F – «a quem contei a verdade».

- 1.1** **a)** oração subordinada adjetiva relativa restritiva; **b)** oração subordinada adjetiva relativa restritiva; **c)** oração subordinada adjetiva relativa restritiva; **d)** oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

- 2.** **a)** oração subordinada adjetiva relativa explicativa; **b)** oração subordinada adjetiva relativa explicativa; **c)** oração subordinada adjetiva relativa restritiva;

- d) oração subordinada adjetiva relativa restritiva;
- e) oração subordinada adjetiva relativa explicativa;
- f) oração subordinada adjetiva relativa restritiva;
- g) oração subordinada adjetiva relativa restritiva;
- h) oração subordinada adjetiva relativa explicativa;
- i) oração subordinada adjetiva relativa restritiva;
- j) oração subordinada adjetiva relativa explicativa.

3. a) «de que te falei no outro dia» – oração subordinada adjetiva relativa restritiva; «A livreria [...] fica no outro lado da rua» – oração subordinante; b) «em que me tornei adulto» – oração subordinada adjetiva relativa restritiva; «fiz a minha primeira viagem pela Europa» – oração subordinada adjetiva relativa restritiva; c) «O Miguel [...] ofereceu-se para nos ajudar» – oração subordinante; «cujo trabalho tem muita qualidade» – oração subordinada adjetiva relativa explicativa; d) «O público [...] saudou com entusiasmo a chegada da banda» – oração subordinante; «que estava ansioso pelo início do concerto» – oração subordinada adjetiva relativa explicativa; e) «No país [...] havia uma cordilheira impressionante» – oração subordinante; «que visitámos» – oração subordinada adjetiva relativa restritiva; f) «O enigma [...] tinha intrigado vários cientistas ao longo dos séculos» – oração subordinante; «cuja solução foi agora descoberta» – oração subordinada adjetiva relativa restritiva; g) «O local [...] já tinha sido explorado várias vezes» – oração subordinante; «onde foi encontrado o tesouro» – oração subordinada adjetiva relativa restritiva.
4. a) No café onde eles estão, há uma esplanada. b) O António, que é um melómano, comprou um piano. c) Este realizador, cujo último filme é absolutamente admirável, ganhou um prémio. d) O Manuel, que é um apreciador de pintura, ofereceu-nos convites para a exposição. e) As poucas pessoas a quem a informação foi transmitida divulgaram-na através da internet. f) Este livro de que te falei foi recentemente galardoado com um prémio. g) Coimbra, onde estou a viver neste momento, é uma cidade cheia de tradições.

Ficha 12 (p. 93)

SUBORDINAÇÃO (ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS)

1. a) oração subordinada substantiva completiva; b) oração subordinada substantiva completiva; c) oração subordinada substantiva completiva; d) oração subordinada substantiva relativa; e) oração subordinada substantiva relativa; f) oração subordinada substantiva completiva; g) oração subordinada substantiva completiva; h) oração subordinada substantiva relativa; i) oração subordinada substantiva relativa; j) oração subordinada substantiva completiva; k) oração subordinada substantiva relativa; l) oração subordinada substantiva relativa; m) oração subordinada substantiva completiva; n) oração subordinada substantiva completiva.
2. a) «Ele duvidava sempre» – oração subordinante; «de quem não era sincero» – oração subordinada

substantiva relativa; b) «Por várias vezes, procurámos» – oração subordinante; «abrir a porta» – oração subordinada substantiva completiva (não finita); c) «As crianças pediram» – oração subordinante; «para ficar mais um pouco na festa» – oração subordinada substantiva completiva (não finita); d) «Quem passava por ali» – oração subordinada substantiva relativa; «raramente reparava naquele pormenor» – oração subordinante; e) «Ela tinha vontade» – oração subordinante; «de fazer uma caminhada mais longa no ano seguinte» – oração subordinada substantiva completiva (não finita); f) «Ela defendia» – oração subordinante; «quem a ajudava no seu projeto» – oração subordinada substantiva relativa; g) «É urgente» – oração subordinante; «que as obras se iniciem» – oração subordinada substantiva completiva; h) «Todos adoravam» – oração subordinante; «ouvir as suas histórias» – oração subordinada substantiva completiva (não finita); i) Eles perguntaram-nos – oração subordinante; «se tínhamos sede» – oração subordinada substantiva completiva; j) «Os jogadores estavam convictos» – oração subordinante; «de que, naquele ano, a sua equipa venceria o torneio» – oração subordinada substantiva completiva; k) «Os alunos garantiram-me» – oração subordinante; «que ninguém levava o livro» – oração subordinada substantiva completiva; l) «Chegámos» – oração subordinante; «onde queríamos» – oração subordinada substantiva relativa; m) O professor ia respondendo – oração subordinante; «a quem lhe colocava dúvidas» – oração subordinada substantiva relativa; n) «Comprometemo-nos» – oração subordinante; «a cumprir os prazos estipulados» – oração subordinada substantiva completiva.

3. a) Quem se esforçou ao máximo conseguiu ultrapassar todos os obstáculos. b) As crianças juraram que se ajudariam sempre umas às outras. c) Os alunos perguntaram ao professor se ele gostava de chocolate. d) Eles telefonavam a quem se sentia solitário. e) Ele começou a procurar os óculos onde os tinha visto pela última vez.
4. a) Ele ordenou que todas as portas fossem abertas. b) Oferecemos as rosas a quem as merecia. c) Quem desejar pode repetir a refeição. d) Nem todos partilham a convicção de que a equipa será derrotada neste jogo. e) É imprescindível que não desistas. f) Creio que todos juntos conseguiremos vencer a prova. g) Temos pena de que eles não venham ao passeio. h) Eles deixaram o livro onde o tinham encontrado. i) Não sabemos se o filme já começou. j) Ele está ciente de que nem todos concordam com ele. k) Todos pensámos que a prova seria mais fácil. l) Os voluntários apoiavam quem mais precisava.

Ficha 13 (p. 95)

COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO (GLOBAL)

1. a) 5; b) 14; c) 15; d) 10; e) 6; f) 1; g) 9; h) 7; i) 16; j) 2; k) 13; l) 3; m) 8; n) 11; o) 4; p) 12.
2. a) É fundamental reduzir o desperdício de energia para que seja possível combater as alterações climáticas. b) Mal avistámos a ave, esta escondeu-se.

c) Como esta praia é a minha preferida, todos os anos regresso cá. d) Ainda que temperatura tivesse subido bastante, o gelo não derreteu. e) Se fizeres o que te digo, não te arrependerás. f) O espetáculo era tão original que todos o recomendavam vivamente. g) Põe a mesa, por favor, que já fiz o jantar.

3. a) «Tenho a certeza» – oração subordinante; «de que o bando de aves passou por aqui» – oração subordinada substantiva completiva; b) «Já que fizeste um bolo de chocolate» – oração subordinada adverbial causal; «servirei um gelado» – oração subordinante; c) «Caso tragas mais pessoas para a festa» – oração subordinada adverbial condicional; «avisa-me, por favor» – oração subordinante; d) «Não só lhe ofereci chocolates» – oração coordenada copulativa; «como também lhe levei flores» – oração coordenada copulativa; e) «Não fico aqui» – oração subordinante; «nem que eles me peçam» – oração subordinada adverbial concessiva; f) «A música estava tão alta» – oração subordinante; «que nem conseguiam conversar» – oração subordinada adverbial consecutiva; g) «O filme é mais recente» – oração subordinante; «do que o livro» – oração subordinada adverbial comparativa; h) «Ele estava absolutamente convicto» – oração subordinante; «de que todos tinham dito a verdade» – oração subordinada substantiva completiva; i) «Antes de leres a carta» – oração subordinada adverbial temporal; «abre o postal» – oração subordinante.

Ficha 14 (p. 97)

MODALIDADE EPISTÉMICA, DEÔNTICA E APRECIATIVA (VALORES MODAIS)

1. a) 5; b) 2; c) 3; d) 2; e) 1; g) 4; h) 2; i) 1; j) 4; k) 1; l) 3; m) 5; n) 3.
2. a) 4; b) 2; c) 5; d) 3; e) 5.
3. a) modalidade deôntica (valor modal de obrigação); b) modalidade epistémica (valor modal de certeza); c) modalidade apreciativa; d) modalidade deôntica (valor modal de obrigação); e) modalidade epistémica (valor modal de probabilidade); f) modalidade deôntica (valor modal de permissão).

Ficha 15 (p. 99)

ATOS ILOCUTÓRIOS

1. a) V; b) F – assertivo; c) F – compromissivo; d) F – expressivo; e) F – assertivo; f) F – declarativo; g) F – diretivo; h) V; i) V; j) F – expressivo; k) V; l) F – expressivo; m) F – compromissivo; n) V; o) F – diretivo; p) F – compromissivo; q) V.
2. a) ato ilocutório diretivo; b) ato ilocutório expressivo; c) ato ilocutório compromissivo; d) ato ilocutório diretivo; e) ato ilocutório compromissivo; f) ato ilocutório diretivo; g) ato ilocutório assertivo; h) ato ilocutório diretivo; i) ato ilocutório assertivo; j) ato ilocutório diretivo; k) ato ilocutório expressivo; l) ato ilocutório compromissivo.
3. a) 4; b) 4; c) 4; d) 1; e) 2.

Ficha 16 (p. 101)

ANÁFORA COMO MECANISMO DE COESÃO E DE PROGRESSÃO

1. a) 9; b) 8; c) 4; d) 2; e) 3; f) 1; g) 6; h) 7; i) 5.
2. a) «O livro de que te falei»; b) «A cidade onde vivo». c) «A melhor amiga da Maria». d) «a receita deste bolo»; e. «que nunca o tinham visto»; f) «A ponte antiquíssima»; g) «O escritor cuja obra foi premiada no mês passado»; h) «O texto mais interessante de todos»; i) «descalçar os sapatos».
3. a) Eles entraram numa rua sem saída. Aí pediram a uma transeunte que lhes indicasse o caminho. b) Quando os livros chegarem, entregar-tos-ei. c) Os alunos estavam preocupados com o aquecimento global. Por isso, prepararam uma exposição sobre este tema. d) A floresta era muito densa. As suas árvores erguiam-se majestosamente. e) Ele disse que iria à praia. Afirmou que sairia de casa logo de manhã. f) A Maria precisava de ajuda na elaboração do texto e pediu-ma. g) Eles fizeram várias atividades, realizaram um projeto e elaboraram um relatório. h) O guia turístico sugeriu que seguissemos o percurso ao longo do rio. Essa hipótese permitir-nos-ia apreciar melhor a cidade.

Ficha 17 (p. 103)

PROCESSOS DE COESÃO (GRAMATICAL E LEXICAL)

1. a) 3; b) 5; c) 1; d) 6; e) 5; f) 7; g) 4; h) 7; i) 3; j) 5; k) 2.
2. a) coesão lexical por substituição (hiperónimo/hipónimo); b) coesão gramatical referencial; c) coesão lexical por reiteração; d) coesão lexical por substituição (hiperónimo/hipónimo); e) coesão gramatical referencial; f) coesão gramatical referencial; g) coesão gramatical interfrásica; h) coesão gramatical interfrásica; i) coesão gramatical interfrásica.

Ficha 18 (p. 105)

DEÍTICOS

1. a) V; b) F – pessoal; c) V; d) V; e) F – pessoal; f) F – pessoal.
- 2.1 Deícticos pessoais – «tu», «homem»; Deícticos temporais – «diria», «estava»; Deícticos espaciais – «aqui», «isto».

3. 1. b; 2. c; 3. a; 4. a; 5. a; 6. c; 7. c; 8. c; 9. c; 10. b; 11. c; 12. c; 13. b; 14. c; 15. b; 16. a; 17. c; 18. b; 19. c; 20. a.

LEITURA/GRAMÁTICA

Ficha 1 (p. 107)

CARTOON

Texto A

- 1.** Nesta imagem, é possível observar uma mesa. No seu lado direito, encontra-se sentado um homem que, empunhando os seus talheres e com um guardanapo de pano no pescoço, se prepara para comer. Aos seus pés, é possível observar uma grande quantidade de ossadas de animais. Dado que esta figura olha diretamente para os animais – tanto mamíferos, como aves – que se encontram numa floresta no extremo oposto da mesa, é possível concluir que este está a preparar-se para os devorar.
No que diz respeito às cores utilizadas, a floresta e os animais são profundamente coloridos, enquanto a figura humana se encontra vestida de cinzento.
- 2.** O homem que contempla os animais na expectativa de os devorar representa simbolicamente a exploração desenfreada que os seres humanos têm exercido sobre a natureza. O contraste a nível cromático vem acentuar esta diferença: as cores intensas dos animais e da floresta, associadas à vitalidade, contrastam com o tom cinzento das roupas da figura humana, que apontam para a morte.
- 3.** É possível relacionar esta imagem com várias situações de destruição de recursos naturais que se têm verificado na atualidade, com, por exemplo, a destruição da floresta amazónica para benefício dos criadores de gado.

Texto B

- 1.** Nesta imagem, é possível observar uma caneta negra de tinta permanente que, com o seu traço azul, realiza um movimento ascendente com o qual corta uma espada que realiza um movimento descendente. A cor azul do traço da caneta contrasta com o vermelho do sangue que banha a espada. No cimo da imagem, encontra-se uma barra azul-clara.
- 2.** A caneta que, com o seu traço azul ascendente, corta a espada banhada de sangue representa simbolicamente o facto de que a escrita (por exemplo, enquanto forma de crítica à sociedade) é mais forte do que a violência.
A barra azul que se encontra no cimo da imagem pode ser interpretada como uma alusão à paz, à serenidade, à harmonia ou à liberdade a que a escrita nos permite chegar.
- 3.** **a)** oração subordinada adjetiva relativa restritiva; **b)** oração subordinada substantiva completiva; **c)** oração subordinada substantiva completiva.
- 3.1** **a)** modificador do nome restritivo; **b)** sujeito; **c)** complemento do nome.

Ficha 2 (p. 109)

APRECIACÃO CRÍTICA

Texto A

- 1.** C; **2.** C; **3.** A; **4.** B; **5.** B.

Texto B

- 1.** B; **2.** D; **3.** C; **4.** D.

Ficha 3 (p. 113)

DISCURSO POLÍTICO

Texto A

- 1.** C; **2.** A; **3.** C; **4.** D; **5.** B.

Texto B

- 1.** C ; **2.** B; **3.** B ; **4.** B.

Ficha 4 (p. 117)

ARTIGO DE OPINIÃO

Texto A

- 1.** C; **2.** D; **3.** C; **4.** B.

Texto B

- 1.** B; **2.** A; **3.** C; **4.** A; **5.** C.

ESCRITA

Disponível em  auladigital

COMPREENSÃO DO ORAL

Ficha 1 (p. 145)

EXPOSIÇÃO SOBRE UM TEMA

- 1.** B; **2.** B; **3.** C; **4.** B.

Ficha 2 (p. 146)

DISCURSO POLÍTICO

- 1.** C; **2.** B; **3.** B; **4.** B.

Ficha 3

DEBATE (p. 147)

- 1.** B; **2.** C; **3.** B; **4.** D.

EXPRESSÃO ORAL

Disponível em  auladigital

NOVO
MENSAGENS
PORTUGUÊS 11º ANO

Testes de avaliação

- 6 testes de avaliação da Compreensão do Oral
- 12 testes de avaliação escrita

Cada teste inclui:

- matriz
- transcrições de recursos áudio
- cenários de resposta/soluções
- grelhas de correção em formato Excel®

Testes de avaliação



Disponível em formato editável em



auladigital

IV

Testes de avaliação

TESTES DE AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO DO ORAL

Teste 1 – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»	183
Teste 2 – Almeida Garrett, <i>Frei Luís de Sousa</i>	185
Teste 3 – Camilo Castelo Branco, <i>Amor de perdição</i>	187
Teste 4 – Eça de Queirós, <i>Os Maias</i>	189
Teste 5 – Antero de Quental, <i>Sonetos completos</i>	191
Teste 6 – Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental»	193

SOLUÇÕES	195
----------------	-----

TRANSCRIÇÕES



aula digital

TESTES DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Teste 1 – «Sermão de Santo António» e <i>Rimas</i>	197
Teste 2 – «Sermão de Santo António»	205
Teste 3 – <i>Frei Luís de Sousa</i> e Poesia trovadoresca	213
Teste 4 – <i>Frei Luís de Sousa</i> e «Sermão de Santo António»	221
Teste 5 – <i>Amor de perdição</i> e <i>Farsa de Inês Pereira</i>	229
Teste 6 – <i>Amor de perdição</i> e <i>Frei Luís de Sousa</i>	237
Teste 7 – <i>Os Maias</i> e <i>Rimas</i>	245
Teste 8 – <i>Os Maias</i> e <i>Amor de perdição</i>	253
Teste 9 – <i>Sonetos completos</i> e <i>Os Lusíadas</i>	261
Teste 10 – <i>Sonetos completos</i> e <i>Os Maias</i>	269
Teste 11 – «O sentimento dum ocidental» e <i>Crónica de D. João I</i>	277
Teste 12 – «O sentimento dum ocidental» e <i>Sonetos completos</i>	285

SOLUÇÕES	293
----------------	-----

Teste de avaliação da Compreensão do Oral 1

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvés, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição

Ouve o episódio sobre Padre António Vieira, do programa *Portugueses com História*, da RTP.

1. Assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

- | | V | F |
|--|--------------------------|--------------------------|
| a) O programa irá destacar apenas a faceta de escritor de António Vieira. | ☐ | ☐ |
| b) José Saramago e Fernando Pessoa são considerados herdeiros da escrita de Vieira. | ☐ | ☐ |
| c) Vieira é um autor marcado por uma oralidade e uma escrita simples e sem artifícios. | ☐ | ☐ |
| d) Padre António Vieira nasce no seio de uma família da alta nobreza. | ☐ | ☐ |
| e) A aquisição dos seus conhecimentos linguísticos é desenvolvida no contexto da corte portuguesa. | ☐ | ☐ |
| f) O Padre António Vieira passou a ter resultados de excelência no seu percurso escolar, após um acidente. | ☐ | ☐ |

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

2.1 Padre António Vieira foi uma figura que assumiu uma posição de destaque,

- A. ☐ antes do momento de rutura com os castelhanos em 1640.
- B. ☐ após a saída da governação espanhola de Portugal no século XVII.
- C. ☐ ao apoiar a governação castelhana até ao ano de 1640.
- D. ☐ por pertencer à facção integralista que defendia o domínio espanhol.

2.2 Vieira apresentou na Corte uma proposta insólita que passava por

- A. ☐ recuperar belicamente o Nordeste brasileiro, ocupado por holandeses.
- B. ☐ estabelecer um contrato pacífico em que se entregava o território brasileiro.
- C. ☐ vender a região do Brasil que os invasores holandeses haviam ocupado.
- D. ☐ exigir aos holandeses que se retirassem rapidamente para outra zona do país.

2.3 A sua postura relativamente a vários assuntos era vista como

- A. ☐ retrógrada.
- B. ☐ conservadora.
- C. ☐ inusitada.
- D. ☐ vanguardista.

2.4 A posição de Vieira face à escravatura dos índios

- A. ☐ vai ser aceite de forma pacífica entre os políticos da altura.
- B. ☐ é vista como marcante para o período histórico seguinte.
- C. ☐ irá ser valorizada por todos os que o consideravam brilhante.
- D. ☐ será dominante no quadro político de Portugal e das suas colónias.

2.5 A libertação dos escravos índios, defendida por Vieira e pela Companhia de Jesus,

- A. ☐ relaciona-se com os diferentes interesses desta ordem religiosa.
- B. ☐ vai dominar a atenção da monarquia portuguesa no Brasil.
- C. ☐ é o mote para que se denunciem aspetos negativos do clero.
- D. ☐ não foi bem vista por parte dos colonos portugueses no Brasil.

2.6 Tendo em conta a recuperação dos judeus na economia portuguesa, Vieira

- A. ☐ apoiou a iniciativa, mas manteve a sua imparcialidade face à Inquisição.
- B. ☐ mostrou a pertinência deste assunto, mas não quis impor-se perante
- C. ☐ a Inquisição.
- D. ☐ considerou um tema de relativa importância, tendo ouvido a opinião inquisitorial.

2.7 Para o Padre António Vieira, os vastos conhecimentos que os judeus possuíam da área financeira eram

- A. ☐ irrelevantes para o futuro da economia portuguesa no século XVIII.
- B. ☐ marcantes para que a monarquia não mergulhasse numa crise.
- C. ☐ vastos, mas pouco determinantes para o futuro económico.
- D. ☐ retrógrados, mas muito orientados para a poupança de capital.

2.ª audição

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Teste de avaliação da Compreensão do Oral 2

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição

Ouve o excerto do programa *O som que os versos fazem ao abrir*, com Ana Luísa Amaral e Luís Caetano, da Antena 2.

1. Assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

- | | V | F |
|---|--------------------------|--------------------------|
| a) A vida de Almeida Garrett é marcada pelo sofrimento devido aos desgostos amorosos. | ☐ | ☐ |
| b) Garrett jurou, aos vinte anos, que nunca mais iria escrever poesia. | ☐ | ☐ |
| c) Ana Luísa Amaral e Luís Caetano discordam relativamente à importância de <i>Viagens na minha terra</i> . | ☐ | ☐ |
| d) Os escritos poéticos de Almeida Garrett são amplamente conhecidos, como a sua literatura narrativa e dramática. | ☐ | ☐ |
| e) Segundo Luís Caetano, o poema em análise inicia de um modo original, já que o seu primeiro verso é «Não te amo». | ☐ | ☐ |

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

2.1 O Romantismo português, inaugurado com os textos garrettianos «Camões» e «Dona Branca»,

- A. ☐ é muito anterior à mesma corrente que se impunha na Alemanha.
- B. ☐ tardou em impor-se, surgindo muito depois do Romantismo alemão.
- C. ☐ apresenta simultaneidade em relação à mesma corrente europeia.
- D. ☐ contrasta com o Romantismo alemão, já que surgiu alguns anos antes.

2.2 Ana Luísa Amaral refere que Almeida Garrett

- A. ☐ é um autor de pouco relevo entre os vários estudiosos brasileiros.
- B. ☐ tem tido pouco destaque no estudo feito por Sérgio Nazar David.
- C. ☐ é reputado entre alguns dos maiores críticos literários brasileiros.
- D. ☐ tem assumido um destaque cada vez maior na literatura brasileira.

2.3 A professora Ofélia Paiva Monteiro é vista como uma «sumidade» no estudo de Garrett,

- A. ☐ já que é uma conhecedora profunda da escrita deste autor.
- B. ☐ apesar de não ter conhecimento do género epistolar garrettiano.
- C. ☐ pois o seu trabalho tem incidido unicamente no texto lírico do escritor.
- D. ☐ dado que as suas análises têm sido amplamente revistas e trabalhadas.

2.4 No prefácio escrito por Garrett ao seu livro *Fábulas e folhas caídas*, este define o poeta como um ser

- A. ☐ marcado pela visão prática da vida.
- B. ☐ dotado de características singulares.
- C. ☐ que não se norteia por ideais justos.
- D. ☐ dominado pela sociedade materialista.

2.5 Rosa Montufar

- A. ☐ é uma inspiração que não surge nos poemas de Garrett.
- B. ☐ é a figura feminina a quem dedica o texto, mas sem a referir.
- C. ☐ surge aludida em diversas passagens dos poemas garrettianos.
- D. ☐ aparece referida em todos os escritos de Almeida Garrett.

2.6 O poema escolhido por Ana Luísa Amaral põe em destaque

- A. ☐ o que era comum surgir nas antologias com que contactou.
- B. ☐ a oposição entre duas conceções da figura feminina.
- C. ☐ a visão que o poeta apresenta da mulher do século XIX.
- D. ☐ o papel do amor e da paixão nos poemas de Garrett.

2.7 A mulher-anjo, tipicamente romântica, é vista como um ser dotado de

- A. ☐ virtudes próximas do divino.
- B. ☐ excelentes capacidades físicas.
- C. ☐ luz e de magia sedutora.
- D. ☐ qualidades muito comuns.

2.ª audição

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Teste de avaliação da Compreensão do Oral 3

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição

Ouve o programa *Crónicas portuguesas*, com André Canhoto Costa, da RDP Internacional.

1. Assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

- | | V | F |
|---|--------------------------|--------------------------|
| a) Camilo Castelo Branco vai ajudar os intervenientes no programa a apresentar a obra em análise. | ☐ | ☐ |
| b) Camilo possuía apenas um exemplar da obra, que se encontrava intacta, sem quaisquer apontamentos. | ☐ | ☐ |
| c) Rebelo da Silva foi uma figura que estudou a historiografia nacional e teve uma longevidade notável. | ☐ | ☐ |
| d) As obras que, no século XIX, versavam sobre História eram muito vastas e organizadas em vários volumes. | ☐ | ☐ |
| e) André Canhoto Costa considera que a obra de Rebelo da Silva é pertinente pela dificuldade de se reunir informação sobre o século XVII. | ☐ | ☐ |

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

2.1 O estudo histórico sobre o século XVII

- A. ☐ é fulcral para se compreender o período das invasões francesas.
- B. ☐ releva o período após o desaparecimento de D. Sebastião.
- C. ☐ valoriza a importância da influência filipina em Portugal.
- D. ☐ foca-se na centralidade que Portugal assumiu no mundo.

2.2 No século XIX, a independência nacional é um assunto muito controverso,

- A. ☐ pois a ameaça castelhana era ainda uma realidade presente.
- B. ☐ uma vez que havia ainda quem defendesse o integralismo lusitano.
- C. ☐ já que a lembrança do domínio castelhano era ainda muito forte.
- D. ☐ porém, não havia muitos estudiosos a facultar-lhe a devida atenção.

2.3 A questão da liberdade de Estado, em oitocentos, pode ser vista como um tema «tabu»,

- A. ☐ pois algumas famílias poderosas lutaram contra o domínio castelhano.
- B. ☐ ainda que fosse objeto de atenção apenas por parte de uma facção da burguesia.
- C. ☐ porque era muito custoso recordar um período histórico tão negativo para
- D. ☐ o país.

2.4 Camilo Castelo Branco, ao analisar a obra de Rebelo da Silva, refere que esta é

- A. ☐ custosa de ler devido aos dados biográficos apresentados.
- B. ☐ complexa, tendo em conta o contexto histórico a que diz respeito.
- C. ☐ muito densa e reitera as informações que vai apresentando.
- D. ☐ aborrecida, mas muito interessante na seleção vocabular.

2.5 O autor das obras de historiografia tem como pressuposto

- A. ☐ auxiliar outros autores na seleção de dados históricos.
- B. ☐ apoiar o leitor na sua busca por informação pertinente.
- C. ☐ fomentar a pesquisa e o estudo das épocas visadas.
- D. ☐ criar o gosto pelo conhecimento da História de Portugal.

2.6 A obra em análise apresenta

- A. ☐ assuntos de cariz histórico, religioso e literário, entre outros.
- B. ☐ temas associados ao desenvolvimento económico português.
- C. ☐ tópicos polémicos relacionados com o período da dinastia filipina.
- D. ☐ informações históricas, mas centra-se na literatura portuguesa.

2.7 Com o exemplo de Camilo e de Rebelo da Silva, percebe-se que o estudo da História pressupõe uma

- A. ☐ afirmação da verdade dos factos sobre a interpretação pessoal.
- B. ☐ desvalorização da objetividade da informação sobre a visão pessoal.
- C. ☐ disputa entre a subjetividade interpretativa e o rigor factual.
- D. ☐ análise rigorosa e imparcial do período histórico em causa.

2.ª audição

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Teste de avaliação da Compreensão do Oral 4

Eça de Queirós, *Os Maias*

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição

Ouve o excerto do programa *A páginas tantas* sobre Eça de Queirós, com Fernanda Almeida e Rita Ferro, da Antena 1.

1. Assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

- | | V | F |
|---|--------------------------|--------------------------|
| a) <i>O nosso cônsul em Havana</i> é uma ficção histórica, sem fundo de verdade. | ☐ | ☐ |
| b) Produzida por Francisco Manso, esta ficção é apenas uma série televisiva. | ☐ | ☐ |
| c) A faceta queirosiana mais em evidência no filme associa-se à sua carreira diplomática. | ☐ | ☐ |
| d) As obras de Eça de Queirós foram apenas publicadas postumamente. | ☐ | ☐ |
| e) Os admiradores de Eça defendem que as suas sátiras permanecem atuais. | ☐ | ☐ |

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

2.1 Rita Ferro considera que Eça escreveu,

- A. ☐ criticando deliberadamente um país mergulhado no ócio e na apatia.
- B. ☐ revelando todos os aspetos, negativos e positivos, da sociedade.
- C. ☐ recorrendo à criação de personagens caricaturais, sem o veio crítico.
- D. ☐ mostrando que só é possível concretizar uma crítica objetiva e direta.

2.2 Ao recorrer à expressão «sobe a bitola da escrita», Rita Ferro destaca que

- A. ☐ as características do estilo queirosiano só foram melhorando com o tempo.
- B. ☐ Eça foi precursor de um novo período literário e enriqueceu a literatura nacional.
- C. ☐ a inteligência da produção literária de Eça foi muito marcante para o nosso país.
- D. ☐ a literatura nacional começou a ser expandida de forma mais célere com Eça.

2.3 A produção literária de Camilo Castelo Branco, relativamente à de Eça, era mais

- A. ☐ trágica e excessivamente dramática.
- B. ☐ popular, resvalando a tragédia para a comédia.
- C. ☐ intensa e com a manifestação evidente da dor.
- D. ☐ objetiva e sem qualquer conotação cômica.

2.4 Não obstante Eça ser visto como um homem do mundo, as suas personagens são

- A. ☐ historicamente marcadas.
- B. ☐ resultado da sua mundividência.
- C. ☐ sempre associadas ao meio rural.
- D. ☐ fruto de uma visão nacional.

2.5 Eça de Queirós passou por diferentes continentes, entre eles

- A. ☐ Europa, América e Oceânia.
- B. ☐ Ásia, África e Europa.
- C. ☐ Europa, África e América.
- D. ☐ Ásia, Europa e América.

2.6 Rita Ferro diz-se uma incondicional apreciadora da escrita de Eça,

- A. ☐ dada a sua vertente crítica e sagaz.
- B. ☐ não obstante a sua extrema minúcia.
- C. ☐ apesar de a considerar violenta.
- D. ☐ devido ao seu rigor linguístico.

2.7 Eça assemelha-se a Flaubert

- A. ☐ na atenção que prestam ao detalhe.
- B. ☐ no recurso a personagens muito intensas.
- C. ☐ no modo superficial de apresentar a vida.
- D. ☐ por viverem uma vida plena de excessos.

2.ª audição

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Teste de avaliação da Compreensão do Oral 5

Antero de Quental, *Sonetos completos*

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição

Ouve o excerto do programa *O som que os versos fazem ao abrir*, com Ana Luísa Amaral e Luís Caetano, da Antena 2.

1. Assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

	V	F
a) Antero suicida-se a 11 de setembro de 1881, em Ponta Delgada.	☐	☐
b) Antero fez parte da geração de intelectuais que, na década de 60 do século XIX, frequentou a Universidade de Coimbra.	☐	☐
c) Antero mostrou vontade de mudar o mundo através de uma revolta popular.	☐	☐
d) O Socialismo levou Antero a tentar explicar as razões do atraso do nosso país.	☐	☐
e) Durante toda a sua vida, Antero de Quental viveu de forma paupérrima.	☐	☐

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

2.1 Segundo Luís Caetano, o soneto «Na mão de Deus» expressa

- A. ☐ a angústia existencial e o sofrimento causado pela doença.
- B. ☐ o amor à vida e a dor de não conseguir ultrapassar a frustração.
- C. ☐ a liberdade que Antero deseja alcançar no momento da morte.
- D. ☐ a tragicidade da vida e a sombra que encobriu Antero.

2.2 Os *Sonetos completos* foram publicados e prefaciados por

- A. ☐ Antero de Quental.
- B. ☐ Oliveira Martins.
- C. ☐ Ramalho Ortigão.
- D. ☐ Eça de Queirós.

2.3 O contexto natural e contemplativo onde estava Antero

- A. ☐ trouxe-lhe uma atitude otimista em relação à sua existência.
- B. ☐ permitiu-lhe uma vida mais atribulada até à hora da morte.
- C. ☐ foi marcante para uma escrita menos angustiada e dolorosa.
- D. ☐ possibilitou a concretização do seu fim de vida trágico.

2.4 Miguel de Unamuno considera Antero o maior poeta português

- A. ☐ dada a sua capacidade de transmitir a angústia existencial.
- B. ☐ uma vez que este foi exímio na arte de construir as suas quadras.
- C. ☐ e inspira-se na sua escrita para a sua produção poética.
- D. ☐ quando contacta, pela primeira vez, com a sua obra.

2.5 No poema em análise, Deus surge

- A. ☐ como uma figura que orienta a vida do sujeito poético.
- B. ☐ associado a uma figura maternal que protege o coração do «eu».
- C. ☐ através de uma referência reiterada à sua mão esquerda.
- D. ☐ como um pai que aconselha cuidadosamente o seu filho.

2.6 O recurso ao advérbio de modo «vagamente» traduz uma ideia de

- A. ☐ sossego e calma.
- B. ☐ tristeza e dúvida.
- C. ☐ difusão e incerteza.
- D. ☐ dispersão e alegria.

2.7 O terceto final do soneto apresenta a

- A. ☐ grandeza extraordinária do mundo.
- B. ☐ incompletude e a finitude humanas.
- C. ☐ dor associada à imperfeição humana.
- D. ☐ uma visão negativa do mundo.

2.ª audição

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Teste de avaliação da Compreensão do Oral 6

Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental»

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição

Ouve o excerto do programa *Literatura aqui*, de Pedro Lamares, com Maria Filomena Mónica, da RTP 2.

1. Assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

- | | V | F |
|--|--------------------------|--------------------------|
| a) Cesário Verde viveu a sua vida circunscrito à zona urbana da cidade de Lisboa. | ☐ | ☐ |
| b) A família de Cesário ia adaptando as suas vivências às circunstâncias sazonais. | ☐ | ☐ |
| c) Silva Pinto reuniu as poesias de Cesário antes de este vir a falecer. | ☐ | ☐ |
| d) A atenção poética incidia nas figuras que observava no seu deambular citadino. | ☐ | ☐ |
| e) Cesário Verde foi enaltecido pelos heterónimos pessoanos Álvaro de Campos e Alberto Caeiro. | ☐ | ☐ |

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Seleciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

2.1 Maria Filomena Mónica considera Cesário Verde um

- A. ☐ autor comum que foi precursor do Realismo.
- B. ☐ génio que não foi reconhecido pelo público.
- C. ☐ homem que viveu fechado numa cidade.
- D. ☐ poeta de uma genialidade defendida por todos.

2.2 O olhar inocente de Cesário advém da

- A. ☐ atenção dada ao campo e à cidade.
- B. ☐ sua postura de um homem rural.
- C. ☐ criatividade a que recorre na poesia.
- D. ☐ sua visão marcadamente objetiva.

2.3 Cesário era descendente de comerciantes genoveses,

- A. ☐ mas não possuía um nível de vida satisfatório.
- B. ☐ apesar de não se dedicar às atividades mercantis.
- C. ☐ que já não trabalhavam há muito no ramo.
- D. ☐ o que o levou a enveredar por essa área profissional.

2.4 A aparência física de Cesário era

- A. ☐ comum.
- B. ☐ singular.
- C. ☐ estranha.
- D. ☐ marcante.

2.5 Não obstante o título, «O sentimento dum ocidental» apresenta

- A. ☐ a realidade de forma excessivamente subjetiva e comovente.
- B. ☐ uma visão do mundo simultaneamente abrangente e redutora.
- C. ☐ uma análise da realidade nacional de forma pouco emotiva.
- D. ☐ as figuras da cidade de Lisboa numa perspetiva surrealista.

2.6 A forma como Cesário conclui «O sentimento dum ocidental»

- A. ☐ reflete a melancolia que domina também Maria Filomena Mónica.
- B. ☐ mostra a dor de um ser dominado pela angústia e pela frustração.
- C. ☐ espelha o estado de alma que o poeta tentava combater diariamente.
- D. ☐ revela a dor humana que percorre toda a poesia deste autor realista.

2.7 Segundo Maria Filomena Mónica, a presença da pobreza e dos pobres na obra poética de Cesário faz com que esta seja

- A. ☐ controversa.
- B. ☐ discriminatória.
- C. ☐ conservadora.
- D. ☐ transformadora.

2.ª audição

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

TESTES DE AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO DO ORAL

Teste 1 (p. 183)

PADRE ANTÓNIO VIEIRA, «SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO»

1. a) F; b) V; c) F; d) F; e) F; f) V.

1.1

a) O programa irá destacar as facetas de escritor e de figura histórica de António Vieira.

c) A escrita de Vieira era muito ornamentada, típica do Barroco.

d) O pai de Vieira era escrivão, um pequeno funcionário da corte.

e) O seu desenvolvimento linguístico é feito no Brasil.

2.1 B; **2.2** C; **2.3** C; **2.4** B; **2.5** A; **2.6** D; **2.7** B.

Teste 2 (p. 185)

ALMEIDA GARRETT, FREI LUÍS DE SOUSA

1. a) F; b) V; c) F; d) F; e) V.

1.1

a) A vida de Almeida Garrett é marcada pelo sofrimento devido à morte dos filhos.

c) Ana Luísa Amaral e Luís Caetano concordam relativamente à importância de *Viagens na minha terra*.

d) Os escritos poéticos de Almeida Garrett não são do conhecimento geral, como a sua obra dramática e narrativa.

2.1 B; **2.2** D; **2.3** A; **2.4** B; **2.5** C; **2.6** B; **2.7** A.

Teste 3 (p. 187)

CAMILO CASTELO BRANCO, AMOR DE PERDIÇÃO

1. a) V; b) F; c) F; d) V; e) V.

1.1

b) Camilo possuía vários exemplares da obra anotados e comentados.

c) Rebelo da Silva foi uma figura que estudou a historiografia nacional e morreu cedo, aos 48 anos.

2.1 B; **2.2** C; **2.3** D; **2.4** C; **2.5** B; **2.6** A; **2.7** C.

Teste 4 (p. 189)

EÇA DE QUEIRÓS, OS MAIAS

1. a) F; b) F; c) V; d) F; e) V.

1.1

a) *O nosso cônsul em Havana* é uma ficção histórica, com base em factos reais.

b) Produzida por Francisco Manso, esta ficção é uma série televisiva e uma adaptação cinematográfica.

d) As obras de Eça de Queirós foram publicadas em vida e após a sua morte.

2.

2.1 C; **2.2** B; **2.3** A; **2.4** D; **2.5** D; **2.6** B; **2.7** C.

Teste 5 (p. 191)

ANTERO DE QUENTAL, SONETOS COMPLETOS

1. a) F; b) V; c) F; d) V; e) F.

1.1

a) Antero suicida-se a 11 de setembro de 1891 em Ponta Delgada.

c) Antero mostrou vontade de mudar o mundo através de uma revolução intelectual.

e) Durante toda a sua vida, Antero de Quental viveu confortavelmente a nível económico.

2.1 D; **2.2** B; **2.3** A; **2.4** C; **2.5** B; **2.6** C; **2.7** A.

Teste 6 (p. 193)

CESÁRIO VERDE, «O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL»

1. a) F; b) V; c) F; d) V; e) V.

1.1

a) Cesário viveu entre a baixa pombalina e a sua quinta em Linda-a-Pastora.

c) Silva Pinto reuniu as poesias de Cesário após a morte do poeta.

2.1 B; **2.2** A; **2.3** D; **2.4** B; **2.5** C; **2.6** A; **2.7** D.

Matriz do teste de avaliação escrita 1

«Sermão de Santo António» e *Rimas*

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos		Estrutura	Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: «Sermão de Santo António»	Grupo I	Parte A 3 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 16 pontos 4. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: soneto – <i>Rimas</i> , de Luís de Camões		Parte B 2 itens de resposta restrita	B 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema: «Sermão de Santo António»		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Identificar classes de palavras. Identificar a função sintática de constituintes da frase. Reconhecer processos fonológicos que ocorreram na evolução do português.	Classes de palavras Funções sintáticas Processos fonológicos		1 item de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever textos de opinião, respeitando as marcas de género. Redigir o texto com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Texto de opinião	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 1

«Sermão de Santo António» e *Rimas*

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o texto, um excerto do capítulo II do «Sermão de Santo António».

[...] De casa, e das portas adentro tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar, porque há Filósofos que dizem que não tendes memória.

- 5 No tempo de Noé sucedeu o Dilúvio, que cobriu, e alagou o mundo; e de todos os animais, quais livraram melhor? Dos leões escaparam dois, leão, e leoa, e assim dos outros animais da terra; das águias escaparam duas, fêmea, e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam; antes não só escaparam todos, mas ficaram muito mais largos que dantes, porque a terra, e o mar, tudo era mar. Pois se morreram naquele universal castigo todos os animais da terra, e todas as aves, porque não morreram também os peixes? Sabeis porquê? Diz Santo Ambrósio: porque os outros animais como mais domésticos, ou mais vizinhos, tinham mais comunicação com os
- 10 homens; os peixes viviam longe, e retirados deles. [...] mas como o Dilúvio era um castigo universal, que Deus dava aos homens por seus pecados, e ao mundo pelos pecados dos homens, foi altíssima providência da divina Justiça que nele houvesse esta diversidade, ou distinção; para que o mesmo mundo visse que da companhia dos homens lhe viera todo o mal: e que por isso os animais, que viviam mais perto deles, foram também castigados, e os que andavam longe ficaram livres.
- 15 Vede, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntado um grande Filósofo qual era a melhor terra do mundo, respondeu que a mais deserta, porque tinha os homens mais longe. Se isto vos pregou também Santo António, e foi este um dos benefícios, de que vos exortou a dar graças ao Criador, bem vos pudera alegar consigo que quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deixou a casa de seus Pais, e se recolheu, ou acolheu a uma
- 20 Religião, onde professasse perpétua clausura.

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António», capítulo II, in *Obra completa* (Direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate), Tomo II, Volume X, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 142-143.

1. Refere dois argumentos de autoridade a que Vieira recorre para comprovar que as virtudes dos peixes agradam a Deus.
2. Relaciona os exemplos apresentados pelo orador nas linhas 4 e 7 com o conselho que dirige aos peixes nas linhas 14 a 18.
3. Explicita a expressividade da antítese presente em «quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens» (linhas 18-19).

4. Completa as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço. Na folha de respostas, regista apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Um dos objetivos da eloquência é *movere*, ou seja, convencer e despertar nos ouvintes o terror e a piedade; para o alcançar, nas linhas 3 a 8, entre outros processos, Vieira socorre-se de **a)** _____, que contribuem para **b)** _____ do seu auditório.

a)	b)
1. frases imperativas	1. o deleite
2. interrogações retóricas	2. o conhecimento
3. argumentos de autoridade	3. a mudança

PARTE B

Lê o poema e as notas.

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
a força, a arte, a manha, a fortaleza;
o tempo acaba a fama e a riqueza,
o tempo o mesmo tempo de si chora.

5 O tempo busca e acaba o onde mora
qualquer ingratidão, qualquer dureza;
mas não pode acabar minha tristeza,
enquanto não quiserdes vós, senhora.

10 O tempo o claro dia torna escuro,
e o mais led¹ prazer em choro triste;
o tempo a tempestade em grã bonança².

Mas de abrandar o tempo estou seguro
o peito de diamante, onde consiste
a pena e o prazer desta esperança.

Luís de Camões, *Rimas* (texto estabelecido, revisto e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão), Coimbra, Almedina, 1994, p. 183.

¹ *ledo*: feliz.

² *grã bonança*: grande calma, tranquilidade.

5. O tempo tem efeitos marcantes na realidade, mas não no sujeito poético. Justifica esta afirmação, com base no conteúdo das duas quadras do soneto.

6. Transcreve:

- a) a personificação que, nas quadras, revela que o tempo tem efeitos negativos sobre o próprio tempo;
- b) a antítese que, nos tercetos, evidencia a situação particular do sujeito poético.

PARTE C

- 7.** Padre António Vieira, nos seus sermões, teceu críticas à sociedade do século XVII que podem ser consideradas intemporais.

Escreve uma breve exposição na qual refiras dois aspetos sobre o modo como a sátira social surge alegorizada no «Sermão de Santo António».

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento, no qual refiras dois aspetos sobre o modo como a crítica social surge alegorizada no «Sermão de Santo António», fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo pertinente;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto e as notas.

Paciência, a virtude dos portugueses

De cada vez que me mudo para uma nova cidade (e já vivi em muitas), tento compreender aquilo que me parecem ser os seus atributos específicos, os traços que nos primeiros dias, às vezes nas primeiras horas, surgem como impressões imediatas. O desassossego de Nova Iorque, a seriedade de Milão, a melancolia de Buenos Aires, a exuberância de Paris, a arrogância de Londres foram alguns dos aspetos que descobri pouco depois de me fixar nestes lugares que só conhecia dos livros. Aos poucos, estas características estridentes das minhas caricaturas geográficas foram desaparecendo, ou matizaram-se¹, e acabaram por ser substituídas por um imaginário mais complexo e profundo. Quando conheço uma pessoa nova, o processo é semelhante: o tom de voz, a maneira de vestir, o desenho do rosto vão dando lugar a considerações menos impulsivas acerca dos pensamentos e das emoções dessa pessoa. Os dois cenários coexistem, mas um deles transforma-se na sombra do outro.

No Barroco, esta coexistência de características – as evidentes e as ocultas – era um dispositivo artístico. A poesia, a arquitetura e as artes traziam para primeiro plano a riqueza equívoca do universo visível, enterrando deliberadamente as ideias nucleares em torno das quais se entreteciam² as volutas³ e os ornamentos. A duplicidade tornou-se lugar-comum em todas as representações artísticas. Enquanto símbolo do engano inerente⁴ às coisas do mundo, à carne e ao demónio, a natureza dúplice ou talvez múltipla de tudo permitia que os artistas e os poetas olhassem para várias facetas de uma vez só e as revelassem, tal como acontece nas imagens esculpidas nas fachadas das catedrais ou representadas nos objetos do quotidiano, mostrando, por exemplo, uma bela mulher de um lado e do outro um cadáver a apodrecer. Um poema do século XVII, da autoria de Eusébio de Matos, elogiava a beleza de uma mulher enquanto constituinte de um dos lados da temática. Bernardo Vieira, seu colega e talvez seu amigo, colocou um espelho diante do poema de Matos, acompanhando os seus versos, mas descrevendo, ao invés da beleza do corpo vivo, a degradação e a decadência que atingem todos os corpos. Em 1651, o padre António Vieira, irmão de Bernardo, afirmou com clareza num sermão que «o espelho é um demónio mudo».

Acatando o aviso do padre António Vieira, aprendi a desconfiar das impressões transmitidas pelo «demónio mudo» de uma cidade aquando da primeira visita e a esperar até que outras perspetivas, outros encontros, outras incursões⁵ me deixem ver uma cartografia diferente desse lugar. Por estes dias, confinado à minha casa na freguesia da Misericórdia, não posso explorar a cidade física; apenas me é permitida uma outra exploração, menos tangível⁶. Os guias de Lisboa que conheci muito antes de aqui chegar descreviam uma cidade de há muito tempo, que talvez um dia tivesse sido assim.

Alberto Manguel, «Paciência, a virtude dos portugueses», in <https://expresso.pt> (texto adaptado e com supressões, consultado em 10/12/2021).

¹ *matizaram-se*: suavizaram-se.

² *entretciam*: entrelaçavam.

³ *volutas*: ornamento em espiral numa coluna.

⁴ *inerente*: pertencente.

⁵ *incursões*: visitas.

⁶ *tangível*: palpável.

- 1.** Ao afirmar «um deles transforma-se na sombra do outro» (linha 10), Alberto Manguel pretende
- A. ☐ evidenciar a primazia da imagem inicial sobre a que se constrói posteriormente.
 - B. ☐ destacar que as primeiras impressões são cruciais para o verdadeiro conhecimento.
 - C. ☐ apresentar a imagem inicial como a fonte de enganos que nunca serão mudados.
 - D. ☐ realçar que as considerações mais ponderadas acabam por assumir maior destaque.
- 2.** No período do Barroco, colocou-se em evidência a
- A. ☐ necessidade de denunciar apenas o lado negativo do real.
 - B. ☐ duplicidade inerente a todos os aspetos da realidade.
 - C. ☐ supremacia da beleza sobre o grotesco da essência humana.
 - D. ☐ figuração humana como temática central da criação artística.
- 3.** Na linha 24, ao referir que «o espelho é um demónio mudo», o Padre António Vieira utiliza uma
- A. ☐ hipérbole que destaca o engano cruel da realidade, através do espelho.
 - B. ☐ apóstrofe que mostra a crueldade do espelho para o ser humano.
 - C. ☐ metáfora que revela o lado enganador das primeiras impressões.
 - D. ☐ antítese que evidencia a capacidade de visão do ser humano.
- 4.** O advérbio «deliberadamente», utilizado na linha 13, apresenta uma ideia de
- A. ☐ intencionalidade.
 - B. ☐ espontaneidade.
 - C. ☐ hesitação.
 - D. ☐ naturalidade.
- 5.** No excerto «[A] beleza do corpo vivo, a degradação e a decadência que atingem todos os corpos. Em 1651, o padre António Vieira [...] afirmou com clareza [...] que "o espelho é um demónio mudo"» (linhas 22 a 24), as palavras sublinhadas são
- A. ☐ pronomes em ambos os contextos.
 - B. ☐ conjunções em ambos os contextos.
 - C. ☐ uma conjunção e um pronome, respetivamente.
 - D. ☐ um pronome e uma conjunção, respetivamente.
- 6.** Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões:
- a) «do rosto» (linha 9);
 - b) «a riqueza equívoca do universo visível» (linhas 12 e 13).
- 7.** Para além da metátese, indica o outro processo fonológico que ocorreu na evolução do étimo latino PATER para a palavra «padre» (linha 23).

Grupo III

As vivências de cada um de nós moldam a nossa personalidade e a capacidade que possuímos para reagir às adversidades.

Será que o ser humano tem de enfrentar situações negativas para evoluir com sucesso?

Num **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende um ponto de vista pessoal sobre a questão apresentada.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	16	12	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 2

«Sermão de Santo António»

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos		Estrutura	Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: «Sermão de Santo António»	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: «Sermão de Santo António»		Parte B 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema: «Sermão de Santo António»		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Identificar classes de palavras. Identificar a função sintática de constituintes da frase. Reconhecer valores semânticos de palavras considerando o étimo.	Classes de palavras Funções sintáticas Palavras divergentes e convergentes		1 item de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever textos de opinião, respeitando as marcas de género. Redigir o texto com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Texto de opinião	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 2

«Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o texto, um excerto do capítulo IV do «Sermão de Santo António», e as notas.

[...] Olhai como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, preaversisque cupiditatibus facti sunt veluti pisces invicem se devorantes*. «Os homens com suas más, e perversas cobiças vêm a ser como os peixes, que se comem uns aos outros». Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente
5 irmãos, vivais de vos comer. Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu que prego aos peixes, para que vejais quão feio, e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não; não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos, e para o sertão? Para cá, para cá; para a Cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias¹ se comem uns aos outros; muito maior
10 açougue² é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças, e cruzar as ruas; vedes aquele subir, e descer as calçadas, vedes aquele entrar, e sair sem quietação, nem sossego? [...]

[...] Vede um homem desses, que andam perseguidos de pleitos, ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Come-o o Meirinho³, come-o o Carcereiro, come-o o Escrivão, come-o o
15 Solicitador, come-o o Advogado, come-o o Inquiridor, come-o a Testemunha, come-o o Julgador, e ainda não está sentenciado, já está comido. São piores os homens que os corvos. O triste que foi à força, não o comem os corvos senão depois de executado, e morto; e o que anda em juízo ainda não está executado, nem sentenciado, e já está comido.

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António», capítulo IV, in *Obra completa*
(Direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate), Tomo II, Volume X, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 149-151.

¹ *Tapuias*: tribo de índios brasileiros que, nos rituais fúnebres, devoravam os seus mortos.

² *açougue*: talho, matadouro, matança.

³ *Meirinho*: empregado judicial.

- 1.** Comenta a função desempenhada pelas formas verbais alusivas à visão que se encontram entre as linhas 6 e 13.
- 2.** Explicita o sentido da expressão «Cuidais que só os Tapuias se comem uns aos outros; muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos» (linhas 9 e 10).

3. Selecciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

Neste excerto do capítulo IV são utilizados alguns recursos expressivos frequentes no «Sermão de Santo António»: na expressão «Olhai, peixes, lá do mar para a terra.» (linha 7) está presente uma _____; a comparação ocorre, por exemplo, em _____.

- A. ☐ anáfora ... «vivais de vos comer» (linha 5)
- B. ☐ aliteração ... «quão feio, e abominável é» (linhas 6 e 7)
- C. ☐ metáfora ... «olhai quantos o estão comendo» (linhas 13 e 14)
- D. ☐ apóstrofe ... «São piores os homens que os corvos.» (linha 16)

PARTE B

Lê o texto, um excerto do capítulo VI do «Sermão de Santo António», e as notas.

[...] O motivo principal de serem excluídos os peixes foi porque os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e coisa morta não quer Deus que se Lhe ofereça, nem chegue aos Seus Altares. [...] Peixes, dai muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo, porque melhor é não chegar ao Sacrifício, que chegar morto. Os outros animais ofereçam a Deus o ser sacrificados; vós oferecei-Lhe o não chegar ao sacrifício; os outros sacrifiquem a Deus o sangue, e a vida; vós sacrificai-Lhe o respeito, e a reverência.

Ah Peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me fora não tomar a Deus nas mãos, que tomá-Lo tão indignamente! Em tudo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas vantagens. A vossa bruteza¹ é melhor que a minha razão, e o vosso instinto melhor que o meu alvedrio². Eu falo, mas vós não ofendeis a Deus com as palavras; eu lembro-me, mas vós não ofendeis a Deus com a memória; eu discorro, mas vós não ofendeis a Deus com o entendimento; eu quero, mas vós não ofendeis a Deus com a vontade. Vós fostes criados por Deus, para servir ao homem, e conseguis o fim para que fostes criados: a mim criou-me para O servir a Ele, e eu não consigo o fim para que me criou. Vós não haveis de ver a Deus, e podereis aparecer diante Dele muito confiadamente, porque O não ofendestes; eu espero que O hei de ver; mas com que rosto hei de aparecer diante do Seu divino acatamento³, se não cesso de O ofender? Ah que quase estou por dizer que me fora melhor ser como vós, pois de um homem, que tinha as minhas mesmas obrigações, disse a suma Verdade que melhor lhe fora não nascer, ou não nascer homem: *Si natus non fuisset homo ille*. E pois os que nascemos homens respondemos tão mal às obrigações de nosso nascimento, contentai-vos, Peixes, e dai muitas graças a Deus pelo vosso.

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António», capítulo VI, in *Obra completa* (Direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate), Tomo II, Volume X, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 164-165.

¹ bruteza: qualidade do que é próprio do animal.

² alvedrio: livre-arbítrio, vontade.

³ acatamento: respeito, veneração.

4. Atenta nas linhas 1 a 6.

Refere a vantagem que os peixes possuem relativamente aos outros animais.

5. Explica o sentido da frase «A vossa bruteza é melhor que a minha razão, e o vosso instinto melhor que o meu alvedrio» (linhas 9 e 10), no contexto em que ocorre.

6. Selecciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

No capítulo VI, _____ do «Sermão de Santo António», Vieira tece diferentes louvores aos peixes. No entanto, apresenta também uma autocrítica, ao evidenciar que as suas características poderão ser ofensivas para Deus. De modo a vincar esta sua ideia, recorre, entre as linhas 10 a 13, _____, que é uma das marcas mais particulares da sua linguagem e do seu estilo.

- A. ☐ o Exórdio ... a apóstrofes
- B. ☐ a Exposição ... a citações bíblicas
- C. ☐ a Peroração ... ao paralelismo sintático
- D. ☐ o Prefácio ... interrogações retóricas

PARTE C

7. Padre António Vieira é considerado, por Fernando Pessoa, como o «imperador da língua portuguesa», pela versatilidade dos seus sermões.

Escreve uma breve exposição na qual explicites dois aspetos sobre o modo como Vieira organizou o seu discurso no «Sermão de Santo António».

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento, no qual refiras dois aspetos sobre o modo como Vieira organizou a sua argumentação no «Sermão de Santo António», fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo pertinente;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto e as notas.

O poder das palavras

As palavras possuem um forte impacto sobre as nossas emoções. Nessa sequência, podem desencadear determinadas reações, fazer tomar determinadas decisões e, por vezes, até levar a mudar o curso da nossa vida.

Pensemos nas palavras de encorajamento como motivam e dão força para andar para a frente, nas palavras de conforto que consolam e suscitam um sentimento de segurança, nas palavras de amor que encham a alma ou, por outro lado, as palavras de escárnio que magoam, as de ameaça que provocam medo e recuos, os insultos que suscitam zanga e destroem os vínculos.

Quantas pessoas relatam que ouviram determinada coisa de alguém e aquilo o fez avançar ou recuar completamente em dado momento da sua vida. Uma palavra ou uma frase que ecoa, ressoa e
10 provoca no outro pensamentos em série.

Também se dá o caso de serem guardadas palavras que se repescam em algumas ocasiões. Estão no canto da memória e, de tempos a tempos, são evocadas. Enquanto adultos, lembramo-nos de palavras da infância, que a mãe, o pai, a avó, os avós diziam. E como ficam gravados tais dogmas e colados à pele psíquica! Ecoam como baluartes¹ e funcionam como mandamentos, conduzindo os
15 nossos valores e as nossas escolhas ao longo de vida. De forma consciente e/ou inconsciente.

A interpretação que damos às palavras que ouvimos é crucial. Por vezes, pode levar a mal-entendidos. Pensemos, por exemplo, nas confusões decorrentes de algumas trocas de mensagens. A confusão que se gera pelo modo como ouvimos, à nossa maneira, e depreendemos um sentido diferente daquele que as proferiu. Também a carga que damos a certas palavras pode deturpar o
20 entendimento das mesmas quando usadas entre interlocutores que atribuem diferentes ressonâncias ao sentido latente² dos adjetivos. Adensam os alvoroços comunicacionais quando assentes em jogos metafóricos. Se, para alguns bons entendedores, meias palavras bastam, para outros, poucas ou muitas palavras causam imenso ruído e rumor.

Como é bom quando encontramos alguém que fale a nossa língua. Que entenda o idioma do nosso
25 sentir semântico. A base desse entendimento trará profícuos diálogos. Acrescentará a compreensão mútua e a ligação empática.

Nem sempre temos atenção com as palavras que usamos para nos expressar. Não temos de adotar uma postura hipervigilante e pouco espontânea, mas devemos considerar, em alguns contextos, o impacto que podem ter nos nossos ouvintes. Pensar antes de falar é prudente sobretudo por isto.
30 Ter esta noção é relevante para cuidar dos outros com devido respeito. Não é necessário pactuarmos com palavras concordantes, mas considerar que aquilo que dizemos tem poder e afeta certamente o recetor.

Não há propriamente boas nem más palavras. Há bons e maus entendimentos. Claras e imprecisas percepções. Abertos e fechados diálogos. Boas e más conversas. Proveitosas e desgastantes relações.

Ana Eduardo Ribeiro, «O poder das palavras», in observador.pt
(texto com supressões, consultado em 10/12/2021).

¹ baluartes: alicerces.

² latente: oculto.

1. Tendo em conta os dois primeiros parágrafos do texto, «as palavras»
- A. ☐ potenciam uma tomada de decisão irrefletida.
 - B. ☐ provocam reações adversas em todos os ouvintes.
 - C. ☐ levam o ser humano a agir em prol do outro.
 - D. ☐ permitem a reflexão sobre o nosso percurso.
2. A cronista defende que se pode dar o «caso de serem guardadas palavras» (linha 11) que
- A. ☐ serão eternos ensinamentos a que recorremos em momentos cruciais.
 - B. ☐ poderão vir a ser úteis quando usadas apenas de modo inconsciente.
 - C. ☐ ressoarão sempre como algo distante, impossível de se recuperar.
 - D. ☐ só terão o efeito desejado quando nós atingirmos a vida adulta.
3. Quando Ana Eduardo Ribeiro menciona que «é bom quando encontramos alguém que fale a nossa língua» (linha 24),
- A. ☐ refere-se unicamente ao sentido denotativo da palavra «língua».
 - B. ☐ destaca a importância de sabermos escutar os outros de forma eficaz.
 - C. ☐ releva a forma como é determinante compreendermo-nos mutuamente.
 - D. ☐ evidencia a centralidade de se falar um só idioma no nosso país.
4. No contexto em que ocorre, o adjetivo «profícuos» (linha 25) pode ser substituído por
- A. ☐ vantajosos.
 - B. ☐ proveitosos.
 - C. ☐ prejudiciais.
 - D. ☐ inúteis.
5. No excerto «considerar que aquilo que dizemos tem poder e afeta certamente o recetor» (linhas 31 e 32), as palavras sublinhadas são
- A. ☐ pronomes em ambos os contextos.
 - B. ☐ conjunções em ambos os contextos.
 - C. ☐ uma conjunção e um pronome, respetivamente.
 - D. ☐ um pronome e uma conjunção, respetivamente.
6. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões:
- a) «no outro» (linha 10);
 - b) «Pensar antes de falar» (linha 29).
7. Classifica as palavras «parábola» e «palavra», tendo em conta o étimo latino «PARABOLA-».

Grupo III

Numa sociedade em que a intolerância e a crueldade se instalaram, é o amor que, muitas vezes, faz a diferença.

Será que o amor poderá guiar o ser humano para um caminho de sucesso no futuro?

Num **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende um ponto de vista pessoal sobre a questão apresentada.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 3

Frei Luís de Sousa e Poesia trovadoresca

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos	Estrutura		Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto. Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa. Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	A – Texto de leitura literária: excerto da cena II do Ato I de <i>Frei Luís de Sousa</i> , de Almeida Garrett	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
	B – Texto de leitura literária: cantiga de amigo de João de Requeixo		Parte B 3 itens de resposta restrita	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
	C – Exposição sobre um tema de <i>Frei Luís de Sousa</i> , de Almeida Garrett		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	3 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos
Gramática Identificar a função sintática de constituintes da frase. Conhecer a referência deíctica (deícticos e respetivos referentes). Explicitar o conhecimento gramatical relacionado com a articulação entre constituintes e entre frases.	Funções sintáticas Dêixis Pronominalização Coordenação e subordinação		2 itens de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	4. 8 pontos 5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever apreciações críticas, respeitando as marcas de género. Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Apreciação crítica de um <i>cartoon</i>	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 3

Frei Luís de Sousa e Poesia trovadoresca

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o texto, um excerto da cena II do ato I de *Frei Luís de Sousa*, e consulta as notas.

5 **TELMO** (*ajoelhando e beijando-lhe a mão*) – Senhora... Senhora D. Madalena, minha ama, minha senhora... Castigai-me... Mandai-me já castigar, mandai-me cortar esta língua perra¹ que não toma ensino – Oh! Senhora, senhora!... É vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo de tanto primor e de tão boa linhagem como os que se têm por melhores neste reino, em toda a Espanha. A senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sousas; não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser... para ser...

MADALENA – Calai-vos, calai-vos, pelas dores de Jesus Cristo, homem.

TELMO (*soluçando*) – Minha rica senhora!...

10 **MADALENA** (*enxuga os olhos e toma uma atitude grave e firme*) – Levantai-vos, Telmo, e ouvi-me. (*Telmo levanta-se*). Ouvi-me com atenção. É a primeira vez e será a última vez que vos falo deste modo e em tal assunto. Vós fostes o aio e o amigo do meu senhor... de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tínheis sido o companheiro de trabalhos e de glória de seu ilustre pai, aquele nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha² me acostumei a reverenciar como pai. Entrei depois nesta família de tanto respeito; achei-vos parte dela, e quase que vos tomei a mesma
15 amizade que aos outros... chegastes a alcançar um poder no meu espírito, quase maior... – decerto, maior – que nenhum deles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros – porém, mais que tudo, o que de vosso coração fui vendo e admirando cada vez mais – me fizeram ter-vos numa conta, deixar-vos tomar, entregar-vos eu mesma tal autoridade nesta casa e sobre minha pessoa... que outros poderão estranhar...

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, texto fixado por Maria João Brilhante, 3.ª edição, Lisboa, Editorial Comunicação, 1994, pp. 111-112.

¹ perra: teimosa, obstinada.

² tamanhinha: pequena.

1. Refere um dos efeitos de sentido produzidos pelo uso das reticências na primeira réplica de Telmo.

2. Explica por que motivo D. Madalena assume uma «*atitude grave e firme*» (linha 9).

3. Completa as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, regista apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Neste excerto do ato I de *Frei Luís de Sousa*, denota-se a presença de marcas da linguagem e estilo garrettianas, nomeadamente a utilização de vocábulos e expressões do século XVII, como, por exemplo, **a)** _____. Por outro lado, a repetição da palavra «senhora», na primeira réplica de Telmo, **b)** _____ perante a figura de D. Madalena. Já o recurso às reticências, no discurso final de D. Madalena, demonstra a sua **c)** _____, uma vez que teme recordar-se de um passado que não pretende recuperar.

a)	b)	c)
1. «perra» (linha 2)	1. revela o seu constrangimento e o seu arrependimento	1. inflexibilidade
2. «primor» (linha 4)	2. evidencia a sua determinação e certeza	2. hesitação
3. «tamanhinha» (linha 13)	3. mostra o seu receio e o terror que o assola	3. revolta

PARTE B

Lê a cantiga de João de Requeixo e as notas.

Far[o]¹ um dia irei, madre, se vos prouguer²,
rogar se verria³ meu amigo, que mi bem quer,
e direi-lh'eu entom
a coita do meu coração.

5 Muito per⁴ desejei eu que vesse meu amigo
que m'estas penas deu e que falasse comigo,
e direi-lh'eu entom
a coita do meu coração.

Se s'el nembrar quiser como fiquei namorada,
10 e se cedo veer e o vir eu, bem talhada⁵,
e direi-lh'eu entom
a coita do meu coração.

João de Requeixo, CBN 1290, CV 895, *Base de dados da lírica profana galego-portuguesa* (in <https://cantigas.fcsh.unl.pt>, consultado em 30/09/2021).

¹ Far[o]: Ermida de Santa Maria de Faro, possivelmente um santuário galego, na serra de Faro, na província de Lugo, na Galiza.

² prouguer: agradar.

³ verria: viria.

⁴ per: advérbio de reforço do verbo, com valor semelhante ao atual «de facto».

⁵ bem talhada: bem-feita, elegante.

4. Clarifica um dos papéis que a mãe assume nesta composição poética, justificando com elementos textuais pertinentes.

5. Relaciona o refrão com o desejo manifestado pelo sujeito poético no verso 1.

6. Refere dois traços caracterizadores do sujeito poético presentes ao longo da cantiga.

PARTE C

- 7.** Em *Frei Luís de Sousa*, Maria e Telmo são os arautos de um Portugal que necessita de se reerguer sob a égide de D. Sebastião.

Escreve uma breve exposição na qual comproves esta afirmação, baseando-te na tua experiência de leitura de *Frei Luís de Sousa*.

A tua exposição deve respeitar as orientações seguintes:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites dois aspetos que concretizem a presença do Sebastianismo na peça, fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo pertinente;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto.

Amores do passado: voltar ou não a um amor antigo?

O amor é algo, efetivamente, difícil de definir e de compreender. Claramente tem razões que a razão desconhece. O amor é exatamente o oposto à razão, uma vez que é uma emoção. O desafio é tentarmos equilibrar estes dois pratos da balança, o que, por vezes, se torna difícil. Há momentos em que temos de ser emocionais e deixarmos o sentimento falar. Por sua vez, há outros em que é importante pensar «com a cabeça», avaliar de forma prática e racional, já que o amor, o sentimento, nos tolda muitas vezes a visão. O amor é também uma idealização e nem sempre aquilo que amamos é real, mas sim uma construção nossa.

Por vezes, surge a oportunidade de regressar a um antigo amor, e questionamo-nos se o devemos fazer, e em que condições. No amor, não há regras, há emoções e vontade de ser feliz. Podemos perfeitamente voltar a um antigo amor, sobretudo quando foi bom, quando deixou em nós um sentimento positivo, quando continua a fazer sentido ou quando voltou a fazer sentido. É mais perigoso voltar a um ex-amor quando o mesmo terminou por incompatibilidades, deslealdade ou desrespeito. É importante avaliar as razões pelas quais não deu certo na altura e tentar entender se as mesmas continuam presentes e farão as coisas não resultar novamente.

As razões para voltar a um antigo amor podem ser muitas, por exemplo, o conforto daquilo que já conhecemos pode ser um grande motivo, assim como o desconforto em abraçar novas relações por medo do desconhecido. Há ainda o perseguir de um projeto de vida, de um sonho, de algo que um dia idealizámos com aquela pessoa. Assumir que se falhou num projeto (mesmo que amoroso) a que nos propomos é algo com que temos dificuldade em lidar. Por vezes, continuamos a tentar apenas por «teimosia e orgulho». Há ainda outra razão de peso. É que os amores não concretizados tornam-se eternos. A ideia do que poderia ter sido se tivessem ficado juntos pode permanecer uma vida inteira e é capaz de nos levar a cometer as maiores loucuras. Esta ideia faz-nos criar sentimentos de grande expectativa e desejo de reencontrar a pessoa. Contudo, o reencontro, por vezes, pode ser uma desilusão.

Quase sempre voltar ao passado implica perdoar velhas mágoas, pois, habitualmente, as relações terminam por algum tipo de desentendimento ou incompatibilidade. Pode também terminar por deixarmos de amar, mas nestes casos é mais difícil voltarmos a equacionar um regresso. É muito importante avaliar as razões pelas quais se terminou, pois em alguns casos poderão ditar um novo término ou dificuldades no ajustamento.

Catarina Lucas, «Amores do passado: voltar ou não voltar a um amor antigo?», in <https://visao.sapo.pt>
(texto adaptado e com supressões, consultado em 11/12/2021).

- 1.** O grande «desafio» (linha 2) que o amor nos coloca é
- A. ☐ sabermos harmonizar a emotividade com o domínio intelectual.
 - B. ☐ termos a capacidade de escolher aquilo que é melhor para nós.
 - C. ☐ concretizarmos todas as expectativas que criamos à sua volta.
 - D. ☐ emprendermos uma tarefa que, inicialmente, parece inatingível.
- 2.** De acordo com o terceiro parágrafo, as motivações para se reviver uma experiência amorosa podem ser consideradas
- A. ☐ complementares, pois todas dependem umas das outras.
 - B. ☐ inexplicáveis devido à ausência de racionalidade no amor.
 - C. ☐ idênticas, já que todas têm por base o bem-estar emocional.
 - D. ☐ antagónicas e associadas principalmente ao domínio racional.
- 3.** Com a expressão «Os amores não concretizados tornam-se eternos» (linhas 20 e 21), a cronista
- A. ☐ demonstra que as relações amorosas são alvo de constantes contradições.
 - B. ☐ evidencia que a expectativa consegue superar as adversidades da realidade.
 - C. ☐ realça que a eternidade anula a possibilidade de materializar as relações.
 - D. ☐ mostra que o amor só tem validade quando não é colocado em prática.
- 4.** No segmento «questionamo-nos se o devemos fazer» (linhas 8 e 9), há a presença de deícticos
- A. ☐ temporais e pessoais.
 - B. ☐ espaciais e pessoais.
 - C. ☐ pessoais.
 - D. ☐ espaciais.
- 5.** Na expressão «nos tolda muitas vezes a visão» (linha 6), o pronome encontra-se anteposto ao verbo, porque está
- A. ☐ integrado numa oração subordinante.
 - B. ☐ integrado numa oração subordinada.
 - C. ☐ dependente da expressão «forma prática e racional» (linha 5).
 - D. ☐ dependente de uma oração coordenada.
- 6.** Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões:
- a) «que a razão desconhece» (linhas 1 e 2);
 - b) «uma desilusão» (linhas 23 e 24).
- 7.** Classifica a oração «quando deixou em nós um sentimento positivo» (linhas 10 e 11).

Grupo III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, faz a **apreciação crítica** do *cartoon* abaixo apresentado, da autoria de Alireza Pakdel.



Alireza Pakdel, in www.oanoe.com
(consultado em 10/12/2021).

O teu texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico, fundamentando a tua apreciação em, pelo menos, três aspetos relevantes e utilizando um discurso valorativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 4

Frei Luís de Sousa e «Sermão de Santo António»

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos	Estrutura		Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: excerto da cena I do ato III de <i>Frei Luís de Sousa</i> , de Almeida Garrett	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: Texto de leitura literária: «Sermão de Santo António»		Parte B 3 itens de resposta restrita	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema de <i>Frei Luís de Sousa</i> , de Almeida Garrett		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	3 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos
Gramática Identificar a função sintática de constituintes da frase. Conhecer a referência deíctica (deícticos e respetivos referentes). Explicitar o conhecimento gramatical relacionado com a articulação entre constituintes e entre frases.	Funções sintáticas Dêixis Pronominalização Coordenação e subordinação		2 itens de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	4. 8 pontos 5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever apreciações críticas, respeitando as marcas de género. Redigir o texto com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Apreciação crítica de um <i>cartoon</i>	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 4

Frei Luís de Sousa e «Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o texto, um excerto da cena I do ato III de *Frei Luís de Sousa*, e consulta as notas.

JORGE (*chamando timidamente*) – Manuel!

MANUEL – Que me queres, irmão?

JORGE (*animando-o*) – Ela não está tão mal: já lá estive hoje...

MANUEL – Estiveste?... oh! conta-me, conta-me; eu não tenho... não tive ainda ânimo de a ir ver.

- 5 **JORGE** – Haverá duas horas que entrei na sua câmara, e estive ao pé do leito. Dormia, e mais sossegada da respiração. O acesso de febre que a tomou quando chegámos de Lisboa e que viu a mãe naquele estado, parecia declinar... quebrar-se mais alguma coisa. Doroteia e Telmo... pobre velho, coitado!... estavam ao pé dela, cada um de seu lado... disseram-me que não tinha tornado a... a...

- MANUEL** – A lançar sangue?... Se ela deitou o do coração!... não tem mais. Naquele corpo tão
10 franzino, tão delgado, que mais sangue há de haver? – Quando ontem a arranquei de ao pé da mãe e a levava nos braços, não mo lançou todo às golfadas aqui no peito? (*Mostra um lenço branco todo manchado de sangue.*) Não o tenho aqui... o sangue... o sangue da minha vítima?... que é o sangue das minhas veias... que é sangue da minha alma – é o sangue da minha querida filha! (*Beija o lenço muitas vezes.*) Oh meu Deus, meu Deus! eu queria pedir-te que a levasses já... e
15 não tenho ânimo. Eu devia aceitar por mercê de tuas misericórdias que chamasses aquele anjo para junto dos teus, antes que o mundo, este mundo infame e sem comiseração¹, lhe cuspsse na cara com a desgraça do seu nascimento. – Devia, devia... e não posso, não quero, não sei, não tenho ânimo, não tenho coração. Peço-te vida, meu Deus (*ajoelha e põe as mãos*), peço-te vida, vida, vida... vida para ela, vida para a minha filha!... saúde, vida para a minha querida filha!... e
20 morra eu de vergonha, se é preciso; cubra-me o escárneo do mundo, desonre-me o opróbrio² dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignomínia³, um epitáfio⁴ que fique a bradar por essas eras desonra e infâmia sobre mim!... Oh meu Deus, meu Deus! (*Cai de bruços no chão.... Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para ele, levanta-o quase a peso, e o torna a assentar.*)

- JORGE** – Manuel, meu bom Manuel, Deus sabe melhor o que nos convém a todos: põe nas suas mãos
25 esse pobre coração, põe-no resignado e contrito, meu irmão, e Ele fará o que em sua misericórdia sabe que é melhor.

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, texto fixado por Maria João Brilhante, 3.ª edição, Lisboa, Editorial Comunicação, 1994, pp. 188-189.

¹ *comiseração*: piedade, compaixão.

² *opróbrio*: afronta vergonhosa, injúria.

³ *loisa de ignomínia*: lousa (placa de pedra que cobre um túmulo) de desonra.

⁴ *epitáfio*: inscrição tumular, elogio fúnebre.

1. Explicita três dos traços caracterizadores de Manuel de Sousa Coutinho.
2. Refere um dos efeitos de sentido produzidos pela pontuação presente na terceira réplica de Manuel de Sousa Coutinho.
3. Completa as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.
Na folha de respostas, regista apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Neste agudizar da ação trágica em *Frei Luís de Sousa*, Jorge assume especial destaque, ao **a)** _____. Desta forma, coloca-se em evidência um dos elementos da ação trágica, **b)** _____, pela impotência de Manuel e **c)** _____ de Frei Jorge, perante as adversidades que assolam a família.

a)	b)	c)
1. chamar a atenção do irmão sobre a gravidade do estado de Maria	1. a <i>anagnórise</i> ou o reconhecimento	1. pelo conformismo
2. alertar Manuel sobre a impossibilidade de auxiliar Maria	2. o <i>pathos</i> ou o sofrimento	2. pela resiliência
3. apoiar incondicionalmente o irmão neste momento de dor	3. a <i>hybris</i> ou o desafio	3. pela angústia

PARTE B

Lê o texto, um excerto do capítulo V do «Sermão de Santo António», e as notas.

[...] Grande ambição é que sendo o mar tão imenso lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vede, peixes, o castigo da ambição. O Voador fê-lo Deus peixe, e ele quis ser ave, e permite o mesmo Deus que tenha os perigos de ave, e mais os de peixe. Todas as velas para ele são redes como peixe, e todas as cordas, laços como ave. Vê, Voador, como correu pela posta¹ o teu castigo. Pouco há nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés amortalhado nas asas. Não contente com ser peixe, quiseste ser ave, e já não és ave, nem peixe: nem voar poderás já, nem nadar. A Natureza deu-te a água, tu não quiseste senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o Voador não quisera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto². Bem seguro estava ele do fogo, quando nadava na água; mas porque quis ser borboleta das ondas, vieram-se-lhe a queimar as asas.

À vista deste exemplo, Peixes, tomai todos na memória esta sentença: quem quer mais do que lhe convém perde o que quer, e o que tem. Quem pode nadar, e quer voar, tempo virá em que não voe, nem nade. Ouvi o caso de um Voador da terra. Simão Mago, a quem a Arte Mágica, na qual era famosíssimo, deu o sobrenome, fingindo-se que ele era o verdadeiro Filho de Deus, sinalou o dia, em que nos olhos de toda Roma havia de subir ao Céu, e com efeito começou a voar mui alto; porém a oração de São Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que ele, e caindo lá de cima o Mago, não quis Deus que morresse logo, senão que nos olhos também de todos quebrasse, como quebrou os pés. Não quero que repareis no castigo, senão no género dele. Que caia Simão, está muito bem caído; que morra, também estaria muito bem morto, que o seu atrevimento, e a sua arte diabólica o merecia. Mas que de uma queda tão alta não rebente, nem quebre a cabeça, ou os braços, senão os pés? Sim, diz São Máximo: porque quem tem pés para andar, e quer asas para voar, justo é que perca as asas, e mais os pés. [...] E Simão tem pés, e quer asas; pode andar, e quer voar; pois quebrem-se-lhe as asas para que não voe, e também os pés, para que não ande. Eis aqui, Voadores do mar, o que sucede aos da terra, para que cada um se contente com o seu elemento. Se o mar tomara exemplo nos rios, depois que Ícaro³ se afogou no Danúbio, não haveria tantos Ícaros no Oceano.

Oh Alma de António, que só vós tivestes asas, e voastes sem perigo, porque soubestes voar para baixo, e não para cima!

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António», capítulo V, in *Obra completa* (Direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate), Tomo II, Volume X, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 160-161.

¹ correu pela posta: veio depressa.

² quarto: fogo (quarto elemento).

³ Ícaro: figura mitológica grega que, ao pretender ascender ao Sol com asas de cera, morre afogado no rio Danúbio, quando estas derreteram.

- 4.** Clarifica a crítica formulada ao peixe «Voador», tendo em conta as linhas 1 a 10.
- 5.** Relaciona os exemplos de Simão Mago (linha 13) e de Ícaro (linha 25) com a referência a Santo António nas linhas 26 e 27.
- 6.** Transcreve:
- a)** a antítese que, nas linhas 4 a 9, destaca a facilidade com que morre o peixe «Voador»;
 - b)** a metáfora que, nas linhas 11 a 18, evidencia o poder da palavra religiosa.

PARTE C

- 7.** A defesa da pátria é uma temática que perpassa várias obras da literatura portuguesa.

Escreve uma breve exposição sobre o modo como o patriotismo é apresentado em *Frei Luís de Sousa*.

A tua exposição deve respeitar as orientações seguintes:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites dois aspetos que evidenciem o modo como o patriotismo está presente na peça, fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo pertinente;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto.

Amizade todos os dias, se faz favor!

Quando é que foi a última vez que parámos para pensar nos nossos amigos? Parar, mesmo que por uns breves instantes, e pensar. Sem romantismos, ódios ou pensamentos preconcebidos. Tendemos a valorizar apenas aquilo que já não temos. Ou porque deixamos de o ter, ou, por vezes, porque nunca o tivemos. No entanto, a amizade, no sentido lato da palavra, é algo que nos acompanha desde sempre, de diferentes formas e feitios, com vários tipos de intensidade, mas sempre com consequências na nossa maneira de ser.

Dei por mim, durante um período de reflexão, a pensar no que realmente nos faz feliz. Naquilo que verdadeiramente importa.

Em primeiro lugar, importa destacar que cada pessoa tem a sua forma de pensar, de viver e de conferir valor àquilo que lhe traz felicidade. Há certamente quem escolha viver zangado com a família, outras pessoas preferem não manter relações amorosas durante demasiado tempo e há ainda quem escolha nunca casar, ter filhos ou, por ordem do acaso, viver em constante negação com o mundo. Mas, se olharmos profundamente para tudo isto, acredito que conseguimos chegar a uma conclusão: ninguém vive sem amizade. Claro que esta se pode revelar de diferentes formas e feitios, como em cima foi referido, mas há sempre, por mais insignificante que seja, um sentimento de ligação e de saudade para com alguém.

A maior parte das pessoas, especialmente em momentos de conforto, não olha à sua volta. Quando é que foi a última vez que, durante um jantar com os seus melhores amigos, olhou à sua volta e pensou: «Que sorte que eu tenho!», «que bom que é ter estas pessoas na minha vida!». Provavelmente nunca, ou, se o fez, acredito que foram menos vezes do que deveria ter feito.

Já não pensava nisso há muito tempo e, confesso, só o fiz por necessidade. Talvez por egoísmo, diga-se. Mas fi-lo, e o reconforto que as memórias me trouxeram são de tal maneira gratificantes que só me apetece juntá-los a todos na mesma mesa e festejar. Sim, festejar. Isso mesmo, festejar a amizade. Ocasionalmente festejamos os nossos aniversários, os aniversários dos nossos filhos, dos nossos parceiros/as, as datas dos casamentos, namoros ou do momento em que arranjámos trabalho. Motivos importantes, óbvio. Mas e a amizade? Não terá valor suficiente para ser celebrada? Tem. Tem todo o valor do mundo e mais algum.

Valorizar o Miguel, porque todos temos um Miguel, mesmo que se chame João, e pensar naquilo que ele nos traz. Tem os defeitos de todos os Antónios e Fredericos do mundo juntos, mas, ainda assim, consegue-nos sempre surpreender com mais uma história irrisória da sua vida boémia. Devemos valorizar a Carolina, porque todos temos uma Carolina, mesmo que se chame Rita, e pensar no conforto das suas palavras nos momentos de maior aflição. Consegue ser exaustiva e trapalhona, não ver o telefone e ignorar mensagens, mas consegue-nos sempre ajudar. Sem mas. Não é motivo para a celebrarmos? Liguem à vossa Carolina.

Estas são as memórias que só a amizade nos traz. A amizade de um colega de trabalho, de um primo mais novo, de uma irmã desvairada, de um amigo de ocasião, de uma/um namorada/o. Isto é que importa. Memórias e amizade são duas palavras inconfundíveis entre si. É impossível pensar numa sem pensar na outra.

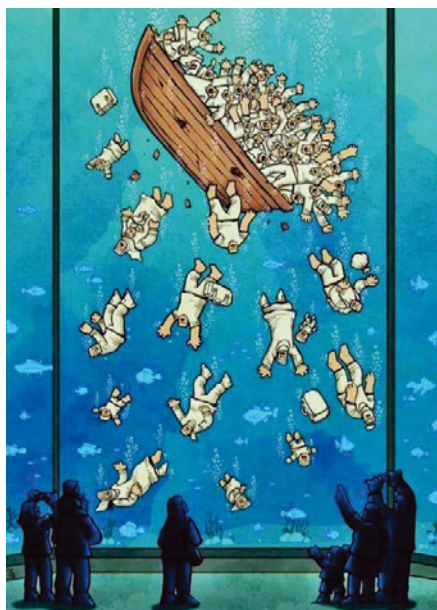
Se conseguirmos chegar a esta conclusão, tudo isto, tornando-se cíclico, transforma-se em algo natural, num dia a dia, numa perfeita sintonia entre estar vivo, sentir-se vivo, e amar estar vivo. Só a amizade nos traz isto. Não valorizemos aquilo que não temos ou deixamos de ter. Pelo contrário, valorizemos aquilo que temos, e sempre teremos. Tentem ser o melhor amigo do vosso amigo. Vale a pena.

Inácio da Veiga, «Amizade todos os dias, se faz favor!», in <https://observador.pt> (texto adaptado e com supressões, consultado em 29/11/2021).

1. Para o cronista, «pensar no que realmente nos faz feliz» (linha 7)
- A. ☐ assume um papel semelhante para todas as pessoas.
 - B. ☐ pode originar diferentes perspetivas sobre a amizade.
 - C. ☐ cria, em nós, um sentimento de paz e de tranquilidade.
 - D. ☐ leva o ser humano a refletir sobre o valor da amizade.
2. De acordo com o quarto parágrafo, é colocada em evidência a
- A. ☐ atitude egoísta do ser humano que vive feliz.
 - B. ☐ falta de questionamento sobre o valor da amizade.
 - C. ☐ interdependência entre o conforto e a felicidade.
 - D. ☐ nossa incapacidade de valorizar a amizade.
3. Os exemplos elencados nas linhas 28 a 34
- A. ☐ demonstram que as relações de amizade são únicas e pessoais.
 - B. ☐ confirmam a universalidade e a relevância da amizade.
 - C. ☐ mostram o egocentrismo do ser humano que tem amigos.
 - D. ☐ revelam o sentido que atribuímos às relações de amizade.
4. No segmento «Dei por mim, durante um período de reflexão, a pensar no que realmente nos faz feliz» (linha 7), há a presença de deícticos
- A. ☐ temporais e pessoais.
 - B. ☐ espaciais e pessoais.
 - C. ☐ pessoais.
 - D. ☐ espaciais.
5. Em «só o fiz por necessidade» (linha 21), o pronome encontra-se anteposto ao verbo, porque está
- A. ☐ integrado numa oração subordinante.
 - B. ☐ integrado numa oração subordinada.
 - C. ☐ antecedido pela forma verbal «confesso» (linha 21).
 - D. ☐ antecedido por um advérbio.
6. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões:
- a) «para tudo isto» (linha 13);
 - b) «cíclico» (linha 39).
7. Classifica a oração «que só me apetece juntá-los a todos na mesma mesa» (linhas 22 e 23).

Grupo III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, faz a **apreciação crítica** do *cartoon* abaixo apresentado, da autoria de Alireza Pakdel.



Alireza Pakdel, in <https://www.irancartoon.com>
(consultado em 20/12/2021).

O teu texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico, fundamentando a tua apreciação em, pelo menos, três aspetos relevantes e utilizando um discurso valorativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 5

Amor de perdição e Farsa de Inês Pereira

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos	Estrutura		Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: excerto de <i>Amor de perdição</i> , de Camilo Castelo Branco	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: excerto da <i>Farsa de Inês Pereira</i> , de Gil Vicente		Parte B 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema de <i>Amor de perdição</i> e da <i>Farsa de Inês Pereira</i>		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Classificar orações. Analisar processos de coesão textual. Identificar a função sintática de constituintes da frase.	Coordenação e subordinação Funções sintáticas Coesão		1 item de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever textos de opinião, respeitando as marcas de género. Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Texto de opinião	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 5

Amor de perdição e Farsa de Inês Pereira

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o texto, um excerto do capítulo XIX de *Amor de perdição*, e as notas.

A verdade é algumas vezes o escolho¹ de um romance.

Na vida real, recebemo-la como ela sai dos encontrados casos, ou da lógica implacável das coisas; mas na novela, custa-nos a sofrer que o autor, se inventa, não invente melhor; e, se copia, não minta por amor da arte.

- 5 Um romance, que estriba² na verdade o seu merecimento, é frio, é impertinente, é uma coisa que não sacode os nervos, nem tira a gente, sequer uma temporada, enquanto ele nos lembra, deste jugo de nora, cujos alcatruzes³ somos, uns a subir, outros a descer, movidos pela manivela do egoísmo.

A verdade! Se ela é feia, para que oferecê-la em painéis ao público!?! [...]

A desgraça afervora ou quebranta o amor?

- 10 Isso é que eu submeto à decisão do leitor inteligente. Factos e não teses é o que eu trago para aqui. O pintor retrata uns olhos, e não explica as funções óticas do aparelho visual.

Ao cabo de dezanove meses de cárcere, Simão Botelho almejava um raio de sol, uma lufada de ar não coada pelos ferros, o pavimento do céu, que o da abóboda do seu cubículo pesava-lhe sobre o peito.

- 15 Ânsia de viver era a sua; não era já a ânsia de amar.

Seis meses de sobressaltos diante da força deviam distender-lhe as fibras do coração; e o coração para o amor quer-se forte e tenso de uma certa rijeza, que se ganha com o bom sangue, com os anseios das esperanças, e com as alegrias que o enchem e reforçam para os reveses.

- 20 Caiu a força pavorosa aos olhos de Simão; mas os pulsos ficaram em ferros, o pulmão ao ar mortal das cadeias, o espírito entanguido⁴ na glacial estupidez de umas paredes salitrosas, e dum pavimento, que ressoa os derradeiros passos do último padecente, e dum teto que filtra a morte a gotas de água.

O que é o coração, o coração dos dezoito anos, o coração sem remorsos, o espírito anelante⁵ de glórias, ao cabo de dezoito meses de estagnação da vida?

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*, Porto, Edições Caixotim, 2006, pp. 275-276.

¹ escolho: obstáculo (figurativo).

⁴ entanguido: enregelado.

² estriba: apoia.

⁵ anelante: desejoso.

³ alcatruzes: vasos que tiram água da nora.

1. Explica o papel que a «verdade», segundo o narrador, tem na elaboração de um romance.

2. Clarifica as mudanças que o cárcere operou em Simão Botelho.

6. Completa as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, regista apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Neste excerto da *Farsa de Inês Pereira*, a mãe dirige-se a Inês, através de várias **a)** _____, com o objetivo de a elucidar sobre o que é correto. Além disso, alerta-a para a necessidade de ser ponderada, usando várias expressões populares, tais como, **b)** _____.

a)	b)
1. afirmações	1. «ou cuidas que é dia santo?» (verso 9)
2. exclamações	2. «Olhade lá o mau pesar» (verso 16)
3. interrogações	3. «que ante Páscoa vem os Ramos» (verso 24)

PARTE C

7. A afirmação da figura feminina assume relevo em *Amor de perdição* e na *Farsa de Inês Pereira*.

Escreve uma breve exposição na qual comproves a afirmação anterior, baseando-te na tua experiência de leitura das duas obras referidas.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites, para cada uma das obras, um aspeto que comprove a afirmação da figura feminina, fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo pertinente;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto.

Menina e moça chegou ao Porto de copo de vinho na mão e olhos nos livros

Num espaço forrado a livros em prateleiras habitadas por autores tão diversos como Fernando Pessoa, José Saramago, Italo Calvino ou George Orwell, ouvem-se palavras de histórias que nascem nas ruas e nos bairros do Porto, ditas por quem acumulou experiência ao chocar nas esquinas mais afiadas dos limites da cidade. Uns minutos antes apenas se ouvia o som de um piano e o burburinho
5 quase silencioso de quem conversava nas mesas de uma sala parecida com a de uma outra casa qualquer, onde o conforto é feito da presença de pessoas que nos são próximas.

No entanto, essa «musiquinha» de fundo deu lugar à palavra dura e crua atirada por quem se atreveu a tomar o lugar de narrador numa sala cheia de gente que não se conhecia, mas que, de alguma forma, pertencia àquele sítio. Esta sala de um prédio do coração do Porto, encostado ao Jardim da
10 Cordoaria, virada para a cadeia onde Camilo Castelo Branco esteve encarcerado, tem nova dona.

Numa quarta-feira entramos nesta livraria-bar que foi buscar o nome ao romance de Bernardim Ribeiro sem precisar de pedir licença para uma primeira experiência dedicada ao *spoken word*. Com curadoria de Nuno Rebelo, da Somos Bipolar, conduzida pelo ator/escritor/poeta Ismael Calliano, nesta sessão estão presentes alguns representantes da comunidade *hip-hop* local.

15 Com o coração perto da boca deixam sair das entranhas poemas, que, ao mesmo tempo, são letras de músicas, mas sem ajuda de batida. Só eles e um microfone, um a um, a olhar para quem os vê (e ouve) e para estantes onde também estão alguns dos maiores poetas portugueses, despem-se de medos e com a palavra na ponta da língua dizem o que lhes vai na alma sem ajuda de cábulas. Será assim todas as quartas-feiras, com outras histórias, outros participantes e outros autores.

20 Esta é apenas parte da programação deste espaço idealizado por Cristina Ovídio, que em fevereiro de 2017 abriu a primeira *Menina e moça*, no Cais do Sodré, em Lisboa. Num futuro próximo, a proprietária, que trabalhou como editora no Clube do Livro, quer ver na agenda da programação mensal um *quizz* cultural, leituras encenadas e um clube de leitura. Todas estas atividades podem ser acompanhadas por um menu que inclui tábuas de queijos, tostas e outros petiscos, vinho, vinho do
25 Porto, bagaço com lima ou simplesmente café. Brevemente, pensa também vender livros em segunda mão e deseja ter cada vez mais autores portugueses traduzidos para outras línguas.

Os livros que lá se encontram, roubando o espaço aos *bestsellers*, estão à venda, mas também podem ser folheados. Convida-se também que lá se apareça com um livro na mão para aproveitar a leitura num espaço cujo teto tem pintadas ilustrações da autoria de uma artista da cidade – Mariana
30 Rio. Quem olhar para cima vê representações de Camilo Castelo Branco, quando esteve preso na Cadeia da Relação, do gato de Manuel António Pina ou Ana Plácido a chorar a um canto.

André Borges Vieira, «Menina e moça chegou ao Porto de copo de vinho na mão e olhos nos livros»,
in <https://www.publico.pt> (texto adaptado e com supressões, consultado em 12/12/2021).

1. O objetivo do texto é dar a conhecer a livraria-bar *Menina e moça*,
- A. ☐ revelando apenas os antecedentes que deram origem ao lugar.
 - B. ☐ ilustrando a sua importância com as atividades lá desenvolvidas.
 - C. ☐ mostrando a singularidade do nome escolhido pela proprietária.
 - D. ☐ referindo também o caráter retrógrado do conceito apresentado.
2. Na linha 7, a caracterização da palavra como «dura e crua» evidencia a
- A. ☐ dificuldade de ser apresentada num espaço tão intimista.
 - B. ☐ musicalidade que possui ao ser declamada em público.
 - C. ☐ simplicidade da sua declamação num espaço coletivo.
 - D. ☐ simultaneidade da sua beleza e força no ato de declamação.
3. Quando os artistas convidados «dizem o que lhes vai na alma sem ajuda de cábulas» (linha 18),
- A. ☐ mostram a sua capacidade de improviso no momento da atuação.
 - B. ☐ partilham a sua intimidade com o público que os vai ver e ouvir.
 - C. ☐ transmitem aos outros o que possuem de mais pessoal e íntimo.
 - D. ☐ assumem uma postura de partilha da sua capacidade criativa.
4. No contexto em que ocorre, o uso da forma verbal «será» (linha 18) contribui para exprimir uma
- A. ☐ condição.
 - B. ☐ suposição.
 - C. ☐ certeza.
 - D. ☐ dúvida.
5. O articulador «No entanto» (linha 7) assegura a coesão
- A. ☐ gramatical referencial.
 - B. ☐ gramatical frásica.
 - C. ☐ gramatical interfrásica.
 - D. ☐ lexical.
6. Identifica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
- a) «onde Camilo Castelo Branco esteve encarcerado» (linha 10);
 - b) «alguns representantes da comunidade *hip-hop* local» (linha 14).
7. Classifica a oração introduzida por «quem», na linha 30.

Grupo III

Apesar dos avanços civilizacionais, as diferenças entre mulheres e homens – sobretudo no que diz respeito ao mercado de trabalho – são evidentes, tanto em Portugal como no resto do mundo.

Será que, na atualidade, a luta pela igualdade de género é ainda justificável?

Num **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende uma perspetiva pessoal sobre a questão apresentada.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 6

Amor de perdição e Frei Luís de Sousa

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos	Estrutura		Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: excerto de <i>Amor de perdição</i> , de Camilo Castelo Branco	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: excerto de <i>Frei Luís de Sousa</i> , de Almeida Garrett		Parte B 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema de <i>Amor de perdição</i>		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Analisar processos de coesão textual. Identificar a função sintática de constituintes da frase. Classificar orações.	Coesão Funções sintáticas Coordenação e subordinação		1 item de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever textos de opinião, respeitando as marcas de género. Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Texto de opinião	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 6

Amor de perdição e Frei Luís de Sousa

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o excerto do capítulo I de *Amor de perdição* e as notas.

Em 1801, achamos Domingos José Correia Botelho de Mesquita corregedor em Viseu.

Manuel, o mais velho de seus filhos, tem vinte e dois anos, e frequenta o segundo ano jurídico. Simão, que tem quinze, estuda Humanidades em Coimbra. As três meninas são o prazer e a vida toda do coração de sua mãe.

- 5 O filho mais velho escreveu a seu pai queixando-se de não poder viver com seu irmão, temeroso do génio sanguíneo dele. Conta que a cada passo se vê ameaçado na vida, porque Simão emprega em pistolas o dinheiro dos livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia, e corre de noite as ruas insultando os habitantes e provocando-os à luta com assuadas¹. O corregedor admira a bravura de seu filho Simão, e diz à consternada mãe que o rapaz é a figura e o génio de seu bisavô
- 10 Paulo Botelho Correia, o mais valente fidalgo que dera Trás-os-Montes.

Manuel, cada vez mais aterrado das arremetidas de Simão, sai de Coimbra antes de férias e vai a Viseu queixar-se, e pedir que lhe dê seu pai outro destino. [...]

- No entanto, Simão recolhe a Viseu com os seus exames feitos e aprovados. O pai maravilha-se do talento do filho, e desculpa-o da extravagância por amor do talento. Pede-lhe explicações do seu
- 15 mau viver com Manuel, e ele responde que seu irmão o quer forçar a viver monasticamente.

- Os quinze anos de Simão têm aparência de vinte. É forte de complexão; belo homem com as feições de sua mãe, e a corpulência dela; mas de todo avesso em génio. Na plebe de Viseu é que ele escolhe amigos e companheiros. Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias [...]. Isto bastou para ele granjear² a malquerença de sua mãe. O corregedor via as
- 20 coisas pelos olhos de sua mulher, e tomou parte no desgosto dela, e na aversão ao filho. As irmãs temiam-no, tirante Rita, a mais nova, com quem ele brincava puerilmente, e a quem obedecia, se lhe ela pedia, com meiguices de criança, que não andasse com pessoas mecânicas³.

- Finalizavam as férias, quando o corregedor teve um grande dissabor. Um dos seus criados tinha ido levar a beber os machos, e, por descuido ou propósito, deixou quebrar algumas vasilhas que
- 25 estavam à vez no parapeito do chafariz. Os donos das vasilhas conjuraram contra o criado; espancaram-no. Simão passava nesse ensejo⁴; e, armado dum fueiro⁵ que descravou dum carro, partiu muitas cabeças, e rematou o trágico espetáculo pela farsa de quebrar todos os cântaros. O povolêu⁶ intacto fugira espavorido, que ninguém se atrevia ao filho do corregedor; os feridos, porém, incorporaram-se e foram clamar justiça à porta do magistrado.

- 30 Domingos Botelho bramava contra o filho, e ordenava ao meirinho-geral que o prendesse à sua ordem. D. Rita, não menos irritada, mas irritada como mãe, mandou, por portas travessas, dinheiro ao filho para que, sem detença, fugisse para Coimbra, e esperasse lá o perdão do pai.

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*, Porto, Edições Caixotim, 2006, pp. 102-104.

¹ assuadas: motins.

⁴ ensejo: momento.

² granjear: conquistar.

⁵ fueiro: estaca de carros de bois.

³ mecânicas: impulsivas.

⁶ povolêu: povo (depreciativo).

1. Caracteriza a relação que Simão Botelho estabelece com Manuel, seu irmão.
2. Explicita três características psicológicas de Simão que o definem como herói romântico.
3. Seleciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

Neste excerto de *Amor de perdição*, são apresentadas as relações familiares do protagonista do romance. O pai é, de um modo geral, _____, mas intransigente quando a sua impulsividade e ousadia colocam em causa a imagem da família. A mãe, por seu lado, opõe-se veementemente às atitudes do filho, mas _____ quando o marido vai ajuizar o caso em que Simão se vê envolvido.

- A. ☐ ausente da educação de Simão ... evidencia revolta
- B. ☐ benévolo com os erros de Simão ... acaba por protegê-lo
- C. ☐ orgulhoso das atitudes de Simão ... denuncia-o
- D. ☐ indiferente em relação a Simão ... mantém-se serena

PARTE B

Lê o excerto da cena V do ato III de *Frei Luís de Sousa*.

ROMEIRO – Que não oiça Deus o teu rogo!

TELMO (*sobressaltado*) – Que voz! – Ah! é o romeiro. Que me não oiça Deus! porquê?

ROMEIRO – Não pedias tu pelo teu desgraçado amo, pelo filho que criaste?

TELMO (*à parte*) – Já não sei pedir senão pela outra. (*Alto.*) E que pedisse por ele, ou por outrem, porque me não há de ouvir Deus, se lhe peço a vida de um inocente?

ROMEIRO – E quem te disse que ele o era?

TELMO – Esta voz... esta voz...! – Romeiro, quem és tu?

ROMEIRO (*tirando o chapéu e alevantando o cabelo dos olhos*) – Ninguém, Telmo, ninguém, se nem já tu me conheces.

10 **TELMO** (*deitando-se-lhe às mãos para lhas beijar*) – Meu amo, meu senhor... sois vós? – Sois, sois. – D. João de Portugal, oh, sois vós, senhor?

ROMEIRO – Teu filho já não?

TELMO – Meu filho!... oh! é o meu filho todo; a voz, o rosto... Só estas barbas, este cabelo não... Mais branco já que o meu, senhor!

15 **ROMEIRO** – São vinte anos de cativo e miséria, de saudades, de ânsias que por aqui passaram. Para a cabeça bastou uma noite como a que veio depois da batalha de Alcácer; a barba, acabaram de a curar o sol da Palestina e as águas do Jordão.

TELMO – Por tão longe andastes?

ROMEIRO – E por tão longe eu morrera! – Mas não quis Deus assim.

20 **TELMO** – Seja feita a Sua vontade.

ROMEIRO – Pesa-te?

TELMO – Oh, senhor!

ROMEIRO – Pesa-te.

TELMO – Há de me pesar da vossa vida? (*à parte*) Meu Deus, parece-me que menti...

25 **ROMEIRO** – E porque não, se já me pesa a mim dela, se tanto me pesa ela a mim? – Amigo, ouve... Tu és meu amigo?

TELMO – Não sou?

ROMEIRO – És, bem sei. E contudo, vinte anos de ausência, e de conversação de novos amigos fazem esquecer tanto os velhos!... Mas tu és meu amigo. – E se tu o não foras, quem o seria?

Almeida Garrett, Frei Luís de Sousa, texto fixado por Maria João Brilhante, 3.ª edição, Lisboa, Editorial Comunicação, 1994, pp. 205-209.

4. Clarifica um dos efeitos de sentido produzidos pela repetição do pronome «ninguém» na linha 8.

5. Explicita a importância da réplica de Telmo proferida «à parte» na linha 24.

6. Seleciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

No final deste excerto de *Frei Luís de Sousa*, o Romeiro apresenta-se totalmente derrotado, desiludido e angustiado. Além disso, a sua _____ é também reveladora da tristeza que sente por não ter ninguém que se regozije com o seu regresso. No entanto, mantém ainda a esperança _____, mesmo sabendo que foi abandonado pela sua família.

- A. ☐ credulidade ... no arrependimento de Madalena
- B. ☐ revolta ... no auxílio de Frei Jorge
- C. ☐ incredulidade ... no apoio por parte de Telmo
- D. ☐ indiferença ... na atitude racional de Manuel

PARTE C

7. Camilo apresentou, na ficção de *Amor de perdição*, diferentes referências biográficas suas.

Escreve uma breve exposição na qual comproves a afirmação anterior, baseando-te na tua experiência de leitura de *Amor de perdição*.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites dois aspetos que evidenciem a sugestão biográfica presente na obra;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto.

Passear dentro do livro

A cidade do Porto está povoada dos caminhos de *Amor de perdição*. Da Cadeia da Relação, descemos até ao Convento da Madre de Deus de Monchique. Se hoje o caminho a pé se faz Restauração abaixo, na altura as ruelas eram mais sinuosas e não era fácil o vaivém de cartas entre os amantes. O convento é um dos raros exemplos do Manuelino no Norte do país, erguido em 1533, onde antes existia uma sinagoga. À altura da publicação do livro de Camilo, o convento já estava encerrado há quase trinta anos, mas é para lá que vai para Teresa, enviada pelo pai, para que a febre de amor fosse curada pela fé. Teresa resistiu o quanto pôde, o que não foi muito. Passado pouco tempo, debruçada sobre uma das janelas do edifício, vê Simão a partir num barco para a Índia e falece, possuída de fraquezas, tão à moda desses tempos.

O convento esteve vergonhosamente abandonado durante décadas. Hoje foi recondicionado e até é possível lá passar uma noite. É um hotel inaugurado em agosto de 2020. Não sabemos se há algum quarto com a temática das febres de Teresa, mas acreditamos que, de vários, seja possível ver outro dos pontos essenciais do livro: a zona portuária. Ainda não existia o edifício da Alfândega à data do lançamento do livro, mas estava por pouco: já havia os alicerces que destruíram a antiga praia de Miragaia e, passados cerca de oito anos, surgiria o edifício, hoje Centro de Exposições, mais ou menos como o conhecemos. Daí saiu Simão rumo à Índia, cumprindo pena de degredo, embora, como sabemos, não tenha aguentado muito mais que a ponta de Sagres.

Embora passado em vários espaços do Norte de Portugal, o Porto é um dos cenários principais de *Amor de perdição*. Além dos edifícios, dos caminhos e paisagens que preencheram a obra de Camilo, há ainda um Porto Romântico a fazer jus ao nome, espriado pelos jardins do antigo Palácio de Cristal e pelos espaços culturais inseridos nesse mesmo percurso do romântico portuense.

Além de uma história de paixões trágicas, *Amor de perdição* é um clássico sobre a reação do ser humano perante a necessidade de tomada de uma decisão, o desafio às imposições da sociedade e o esticar das normas, das regras e da opressão. Exceccionalmente inovador para a altura, o livro toca temas sensíveis e acreditamos que não haja cidade melhor para representar esses mesmos temas do que o Porto, a tal cidade que tantos têm por nação.

Álvaro Curia e Ludgero Cardoso, «Passear dentro do livro», in <https://www.patreon.com> (consultado em 28/11/2021).

1. O objetivo do texto é

- A. ☐ dar a conhecer os todos os espaços marcantes de *Amor de perdição*.
- B. ☐ demonstrar a relação entre os espaços portuenses e a obra de Camilo.
- C. ☐ transmitir uma perceção subjetiva sobre os espaços da obra camiliana.
- D. ☐ evidenciar a ligação afetiva de Camilo Castelo Branco à cidade Invicta.

2. A frase «Teresa resistiu o quanto pôde, o que não foi muito» (linha 7) revela que

- A. ☐ a protagonista de *Amor de perdição* sofreu por amor, mas de forma efémera.
- B. ☐ esta figura feminina sucumbiu à clausura, após longos meses no convento.
- C. ☐ teve uma coragem desmedida, ao lutar contra a vontade de seu pai.
- D. ☐ viveu o amor por Simão com intensidade, mas rapidamente o esqueceu.

3. A expressão «Porto Romântico» (linha 20) remete para
- A. ☐ o enamoramento de todas as personagens que povoam a obra de Camilo.
 - B. ☐ a beleza e singularidade dos espaços ajardinados da cidade Invicta.
 - C. ☐ os espaços da cidade que são representativos dessa corrente literária.
 - D. ☐ a vivência apaixonada de todos os habitantes da cidade no século XIX.
4. Os autores consideram *Amor de perdição* um texto «[e]xcecionalmente inovador para a altura» (linha 24),
- A. ☐ pela abordagem desapaixonada de temas comuns naquele período histórico.
 - B. ☐ por incluir uma reflexão sobre várias temáticas humanistas e sociológicas.
 - C. ☐ dada a convicção de Camilo em apresentar um amor que não tem um final feliz.
 - D. ☐ tendo em conta que, naquele período histórico, não havia desafios à sociedade.
5. No contexto em que ocorrem, a expressão «Hoje foi recondicionado» (linha 10), por um lado, e o uso de «Embora» (linha 18) e de «Além dos» (linha 19), por outro, contribuem para a
- A. ☐ coesão gramatical referencial, em ambos os casos.
 - B. ☐ coesão gramatical interfrásica, em ambos os casos.
 - C. ☐ coesão gramatical temporal, no primeiro caso, e para a coesão gramatical interfrásica, no segundo caso.
 - D. ☐ coesão gramatical temporal, no primeiro caso, e para a coesão gramatical referencial, no segundo caso.
6. Identifica as funções sintáticas desempenhadas pelo pronome relativo «que» na
- a) linha 19;
 - b) linha 26.
7. Classifica a oração introduzida por «se», na linha 11.

Grupo III

«Porque "nenhum homem é uma ilha", também nós não somos homens de pedra que não se emocionam com as nobres paixões do amor, da amizade e da compaixão humana.»

Nelson Mandela

Num **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende uma perspetiva pessoal sobre a centralidade das emoções na vida humana.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 7

Os Maias e Rimas

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos		Estrutura	Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: excerto de <i>Os Maias</i> , de Eça de Queirós	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: soneto de Luís de Camões		Parte B 3 itens de resposta restrita	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema de <i>Os Maias</i>		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Classificar orações. Identificar a função sintática de constituintes da frase. Identificar diferentes valores modais atendendo à situação comunicativa.	Coordenação e subordinação Funções sintáticas Modalidade e valor modal		1 item de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever apreciações críticas, respeitando as marcas de género. Redigir o texto com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Apreciação crítica de uma pintura	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 7

Os Maias e Rimas

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o texto, um excerto do capítulo IV de *Os Maias*, e as notas.

E no *dog-cart*¹, com aquela linda égua, a «Tunante», ou no faetonte² com que maravilhava Lisboa, Carlos lá partia em grande estilo para a Baixa, para «o trabalho».

5 O seu gabinete, no consultório, dormia numa paz tépida entre os espessos veludos escuros, na penumbra que faziam os estores de seda verde corridos. Na sala, porém, as três janelas abertas bebiam à farta a luz; tudo ali parecia festivo; as poltronas em torno da jardineira estendiam os seus braços, amáveis e convidativos; o teclado branco do piano ria e esperava, tendo abertas por cima as «Canções de Gounod»; mas não aparecia jamais um doente. E Carlos – exatamente como o criado que, na ociosidade da antecâmara, dormitava sobre o «Diário de Notícias», acaçapado³ na banquetta – acendia um cigarro «Laferme», tomava uma revista, e estendia-se no divã. A prosa, porém, dos artigos estava
10 como embebida do tédio moroso do gabinete: bem depressa bocejava, deixava cair o volume.

Do Rossio, o ruído das carroças, os gritos errantes de pregões, o rolar dos americanos, subiam, numa vibração mais clara, por aquele ar fino de novembro: uma luz macia, escorregando docemente do azul-ferrete, vinha dourar as fachadas enxovalhadas, as copas mesquinhas das árvores do município, a gente vadiando pelos bancos: e essa sussurração lenta de cidade preguiçosa, esse ar
15 aveludado de clima rico, pareciam ir penetrando pouco a pouco naquele abafado gabinete e resvalando pelos veludos pesados, pelo verniz dos móveis, envolver Carlos numa indolência e numa dormência... Com a cabeça na almofada, fumando, ali ficava, nessa quietação de sesta, num cismar que se ia desprendendo, vago e ténue, como o ténue e leve fumo que se eleva de uma braseira meio apagada; até que, com um esforço, sacudia este torpor⁴, passeava na sala, abria aqui e além pelas
20 estantes um livro, tocava no piano dois compassos de valsa, espreguiçava-se – e, com os olhos nas flores do tapete, terminava por decidir que aquelas duas horas de consultório eram estúpidas!

– Está aí o carro? – ia perguntar ao criado.

Acendia bem depressa outro charuto, calçava as luvas, descia, bebia um largo sorvo de luz e ar, tomava as guias e largava, murmurando consigo:

25 – Dia perdido!

Eça de Queirós, *Os Maias*, Porto, Livros do Brasil, 2016, pp. 106-107.

¹ *dog-cart*: pequena carroça puxada por um cavalo.

² *faetonte*: pequena carruagem de quatro rodas e descoberta.

³ *acaçapado*: encolhido.

⁴ *torpor*: falta de energia, inércia.

1. Relaciona o sentido da exclamação final de Carlos com as suas ações ao longo do excerto.

2. Explicita a expressividade da comparação presente em «(n)um cismar que se ia desprendendo, vago e ténue, como o ténue e leve fumo que se eleva de uma braseira meio apagada» (linhas 17 a 19).

3. Selecciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

Neste excerto de *Os Maias*, é possível constatar a presença de marcas da linguagem e do estilo de Eça, nomeadamente a utilização expressiva do adjetivo em _____, associada a uma personificação dos elementos decorativos do gabinete de Carlos. Por outro lado, a descrição do espaço citadino exterior é enriquecida pela simbiose de diferentes sensações, nomeadamente _____, presentes nas linhas 12 a 14.

- A. ☐ «espessos veludos escuros» (linha 3) ... olfativas e auditivas.
- B. ☐ «amáveis e convidativos» (linha 6) ... visuais e auditivas.
- C. ☐ «ar aveludado de clima rico» (linhas 14 e 15) ... olfativas e gustativas.
- D. ☐ «vago e ténue» (linha 18) ... olfativas e táteis.

PARTE B

Lê o soneto de Luís de Camões.

Lembranças que lembrais meu bem passado
para que sintas mais o mal presente,
deixai-me (se quereis) viver contente,
não me deixeis morrer em tal estado.

- 5 Mas se também de tudo está ordenado
viver (como se vê) tão descontente,
venha (se vier) o bem por acidente,
e dê a morte fim a meu cuidado.

- 10 Que muito melhor é perder a vida,
perdendo-se as lembranças da memória,
pois fazem tanto dano ao pensamento.

Assi que nada perde, quem perdida
a esperança traz de sua glória,
se esta vida há de ser sempre em tormento.

Luís de Camões, *Rimas* (texto estabelecido, revisto e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão), Coimbra, Almedina, 1994, p. 173.

4. Clarifica o apelo que o sujeito poético faz às suas «lembranças» na primeira estrofe.
5. Explica o motivo do desejo que o «eu» lírico manifesta na terceira estrofe.
6. Refere duas marcas linguísticas que conferem ao soneto uma natureza autobiográfica, fundamentando a tua resposta com exemplos de cada uma dessas marcas.

PARTE C

- 7.** O Destino é definido, muitas vezes, como um poder superior à vontade do ser humano que fixa, de maneira irrevogável, o curso dos acontecimentos.

Escreve uma breve exposição na qual explicites o papel do Destino em *Os Maias*.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites dois aspetos que evidenciem o papel do Destino em *Os Maias*;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto e a nota.

Os Maias de Eça de Queirós

Ao adaptar ao cinema o mais ambicioso romance de Eça de Queirós, o realizador João Botelho admitiu publicamente que o seu maior desafio eram as «várias camadas que encontramos em *Os Maias* já que, sob a tragédia amorosa, está assestada¹ uma lupa, tão implacável como certa sobre a sociedade portuguesa de oitocentos. Ou, mais precisamente, sobre uma certa sociedade lisboeta, constituída pela alta burguesia e sua clientela que arrasta pelo Chiado um tédio tão incomensurável como a sua capacidade para reformar o país. Aquela que o próprio Eça de Queirós frequentava, sem, no entanto, deixar de a desprezar. Como escrevia, já há décadas, o autor do *Dicionário da Literatura Portuguesa* e figura de referência nesta disciplina, Jacinto do Prado Coelho, «em *Os Maias*, o que domina como objeto de reflexão é Portugal, personagem oculta por detrás das personagens visíveis. O projeto global de escrever, de explicar Portugal como problema, é, no romance, o seu mais forte princípio de unidade.»

Publicado em 1888, com o subtítulo *Episódios da vida romântica*, é considerado pelos críticos a melhor obra de Eça de Queirós e uma obra-prima da literatura portuguesa e mesmo mundial. A primeira referência do autor a este projeto terá surgido numa carta ao editor Chardron, de 1878, como um dos títulos a serem incluídos na série *Cenas portuguesas* ou *Cenas da vida portuguesa*, o que indica que o trabalho no romance tenha durado perto de uma década.

No centro narrativo de *Os Maias*, está a história de uma família ao longo de três gerações, com destaque para a contemporânea do autor. Apresenta dois planos cruzados: o da intriga sentimental, com a história de amor incestuoso, marcada por elementos próprios da tragédia grega (como presságios e estranhas coincidências), entre Carlos Eduardo da Maia e Maria Eduarda, afinal, uma continuidade dos amores fatais dos pais de ambos, Pedro da Maia e Maria Monforte, e o da crítica sociopolítica de um país se afundava na letargia da monarquia constitucional.

Ao serviço destes dois objetivos está uma das mais notáveis galerias de personagens da literatura portuguesa. O pior lado da política é representado pelo conde de Gouvarinho e por Sousa Neto; a finança por Cohen; o jornalismo corrupto e sensacionalista por Palma Cavalo; as consequências da educação beata e provinciana surgem espelhadas em Eusebiozinho e, finalmente, o deslumbramento pacóvio com tudo o que viesse de Paris está todo plasmado em Dâmaso Salcede, o homem que se vê a si mesmo como «podre de *chic*».

Mas a personagem mais complexa e rica de *Os Maias* é o inseparável amigo de Carlos, o principal acusador dos males do país, que, no entanto, não nos aparece isento de ridículos e contradições, como, aliás, o protagonista do romance. Ega defenderá posições desconcertantes sobre o país e os seus compatriotas («Portugal não precisa de reformas, Cohen, o que Portugal precisa é da invasão espanhola»), mas preso num diletantismo paralisante, jamais terminará as suas *Memórias de um átomo* ou qualquer projeto literário a que se tivesse proposto.

O próprio final do livro estabelece um fino contraste entre as grandes afirmações de princípios das suas personagens e as circunstâncias da vida de todos os dias.

Maria João Martins, «*Os Maias* de Eça de Queirós», in <https://www.dn.pt>
(texto com supressões, consultado em 20/12/2021).

¹ assestada: apontada.

1. Ao adaptar *Os Maias* ao conceito cinematográfico, João Botelho
- A. ☐ sentiu-se desafiado por ter de evidenciar a complexidade do romance.
 - B. ☐ definiu um percurso que permitiu destacar a duplicidade da obra.
 - C. ☐ considerou que a relevância da tragédia anulava todas as outras dimensões.
 - D. ☐ aludiu à dificuldade inerente à análise de uma obra tão reputada.
2. No primeiro parágrafo do texto, a alta sociedade burguesa de oitocentos é definida pela
- A. ☐ desilusão e pelo fracasso.
 - B. ☐ tragicidade e pela frustração.
 - C. ☐ procrastinação e pela revolta.
 - D. ☐ inatividade e pelo enfado.
3. Na obra de Eça, surge «uma das mais notáveis galerias de personagens da literatura portuguesa» (linhas 23 e 24),
- A. ☐ dada a complexidade intelectual e caricatural de todos os intervenientes.
 - B. ☐ já que todas as figuras intervenientes foram marcadamente dramáticas.
 - C. ☐ corroborada pelos exemplos marcantes de personagens caricaturais.
 - D. ☐ devido à pluralidade de enredos que marcam as vivências dos protagonistas.
4. De acordo com o quinto parágrafo, Ega pode ser visto como uma personagem paradoxal, já que
- A. ☐ todos os ideais megalómanos que defende não podem ser executados.
 - B. ☐ é um acérrimo defensor dos ideais patrióticos que não coloca em prática.
 - C. ☐ se pauta por uma inércia atroz, não materializando os seus projetos.
 - D. ☐ defende que Portugal só terá sucesso ao ser apoiado pelos espanhóis.
5. As orações subordinadas iniciadas por «que» nas linhas 16 e 30 classificam-se como
- A. ☐ substantiva completiva, no primeiro caso, e adjetiva relativa explicativa, no segundo caso.
 - B. ☐ adjetiva relativa explicativa, no primeiro caso, e substantiva completiva, no segundo caso.
 - C. ☐ substantiva completiva, no primeiro caso, e adjetiva relativa restritiva, no segundo caso.
 - D. ☐ adjetiva relativa restritiva, no primeiro caso, e substantiva completiva, no segundo caso.
6. Identifica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
- a) «pelos críticos» (linha 12);
 - b) «de ridículos e contradições» (linha 30).
7. Indica a modalidade e o valor modal expressos em «No centro narrativo de *Os Maias*, está a história de uma família ao longo de três gerações» (linha 17).

Grupo III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, faz a **apreciação crítica** da pintura abaixo apresentada, da autoria de René Magritte.



René Magritte, *Os amantes* (1928).

O teu texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico, fundamentando a tua apreciação em, pelo menos, três aspetos relevantes e utilizando um discurso valorativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 8

Os Maias e Amor de perdição

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos	Estrutura		Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: excerto de <i>Os Maias</i> , de Eça de Queirós	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: excerto de <i>Amor de perdição</i> , de Camilo Castelo Branco		Parte B 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema de <i>Os Maias</i>		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Classificar orações. Identificar a função sintática de constituintes da frase. Identificar diferentes valores modais atendendo à situação comunicativa.	Coordenação e subordinação Funções sintáticas Modalidade e valor modal		1 item de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever apreciações críticas, respeitando as marcas de género. Redigir o texto com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Apreciação crítica de uma pintura	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 8

Os Maias e Amor de perdição

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o texto, um excerto do capítulo XIV de *Os Maias*, e as notas.

Não era o correio. Era apenas um bilhete que o Baptista trazia numa salva¹: e vinha tão perturbado que anunciou «um sujeito, ali fora, na antecâmara, numa carruagem, à espera...».

Carlos olhou o bilhete, empalideceu terrivelmente. E ficou a revirá-lo, lento e como atordado, entre os dedos que tremiam... Depois, em silêncio, atirou-o ao Ega por cima da mesa.

5 – Caramba! – murmurou Ega, assombrado.

Era Castro Gomes!

Bruscamente Carlos erguera-se, decidido.

– Manda entrar... Para o salão grande! [...]

Sós, Ega e Carlos olharam-se um instante, ansiosamente.

10 – Não é um desafio, está claro – balbuciou Ega.

Carlos não respondeu. Examinava outra vez o bilhete: o homem chamava-se Joaquim Álvares de Castro Gomes: por baixo tinha escrito a lápis «Hotel Bragança»... Baptista voltara com a sobrecasaca: e Carlos, abotoando-a devagar, saiu sem outra mais palavra ao Ega, que ficara de pé junto da mesa, limpando estupidamente as mãos ao guardanapo.

15 No salão nobre, forrado de brocados² cor de musgo de outono, Castro Gomes examinava curiosamente, com um joelho apoiado à borda do sofá, a esplêndida tela de Constable, o retrato da condessa de Runa, bela e forte no seu vestido de veludo escarlata de caçadora inglesa. Ao rumor dos passos de Carlos sobre o tapete, voltou-se, de chapéu branco na mão, sorrindo, pedindo perdão de estar assim a pasmar familiarmente para aquele soberbo Constable... Com um gesto rígido, Carlos, muito
20 pálido, indicou-lhe o sofá. Saudando e risonho, Castro Gomes sentou-se vagarosamente. No peito da sobrecasaca muito justa trazia um botão de rosa; os seus sapatos de verniz resplandeciam sob as polainas³ de linho; no rosto chupado, queimado, a barba negra, terminava em bico; os cabelos rareavam-lhe na risca; e mesmo a sorrir tinha um ar de segura, de fadiga.

– Eu possuo também em Paris um Constable muito chique – disse ele, sem embaraço, num tom
25 arrastado, cheio de *rr*, que o sotaque brasileiro adocicava. – Mas é apenas uma pequena paisagem, com duas figurinhas. É um pintor que não me diverte, a dizer a verdade... Todavia dá muito tom a uma galeria. É necessário tê-lo.

Carlos, defronte numa cadeira, com os punhos fortemente fechados sobre os joelhos, conservava a imobilidade de um mármore. E, perante aquele modo afável, uma ideia ia-o atravessando, lacerante,
30 angustiosa, pondo-lhe já nos olhos largos, que não tirava de sobre o outro, uma irreprimível chama de cólera. Castro Gomes decerto *não sabia nada*.

Eça de Queirós, *Os Maias*, Porto, Livros do Brasil, 2016, pp. 485-486.

¹ salva: bandeja.

² brocados: tecido de seda com motivos em relevo de fio de prata ou ouro.

³ polainas: peça de vestuário que cobre a parte inferior da perna e a parte superior do calçado.

1. Explicita o efeito de sentido produzido pelo advérbio «ansiosamente» (linha 9), no contexto em que ocorre.

2. Atenta nas linhas 15 a 31.

Distingue a atitude de Carlos da de Castro Gomes.

3. Seleciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

Em *Os Maias*, os verbos introdutórios de relato do discurso assumem também um papel determinante na descrição do estado de espírito das personagens. No excerto apresentado, entre as linhas 1 e 15, estas formas verbais permitem denunciar a preocupação de _____. Tendo em conta a descrição impressionista dos espaços, o «salão nobre» (linha 15) é visto, pelo narrador, como uma divisão extremamente _____.

- A. ☐ Baptista ... banal e despida de ornamentos
- B. ☐ Carlos ... luxuosa, mas de gosto pouco refinado
- C. ☐ Ega ... exuberante e rica a nível cromático
- D. ☐ Castro Gomes ... rica em detalhes típicos da época

PARTE B

Lê o texto, um excerto da Conclusão de *Amor de perdição*, e as notas.

Ergueu-se o degredado, olhou em redor de si e fitou com espasmo Mariana, que levantava a cabeça ao menor movimento dele.

– Que tem, senhor Simão? – disse ela erguendo-se.

– Estava aqui, Mariana?... Não se vai deitar?!

5 – Não vou; o comandante deu-me licença de ficar aqui.

– Mas há de assim passar a noite?! Rogo-lhe que vá, porque não é necessário o seu sacrifício.

– Se o não incomodo, deixe-me aqui estar, senhor Simão.

– Esteja, minha amiga, esteja... [...]

10 Simão ajuntou a carta de Teresa ao maço das suas, e saiu cambaleando. No convés sentou-se num monte de cordame e contemplou o mirante de Monchique, que avultava negro ao sopé da serra penhascosa em que atualmente vai a rua da Restauração. [...]

Às três horas da manhã, Simão Botelho segurou entre as mãos a testa, que se lhe abria abrasada pela febre. Não pôde ter-se sentado, e deixou cair meio corpo. A cabeça, ao declinar, pousou no seio de Mariana.

15 – O Anjo da compaixão sempre comigo! – murmurou ele. – Teresa foi muito mais desgraçada...

– Quer descer ao camarote? – disse ela.

– Não poderei... Ampare-me, minha irmã.

20 Deu alguns passos para a escadinha, e olhou ainda sobre o mirante. Desceu a íngreme escada, apegando-se às cordas. Lançou-se sobre o colchão, e pediu água, que bebeu insaciavelmente. Seguiu-se a febre, o estorcimento¹, e as ânsias, com intervalos de delírio.

De manhã, veio a bordo um facultativo², por convite do capitão. Examinando o condenado, disse que era febre maligna a doença, e bem podia ser que ele achasse a sepultura no caminho da Índia.

Mariana ouviu o prognóstico, e não chorou.

25 Às onze horas saiu barra fora a nau. Às ânsias da doença acresceram as do enjoo. A pedido do comandante, Simão bebia remédios, que bolsava³ logo, revoltos pelas contrações do vômito.

Ao segundo dia de viagem, Mariana disse a Simão.

– Se o meu irmão morrer, que hei de eu fazer àquelas cartas que vão na caixa?

Pasmosa serenidade a desta pergunta!

30 – Se eu morrer no mar – disse ele – Mariana, atire ao mar todos os meus papéis, todos; e estas cartas que estão debaixo do meu travesseiro também.

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*, Porto, Edições Caixotim, 2006, pp. 294-296.

¹ estorcimento: contorção.

² facultativo: médico.

³ bolsava: vomitava.

4. Relaciona as atitudes de Mariana (linhas 1 a 7) com o facto de Simão afirmar que esta é o seu «Anjo da compaixão» (linha 15).

5. Refere o motivo que leva Simão a contemplar o mirante por duas vezes.

6. Selecciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

Na Conclusão de *Amor de perdição*, o narrador coloca, à disposição do leitor, elementos linguísticos que evidenciam o sofrimento físico e psicológico das personagens. Neste excerto, a dor de Simão é perceptível pelo recurso a _____ durante o seu diálogo com Mariana. Esta conversa, constituída por frases curtas, é também determinante para conferir _____.

- A. ☐ reticências ... dramatismo e dinamismo à ação
- B. ☐ interrogações retóricas ... vivacidade e ânimo às personagens
- C. ☐ verbos expressivos ... subjetividade à postura do narrador
- D. ☐ anáforas ... expressividade às ações das personagens

PARTE C

7. A escrita de Eça é indelevelmente marcada pelo exuberante recurso a diferentes sensações.

Escreve uma breve exposição na qual explicites a importância das sensações nas descrições de *Os Maias*.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites dois aspetos que evidenciem a centralidade do recurso às sensações nas descrições de *Os Maias*;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto e as notas.

O café como lembrança ou ficção literária

Ainda antes de a peste ter vindo sobre a cidade e o mundo, há um bom tempo que não se fazia outra coisa senão fechar as portas, o que veio a tornar-se um verdadeiro tique.

Estamos no *dealbar*¹ de uma era em que [o café e a livraria mais ou menos históricos] são notícias apenas porque encerram portas.

- 5 O desaparecimento dos cafés significa também uma forma de desmaterialização do mundo, a perda dessa escala humana, numa altura em que cada vez mais a realidade física parece acessória de tudo aquilo que é transferido para a encruzilhada virtual, para esse regime que tem vindo a produzir um novo sujeito, pós-histórico, no entender de António Guerreiro, o sujeito digital. Numa das suas crónicas no jornal *Público*, este crítico da cultura notava como «hoje, os momentos tradicionalmente
- 10 sociais da vida pública estão a desaparecer e a ser substituídos pela sua versão *online*, em que os atores não participam em carne e osso, não se confrontam cara a cara, mas como utilizadores da rede, o que os torna semelhantes e homogêneos, para além das diferenças ideológicas, biográficas e de género».

- O café enquanto instituição literária dissolveu-se há muito, e o que resta são alguns estudantes
- 15 que buscam o que resiste ainda daquilo a que Stefan Zweig chamava uma «espécie de clube democrático, acessível a qualquer um pelo módico preço de uma chávena de café». Mas a definição destes espaços enquanto clubes do espírito apenas persiste enquanto velho mito, matéria para sonhos hoje impossíveis.

- Mário Cesariny diz que aqueles «eram cafés onde se podia estar». Mas depois começaram a
- 20 dinamitar² a atenção. Ele fala na tragédia que se deu nos anos sessenta quando apareceu a televisão. «Com aquilo aberto, nos cafés, era impossível não olhar. E já não se podia escrever, embora se pudesse falar.» Mas hoje até isso está difícil. Há muito que a arte de conversar se perdeu, de narrar cada um a sua vertigem pessoal, para tentar reatar, contra as razões imperiosas do mundo, esse sentido das coisas num fio que os outros iam ajudando a tornar tenso, pendurando-se, revezando-se. Criavam-se
- 25 assim obras comunitárias, produziam-se visões menos circunscritas, capazes de caminhar e dispersar-se por tempos diversos. Essas obras que geram comunidades apoiam como os faróis quem se atreve a experimentar a deriva³, a explorar possibilidades mais além da imediata noção que uma época faz das coisas.

- Nos nossos dias, o que a televisão começou a internet e as redes sociais parecem estar em
- 30 condições de finalizar. De algum modo, subsumiram⁴ e diluíram o que restava ainda da convivência, integrando todos os circuitos em toda a parte. «Agora as pessoas parece que têm medo umas das outras, não se encontram», notava Cesariny numa entrevista à Antena 1, a um ano da sua morte. «Eu acho que para haver uma geração de qualquer coisa tem de haver uma comunicação entre várias pessoas. Uma discussão, um grupo para se andarem a batalhar uns contra os outros. Mas isso é uma
- 35 condição especial, de se poder falar de uma nova geração, é sempre um grupo. Agora as novas gerações não sabem de onde vêm, é cada um por si, e os outros que se lixem, não é?»

Diogo Vaz Pinto, «O café como lembrança ou ficção literária», in <https://ionline.sapo.pt>
(texto adaptado e com supressões, consultado em 29/12/2021).

¹ *dealbar*: início.

² *dinamitar*: destruir.

³ *deriva*: movimento através do qual alguém se afasta do seu curso normal.

⁴ *subsumiram*: integraram.

1. A expressão «desmaterialização do mundo» (linha 5) evidencia a
- A. ☐ perda de valor que atribuímos à realidade circundante.
 - B. ☐ fuga do domínio físico para uma dimensão intelectual.
 - C. ☐ centralidade que o domínio virtual assumiu hoje em dia.
 - D. ☐ autoridade que conferimos a tudo o que é tecnológico.
2. O café era visto como «instituição literária» (linha 14) que
- A. ☐ permitia o convívio salutar entre todos os poetas que o frequentavam.
 - B. ☐ era um espaço de conversa entre os intelectuais reputados da época.
 - C. ☐ tornava possível o acesso a quem de um grupo quisesse fazer parte.
 - D. ☐ estava dominada pelo ócio e pela incapacidade de concretização.
3. Nas linhas 19 e 20, ao referir que «começaram a dinamitar a atenção», Mário Cesariny utiliza uma
- A. ☐ hipérbole que destaca os novos hábitos instituídos nos cafés.
 - B. ☐ metáfora que mostra a perda das rotinas que existiam nos cafés.
 - C. ☐ personificação que revela a importância que a televisão passou a ter.
 - D. ☐ antítese que evidencia a revolta por se perderem as rotinas dos cafés.
4. Na última entrevista que deu à Antena 1, o poeta Mário Cesariny defende que as novas gerações
- A. ☐ são cada vez mais individualistas e autocentradas.
 - B. ☐ tomam muitas decisões alheias à opinião do outro.
 - C. ☐ se apoiam mutuamente, apesar de não se entenderem.
 - D. ☐ vivem o momento presente, sem planearem o futuro.
5. As orações subordinadas iniciadas por «que» nas linhas 19 e 20 classificam-se como
- A. ☐ substantiva completiva, no primeiro caso, e adjetiva relativa explicativa, no segundo caso.
 - B. ☐ adjetiva relativa explicativa, no primeiro caso, e substantiva completiva, no segundo caso.
 - C. ☐ substantiva completiva, no primeiro caso, e adjetiva relativa restritiva, no segundo caso.
 - D. ☐ adjetiva relativa restritiva, no primeiro caso, e substantiva completiva, no segundo caso.
6. Identifica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
- a) «do mundo» (linha 23);
 - b) «o que restava ainda da convivência» (linha 30).
7. Indica a modalidade e o valor modal expressos em «Mas hoje até isso está difícil» (linha 22).

Grupo III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, faz a **apreciação crítica** da pintura abaixo apresentada, da autoria de Edvard Munch.



Edvard Munch, *Separação* (1896).

O teu texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico, fundamentando a tua apreciação em, pelo menos, três aspetos relevantes e utilizando um discurso valorativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 9

Sonetos completos e Os Lusíadas

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos		Estrutura	Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: soneto de Antero de Quental	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: excerto do Canto IX de <i>Os Lusíadas</i> , de Luís de Camões		Parte B 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema presente nos <i>Sonetos completos</i> de Antero de Quental		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Reconhecer a anáfora como mecanismo de coesão e de progressão do texto. Identificar a função sintática de constituintes da frase. Classificar orações.	Anáfora Funções sintáticas Coordenação e subordinação		1 item de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de opinião	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 9

Sonetos completos e Os Lusíadas

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o soneto e as notas.

Em viagem

Pelo caminho estreito, aonde a custo
Se encontra uma só flor, ou ave, ou fonte,
Mas só bruta aridez de áspero monte
E os sóis e a febre do areal adusto¹,

5 Pelo caminho estreito entrei sem susto
E sem susto encarei, vendo-os defronte,
Fantasmas que surgiam do horizonte
A acometer² meu coração robusto...

Quem sois vós, peregrinos singulares?

10 Dor, Tédio, Desenganos e Pesares...
Atrás deles a Morte espreita ainda...

Conheço-vos. Meus guias derradeiros
Sereis vós. Silenciosos companheiros,
Bem-vindos, pois, e tu, Morte, bem-vinda!

Antero de Quental, *Poesia completa, 1842-1891*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 284-285.

¹ *adusto*: queimado pelo sol.

² *acometer*: confrontar, investir contra.

1. Explicita o conteúdo da primeira estrofe como metáfora do percurso da vida do «eu».

2. Relaciona a interrogação presente no verso 9 com o conteúdo da estrofe anterior.

3. Selecciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

Neste soneto anterioriano, a ideia de árdua jornada é evocada desde a primeira estrofe, já que o sujeito poético declara que a «bruta aridez de áspero monte» (verso 3) domina o «caminho estreito» (verso 1). Esta metáfora revela a _____ no percurso até à morte que o sujeito poético não teme. Por outro lado, os quatro nomes grafados com maiúscula inicial, no verso 10, são reconhecidos, pelo «eu», como _____ neste caminhar até à morte.

- A. ☐ importância da Justiça e da Fraternidade ... objetores
- B. ☐ falta de Liberdade e de livre-arbítrio ... oponentes
- C. ☐ ausência do Ideal e as adversidades orientadores
- D. ☐ presença da Vontade e da satisfação ... impulsionadores

PARTE B

Lê as estâncias 93 a 95 do Canto IX de *Os Lusíadas*, bem como a contextualização apresentada. Se necessário, consulta as notas.

CONTEXTUALIZAÇÃO

No regresso a Portugal, os nautas lusos aportam na «ínsula divina», onde poderão restabelecer as forças e unir-se amorosamente com as ninfas. A propósito do sentido alegórico desta Ilha, o Poeta desenvolve uma exortação.

93

- E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe¹ e escuro
Vício da tirania infame² e urgente³;
5 Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente:
Milhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

94

- Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
10 Que aos grandes não deem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes⁴,
Contra a lei dos imigos Sarracenos⁵:
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos:
15 Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

95

- E fareis claro⁶ o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que imortais
20 Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais⁷,
Que quem quis, sempre pôde; e numerados
Sereis entre os Heróis esclarecidos
E nesta «Ilha de Vénus» recebidos.

¹ torpe: desonesto.

² infame: desacreditada.

³ urgente: que oprime.

⁴ rutilantes: cintilantes.

⁵ Sarracenos: inimigos mouros.

⁶ claro: ilustre.

⁷ impossibilidades não façais: impossibilidades não há para vós.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, A. J. Costa Pimpão (coord.),
Lisboa, MNE-IC, 2003, pp. 410-411.

4. Relê as estâncias 93 e 94.

Clarifica dois dos apelos feitos pelo Poeta.

5. Explica de que modo a estância 95 ilustra a mitificação do herói em *Os Lusíadas*.

6. Completa as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, regista apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Na primeira estância apresentada (estância 93), o Poeta socorre-se de diferentes recursos expressivos para concretizar a sua exortação, como **a)** _____ e **b)** _____, em «Porque essas honras vãs, esse ouro puro,» e «E na ambição também que indignamente / Tomais mil vezes», respetivamente. Enumerando todas as ações que devem pautar a conduta de um herói, o Poeta alude, mais à frente, à centralidade da vontade humana para se atingir a fama e a glória, como se observa no **c)** _____.

a)	b)	c)
1. a metáfora	1. a metonímia	1. verso 21
2. a sinédoque	2. a hipérbole	2. verso 22
3. o paradoxo	3. a antítese	3. verso 23

PARTE C

7. A escrita de Antero de Quental evidencia tanto uma atitude otimista e positiva como depressiva e desencantada.

Escreve uma breve exposição na qual comproves esta afirmação, baseando-te na tua experiência de leitura da poesia anteriorana.

A tua exposição deve respeitar as orientações seguintes:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual refiras dois aspetos que concretizem a duplicidade da poesia de Antero de Quental, fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo pertinente dos sonetos estudados;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto e as notas.

Natal sem ervilhas

Lá fora era o Minho, lá fora eram as memórias de tantos invernos e de outros tantos verões de um azul bem passado. Nós reuníamos-nos à mesa de sempre, num ritual de festa familiar de madeira escura, dezenas de vezes repetido e de que só a presença do rapaz se fazia ausente. Redondos, numa conversa adivinhada, circular, sem fio, sem pavio. O tempo fazia-se irregular, ora suspenso, ora galgando minutos, ora regressando ao passado sempre presente de todas as memórias mil vezes repetidas. A broa, o primeiro vinho, a sopa a escaldar. Não são iguais todas as famílias felizes?

Foi assim, ao ritmo das conversas que podem ter-se milhares de vezes por convocarem infâncias que não morrem, que regressámos ao meu avô paterno. Não posso asseverar quem o acordou para ali. Figura silenciosa, de uma descrição indizível¹, passadas frágeis, palavras medidas. Indissociável, na minha mitologia de rapazinho, de uma braseira perdida na penumbra e de uma revista que era o princípio e o fim de todas as visitas que lhe fazíamos. Estávamos – estiveram, melhor dizendo, porque eu nem sequer era projeto – em 1940. Talvez 41, talvez 43. Durante a guerra. Não estou seguro de que alguém tenha dito que era o dinheiro que rareava. Talvez fosse – porque a vida de um juiz na província não era folgada. Mas talvez fosse só a guerra, essa memória que não é minha, mas que me esforço por fazer presente para que a geração dos meus rapazes não possa repeti-la. Adiante. Perco-me. O que é certo é que, naquela precisa noite de quarentas, a minha avó tentou disfarçar aquilo que, em bom rigor, seria já absolutamente indisfarçável: os tempos não estavam fáceis e faltavam as ervilhas. Imagino que, com elas, muito mais. Mas disso não reza a História. O que é certo é que o arroz que chegara à mesa fazia-se um deserto austero de uma brancura imensa. O arroz que era, ou seria, de ervilhas.

Incapaz de uma palavra menos gentil, muito menos de um elevar de voz, o meu avô, desconsolado com a monotonia insossa da travessa que sonhara enfeitada, sussurrou para dentro: «*Apparent rari nantes in gurgite vasto*» [Raros no vasto mar se veem nadando.] Assim, baixinho, de olhos cravados no colo, evitando cruzar os da minha avó, célebres de fúrias que eu ainda viria – muito justamente – a conhecer. E, de facto, as ervilhas tomavam ares de naufragos. Eneias e os seus, borda fora, minúsculos, raríssimos, sem sombra de esperança, no vastíssimo oceano de arroz encapelado.

E logo alguém – regresso ao jantar de hoje – escolheu um vinho. A conversa seguiu para outras paragens, outros portos, outros cais, todos repetidos, todos conhecidos de outras tantas noites em volta da mesa circular que era o nosso planisfério. Eneias e os seus deram lugar a um pernil, pleno de abundância e de batatas agarradas com uma firmeza que só têm as coisas da terra. Virgílio, Eneias, o meu avô, o seu gosto pelos clássicos e a delicadeza racionada de um mundo de ontem, que já não há, foram-se desvanecendo, lentamente, por entre o ritual ruidoso da festa, não menos feliz, que era do meu pai, seu filho.

Mas eu deixei-me ficar, mais uns momentos, a pensar naquele Natal profano² de quarentas. Natal sem ervilhas, Natal de uma guerra surda lá longe que a Europa não pode esquecer. Natal de convocação dos clássicos e de uma gentileza indizível.

Pedro Norton, «Natal sem ervilhas», in <http://visao.sapo.pt>
(texto com supressões, consultado em 26/11/2021).

¹ indizível: inexplicável.

² profano: estranho à religião ou ao sagrado.

1. No primeiro parágrafo do texto, a associação entre irregularidade e «tempo» (linha 4) concretiza-se pelo facto de este último ser
- A. ☐ exclusivamente dedicado à convocação de memórias do passado.
 - B. ☐ marcado pela alternância e disparidade entre os vários momentos.
 - C. ☐ determinante para a diversidade temática dos diálogos em família.
 - D. ☐ associado ao contraste entre momentos do presente e do passado.
2. Ao utilizar a expressão «sem fio, sem pavio» (linha 4), o cronista pretende destacar
- A. ☐ a circularidade da conversa em família.
 - B. ☐ a longa tradição de diálogos familiares.
 - C. ☐ a eterna nostalgia presente nas conversas.
 - D. ☐ a carência temática das conversas familiares.
3. Ao longo do texto, o autor descreve carinhosamente o seu avô paterno, que
- A. ☐ evidenciava uma personalidade taciturna e melancólica.
 - B. ☐ assumia uma postura de grande recato e sofrimento.
 - C. ☐ parecia ser uma pessoa introvertida e monótona.
 - D. ☐ revelava ser bastante reservado e ensimesmado.
4. No contexto em que ocorre, o uso da forma verbal «seria» (linha 20) contribui para exprimir uma
- A. ☐ condição.
 - B. ☐ suposição.
 - C. ☐ convicção.
 - D. ☐ dúvida.
5. Na frase «Não posso asseverar quem o acordou para ali» (linhas 8 e 9), o elemento sublinhado constitui uma anáfora
- A. ☐ por substituição (sinónimo).
 - B. ☐ por substituição (expressão adverbial).
 - C. ☐ por substituição (pronominal).
 - D. ☐ conceptual.
6. Identifica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
- a) «de voz» (linha 21);
 - b) «de fúrias» (linha 24).
7. Classifica a oração «que era o dinheiro que rareava» (linha 13).

Grupo III

«Ajuda-me a crescer, mas deixa-me ser eu mesmo.»

Maria Montessori

Num **texto de opinião** bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende uma perspetiva pessoal sobre a importância das escolhas pessoais para o crescimento humano.

No texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 10

Sonetos completos e Os Maias

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos	Estrutura		Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: soneto de Antero de Quental	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: excerto de <i>Os Maias</i> , de Eça de Queirós		Parte B 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema presente nos <i>Sonetos completos</i> de Antero de Quental		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Reconhecer a anáfora como mecanismo de coesão e de progressão do texto. Identificar a função sintática de constituintes da frase. Classificar orações.	Anáfora Funções sintáticas Coordenação e subordinação		1 item de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever exposições, respeitando as marcas de género. Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Texto expositivo	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 10

Sonetos completos e Os Maias

Nome _____ N.º ____ 11.º ____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o soneto e as notas.

Transcendentalismo¹

(A J. P. Oliveira Martins)

Já sossega, depois de tanta luta,
Já me descansa em paz o coração.
Caí na conta, enfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e à Sorte se disputa.

5 Penetrando, com fronte não enxuta²,
No sacrário³ do templo da Ilusão,
Só encontrei, com dor e confusão,
Trevas e pó, uma matéria bruta...

Não é no vasto mundo – por imenso
10 Que ele pareça à nossa mocidade –
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esfera do invisível, do intangível,
Sobre desertos, vácuo, soledade⁴,
Voa e paira o espírito impassível⁵!

Antero de Quental, *Poesia completa, 1842-1891*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, p. 297.

¹ *transcendentalismo*: teoria que valoriza aquilo que vai além do domínio material.

² *enxuta*: seca.

³ *sacrário*: lugar onde se guarda algo digno de veneração.

⁴ *soledade*: solidão.

⁵ *impassível*: imperturbável, indiferente, sereno.

1. Relaciona o título com o conteúdo do poema.

2. Interpreta a segunda quadra, tendo em conta a temática anterior das configurações do Ideal.

3. Selecciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

Neste soneto anterioriano, intitulado «Transcendentalismo», o «eu» recorre a vocábulos do domínio metafísico e intelectual, como por exemplo _____, para evidenciar que a sua luta terrena é infrutífera. De modo a enfatizar também o desejo por algo transcendente e imaterial, no primeiro terceto, o sujeito poético utiliza uma _____.

- A. ☐ «sacrário» e «templo» (verso 6) ... antítese
- B. ☐ «Trevas e pó» (verso 8) ... metonímia
- C. ☐ «invisível» e «intangível» (verso 12) ... metáfora
- D. ☐ «desertos» e «vácuo» (verso 13) ... anáfora

PARTE B

Lê o texto, um excerto do capítulo IX de *Os Maias*, e as notas.

A condessa escolheu um botão com duas folhas, e ela mesmo lhe veio florir a sobrecasaca. Carlos sentia o seu aroma de verbena, o calor que subia do seu seio arfando com força. E ela não acabava de prender a flor, com os dedos trémulos, lentos, que pareciam colar-se, deixar-se adormecer sobre o pano...

- 5 – *Voilà!* – murmurou enfim, muito baixo. – Aí está o meu belo cavaleiro da Rosa Vermelha... E agora, não me agradeça!

Insensivelmente, irresistivelmente, Carlos achou-se com os lábios nos lábios dela. A seda do vestido roçava-lhe, com um fino ruje-ruje¹ entre os braços; – e ela pendia para trás a cabeça, branca como uma cera, com as pálpebras docemente cerradas. Ele deu um passo, tendo-a assim enlaçada, e como morta; o seu joelho encontrou um sofá baixo, que rolou e fugiu. Com a cauda de seda enrolada nos pés, Carlos seguiu, tropeçando, o largo sofá, que rolou, fugiu ainda, até que esbarrou contra o pedestal onde o senhor conde erguia a fronte inspirada. E um longo suspiro morreu, num rumor de saias amarrotadas.

Daí a um momento estavam ambos de pé: Carlos, junto do busto, coçando a barba, com o ar embaraçado, e já vagamente arrependido: ela, diante do tremó² Luís XV, compondo, com os dedos trémulos, o frisado do cabelo. De repente, na antecâmara, ouviu-se a voz do conde. Ela, bruscamente, voltou-se, correu a Carlos, e, com os longos dedos cobertos de pedrarias, agarrou-lhe o rosto, atirou-lhe dois beijos faiscantes ao cabelo e aos olhos. Depois, sentou-se largamente no sofá – e estava falando de Sintra, rindo alto, quando o conde entrou, seguido de um velho calvo, que se vinha a assoar-se a um enorme lenço de seda da Índia.

Ao ver Carlos no *boudoir*³, o conde teve uma bela surpresa, esteve-lhe apertando as mãos muito tempo, com calor, assegurando-lhe que ainda nessa manhã, na Câmara, se lembrara dele.

Eça de Queirós, *Os Maias*, Porto, Livros do Brasil, 2016, pp. 302-303.

¹ *ruje-ruje*: rumor de saias que roçam o chão; ruído característico da seda ou outro tecido.

² *tremó*: mesa e espelho que se põem no espaço vazio de uma parede entre duas janelas.

³ *boudoir*: pequena sala privada anexa ao quarto de uma senhora, onde esta se vestia e podia receber visitas.

4. Atenta nas linhas 1 a 6.

Caracteriza o estado de espírito da condessa.

5. Refere a reação de Carlos após o encontro com a condessa, ilustrando a resposta com elementos textuais pertinentes.

6. Selecciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

A descrição do encontro de Carlos com a condessa de Gouvarinho é dominada pelo recurso a diferentes percepções sensoriais. Para evidenciar a sensualidade da condessa, o registo descritivo assenta, entre as linhas 1 e 4, em sensações _____. No que à atração entre ambos diz respeito, o advérbio assume também um papel determinante, já que revela a naturalidade com que se desenrola o encontro amoroso, como se constata com o vocábulo _____.

- A. ☐ olfativas e táteis ... «irresistivelmente», na linha 7
- B. ☐ visuais e auditivas ... «vagamente», na linha 15
- C. ☐ auditivas e olfativas ... «bruscamente», na linha 16
- D. ☐ visuais e táteis ... «largamente», na linha 18

PARTE C

7. Antero de Quental é um escritor oitocentista que se debate com questões existenciais.

Escreve uma breve exposição na qual comproves esta afirmação, baseando-te na tua experiência de leitura da poesia anterioriana.

A tua exposição deve respeitar as orientações seguintes:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual refiras dois aspetos que evidenciem a presença da angústia existencial na poesia de Antero de Quental, fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo pertinente dos sonetos estudados;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto e as notas.

Dos Açores para o mundo. A arte no meio do Atlântico

Nas descrições impressionantes¹ que o escritor italiano e amante de Portugal António Tabucchi escreveu sobre os Açores, onde não faltam os temas clássicos que ficaram para sempre associados a este arquipélago situado no Atlântico Norte, a ilha de S. Miguel ocupa certamente um lugar proeminente. É nela que nasce e morre Antero de Quental, poeta com «doença de infinito», é nela que se concentram os estudos do Príncipe Alberto I do Mónaco, uma daquelas figuras, em conjunto com o Rei D. Carlos de Portugal, que une uma sede de saber a uma vontade indómita² – o século XIX conheceu bastantes figuras assim, amadores que desbravaram caminhos em diversos campos científicos –, mas também há nela essa relação profunda, que todo o arquipélago tem, com a caça ao cachalote, esse animal mastodóntico³ que parece surgir da noite dos tempos e com quem os homens se mediram ao longo dos tempos.

«S. Miguel está pejada de cruzeiros e, por conseguinte, de almas que vagueiam pelos rochedos, pelas praias de lava onde o mar se enfurece. No princípio da noite ou de manhã muito cedo, se se presta atenção, pode ouvir-se as suas vozes. São lamentos confusos, ladainhas e sussurros que, se se é cético ou distraído, é fácil confundir com o ruído do mar ou o grito dos milhafres.»

Quase a chegar à Ribeira Grande, uma cidade com cerca de 12 000 habitantes na costa norte da ilha, encontramos uma vila com o interessante nome de Rabo de Peixe, onde se situa aquilo que é hoje uma antiga herdade transformada em turismo rural: Pico do Refúgio. Havendo notícias dela desde metade do século XVIII, com uma história que acompanha a da ilha nas suas vicissitudes – foi refúgio de miguelistas no século XIX, forte de milícias, mas também quinta de laranjais e, finalmente, uma fábrica de chá até esta indústria ter quase desaparecido da ilha já no século XX –, é, no entanto, um outro tipo de história aquela que agora nos interessa e que liga o Pico do Refúgio à arte nos Açores.

Aberta ao público como turismo rural desde 2008, depois de obras de reconstrução e requalificação, o Pico do Refúgio conta também uma história ligada à arte que começa com o bisavô de Bernardo Brito e Abreu – atual proprietário.

Talvez não tenha sido, pelo menos de forma totalmente consciente, como homenagem a toda essa história que liga o Pico do Refúgio à ilha de S. Miguel e à arte – micalense, mas não só –, tendo em conta que as residências artísticas começaram, como afirmou Bernardo Brito e Abreu, de forma espontânea e sem grande planificação, mas foi, sem dúvida, com esse legado⁴ histórico presente que, em 2015, o atual proprietário começou um programa de residências artísticas que levou, até à data, mais de 20 artistas contemporâneos à ilha de S. Miguel – sem outra condição, informa-nos, que não seja tomar como tema ou inspiração algo relacionado com a paisagem humana ou natural da ilha.

A toda a história dos Açores, feita de errância⁵, de deslocação perpétua e, tantas vezes, sem retorno, podemos agora começar a juntar o trabalho de consolidação que tanto o Arquipélago como o Pico do Refúgio têm vindo a fazer nos últimos quatro anos e acrescentar, à interessante tradição literária açoriana, o deslocamento perpétuo da arte, que entra numa interessante simbiose com a própria ideia de ilha.

João Oliveira Duarte, «Dos Açores para o mundo. A arte no meio do Atlântico», in online.sapo.pt (texto adaptado e com supressões, consultado em 18/12/2021).

¹ *impressionantes*: marcantes.

² *indómita*: indomada, rebelde.

³ *mastodóntico*: gigantesco, colossal.

⁴ *legado*: herança.

⁵ *errância*: qualidade de quem vagueia.

1. Segundo o autor, São Miguel assume um «lugar proeminente» (linhas 3 e 4) na referência aos Açores, pois
- A. ☐ foi a ilha com mais figuras ilustres a experienciarem a sua riqueza territorial.
 - B. ☐ é um espaço povoado por figuras de grande reputação internacional.
 - C. ☐ destaca-se pela relação profunda do ser humano com o espaço natural.
 - D. ☐ é marcada por figuras ilustres no passado e por animais desmesurados.
2. Nas linhas 11 e 12, para evidenciar a fúria dos elementos naturais, o autor recorre a uma
- A. ☐ antítese.
 - B. ☐ personificação.
 - C. ☐ repetição.
 - D. ☐ enumeração.
3. «Pico do Refúgio» (linha 17) é um espaço que
- A. ☐ se transformou, opondo-se à evolução dos tempos.
 - B. ☐ evoluiu com S. Miguel, sem perder o propósito inicial.
 - C. ☐ seguiu as transformações que pautaram a história da ilha.
 - D. ☐ se mostrou sempre avesso às mudanças operadas na ilha.
4. Relativamente ao quarto parágrafo, o quinto parágrafo
- A. ☐ contradiz a ideia anterior, fundamentando com exemplos.
 - B. ☐ retoma a ideia anterior e explicita-a de forma mais aprofundada.
 - C. ☐ contradiz a ideia anterior, citando um especialista no assunto.
 - D. ☐ retoma a ideia anterior e introduz uma ideia totalmente diferente.
5. Na frase «onde não faltam os temas clássicos que ficaram para sempre associados a este arquipélago» (linhas 2 e 3), o elemento sublinhado constitui uma anáfora
- A. ☐ por substituição (sinónimo).
 - B. ☐ por substituição (expressão adverbial).
 - C. ☐ por substituição (pronominal).
 - D. ☐ conceptual.
6. Identifica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
- a) «com o ruído do mar ou o grito dos milhafres» (linha 14);
 - b) «uma cidade com cerca de 12 000 habitantes na costa norte da ilha» (linhas 15 e 16).
7. Classifica a oração «se se presta atenção» (linhas 12 e 13).

Grupo III

Através da História, obtém-se um conjunto de informações sobre factos ocorridos no passado que contribuem para a compreensão do presente e até do futuro.

Num **texto expositivo**, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, explicita o contributo da História para a formação do ser humano.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 11

«O sentimento dum ocidental» e *Crónica de D. João I*

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos	Estrutura		Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: excerto de «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: excerto do capítulo 148 da <i>Crónica de D. João I</i> , de Fernão Lopes		Parte B 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Conhecer a referência deítica (deíticos e respetivos referentes). Identificar a função sintática de constituintes da frase. Reconhecer valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo. Reconhecer processos fonológicos que ocorreram na evolução do português.	Dêixis Funções sintáticas Palavras divergentes e convergentes Processos fonológicos		1 item de escolha múltipla 1 item de resposta curta 1 item de seleção	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever textos de opinião, respeitando as marcas de género. Redigir o texto com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Texto de opinião	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 11

«O sentimento dum ocidental» e *Crónica de D. João I*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o excerto da secção «Noite fechada», do poema «O sentimento dum ocidental», e as notas.

- Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfumo¹ um ermo² inquisidor severo,
Assim que pela história eu me aventuro e alargo. 20 Derramam-se por toda a capital, que esfria.
- 5 Na parte que abateu no terremoto,
Muram-me as construções retas, iguais, crescidas;
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
E os sinos de um tanger³ monástico e devoto.
- Mas, num recinto público e vulgar,
10 Com bancos de namoro e exíguas⁴ pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico d'outrora ascende, num pilar⁵!
- 25 E mais: as costureiras, as floristas
Descem dos *magasins*⁸, causam-me sobressaltos;
Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos
E muitas delas são comparsas ou coristas⁹.
- E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,
Nesta acumulação de corpos enfezados⁶;
15 Sombrios e espectrais⁷ recolhem os soldados;
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental», in *Cânticos do Realismo – O Livro de Cesário Verde*
(introd. de Helena Carvalhão Buescu), Lisboa, INCM, 2015, pp. 122-123.

¹ *esfumo*: esboço.

² *ermo*: solitário.

³ *tanger*: toque.

⁴ *exíguas*: insignificantes.

⁵ *um épico d'outrora ascende, num pilar*: estátua de Camões.

⁶ *enfezados*: mirrados, raquíticos.

⁷ *espectrais*: fantasmagóricos, mórbidos.

⁸ *magasins*: lojas.

⁹ *comparsas ou coristas*: atrizes.

1. Relaciona a metáfora presente nos versos 1 e 2 com o sentido dos versos 3 e 4.

2. Refere dois contrastes sociais apresentados nos versos 15 a 28.

3. Completa as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, regista apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Ao longo da sua deambulação pela capital portuguesa, o sujeito poético de «O sentimento dum ocidental» capta diferentes instantâneos que permitem perceber **a)** _____ sobre o espaço citadino. O «eu» considera Lisboa um espaço opressivo, como se constata no recurso a diferentes formas verbais como **b)** _____, entre outras. Por outro lado, permite também a evocação de um passado marítimo glorioso com a referência a **c)** _____.

a)	b)	c)
1. o seu apreço singular	1. «Muram-me» (verso 6) e «Afrontam-me» (verso 7)	1. «um ermo inquisidor severo» (verso 3)
2. a sua visão pessoal	2. «recolhem» (verso 15) e «Inflama-se» (verso 16)	2. «Um épico d'outrora» (verso 12)
3. a sua análise objetiva	3. «Derramam-se» (verso 20) e «Enlutam-me» (verso 23)	3. «patrulhas de cavalaria» (verso 17)

PARTE B

Lê o texto, um excerto do capítulo 148 da *Crónica de D. João I*, e as notas.

Oh quantas vezes encomendavam nas missas e pregações que rogassem a Deos devotamente por o estado da cidade! E ficados os geolhos¹, beijando a terra, braadavam a Deos que lhes acorresse, e suas preces nom eram compridas! Uûs choravam antre si, mal-dizendo seus dias, queixando-se por que tanto viviam, como se dissessem com o Profeta: «Ora veesse a morte ante do tempo, e a terra cobrisse nossas faces, pera nom veermos tantos males!» Assi que rogavam a morte que os levasse, dizendo que melhor lhe fora morrer, que lhe seerem cada dia renovados desvairados padecimentos. Outros se querelavam² a seus amigos, dizendo que forom desaventurada gente, que se ante nom derom a el-Rei de Castela que cada dia padecer novas mizquiindades³, firmando-se de todo nas peores cousas que fortuna em esto podia obrar⁴.

Sabia porem isto o Mestre e os de seu Conselho, e eram-lhe doorosas d'ouvir taes novas; e veendo estes males a que acorrer nom podiam, çarravam suas orelhas do rumor do poboo.

Como nom queeres que maldissem sa vida e desejassem morrer alguûs homees e molheres, que tanta deferença há d'ouvir estas cousas aaqueles que as entom passaram⁵, como há da vida aa morte? Os padres e madres viam estalar de fame os filhos que muito amavam, rompiam⁶ as faces e peitos sobr'eles, nom tendo com que lhe acorrer, senom planto⁷ e espargimento de lagrimas; e sobre todo isto, medo grande da cruel vingança que entendiam que el-Rei de Castela deles havia de tomar; assi que eles padeciam duas grandes guerras, ûa dos emigos que os cercados tiinhm, e outra dos mantiimentos que lhes minguvom, de guisa⁸ que eram postos em cuidado de se defender da morte per duas guisas.

Pera que é dizer mais de taes falecimentos⁹? Foi tamanho o gasto das cousas que mester haviam que soou uû dia pela cidade que o Meestre mandava deitar fora todos que nom tivessem pam que comer, e que soamente os que o tivessem ficassem em ela; mas quem poderia ouvir sem gemidos e sem choro tal ordenança de mandado aaqueles que o nom tiinhm? Porem sabendo que non era assi, foi-lhe já quanto¹⁰ de conforto. Onde sabe que esta fame e falecimento que as gentes assi padeciam, nom era por seer o cerco perlongado, ca nom havia tanto tempo que Lixboa era cercada; mas era per aazo das muitas gentes que se a ela colherom de todo o termo; e isso meesmo da frota do Porto quando veo, e os mantiimentos seerem muito poucos.

Teresa Amado, *Crónica de D. João I de Fernão Lopes*, Lisboa, Seara Nova/Comunicação, 1980, pp. 193-194.

¹ ficados os geolhos: ajoelhados.

² querelavam: queixavam.

³ mizquiindades: misérias.

⁴ firmando-se de todo nas peores cousas que fortuna em esto podia obrar: só pensando nos maiores males que naquelas circunstâncias lhes podiam acontecer.

⁵ d'ouvir estas cousas aaqueles que as entom passaram: entre ouvir estas coisas e passá-las.

⁶ rompiam: feriam.

⁷ planto: pranto.

⁸ guisa: maneira.

⁹ falecimentos: misérias.

¹⁰ quanto: um pouco.

4. Explicita as diferentes reações do povo face às privações que enfrentava.
5. Relaciona a reação do «Mestre e os de seu Conselho» (linha 10) com a situação em que se encontravam os populares durante o cerco de Lisboa.
6. Seleciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.
- No capítulo 148 da *Crónica de D. João I*, Fernão Lopes recorre a várias _____ com o objetivo de conferir subjetividade ao discurso e criar solidariedade no leitor. Ainda neste capítulo, o recurso às sensações em _____ permite perceber com realismo o que é descrito.
- A. ☐ enumerações ... «e suas preces nom eram compridas» (linha 3)
- B. ☐ interrogações retóricas ... «eram-lhe doorosas d'ouvir taes novas» (linha 10)
- C. ☐ comparações ... «eles padeciam duas grandes guerras» (linha 17)
- D. ☐ metáforas ... «de guisa que eram postos em cuidado» (linha 18)

PARTE C

7. Em «O sentimento dum ocidental», a evasão temporal permite ao «eu» afastar-se do espaço citadino que o enclausura.

Escreve uma breve exposição na qual comproves esta afirmação, baseando-te na tua experiência de leitura de «O sentimento dum ocidental».

A tua exposição deve respeitar as orientações seguintes:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites dois aspetos que, no poema, demonstrem a evasão temporal por parte do «eu».
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto e a nota.

O Admirável mundo novo, a Humanidade e a Mãe Natureza

Já Huxley¹ em 1932 demonstrava que, por mais que se quisesse uma sociedade perfeita, estratificada e quase automatizada, a natureza humana, tal como é, se sobrepunha e impunha, com tudo de bom e de mau que comporta. Todos nós sabemos, um pouco mais ou um pouco menos, que o mundo tal e qual o conhecemos não vai retornar. Esta pandemia global obrigou-nos a mudar os nossos hábitos e a repensar a forma como estamos e vivemos uns com os outros. Parece uma espécie de lição que a Mãe Natureza nos dá. A todos nós que tanto vivíamos acelerados em busca de mais tempo e mais compromissos, agarrados às novas tecnologias que nos davam uma sensação de proximidade e de coragem camuflada, hoje somos obrigados a saber como usar o tempo que excede e a usar essa tecnologia para manter as nossas relações pessoais vivas, com a sensação parca de proximidade.

A perfeição associada à Humanidade é uma contradição nos seus próprios termos. A Humanidade é, por natureza, imperfeita, sendo essa imperfeição aquilo que de melhor dela brota.

Hoje, o Direito tem vindo a regular a excecionalidade desta nossa nova realidade, estabelecendo as necessárias restrições aos nossos direitos fundamentais. Apregoando-se serem excecionais e temporárias. E se o forem, como estou certa de que o serão, são o reforço da nossa democracia. Mas nem tudo é mau, nem tudo é atemorizador. Estas restrições reforçam a tão típica característica da Humanidade em se adaptar e sobreviver a novas e muitas vezes cruéis exigências. Conseguimos, com maior ou menor esforço, manter a nossa atividade, os nossos contactos, a nossa intelectualidade e, acima de tudo, a nossa união, tolerância e solidariedade.

Para além de bonito de se ver, o que se tem visto, ainda, à distância, é a prova, como demonstração da realidade dos factos, de que a Humanidade quer sempre e, acima de tudo, manter-se por aqui. Que por mais lições que receba da Mãe Natureza e cada vez mais a respeite, existirá sempre como uma espécie de filho rebelde que vai aprendendo com os seus erros e só deixará a rebeldia com a interiorização da reverência que deve à educação de sua mãe.

A mudança que advirá vai ser estrutural, principalmente a nível sociológico, filosófico e eventualmente até político e jurídico. Estou certa de que iremos ver e viver muito diferentemente as nossas aulas, os nossos jantares, as nossas reuniões de trabalho, os nossos julgamentos, os nossos passeios ao ar livre, as festas dos nossos filhos, o Natal, as férias e todos os outros eventos que, até há bem pouco tempo, eram vistos e sentidos como mais um elemento da nossa rotina. Sendo também certo que a *aldeia global* não é apenas um conceito académico ou sociológico e muito menos apenas uma consequência tecnológica, é uma realidade bem presente e hoje, infelizmente, muito bem demonstrada.

Termino, dizendo que apenas espero que a mensagem desta tão dura lição da nossa Mãe Natureza perdure por muito tempo, para que não nos esqueçamos que não há nenhum mundo que seja admirável sem a sua orientação e guarida. Se a respeitarmos e obedecermos, seremos por certo melhores pessoas, enaltecendo a Humanidade.

Ana Raquel Conceição, «O Admirável mundo novo, a Humanidade e a Mãe Natureza», in <https://www.publico.pt> (texto adaptado e com supressões, consultado em 19/11/2021).

¹ Huxley: referência a Aldous Huxley, escritor inglês, autor do romance *Admirável mundo novo*.

- 1.** Segundo o primeiro parágrafo, a presente «pandemia global» (linha 4)
- A. ☐ ocultou a sensação de proximidade em relação aos outros.
 - B. ☐ promoveu a proximidade dos outros de forma camuflada.
 - C. ☐ relevou o tempo para ser utilizado de forma profícua.
 - D. ☐ adulterou a relação de que dispúnhamos com o tempo.
- 2.** As restrições aplicadas pelas leis valorizam a
- A. ☐ inflexibilidade da atuação do ser humano.
 - B. ☐ impossibilidade de aceitação do homem.
 - C. ☐ capacidade de contestação do ser humano.
 - D. ☐ flexibilidade como reação do homem.
- 3.** Ao recorrer às expressões «como uma espécie de filho rebelde que vai aprendendo com os seus erros» (linhas 22 e 23) e «só deixará a rebeldia com a interiorização da reverência» (linhas 23 e 24), a autora utiliza
- A. ☐ a metáfora para evidenciar o reconhecimento humano perante a sua falibilidade, no primeiro caso, e a antítese que destaca a força modeladora da autoridade reconhecida, no segundo caso.
 - B. ☐ a antítese que destaca a força modeladora da autoridade reconhecida, no primeiro caso, e a metáfora para evidenciar o reconhecimento humano perante a sua falibilidade, no segundo caso.
 - C. ☐ a metáfora para evidenciar o reconhecimento humano perante a sua falibilidade, no primeiro caso, e para destacar a força modeladora da autoridade reconhecida, no segundo caso.
 - D. ☐ a antítese para evidenciar o reconhecimento humano perante a sua falibilidade, no primeiro caso, e para destacar a força modeladora da autoridade reconhecida, no segundo caso.
- 4.** Relativamente ao conteúdo do quinto parágrafo, a referência ao conceito «aldeia global» (linha 30) constitui uma
- A. ☐ reformulação.
 - B. ☐ confirmação.
 - C. ☐ contradição.
 - D. ☐ explicação.
- 5.** A expressão «Estou certa de que iremos ver e viver muito diferentemente» (linha 26) apresenta referências deíticas
- A. ☐ espaciais e pessoais.
 - B. ☐ temporais.
 - C. ☐ pessoais.
 - D. ☐ temporais e pessoais
- 6.** Identifica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
- a) «de que o serão» (linha 15);
 - b) «melhores pessoas» (linha 36).

7. Completa as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, regista apenas as letras – **a)**, **b)** e **c)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Do étimo latino MATER derivaram as palavras portuguesas *madre* e «Mãe» (linha 22). Por terem origem no mesmo étimo, classificam-se como palavras **a)** _____. Na evolução de MATER para *madre* ocorreu, entre outros processos fonológicos, a **b)** _____ e a **c)** _____.

a)	b)	c)
1. convergentes	1. prótese	1. palatalização
2. divergentes	2. sonorização	2. assimilação
3. homónimas	3. apócope	3. metátese

Grupo III

Muitos são aqueles que rapidamente perpassam os olhos por uma grande quantidade de informação, sem, muitas vezes, a compreenderem.

Será que esta continua a ser a postura do ser humano?

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defende uma perspetiva pessoal sobre a questão apresentada.

No teu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o teu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utiliza um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

Matriz do teste de avaliação escrita 12

«O sentimento dum ocidental» e *Sonetos completos*

Domínios – Educação Literária | Leitura | Gramática | Escrita

Descritores (AE)	Conteúdos		Estrutura	Itens – cotação
Educação Literária/Leitura Interpretar obras literárias portuguesas. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.	A – Texto de leitura literária: excerto de «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde	Grupo I	Parte A 2 itens de resposta restrita 1 item de resposta curta	A 1. 16 pontos 2. 16 pontos 3. 12 pontos
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	B – Texto de leitura literária: soneto de Antero de Quental		Parte B 2 itens de resposta restrita 1 item de seleção	B 4. 16 pontos 5. 16 pontos 6. 12 pontos
Escrita Escrever uma exposição sobre um tema.	C – Exposição sobre um tema «O sentimento dum ocidental», de Cesário Verde		Parte C 1 item de resposta restrita	C 7. 16 pontos
Total – 104 pontos				
Leitura Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.	Texto de leitura não literária	Grupo II	4 itens de escolha múltipla	1. 8 pontos 2. 8 pontos 3. 8 pontos 4. 8 pontos
Gramática Conhecer a referência deítica (deíticos e respetivos referentes). Identificar a função sintática de constituintes da frase. Reconhecer a anáfora como mecanismo de coesão e de progressão do texto.	Dêixis Funções sintáticas Anáfora		1 item de escolha múltipla 2 itens de resposta curta	5. 8 pontos 6. 8 pontos 7. 8 pontos
Total – 56 pontos				
Escrita Escrever apreciações críticas, respeitando as marcas de género. Redigir o texto com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.	Apreciação crítica de uma pintura	Grupo III	1 item de resposta extensa (200 a 350 palavras)	Item único
Total – 40 pontos				
Total – 200 pontos				

Teste de avaliação escrita 12

«O sentimento dum ocidental» e *Sonetos completos*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____/____/____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Grupo I

PARTE A

Lê o excerto da secção «Ao gás», do poema «O sentimento dum ocidental», e as notas.

- | | |
|--|--|
| E eu, que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem:
Casas de confeções e modas resplandecem;
Pelas <i>vitrines</i> olha um ratoneiro imberbe ¹ . | Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
15 Flocos de pós de arroz pairam sufocadores,
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros. |
| 5 Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistrais, salubres ² e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos ³ ,
E a vossa palidez romântica e lunar! | Mas tudo cansa! Apagam-se, nas frentes,
Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;
Da solidão regouga ⁶ um cauteleiro rouco;
20 Tornam-se mausoléus ⁷ as armações fulgentes. |
| 10 Que grande cobra, a lúbrica ⁴ pessoa,
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo ⁵ !
Sua excelência atrai, magnética, entre o luxo,
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa. | «Dó da miséria!... Compaixão de mim!...»
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-nos sempre esmola um homenzinho idoso,
Meu velho professor nas aulas de latim! |

[...]

Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental», in *Cânticos do Realismo – O Livro de Cesário Verde* (introd. de Helena Carvalhão Buescu), Lisboa, INCM, 2015, pp. 126-127.

¹ *ratoneiro imberbe*: ladrão adolescente.

² *salubres*: saudáveis.

³ *reverberos*: reflexos.

⁴ *lúbrica*: lasciva.

⁵ *debuxo*: estampado.

⁶ *regouga*: apregoa com voz áspera.

⁷ *mausoléus*: monumentos sepulcrais.

1. Atenta nas estrofes 1 e 2.

Refere o tipo de poesia que o «eu» pretende escrever.

2. Explicita os contrastes sociais evidenciados neste excerto.

3. Transcreve:

- a) a metáfora que, nos versos 1 a 12, evidencia os tons acinzentados da cidade;
- b) a comparação que, nos versos 13 a 19, revela o escurecer progressivo da cidade.

PARTE B

Lê o soneto e as notas.

Ideal

Aquela que eu adoro não é feita
De lírios nem de rosas purpurinas¹,
Não tem as formas lânguidas², divinas,
Da antiga Vénus³ de cintura estreita...

5 Não é a Circe⁴, cuja mão suspeita
Compõe filtros mortais entre ruínas,
Nem a Amazona⁵, que se agarra às crinas
Dum corcel⁶ e combate satisfeita...

A mim mesmo pergunto, e não atino⁷
10 Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

É como uma miragem, que entrevejo,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sonho impalpável do Desejo...

Antero de Quental, *Poesia completa, 1842-1891*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 249-250.

¹ *purpurinas*: da cor púrpura, entre o violeta e o vermelho.

² *lânguidas*: sensuais.

³ *Vénus*: deusa romana da beleza e do amor.

⁴ *Circe*: feiticeira na mitologia grega.

⁵ *Amazona*: mulher guerreira na mitologia grega.

⁶ *corcel*: cavalo de batalha.

⁷ *atino*: encontro.

4. Clarifica o retrato que o sujeito poético constrói da amada nas duas quadras.

5. Relaciona o conteúdo dos versos 9 e 10 com o sentido do último terceto.

6. Seleciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

Como se trata de um soneto, este poema é constituído, a nível formal, por duas quadras e dois tercetos. Cada verso possui dez sílabas métricas, sendo, por isso, _____. A nível temático, apresenta uma só ideia, desenvolvida em partes e _____ na «chave de ouro». Estas são características comuns na produção literária anterior.

- A. ☐ eneassílabo ... questionada
- B. ☐ decassílabo ... questionada
- C. ☐ eneassílabo ... sintetizada
- D. ☐ decassílabo ... sintetizada

PARTE C

- 7.** Em «O sentimento dum ocidental», a questão épica é subvertida, tendo em conta a realidade da Lisboa da época do sujeito poético devido às circunstâncias do espaço citadino.

Escreve uma breve exposição na qual comproves esta afirmação, baseando-te na tua experiência de leitura de «O sentimento dum ocidental».

A tua exposição deve respeitar as orientações seguintes:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicites dois aspetos que, no poema, evidenciem a presença e a subversão da questão épica no poema;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

Grupo II

Lê o texto e a nota.

Lugares memoráveis

Há lugares que não esquecemos. Existem determinados sítios por onde passamos que, espontaneamente, evocam lembranças. Levam ao desencadear de memórias ligadas a momentos significativos, sejam estas experiências vividas só connosco, pensamentos decisivos tidos em fases cruciais da vida, momentos vividos com outros, no contexto de relações importantes. Lugares

5 carregados de memórias afetivas, marcos na história da nossa vida.

Estes lugares são mais do que o território geográfico que ocupam. São lugares que nos passam a pertencer por dentro. Sejam lugares de sempre ou lugares ocasionais. Lugares mais familiares, de convivência mais assídua, que sedimentam camadas de experiências, como os caminhos que percorremos diariamente, mas que vão fixando memórias sem darmos conta, ao longo das diferentes

10 idades e fases da vida. E outros, que visitamos de tempos a tempos, os sítios das férias, alguns passeios, recantos citadinos ou esconderijos no campo. Ainda guardamos aqueles lugares a que fomos uma só vez na vida, mas que ficam gravados para sempre, locais de casamentos, também de divórcios, viagens especiais.

Precisamos de sentir algum sossego e deter um olhar distante para reconhecermos estes territórios

15 que ocupam o nosso espaço interno. Lembrar as histórias vividas permite tanto reviver como colocar em perspetiva o que foi vivido e é revivido a partir do momento presente.

O conceito de *espaço potencial*, do psicanalista Donald Winnicott, pode ajudar a enquadrar e identificar esse lugar de intersecção entre a realidade interna e externa, colocando-nos num lugar da exploração da criatividade e da vivência da experiência psíquica na relação lúdica que podemos tecer

20 nestes lugares íntimos a partir dos lugares físicos. Nesse espaço que faz parte do desenvolvimento precoce, inscreve-se a possibilidade de o bebé brincar com a mãe e viver a experiência da separação sem a verdadeira separação. É, gradualmente, que vai desenvolvendo confiança e compreensão do mundo envolvente. A aprendizagem e a consolidação das experiências são mais fruto da experiência cultural do que daquilo que é inato. Assim, aqui, neste espaço potencial, cada um vai completando a

25 construção do seu próprio *self*¹.

Saber que podemos sempre recorrer a estes lugares dá-nos um sentimento de segurança, e, em alguns momentos mais difíceis, servem-nos como um reforço de confiança e amor próprio. Possuirmos esta noção de continuidade do caminho percorrido com uma riqueza de peripécias, ajuda a inspirarmo-nos e refortificarmo-nos. Quem é capaz de lembrar e de se deixar acompanhar pelas

30 memórias não se sente sozinho.

Numa expectativa futura, seguindo a linha da vida que não para, ir mantendo o legado de colecionar lugares vai permitir ampliar o território interno que passa a ser cada vez mais pontuado pela sinalética dos sítios onde estão escondidos os cofres com tesouros. E, assim, acumular lugares memoráveis.

Ana Eduardo Ribeiro, «Lugares memoráveis», in <https://observador.pt>
(texto adaptado e com supressões, consultado em 21/12/2021).

¹ *self*: termo da psicologia que define a pessoa na sua individualidade e singularidade.

- 1.** Ao serem mais do que «território geográfico» (linha 6), os lugares assumem-se como
- A. ☐ momentos em que, unicamente, convivemos com os outros.
 - B. ☐ locais de que dependem as diferentes fases da nossa existência.
 - C. ☐ diferentes experiências psicológicas que todos nós vivenciamos.
 - D. ☐ referências marcantes para a vida de cada um de nós.
- 2.** Segundo o primeiro parágrafo do texto, a memória é o que nos leva a
- A. ☐ confirmar posteriormente tudo o que vivenciamos.
 - B. ☐ percorrer mentalmente todos os espaços visitados.
 - C. ☐ substituir as vivências reais pelas imaginadas.
 - D. ☐ interpretar erradamente tudo o que conhecemos.
- 3.** O conceito de «*espaço potencial*» (linha 17) pressupõe o desenvolvimento de
- A. ☐ várias competências que, posteriormente, vão desaparecendo.
 - B. ☐ capacidades determinantes para a formação do nosso «eu».
 - C. ☐ potencialidades que são fulcrais para estarmos em grupo.
 - D. ☐ mecanismos de defesa perante as adversidades sociais.
- 4.** No último parágrafo do texto, para se referir a lugares que potenciam memórias duradouras, a autora recorre a uma metáfora, como se verifica em
- A. ☐ «coleccionar lugares», na linha 32.
 - B. ☐ «território interno», na linha 32.
 - C. ☐ «sinalética dos sítios», na linha 33.
 - D. ☐ «cofres com tesouros», na linha 33.
- 5.** A expressão «reconhecemos estes territórios» (linha 14) apresenta referências deícticas
- A. ☐ pessoais e espaciais.
 - B. ☐ temporais.
 - C. ☐ pessoais.
 - D. ☐ temporais e pessoais.
- 6.** Identifica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões:
- a) «ao longo das diferentes idades e fases da vida» (linhas 9 e 10);
 - b) «os cofres com tesouros» (linha 33).
- 7.** Indica o antecedente do pronome demonstrativo «estes» na linha 3.

Grupo III

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, faz a apreciação crítica da pintura abaixo apresentada, da autoria de Van Gogh.



Vincent van Gogh,
Terraço do café à noite (1888).

O teu texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico, fundamentando a tua apreciação em, pelo menos, três aspetos relevantes e utilizando um discurso valorativo.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre 200 e 350 palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a 80 palavras é classificado com 0 pontos.

FIM

Grupo		Itens/Cotação (em pontos)						
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	104
	16	16	12	16	16	12	16	
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	56
	8	8	8	8	8	8	8	
III	Item único							40
Total								200

TESTES DE AVALIAÇÃO ESCRITA

Teste 1 (p. 197)

«SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO» E RIMAS

GRUPO I

Parte A

1. Para comprovar as virtudes dos peixes, Padre António Vieira recorre:

– ao episódio bíblico do Dilúvio, ocorrido no tempo de Noé (apenas estes animais não foram punidos, já que eram os que viviam, em meio aquático, afastados dos homens e dos seus pecados);

– à referência a Santo Ambrósio.

Além disso, ao referir que Santo António, para se aproximar de Deus, se afastou dos homens, confirma também as virtudes do auditório de Vieira.

2. Nas linhas 4 e 5, o orador faz referência:

– aos animais que se salvaram no Dilúvio, tendo ficado apenas o macho e a fêmea de cada espécie daqueles que se encontravam em contacto direto com os homens;

– por seu lado, aos peixes que, como viviam longe do ser humano, não só se salvaram, como aumentaram o seu número e domínio, já que havia muito mais água;

Por tal motivo, nas linhas 14 e 18, Padre António Vieira exorta os peixes a manterem-se «longe dos homens», pois tal atitude só lhes trará benefícios e não irão sofrer as consequências negativas dos seus vícios.

3. A antítese estabelecida entre «buscava» e «fugia» destaca a necessidade que Santo António sentiu em se afastar dos homens, para se aproximar espiritualmente de Deus, já que a existência humana se encontrava contaminada pelo pecado.

4. a) 2; b) 3.

Parte B

5. Para justificar a afirmação, deve referir:

– o tempo tem consequências nefastas em todos os elementos pertencentes à realidade que envolve o «eu», nomeadamente na mudança do ano, na alteração da «força» e da «arte», entre outros aspetos; além disso, o tempo acaba por ter efeitos negativos sobre si próprio;

– no entanto, o tempo não conseguirá superar a tristeza do sujeito poético, uma vez que esta só poderá ser mitigada pela vontade da sua amada, como se observa nos versos 7 e 8;

– ...

6. a) «O tempo o mesmo tempo de si chora;» (v. 4);

b) «A pena e o prazer desta esperança.» (v. 14).

Parte C

7. Tópicos de resposta

Padre António Vieira critica, no seu texto,:

– todos os que têm comportamentos condenáveis; neste sermão, o orador critica a atitude abusiva dos colonos em relação aos indígenas.

Para concretizar a sua crítica, recorre à alegoria, usando:

– as virtudes e os defeitos dos peixes que surgem sempre associados, por comparação, ao ser humano: ora por antítese, opondo os peixes aos homens, ora por semelhança, identificando os peixes com os homens.

Exemplos de peixes:

– os **Roncadores**: roncam muito e fazem pouco; defeitos: soberba e orgulho;

– os **Pegadores**: têm o costume de se pegarem a outros peixes maiores, sendo deles parasitas e não se lembram que se aqueles a quem se pegam forem apanhados, eles irão também; defeitos: parasitismo social;

– os **Voadores**: peixes que se não contentam com nadar, querem também voar e isso faz com que sejam mais facilmente apanhados pelos marinheiros; defeitos: vaidade e ambição;

– o **Polvo**: perito na arte da dissimulação, é, por isso, o «maior traidor do mar» consegue fazer-se da cor e da forma dos sítios onde se encontra para melhor abraçar e matar as presas; defeito: traição.

GRUPO II

1. D; **2.** B; **3.** C; **4.** A; **5.** D.

6. a) complemento do nome; b) complemento direto.

7. sonorização.

GRUPO III

Tópicos de resposta

Para que o ser humano se consiga desenvolver de modo integral e pleno, deve ser confrontado, durante a formação da sua personalidade, com diferentes situações:

– situações positivas que permitam reconhecer o conceito de felicidade e que desenvolvam a sua autoestima, nomeadamente momentos felizes em família, bom acompanhamento escolar, entre outros;

– momentos que possam criar alguma frustração e que levem ao questionamento, pois, desse modo, poderá valorizar, de forma mais consciente, a felicidade que possui, como um resultado escolar abaixo do expectável, não possuir materialmente tudo o que deseja, entre outros;

– ...

Teste 2 (p. 205)

«SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO»

GRUPO I

Parte A

1. Com o recurso reiterado a formas verbais do campo visual, conjugado com um tom imperativo,:

– o apelo à visão irá representar os factos de modo mais vivo e concreto, confrontando os ouvintes, neste caso os peixes, com a realidade, nomeadamente com o «açougue» da terra, para os impressionar e persuadir;

– o orador coloca, assim, em prática um objetivo da eloquência, o *movere*.

2. Esta expressão evidencia que,:

– embora os Tapuias sejam canibais e se alimentem dos seus mortos em rituais fúnebres, não comem tanto como os homens «brancos» que, metaforicamente, apresentam uma carnificina pior;

– assim, Padre António Vieira defende que a antropofagia social, verificada na cidade, é muito mais negativa do que o facto de os Tapuias comerem literalmente os seus mortos, já que se «alimentam» dos oprimidos ainda vivos.

3. D.

Parte B

4. Os peixes foram excluídos dos sacrifícios a Deus, o que poderia ser alvo de tristeza por parte destes. No entanto, é uma vantagem, segundo Padre António Vieira, na medida em que não ser sacrificado é muito melhor do que o ser ainda vivo, como acontece com outros animais.

5. Padre António Vieira mostra que a irracionalidade e a ausência de livre-arbítrio dos peixes são alvo da sua inveja, uma vez que estes não ofendem a Deus e cumprem a função que lhes foi designada. Por seu lado, o pregador, mesmo possuindo racionalidade e vontade, penitencia-se, por não conseguir servir a Deus da forma mais adequada.

6. C.

Parte C

7. Tópicos de resposta

Para explicitar o modo como Vieira organizou o seu discurso no «Sermão de Santo António», deve referir-se o seguinte:

– escolheu como auditório os peixes, já que os homens, neste caso, os colonos do Maranhão no Brasil, parecem maus ouvintes e não aceitar a pregação;

– Vieira elabora uma alegoria em que se propõe louvar, em primeiro lugar, os peixes, atribuindo-lhes qualidades que não encontra nos homens;

– pretende também criticar os peixes, nomeadamente os defeitos comuns aos homens. Vieira, como este «Sermão», destaca os comportamentos errados dos seres humanos.

GRUPO II

1. D; 2. A; 3. C; 4. B; 5. C.

6. a) complemento oblíquo; b) sujeito.

7. Palavras divergentes.

GRUPO III

Tópicos de resposta

Para que o ser humano tenha para um caminho de sucesso no futuro, é importante que:

– saiba colocar-se no lugar do outro, agindo de forma solidária, não só com os outros seres humanos como também com os demais seres vivos. Desta forma, o altruísmo e o respeito que evidencia pelo outro poderá permitir um desenvolvimento pessoal e comunitário muito mais positivo e enriquecedor;

– compreender que o amor e uma vivência mais feliz são determinantes para que o ser humano se sinta mais confiante e resiliente perante as adversidades;

– ...

Teste 3 (p. 213)

FREI LUÍS DE SOUSA E POESIA TROVADORESCA

GRUPO I

Parte A

1. Na primeira réplica de Telmo, as reticências evidenciam a sua culpa e o seu arrependimento por ter abordado e insinuado um assunto muito delicado e difícil para D. Madalena, nomeadamente a possível ilegitimidade de Maria. As reticências demonstram também a subjetividade discursiva, deixando suspenso, no final da réplica, um assunto tão sensível.

2. D. Madalena assume uma «atitude grave e firme» (l. 9), uma vez que deseja terminar com o diálogo sobre as crenças de Telmo. Assim, mostra-se autoritária e assertiva, referindo que, apesar do respeito e do carinho que nutre por este, discorda das referências constantes a D. João e da possibilidade de este não estar, efetivamente, morto.

3. a) 3; b) 1; c) 2.

Parte B

4. A mãe assume o papel de confidente do sujeito poético: a «amiga», sofrendo de amor, pede à sua mãe que a autorize a ir à Ermida de Faro rezar e pedir um encontro com o seu amigo, como se constata nos versos «Far[o] um dia irei, madre, se vos prouguer, / rogar se verria meu amigo [...]» (vv. 1-2), com a presença da apóstrofe que evidencia essa solicitação à sua «madre».

5. O refrão da cantiga evidencia o sofrimento amoroso em que se encontra a figura feminina. Esta sofre, pois o «amigo» está ausente e deseja ir à ermida de Santa Maria de Faro, mencionada no verso 1 como «Far[o]», rezar para que este regresse. Quando tal se verificar, o sujeito poético contar-lhe-á a «coita» do seu coração.

6. Dois dos seguintes traços caracterizadores do sujeito poético:

– o facto de ser uma donzela, enamorada, que se encontra em sofrimento devido à ausência do seu amado;

– encontra-se ansiosa e desesperada;

– é uma mulher formosa e elegante, através da expressão «bem talhada».

Parte C

7. Tópicos de resposta

O Sebastianismo torna-se evidente em *Frei Luís de Sousa*, nomeadamente:

– com a crença no regresso de D. Sebastião para devolver a independência e a liberdade perdidas a Portugal, sendo D. Sebastião uma espécie de Messias, que recuperaria a glória do passado;

– com as personagens de Telmo e de Maria de Noronha, que evidenciam uma admiração profunda pelo rei desaparecido e acreditam no seu regresso para libertar o país do jugo espanhol;

– ...

GRUPO II

1. A; 2. C; 3. B; 4. A; 5. D.

6. a) modificador do nome restritivo; b) predicativo do sujeito.

7. Oração subordinada adverbial temporal.

GRUPO III

Tópicos de resposta

O *cartoon* de Alireza Pakdel expõe, de forma dramática, as consequências nefastas de um conflito armado.

– Descrição do *cartoon*: uma criança do sexo feminino, com roupas de combate, em pleno cenário de guerra, denunciado pelas balas cruzadas que aparecem na parte superior da imagem. Esta criança cuida de uma pomba branca, que se encontra ferida e traz um ramo de oliveira no bico, simbolizando a paz. Os tons que predominam na imagem são escuros, nomeadamente na sua parte superior.

– Comentário crítico: a imagem denuncia a existência de diferentes conflitos armados que colocam em causa a paz no mundo. O cartoonista conseguiu transmitir a sua mensagem com eficácia e simplicidade, pois, ao apresentar o símbolo da paz (pomba branca) ferido, conseguimos compreender o seu objetivo de colocar em causa a incompreensão entre os povos.

Teste 4 (p. 221)

FREI LUÍS DE SOUSA E «SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO»

GRUPO I

Parte A

1. Manuel encontra-se dominado pelo desânimo e pela preocupação, dada a gravidade do estado de saúde de Maria, como é possível constatar em «não tive ainda ânimo de a ir ver» (l. 4). Além disso, ao perceber que a filha está às portas da morte, tenta deixar-se levar pela resignação, mas não o consegue fazer («Devia, devia... e não posso, não quero, não sei, não tenho ânimo, não tenho coração. Peço-te vida, meu Deus», ll. 17-18). Por fim, o seu altruísmo e amor paternal por Maria está também evidente quando deseja morrer de vergonha «e morra eu de vergonha, se é preciso; cubra-me o escárneo do mundo» (ll. 19-20), se conseguisse evitar o sofrimento da filha.

2. A pontuação que domina a terceira réplica de Manuel, nomeadamente as exclamações e as reticências, demonstram não só o sofrimento atroz e a impotência de Manuel perante estado de saúde da filha, como também a incapacidade de reagir racional e friamente.

3. a) 3; b) 2; c) 3.

Parte B

4. Para Vieira, o Voador, dada a sua ambição e presunção, é um peixe que se não contenta com nadar, quer também voar e isso faz com que seja mais facilmente capturado pelos marinheiros. Corre, assim, mais perigos dos que os restantes animais, uma vez que sofre as consequências de ser um animal aquático e voador.

5. Simão Mago e Ícaro, devido à sua ambição, são exemplo de quem quis voar, de forma literal e metafórica, e acabaram por sofrer as consequências nefastas de quem não se contenta «com o seu elemento» (l. 24). Em contrapartida, Santo António como exemplo de quem, tendo asas, voou «para baixo, e não para cima» (ll. 26-27), ou seja, soube viver com humildade.

6. a) «Pouco há nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés amortalhado nas asas» (ll. 5 e 6); b) «a oração de São Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que ele» (l. 16).

Parte C

7. Tópicos de resposta

O patriotismo é apresentado em *Frei Luís de Sousa* da seguinte forma:

- a ação de *Frei Luís de Sousa* é marcada pela situação do país em fins do século XVI, época em que se encontra sob dominação de Espanha, e pelos sentimentos de amor nacional que esta realidade política desperta nas personagens;
- Manuel de Sousa Coutinho resiste à ocupação da sua casa pelos governadores, num ato de dignidade perante a apropriação estrangeira. O gesto de incendiar a própria casa é a prova máxima dessa resistência;
- Maria, sua filha, acompanha-o nesse sentimento patriótico, com entusiasmo juvenil, já que é consciente da necessidade de defesa da pátria, para o país se conseguir reerguer enquanto nação independente.

GRUPO II

1. D; **2.** B; **3.** B; **4.** A; **5.** D.

6. a) complemento oblíquo; b) predicativo do sujeito.

7. Oração subordinada adverbial consecutiva.

GRUPO III

Tópicos de resposta

O *cartoon* de Alireza Pakdel expõe, de forma dramática, a situação dos migrantes que tentam melhorar as suas condições de vida em pleno mar Mediterrâneo.

– Descrição do *cartoon*: barco que se encontra a afundar no fundo do mar, pejado de pessoas desesperadas, vestidas de forma igual. Neste naufrágio, são também visíveis adultos e crianças a cair do barco juntamente com os seus pertences. No entanto, este cenário está associado a um aquário, com diferentes peixes, que outras pessoas observam e tiram fotografias.

– Comentário crítico: a imagem denuncia a forma serena como as pessoas reagem aos naufrágios dos migrantes no mar Mediterrâneo. Com a apresentação do *cartoon* como se de um aquário se tratasse, o cartoonista conseguiu, de forma incisiva e mordaz, criticar a indiferença daqueles que não vivenciam algo tão terrível e assustador.

Teste 5 (p. 229)

AMOR DE PERDIÇÃO E FARSA DE INÊS PEREIRA

GRUPO I

Parte A

1. Para o narrador, a «verdade» pode ser um obstáculo ao romance. Como o texto novelístico é algo inventado, o autor pode manipular o seu conteúdo e afastar-se da veracidade, uma vez que considera que «A verdade! Se ela é feia, para que oferecê-la em painéis ao público!?» (l. 8).

2. Simão, ao estar encarcerado dezanove meses, ansiava conseguir viver livremente e não ansiava tanto o amor. Todas as circunstâncias daquele espaço fizeram com que o protagonista ficasse com «o espírito entanguido» (l. 20).

3. D.

Parte B

4. A Mãe recorre à ironia, para evidenciar que conhece bem a sua filha e com a finalidade de destacar que Inês não se dedica, de forma alguma, às tarefas domésticas, como bordar.

5. A discussão entre ambas centra-se no desejo de liberdade por parte de Inês, que considera o casamento uma forma de se emancipar. Por seu lado, a Mãe considera que não é necessário apressar-se, pois tudo tem o seu momento certo para acontecer.

6. a) 3; b) 3.

Parte C

7. Tópicos de resposta

Na *Farsa de Inês Pereira*:

– **Mãe**: representa todas as mães que se preocupam com o futuro das filhas; tem objetivos económicos, pois pretende que Inês case com um homem com posses e tenta alertá-la para aquilo que considera correto.

– **Inês Pereira**: representa as jovens da pequena burguesia, ambiciosas e levianas, que usam o casamento para se emanciparem e ascenderem socialmente; além disso, é uma figura que aprende com a experiência, como se verifica após o seu primeiro casamento.

– ...

Em *Amor de perdição*:

– **Teresa** é frágil, mas também corajosa e obstinada. Devido ao seu amor por Simão, enfrenta abertamente o

pai, por não querer casar com o seu primo Baltasar Coutinho. Por este motivo, não receia ser enclaurada num convento no Porto.

– **Mariana** é uma mulher que se entrega, de corpo e alma, à sua paixão por Simão, mesmo sabendo que não é correspondida. Deste modo, apoia-o incondicionalmente e parte com este para o degredo.

GRUPO II

1. B; 2. D; 3. C; 4. B; 5. C.

6. a) modificador do nome restritivo; b) sujeito.

7. Oração subordinada substantiva relativa.

GRUPO III

Tópicos de resposta

Para abordar a atualidade da luta pela igualdade de género, pode ser referido que:

– nos nossos dias, a luta pela igualdade de género continua a ser necessária, nomeadamente nos países em que a figura feminina ainda não é respeitada na sua individualidade e integridade; muitas jovens não têm acesso ao sistema educativo e, consequentemente, ao mercado de trabalho;

– nos países europeus ou ocidentais, apesar de a mulher possuir liberdade e afirmação pessoal, tem ainda de lutar, muitas vezes de forma desigual, para conseguir vencer no mercado de trabalho.

– ...

Teste 6 (p. 237)

AMOR DE PERDIÇÃO E FREI LUÍS DE SOUSA

GRUPO I

Parte A

1. A relação de Simão com Manuel pauta-se pela discórdia e pelo receio. Manuel teme o «génio» intempestivo de Simão e sente-se ameaçado pela sua forma de estar e de viver, pelo que o denuncia ao pai e pede para não viver com ele.

2. Partindo deste excerto, Simão pode ser definido como herói romântico, pois vive de forma intempestiva e até violenta, como se constata na descrição daquilo que faz em Coimbra («insultando os habitantes e provocando-os à luta com assuadas», l. 8). Revolta-se contra as imposições e normas sociais estabelecidas, sendo irreverente, já que «zomba das genealogias» (ll. 18-19). Além disso, defende, de forma verdadeira e justa, os mais oprimidos, como ficou explícito no episódio em que um criado do pai foi espancado e Simão o apoiou com toda a sua força.

3. B.

Parte B

4. A repetição do pronome «ninguém» enfatiza a perda de identidade ou de realidade por parte de quem sabe que deixou de pertencer a uma família, na qual tinha o seu lugar. A verdadeira existência de D. João de Portugal estaria dependente do reconhecimento dos outros, isto é, do facto de acreditarem que ainda vive. Como Telmo não o reconhece, sente-se frustrado e desiludido, considerando-se «ninguém».

5. A réplica que Telmo profere «à parte» (l. 4) tem a finalidade de demonstrar o seu conflito interior e denunciar que a sua crença no regresso de D. João de Portugal era apenas uma possibilidade enquanto este não regressou. Quando refere «parece que menti» (l. 24) evidencia que nem o seu discurso nem o seu tom de voz

conseguem esconder a escolha que fizera, ou seja, o seu amor por Maria superou a afeição que nutria pelo seu antigo amo.

6. C.

Parte C

7. Tópicos de resposta

– Esta sugestão biográfica entre Camilo Castelo Branco e Simão Botelho está presente sobretudo na passagem pela prisão, também motivada por razões de ordem passional, e na separação da mulher amada, Ana Plácido, por imposições de ordem social.

– É através da personagem Manuel Botelho, irmão de Simão Botelho, que o leitor mais se aproxima da sugestão biográfica, pois este é o pai de Camilo Castelo Branco, sobrinho, portanto, do herói romântico, Simão Botelho.

GRUPO II

1. B; 2. A; 3. C; 4. B; 5. C.

6. a) sujeito; b) complemento direto.

7. Oração subordinada substantiva completiva.

GRUPO III

Tópicos de resposta

Para abordar a importância que as emoções possuem na vida de cada ser humano, poderá ser referido que:

– todos temos necessidade de exprimir o que sentimos, positiva ou negativamente, uma vez que somos seres sociais que vivem da partilha com o outro;

– para o ser humano crescer de forma integral e plena, é fundamental a correta vivência das emoções, que poderão trazer equilíbrio, sensibilidade e serenidade.

Teste 7 (p. 245)

OS MAIAS E RIMAS

GRUPO I

Parte A

1. No final do excerto, Carlos desabafa que aquele tinha sido um «Dia perdido» (l. 25), o que evidencia a sua procrastinação e preguiça. Durante o tempo em que estivera no consultório, Carlos não atendeu nenhum doente nem se ocupou de atividades associadas à medicina. Dedicava-se a ler uma revista enquanto fumava um cigarro, mas rapidamente entrava num estado de cansaço e sonolência, que também era potenciado pelo ambiente exterior que se fazia sentir no espaço interior. O desabafo final sintetiza, deste modo, tudo o que Carlos não fizera no consultório.

2. Esta comparação destaca o modo como, progressiva e lentamente, Carlos se vai alheando dos seus pensamentos e entrando num estado de sonolência e de adormecimento. A leveza e delicadeza dessas sensações são evidenciadas pela associação ao fumo do lume quase inexistente.

3. B.

Parte B

4. O sujeito poético dirige-se às suas memórias/lembranças do passado e pede-lhes que o deixem viver contente: «deixai-me (se quereis) viver contente» (v. 2), se não, prefere a morte, visto que não tem nada a perder: «venha, se vier, o bem por acidente, / e dê a morte fim a meu cuidado» (vv. 7-8); «Que muito *milhor* é perder a vida» (v. 9) [...] «se esta vida há de ser sempre em tormento» (v. 14).

5. O «eu» anuncia que, se não pode viver contente, então prefere morrer: «não me deixeis morrer em tal estado» (v. 4), pois, ainda que o seu passado tenha sido bom, «meu bem passado» (v. 1), o presente já não corre tão bem: «sinta mais o mal presente» (v. 2). Assim, a morte trar-lhe-ia paz, pois, ao perder as suas memórias, todo o dano causado por estas seria eliminado: «Que muito *milhor* é perder a vida, / perdendo-se as lembranças da memória, / pois tanto fazem dano ao pensamento» (vv. 9-11).

6. Este soneto apresenta uma natureza autobiográfica, visível através das seguintes marcas linguísticas:

- pronomes pessoais e determinantes na primeira pessoa do singular («meu», v. 1 e «me», v. 2);
- forma verbal no presente do conjuntivo («sinta», v. 2).

Parte C

7. Tópicos de resposta

- O Destino é uma força inexorável que se abate sobre a família Maia, nomeadamente sobre Carlos e Maria Eduarda; surge personificado por Guimarães, que involuntariamente informa Ega sobre o facto de Carlos da Maia e Maria Eduarda serem irmãos.
- Morte de Afonso da Maia, marcada pela força do Destino, devido à relação incestuosa de Carlos e Maria Eduarda.
- Associado à aceitação do Destino, está o conceito de «fatalismo muçulmano», que Carlos da Maia define como filosofia de vida e se resume a uma atitude de abdicação e de aceitação tranquila do curso da vida.

GRUPO II

1. A; **2.** D; **3.** C; **4.** C; **5.** A.

6. **a)** complemento agente da passiva; **b)** complemento do adjetivo.

7. Modalidade epistémica, com valor de certeza.

GRUPO III

Tópicos de resposta

Esta pintura retrata a falta de sinceridade e de verdade que pode existir nas relações humanas.

– Descrição da pintura: uma figura com fato preto e gravata e outra vestida de vermelho beijam-se com as cabeças cobertas por um pano branco; o cenário de fundo é apenas dominado por dois tons, o cinzento e o castanho avermelhado das paredes.

– Comentário crítico: a imagem tem um carácter provocatório, devido à simplicidade do título e à sua relação com os elementos que constituem o quadro; o tecido impede a concretização total do beijo e a verdadeira união dos amantes, transformando um ato de paixão numa situação de insinceridade e de frustração.

Teste 8 (p. 253)

OS MAIAS E AMOR DE PERDIÇÃO

GRUPO I

Parte A

1. Carlos e Ega olham-se de modo ansioso devido ao bilhete que Carlos recebera do Castro Gomes. O advérbio de modo enfatiza o receio e o estado de nervosismo e de inquietação em que se encontravam por não saber qual seria o motivo da sua visita. Desconfiavam, porém, que poderia ser um confronto por este ter ficado a saber da relação de Carlos com Maria Eduarda.

2. No encontro entre ambos no «salão nobre», Castro Gomes surge risonho e contemplativo, observando «o

retrato da condessa de Runa» e dirigindo-se a Carlos de modo «afável». Por seu lado, Carlos surge «pálido» e com uma atitude rígida e imóvel, que contrasta com a simpatia e serenidade de Castro Gomes.

3. C.

Parte B

4. Simão afirma que Mariana é o seu «Anjo da compaixão», pois, nesta viagem para o degredo e perante a fragilidade do seu estado de saúde, é ela que, pressentindo qualquer movimento seu, se levanta, o apoia e acompanha até ao convés.

5. Simão olha, por duas vezes, para o mirante, pois tenta vislumbrar, pela última vez, a figura da sua amada, Teresa de Albuquerque.

6. A.

Parte C

7. Tópicos de resposta

– As sensações assumem um papel essencial nas descrições impressionistas queirosianas, nomeadamente em *Os Maias*, pelo recurso à sinestesia e pela riqueza e autenticidade que conferem ao texto.

– O recurso às diferentes sensações na descrição dos espaços interiores e exteriores contribuem para que os objetivos do Realismo sejam concretizados, nomeadamente a representação detalhada do real.

– ...

GRUPO II

1. C; **2.** C; **3.** B; **4.** A; **5.** C.

6. **a)** complemento do nome; **b)** complemento direto.

7. Modalidade apreciativa.

GRUPO III

Tópicos de resposta

– Introdução

A pintura da autoria de Edvard Munch retrata, de forma muito impressiva, a dolorosa separação de dois amantes.

– Desenvolvimento

• Descrição da imagem: ambiente natural – árvores, verdura, uma planta avermelhada, areia, mar; um homem representado em tons escuros, de cabeça inclinada e cara fechada, triste e pálida, com a mão sobre o coração que sangra, de costas para uma figura feminina, que se afasta; uma mulher em tons mais claros, de cabeça erguida e com os longos cabelos loiros esvoaçantes, voltada para o mar, parecendo que caminha em direção a ele.

• Comentário crítico: o ambiente melancólico e soturno que rodeia os amantes contribui de forma determinante para representar a dor da separação; a extraordinária técnica utilizada para criar a ideia de movimento permite destacar a dor do homem que, de forma passiva e derrotista, vê, com a mão junto ao coração ferido que sangra de dor, afastar-se a mulher que ama e que é a causa do seu sofrimento (ideia brilhantemente insinuada pelas cores e postura da figura feminina); os longos fios de cabelo da mulher parecem flutuar em direção ao homem, prendendo-o, sugerindo, de forma tocante, a ideia de que esquecê-la é insuportável e a separação dolorosa.

– Conclusão

A dor da separação surge brilhantemente representada por Munch, numa pintura à qual não se fica indiferente.

Teste 9 (p. 261)

SONETOS COMPLETOS E OS LUSÍADAS

GRUPO I

Parte A

1. A vida do sujeito poético surge metaforizada na primeira estrofe, nomeadamente pela expressão «caminho estreito» (v. 1). Este caminho é árido, sofrido e intenso, como poderá ser definida a vida do sujeito poético. Esta será difícil, angustiada e marcada por situações negativas e extremamente adversas.

2. A interrogação evidencia o confronto do «eu» com os fantasmas que se revelam «peregrinos singulares» (v. 9), questionando-os sobre a sua identidade. Na estrofe anterior, o «eu» refere que estes «Fantasmas» (v. 7) são vistos como figuras que lhe tentam causar medo e sofrimento. No entanto, o sujeito poético não os teme, uma vez que, com a sua atitude arrojada, mas resignada, encara o «caminho estreito» para a morte como aquele que terá de ser cumprido, sem qualquer receio.

3. C.

Parte B

4. O Poeta faz uma exortação a todos aqueles que querem atingir a «Fama», aconselhando-os a refrear a cobiça, a ambição e a tirania, uma vez que essas são «honras vãs» (v. 5) e é mais digno merecer ser reconhecido e não o ser do que ser reconhecido sem o merecer. O Poeta enfatiza, assim, o valor do reconhecimento merecido. Apela, ainda, à igualdade e à justiça, bem como à defesa da fé cristã, pois, deste modo, o reino tornar-se-á mais rico sem que uns sejam desfavorecidos em detrimento de outros, considerando ser este o verdadeiro caminho para atingir a honra e a glória.

5. O Poeta enaltece o espírito guerreiro e a persistência dos portugueses, bem como dos seus antepassados. Tornarão ilustre o seu rei e serão amados eternamente, unindo-se às deusas na «Ilha de Vénus». Assim, a «Ilha» é a recompensa do esforço e da persistência dos nautas que superaram a sua condição humana através dos atos realizados. Dá-se, então, a consagração dos navegadores e estes heróis tornam-se imortais pelos seus feitos e surgem dotados de atributos divinos.

6. a) 1; b) 2; c) 2.

Parte C

7. Tópicos de resposta

– A dualidade da poesia de Antero de Quental está associada à sua angústia existencial e à busca por um Ideal;
– Na vertente mais positiva e otimista da sua produção literária, dominado pela Razão, Antero baseia-se numa racionalidade confiante. Apresenta a sua crença na luta por uma sociedade melhor, enquanto «soldado do Futuro». No poema «A um poeta», o «eu» dirige-se a um poeta e incentiva-o, gradualmente, a mudar de atitude e a envolver-se na construção de «Um mundo novo», pois este é o «soldado do Futuro» que permitirá ver a poesia como forma de intervenção social e como potenciadora de mudança no mundo.

– Na sua fase mais angustiada, verifica-se a presença do desencanto, da dor, da desilusão, da morbidez, da frustração e do cansaço que caracterizam o sujeito poético. O «eu» revela a sua interiorização reflexiva, a sua inquietação filosófica e o seu desassossego, pois constata

que não consegue atingir o ideal social que busca. Como forma de ultrapassar esta angústia que o corrói, refugia-se na desistência, no sonho e na transcendência religiosa, como se verifica no soneto «Na mão de Deus».

GRUPO II

1. B; **2.** A; **3.** D; **4.** C; **5.** C.

6. a) complemento do nome; b) complemento do adjetivo.

7. Oração subordinada substantiva completiva.

GRUPO III

Tópicos de resposta

– O ser humano deve ser capaz de desenvolver, conscientemente, o seu livre-arbítrio e capacidade de tomada de decisão.

– A responsabilidade que nos é incutida, ao longo do nosso crescimento, potencia a tomada de decisões e um poder de escolha mais sensato e determinado.

– O ser humano que estabelece as suas escolhas numa lógica responsável terá sucesso na sua vida pessoal e profissional.

– Se não soubermos escolher o que é melhor para nós, baseando-nos numa atitude ética e respeitadora, o nosso futuro poderá ser marcado pela inconsciência, pelo egoísmo e pela frustração de não atingirmos o que pretendemos.

Teste 10 (p. 269)

SONETOS COMPLETOS E OS MAIAS

GRUPO I

Parte A

1. O título do poema anuncia o assunto sobre o qual este versará. Assim, o sujeito poético, após tantas lutas terrenas, percebe que tudo o que tentou alcançar consiste apenas em «trevas e pó». Deste modo, constata que não «é no vasto mundo» que ele conseguirá atingir o que deseja, já que tal só poderá existir no domínio transcendente. Deste modo, concretiza-se a teoria que surge referida no título, uma vez que esta valoriza apenas tudo o que vai além do domínio material.

2. O sujeito poético tenta ir ao encontro do seu Ideal; no entanto, quando se confronta com o «sacrário do templo da Ilusão», percebe que toda a sua busca e idealização tinham sido infrutíferas, pois o que encontra, na realidade, é apenas «Trevas e pó». Esta desilusão e este desencanto provocam no «eu» uma «dor e confusão» profundas.

3. C.

Parte B

4. A condessa está extasiada com a presença de Carlos e tenta, de qualquer forma, contactar fisicamente com este. A paixão e a atração que a dominam naquele momento fazem com que queira colocar-lhe uma flor na sobre-casaca, tarefa que se revela difícil pela intensidade do seu arrebatamento amoroso.

5. Depois de beijar a condessa, Carlos revela-se embaraçado e arrependido pelo sucedido, coçando a barba, como se verifica em «Carlos, junto do busto, coçando a barba, com o ar embaraçado, e já vagamente arrependido».

6. A.

Parte C

7. Tópicos de resposta

– A busca incessante de um sentido para a vida e de um Ideal não se compadece com a dimensão transitória e imperfeita da realidade. Por isso, refugia-se no sonho e em Deus, para tentar ultrapassar a derrota e o desencanto em relação a todas as esperanças («Na mão de Deus»).

– O real mostra-se frustrante e limitado, por isso, o sujeito poético projeta-se num Ideal. Contudo, a tentativa de o alcançar revela-se infrutífera e difusa, como se verifica no soneto «Palácio da Ventura».

GRUPO II

1. D; 2. B; 3. C; 4. B; 5. A.

6. a) complemento oblíquo; b) modificador do nome apositivo.

7. Oração subordinada adverbial condicional.

GRUPO III

Tópicos de resposta

– O estudo da História é determinante para a formação integral do ser humano, para que este conheça os caminhos percorridos pelos seus antepassados, ao longo dos tempos e nos diferentes espaços.

– É também um modo de interpretar os eventos e analisar como foi a trajetória humana, recordando que a História precisa abarcar todas as vivências dos diferentes povos, não apenas dos que se sobressaíram.

– Sendo uma interpretação do passado, permite ao ser humano projetar-se, de forma correta, no futuro, pois conheceu e estudou realidades com as quais poderá vir a contactar diretamente e saberá melhor como reagir.

Teste 11 (p. 277)

«O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL» E CRÓNICA DE D. JOÃO I

GRUPO I

Parte A

1. A metáfora dos versos 1 e 2 demonstra a visão negativa que o sujeito poético possui da Igreja enquanto instituição, nomeadamente pelo recurso aos vocábulos «nódoa negra» (v. 2) e à referência às mortes que esta provocou através do adjetivo «fúnebre». Este recurso origina uma evasão temporal, concretizada nos versos 3 e 4, em que o «eu» vislumbra o período da Inquisição, como se constata em «esfumo um ermo inquisidor severo» (v. 3).

2. No verso 16, observa-se o contraste e a desigualdade sociais, através da coexistência de um casebre e de um palácio, que representam a miséria e a ostentação, respetivamente. Por outro lado, constata-se a oposição entre as «elegantes» (v. 23), mulheres com poder de compra, que sorriem «às montras dos ourives» (v. 24), e as «costureiras» e as «floristas» (v. 25), que evidenciam marcas físicas do seu trabalho árduo e que ainda necessitam de outro emprego, como «comparsas ou coristas» (v. 28), para fazer face à carestia da vida.

3. a) 2; b) 1; c) 2.

Parte B

4. Uns choravam e rezavam, maldizendo a sua vida e admitindo que preferiam morrer a continuar a passar por tantas privações. Outros mostravam arrependimento por terem ficado do lado do Mestre, porque começavam a acreditar que estariam em melhores condições, se tivessem apoiado o rei de Castela.

5. Perante a carência de alimentos que se fazia sentir na cidade e pelo facto de a mesma estar cercada, os populares encontravam-se numa situação miserável. Por este motivo e vendo que não conseguiam acudir, com eficácia, a todas as solicitações de extrema dificuldade da população, o Mestre e os do seu Conselho sentiam-se derrotados e com grande pesar, tentando não ouvir o que o povo dizia («veendo estes males a que acorrer nom podiam, çarravam suas orelhas do rumor do poboo. (l. 11)») e concentrando-se apenas na defesa da cidade de Lisboa.

6. B.

Parte C

7. Tópicos de resposta

– A deambulação do sujeito poético pela marginal ribeirinha da cidade suscita-lhe imagens de um passado longínquo («Luta Camões no sul, salvando um livro a nado! / Singram soberbas naus que eu não verei jamais!»).

– A observação da estátua de Camões também o leva a recordar-se desse passado épico e glorioso que já não regressa («Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras, / Um épico d'outrora ascende, num pilar!»).

– Disforicamente, o «eu» também recorda um passado mais sombrio e negativo, ao observar «Duas igrejas, num saudos largo», já que evoca as lembranças do período negro da Inquisição.

– ...

GRUPO II

1. C; 2. D; 3. D; 4. B; 5. D.

6. a) complemento do adjetivo; b) predicativo do sujeito.

7. a) 2; b) 2; c) 3.

GRUPO III

Tópicos de resposta

– Atualmente, a atitude de apenas perpassar os olhos por um jornal digital, ler apenas o título de notícias é bastante comum. Muitas vezes, as pessoas, nomeadamente nas redes sociais, clicam em notícias que não transmitem informação fidedigna.

– O facto de as pessoas não lerem atentamente o que as rodeia, quaisquer informações que sejam, pode originar graves problemas na comunicação e na interação com os outros e com o meio envolvente.

– É importante que se pratique a leitura de modo consciente e cuidado, não ficando apenas num domínio superficial, pois só deste modo é que conseguiremos desenvolver as nossas competências de leitura e de interpretação.

Teste 12 (p. 285)

«O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL» E SONETOS COMPLETOS

GRUPO I

Parte A

1. O sujeito poético menciona, no verso 1, que deseja escrever versos que analisem a sociedade e a realidade circundante. Por outro lado, na segunda quadra do excerto, o «eu» pretende também «pintar» os diferentes tons da cidade de Lisboa.

2. No excerto apresentado, verifica-se, um contraste social entre o ladrão adolescente, que se fascina pelo brilho das lojas de modas, e a «lúbrica pessoa», uma mulher com poder económico e extremamente atraente, devido à sua

elegância, luxo e ostentação. Esta figura feminina contrasta também com o cauteleiro «rouco» que, àquela hora, ainda apregoa para vender lotaria, e com o «velho professor», que necessita de pedir esmola nas esquinas.

3.

a) «E a vossa palidez romântica e lunar!» (v. 8);

b) «Apagam-se, nas frentes, / Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;» (vv. 17 e 18).

Parte B

4. Nas duas primeiras estrofes do poema, o sujeito poético procede à caracterização da mulher adorada através de comparações negativas. Destaca que esta não é feita de flores nem possui formas sensuais, como Vénus. Além disso, também não é semelhante à feiticeira Circe ou à guerreira Amazona.

5. Nos versos 9 e 10, o «eu» desabafa que não sabe como poderá nomear essa figura que adora. Esta sua dúvida relaciona-se com a última estrofe do poema, uma vez que, aqui, a descreve como uma entidade do domínio metafísico e transcendente, que apenas entrevê e não consegue alcançar, como se verifica no recurso aos vocábulos «miragem» e «Ideal».

6. D.

Parte C

7. Tópicos de resposta

– Na primeira parte, em «Ave-Marias», o «eu» lírico evoca «as crónicas navais», valorizando, assim, a época de apogeu de Portugal, os Descobrimentos. O sujeito de enunciação descreve aspetos que remetem para as antigas batalhas e guerras, referindo a «luta de Camões no Sul, salvando um livro a nado».

– Na segunda parte do poema, em «Noite Fechada», o «eu» refere-se à estátua de Luís Vaz de Camões, criticando o facto de um monumento de homenagem a quem cantou e louvou Portugal acabar num «recinto público e vulgar», com «bancos de namoro», revelando a ociosidade do espaço. Esta falta de reconhecimento provoca no sujeito lírico uma profunda dor e desilusão, pois não compreende como alguém que trouxe tanta glória, pode cair no esquecimento e negligência por parte do povo português;

– A cidade de Lisboa, no presente de Cesário Verde, está dominada pelo ócio e pela decadência, o que contrasta com o passado glorioso. No entanto, o fulgor de outros tempos só poderá ser possível se, no futuro, surgir uma «raça ruiva», capaz de restaurar a hegemonia portuguesa que existiu durante o período das descobertas.

GRUPO II

1. D; 2. A; 3. B; 4. D; 5. A.

6. a) modificador (do grupo verbal); b) sujeito.

7. «momentos significativos».

GRUPO III

Tópicos de resposta

– Esta pintura de Van Gogh retrata um ambiente citadino, marcado pela tranquilidade e ociosidade de uma esplanada em horário noturno.

– Descrição da pintura: o quadro apresenta cores contrastantes, nomeadamente o amarelo e o laranja, que se destacam dos tons azulados. Na imagem, consegue-se perceber vultos difusos sentados na esplanada e o empregado de mesa, vestido de branco, com uma bandeja na mão. Além disso, são também perceptíveis pessoas que deambulam pela cidade, iluminada pelo céu estrelado.

– Comentário crítico: trata-se de uma paisagem urbana que, pelas cores que a dominam, é agradável e convidativa ao descanso ou a uma conversa na esplanada, que não se encontra repleta de pessoas. Além disso, o facto de ser uma paisagem noturna pintada com tons se afastam dos mais escuros torna-a criativa e desafiadora do que é considerado comum e tradicional.

NOVO
MENSAGENS
PORTUGUÊS 11º ANO

Questões de aula

- Educação Literária
- Gramática
- Leitura
- Oralidade (Compreensão do Oral)
- Transcrições e soluções



V

Questões de aula

EDUCAÇÃO LITERÁRIA

Questão de aula 1 – «Sermão de Santo António»	303
Questão de aula 2 – <i>Frei Luís de Sousa</i>	305
Questão de aula 3 – <i>Amor de perdição</i>	307
Questão de aula 4 – <i>Os Maias</i>	309
Questão de aula 5 – <i>Sonetos completos</i>	311
Questão de aula 6 – «O sentimento dum ocidental»	312

GRAMÁTICA

Questão de aula 1 – «Sermão de Santo António»	315
Questão de aula 2 – «Sermão de Santo António»	317
Questão de aula 3 – <i>Frei Luís de Sousa</i>	319
Questão de aula 4 – <i>Frei Luís de Sousa</i>	321
Questão de aula 5 – <i>Amor de perdição</i>	323
Questão de aula 6 – <i>Amor de perdição</i>	325
Questão de aula 7 – <i>Os Maias</i>	327
Questão de aula 8 – <i>Os Maias</i>	329
Questão de aula 9 – <i>Sonetos completos</i>	331
Questão de aula 10 – <i>Sonetos completos</i>	333
Questão de aula 11 – «O sentimento dum ocidental»	335
Questão de aula 12 – «O sentimento dum ocidental»	337

LEITURA

Questão de aula 1 – «Sermão de Santo António»	339
Questão de aula 2 – <i>Frei Luís de Sousa</i>	341
Questão de aula 3 – <i>Amor de perdição</i>	343
Questão de aula 4 – <i>Os Maias</i>	345
Questão de aula 5 – <i>Sonetos completos</i>	347
Questão de aula 6 – «O sentimento dum ocidental»	349

ORALIDADE (COMPREENSÃO DO ORAL)

Questão de aula 1 – «Sermão de Santo António»	351
Questão de aula 2 – <i>Frei Luís de Sousa</i>	353
Questão de aula 3 – <i>Amor de perdição</i>	355
Questão de aula 4 – <i>Os Maias</i>	357
Questão de aula 5 – <i>Sonetos completos</i>	359
Questão de aula 6 – «O sentimento dum ocidental»	361

SOLUÇÕES	363
----------------	-----

Questão de aula 1

Educação Literária – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto e as notas.

Quero acabar este discurso dos louvores, e virtudes dos peixes com um, que não sei se foi ouvinte de S. António, e aprendeu dele a pregar. A verdade é que me pregou a mim, e se eu fora outro, também me convertera. Navegando de aqui para o Pará (que é bem não fiquem de fora os peixes da nossa costa), vi correr pela tona da água de quando em quando a saltos um cardume de peixinhos
5 que não conhecia; e como me dissessem que os Portugueses lhe chamavam «Quatro-Olhos»¹, quis averiguar ocularmente a razão deste nome, e achei que verdadeiramente têm quatro olhos, em tudo cabais e perfeitos. [...]

Filosofando pois sobre a causa natural desta Providência², notei que aqueles quatro olhos estão lançados um pouco fora do lugar ordinário, e cada par deles, unidos como os dois vidros de um
10 relógio de areia, em tal forma que os da parte superior olham diretamente para cima, e os da parte inferior diretamente para baixo. E a razão desta nova arquitetura é porque estes peixeziños, que sempre andam na superfície da água, não só são perseguidos dos outros peixes maiores do mar, senão também de grande quantidade de aves marítimas, que vivem naquelas praias; e, como têm inimigos no mar e inimigos no ar, dobrou-lhes a Natureza as sentinelas e deu-lhes dois olhos, que
15 diretamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois que diretamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes. Oh, que bem informara estes quatro olhos uma Alma racional, e que bem empregada fora neles, melhor que em muitos homens! Esta é a pregação que me fez aquele peixeziño, ensinando-me que, se tenho Fé e uso da razão, só devo olhar diretamente para cima, e só diretamente para baixo: para cima, considerando que há Céu, e para baixo,
20 lembrando-me que há Inferno. [...]

Mas ainda que o Céu e o Inferno se não fez para vós, irmãos peixes, acabo, e dou fim a vossos louvores, com vos dar as graças do muito que ajudais a ir ao Céu, e não ao Inferno, os que se sustentam de vós. [...] Prezem-se as aves e os animais terrestres de fazer esplêndidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriái-vos de ser companheiros do jejum e da abstinência dos justos.

Padre António Vieira, «Sermão de Santo António», in *Obra completa* (Direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate), Tomo II, Volume X, Lisboa, Círculo de Leitores, 2009, pp. 147-148.

¹ *Quatro-Olhos*: peixe que existe na costa do Brasil, cujos olhos lhe possibilitam à superfície da água ver simultaneamente o que se passa dentro e fora deste elemento.

² *Providência*: previsão, medida.

1. Explicita as características que o peixe «Quatro-Olhos» possui para se proteger dos «inimigos» (linhas 13-16).

70 pts.

2. Clarifica o sentido da expressão «Esta é a pregação que me fez aquele peixezinho» (linhas 17 e 18), no contexto em que ocorre.

70 pts.

3. Seleciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

60 pts.

Neste excerto do capítulo IV, são utilizados alguns recursos expressivos frequentes no «Sermão de Santo António»: na expressão «irmãos peixes, acabo, e dou fim a vossos louvores» (linhas 21 e 22), está presente uma _____; a antítese ocorre, por exemplo, em _____.

- A. ☐ anáfora ... «A verdade é que me pregou a mim, e se eu fora outro» (linha 2)
- B. ☐ aliteração ... «como têm inimigos no mar e inimigos no ar» (linhas 13 e 14)
- C. ☐ metáfora ... «dobrou-lhes a Natureza as sentinelas e deu-lhes dois olhos» (linha 14)
- D. ☐ apóstrofe ... «Mas ainda que o Céu e o Inferno se não fez para vós» (linha 21)

Questão de aula 2

Educação Literária – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê a cena VIII do II ato, de *Frei Luís de Sousa*, e a nota.

MADALENA (*seguindo com os olhos a filha, e respondendo a Manuel de Sousa*) – Cuidados!... eu não tenho já cuidados. Tenho este medo, este horror de ficar só... de vir a achar-me só no mundo...

MANUEL – Madalena!

5 **MADALENA** – Que queres? não está na minha mão. – Mas tu tens razão de te enfadar¹ com as minhas impertinências. Não falemos mais nisso. Vai. Adeus! – Outro abraço. Adeus!

MANUEL – Ó querida mulher minha, parece que vou eu agora embarcar num galeão para a Índia... Ora vamos: ao anoitecer, antes da noite, aqui estou. – E Jesus!... Olha a condessa de Vimioso, esta Joana de Castro, que a nossa Maria tanto deseja conhecer... olha se ela faria esses prantos
10 quando disse o último adeus ao marido...

MADALENA – Bendita ela seja! Deu-lhe Deus muita força, muita virtude. Mas não lha invejo, não sou capaz de chegar a essas perfeições.

JORGE – E perfeição verdadeira: é a do Evangelho: deixa tudo e segue-me.

MADALENA – Vivos ambos... Sem ofensa um do outro, querendo-se, estimando-se... e separar-se
15 cada um para sua cova! Verem-se com a mortalha já vestida – e... vivos, são... depois de tantos anos de amor... e convivência... condenarem-se a morrer longe um do outro – sós, sós! – e quem sabe se nessa tremenda hora... arrependidos!...

JORGE – Não o permitirá Deus assim... oh, não. Que horrível coisa seria!

MANUEL – Não permite, não. – Mas não pensemos mais neles: estão entregues a Deus... (*pausa*) E
20 que temos nós com isso? A nossa situação é tão diferente... (*pausa*). Em todas nos pode Ele abençoar. Adeus, Madalena, adeus! Até logo. Maria já lá vai no cais a esta hora... adeus! Jorge, não a deixes.

(*Abraçam-se; Madalena vai até fora da porta com ele*).

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, texto fixado por Maria João Brilhante,
3.ª edição, Lisboa, Editorial Comunicação, 1994, p. 154.

¹ *enfadar*: aborrecer

1. Relaciona o conteúdo da primeira réplica de D. Madalena com a didascália que a antecede.

70 pts.

2. Explicita a referência à condessa de Vimioso (linha 8) como um indício trágico.

70 pts.

3. Transcreve:

60 pts.

a) a apóstrofe que, entre as linhas 4 a 8, destaca o amor que Manuel de Sousa Coutinho nutre por D. Madalena;

b) a repetição que, entre as linhas 18 a 22, evidencia a assertividade da personagem que a profere.

Questão de aula 3

Educação Literária – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o excerto do capítulo X, de *Amor de perdição*, e as notas.

– Mariana! És tu? Anda cá!

A moça fez uma cortesia de cabeça ao padre capelão, e foi ao locutório¹ donde vinha aquela voz.

– Eu queria falar contigo em particular, Joaquina – disse Mariana.

– Eu vou ver se arranjo uma grade: espera aí.

5 O padre tinha saído do pátio, e Mariana, enquanto esperava, examinou, uma a uma, as janelas do mosteiro. Numa das janelas, através das reixas² de ferro, viu ela uma senhora sem hábito.

– Será aquela? – perguntou Mariana ao seu coração, que palpitava – Se eu fosse amada como ela!...

10 – Sobe aquelas escadinhas, Mariana, e entra na primeira porta do corredor, que eu lá vou – disse Joaquina.

Mariana deu alguns passos, olhou novamente para a janela onde vira a senhora sem hábito, e repetiu ainda:

– Se eu fosse amada como ela!...

Mal entrou na grade, disse à sua amiga:

15 – Olha lá, Joaquina, quem é uma menina muito branca, alva como leite, que estava ali agora numa janela?

– Seria alguma noviça, que há duas cá muito lindas.

– Mas ela não tinha vestimenta nenhuma de freira.

– Ah! já sei; é a D. Teresinha Albuquerque.

20 – Então não me enganei – disse Mariana, pensativa.

– Pois tu conhecê-la?

– Não; mas por amor dela é que eu cá vim falar contigo.

– Então que é?! Que tens tu com a fidalga?

– Eu, cá por mim, nada; mas conheço uma pessoa que lhe quer muito.

[...]

25 Teresa estava sozinha, absorvida a cismar com os olhos fitos no ponto onde vira Mariana.

– A menina faz favor de vir comigo depressinha? – disse-lhe a criada.

Seguiu-a Teresa, e entrou na grade, que Joaquina fechou, dizendo:

– O mais breve que possa bata por dentro para eu lhe abrir a porta. Se perguntarem por vossa excelência, digo-lhe que a menina está no mirante.

30 A voz de Mariana tremia, quando D. Teresa lhe perguntou quem era.

– Sou a portadora desta carta para Vossa Excelência.

– É de Simão! – exclamou Teresa.

– Sim, minha senhora.

A reclusa leu convulsiva a carta duas vezes, e disse:

35 – Eu não posso escrever-lhe, que me roubaram o meu tinteiro, e ninguém me empresta um. Diga-lhe que vou de madrugada para o convento de Monchique do Porto. Que se não aflija, porque eu sou sempre a mesma. Que não venha cá, porque isso seria inútil, e muito perigoso. Que vá ver-me ao Porto, que hei de arranjar modo de lhe falar. Diga-lhe isto, sim?

Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*, Porto, Edições Caixotim, 2006, pp. 190-192.

¹ locutório: espaço do convento em que se pode falar com as visitas.

² reixas: grades de janela.

1. Relaciona a repetição da frase «– Se eu fosse amada como ela!...» (linhas 7 a 8 e 13) com o sentimento que Mariana manifesta em relação a Teresa.

70 pts.

2. Clarifica o sentido da frase «Que se não aflija, porque eu sou sempre a mesma» (linhas 36 e 37).

70 pts.

3. Seleciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

60 pts.

No excerto apresentado, é possível constatar a presença de marcas da linguagem e do estilo de Camilo Castelo Branco, uma vez que a referência à carta escrita por Simão evidencia que o texto pertence ao género _____. Ao nível da construção sintática, nomeadamente entre as linhas 17 a 24, o texto é marcado _____.

- A. ☐ narrativo ... por frases curtas e objetivas, que denotam o estado de espírito das personagens
- B. ☐ epistolar ... por frases curtas e expressivas, que tornam o diálogo mais dinâmico
- C. ☐ dramático ... pela alternância de frases longas e curtas, reveladoras do sofrimento de Teresa
- D. ☐ lírico ... por frases declarativas e interrogativas, que conferem vivacidade ao diálogo

Questão de aula 4

Educação Literária – Eça de Queirós, *Os Maias*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o excerto do capítulo XIV, de *Os Maias*, e as notas.

Era Baptista que os servia, já com um fato claro de viagem. A mesa, redonda e pequena, parecia uma cesta de flores; o champanhe gelava dentro dos baldes de prata; no aparador a travessa de arroz-doce tinha as iniciais de Maria.

5 Aqueles lindos cuidados fizeram-na sorrir, enternecida. Depois reparou no retrato de Pedro da Maia: e interessou-se, ficou a contemplar aquela face descorada, que o tempo fizera lívida, e onde pareciam mais tristes os grandes olhos de árabe, negros e lânguidos¹.

– Quem é? – perguntou.

– É meu pai.

10 Ela examinou-o mais de perto, erguendo uma vela. Não achava que Carlos se parecesse com ele. E voltando-se muito séria, enquanto Carlos desenvolhia com veneração uma garrafa de velho *Chambertin*:

– Sabes tu com quem te pareces às vezes?... É extraordinário, mas é verdade. Pareces-te com minha mãe!

Carlos riu, encantado duma parecença que os aproximava mais, e que o lisonjeava.

15 – Tens razão – disse ela – que a mamã era formosa... Pois é verdade, há um não sei quê na testa, no nariz... Mas sobretudo certos jeitos, uma maneira de sorrir... Outra maneira que tu tens de ficar assim um pouco vago, esquecido... Tenho pensado nisto muitas vezes...

20 Baptista entrava com uma terrina de louça do Japão. E Carlos, alegremente, anunciou um jantar à portuguesa. Mr. Antoine, o *chef* francês, fora com o avô. Ficara a Micaela, outra cozinheira de casa, que ele achava magnífica, e que conservava a tradição da antiga cozinha freirática² do tempo do Sr. D. João V.

– Assim, para começar, minha querida Maria, aí tens tu um caldo de galinha, como só se comia em Odivelas, na cela da madre Paula, em noites de noivado místico...

25 E o jantar foi encantador. Quando Baptista se retirava, eles apertavam-se rapidamente a mão por cima das flores. Nunca Carlos a achara tão linda, tão perfeita: os seus olhos pareciam-lhe irradiar uma ternura maior: na singela rosa que lhe ornava o peito via a superioridade do seu gosto. E o mesmo desejo invadiu-os a ambos, de ficarem ali eternamente, naquele quarto de rapaz, com jantarinhos portugueses à moda de D. João V, servidos pelo Baptista de jaquetão.

– Estou com uma vontade de perder o comboio! – disse Carlos, como implorando a sua aprovação.

30 – Não, debes ir... É necessário não sermos egoístas... Somente não te descuides, manda-me todos os dias um grande telegrama... Que os telégrafos foram unicamente inventados para quem se ama e está longe, como dizia a mamã.

Então Carlos gracejou de novo sobre a sua parecença com a mãe dela.

Eça de Queirós, *Os Maias*, Porto, Livros do Brasil, 2016, pp. 470-471.

¹ lânguidos: abatidos.

² freirática: conventual.

1. Interpreta a frase «Pareces-te com minha mãe!» (linhas 12 e 13) como um indício trágico.

70 pts.

2. Apresenta duas características de Maria Eduarda, tendo em conta a perspetiva de Carlos.

70 pts.

3. Transcreve:

60 pts.

a) a comparação que, entre as linhas 1 a 6, revela a preparação cuidada do espaço para o jantar;

b) a hipérbole que, entre as linhas 24 a 29, mostra o estado deleitado em que o casal se encontrava.

Questão de aula 5

Educação Literária – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o soneto e as notas.

No circo

A. João de Deus

Muito longe daqui, nem eu sei quando,
Nem onde era esse mundo, em que eu vivia...
Mas tão longe... que até dizer podia
Que enquanto lá andei, andei sonhando...

- 5 Porque era tudo ali aéreo e brando,
E lúcida a existência amanhecia...
E eu... leve como a luz... até que um dia
Um vento me tomou e vim rolando...

- Caí e achei-me, de repente, envolto
10 Em luta bestial, na arena fera,
Onde um bruto furor¹ bramia² solto.

Senti um monstro em mim nascer nessa hora,
E achei-me de improviso feito fera...
– É assim que rujo entre leões 'gora!

Antero de Quental, *Poesia completa, 1842-1891*,
Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 281-282.

¹ *furor*: fúria, violência.

² *bramia*: soltar rugidos.

1. Explica o conteúdo das duas quadras enquanto definição de sonho.

70 pts.

2. Clarifica o sentido do verso 12 no contexto em que ocorre.

70 pts.

3. Transcreve:

60 pts.

- a) a comparação que, na segunda quadra, mostra a simbiose do «eu» com espaço descrito;

- b) a personificação que, nos tercetos, destaca a violência associada à realidade.

Questão de aula 6

Educação Literária – Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o excerto da «Ave-Marias», de «O sentimento dum ocidental», e as notas.

Ave-Marias

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado¹ inglês vogam os escaleres²;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

5 Num trem de praça arengam³ dois dentistas;
Um trôpego arlequim⁴ braceja numas andas;
Os querubins⁵ do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais⁶ e as oficinas;
10 Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras⁷,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras⁸;
15 E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
20 E o peixe podre gera os focos de infeção!

Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental», in *Cânticos do Realismo – O Livro de Cesário Verde*
(introd. de Helena Carvalhão Buescu), Lisboa, INCM, 2015, p. 123.

¹ *couraçado*: navio de guerra.

² *escaleres*: pequenos barcos para fazer a ligação entre o navio e a margem.

³ *arengam*: discutem, conversam.

⁴ *arlequim*: personagem da antiga comédia italiana, trajada de várias cores e que se deslocava com andas.

⁵ *querubins*: anjos, crianças.

⁶ *arsenais*: armazéns.

⁷ *galhofeiras*: alegres.

⁸ *pilastras*: colunas.

1. Apresenta dois tipos sociais mencionados na segunda estrofe, referindo a crítica social que lhes está subjacente.

70 pts.

2. Explicita o sentido da metáfora «cardume negro» (verso 11) enquanto traço caracterizador das «varinas» (verso 12).

70 pts.

3. Seleciona a opção de resposta adequada para completar a afirmação abaixo apresentada.

60 pts.

Neste momento da deambulação do sujeito poético pelo espaço citadino, as perceções sensoriais estão em evidência, nomeadamente na _____, pelo recurso a sensações auditivas e visuais. Por outro lado, ao longo do seu percurso, o «eu» vai também caracterizando as figuras com quem se cruza. Assim, em «apressam-se as obreiras» (verso 10), a forma verbal caracteriza as mulheres e confere _____.

- A. ☐ primeira estrofe ... dinamismo à realidade descrita
B. ☐ segunda estrofe ... revolta à ação das figuras femininas
C. ☐ terceira estrofe ... alegria ao facto de saírem do trabalho
D. ☐ quarta estrofe ... insignificância à ação descrita

Questão de aula 1

Gramática – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

1. Completa a afirmação: «As palavras *mácula* e *mancha* derivam do étimo latino MACULA-», sendo, por isso, _____

15 pts.

2. Além do português, são línguas novilatinas o

15 pts.

A. ☐ francês e o basco.

C. ☐ árabe e o castelhano.

B. ☐ italiano e o catalão.

D. ☐ mirandês e inglês.

3. Na evolução de ROTUNDU- para *redondo* ocorreu, entre outros processos fonológicos, a

15 pts.

A. ☐ sonorização.

C. ☐ sinérese

B. ☐ palatalização.

D. ☐ assimilação.

4. Na evolução de SEMPER para *sempre* ocorreu a

15 pts.

A. ☐ síncope.

C. ☐ paragoge.

B. ☐ metátese.

D. ☐ sonorização.

5. Na evolução de CLAMARE para *chamar* ocorreu, entre outros processos fonológicos, a

15 pts.

A. ☐ dissimilação.

C. ☐ palatalização.

B. ☐ sonorização.

D. ☐ apócope.

6. Na evolução de PEDE para *pé* ocorreu, entre outros processos fonológicos, a

15 pts.

A. ☐ vocalização.

C. ☐ prótese.

B. ☐ sonorização.

D. ☐ crase.

7. Identifica os processos fonológicos que ocorreram na evolução das seguintes palavras.

110 pts.

a) VITAM -> *vida* _____

b) NIVEM -> *neve* _____

c) PERFECTAM -> *perfeita* _____

d) PLICARE -> *chegar* _____

e) FOCU -> *fogo* _____

f) SENIORE -> *senhor* _____

g) LEGE -> *lei* _____

Questão de aula 2

Gramática – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

Todos os sermões

- A vida de missionário, viajante incansável, combatente feroz da Inquisição, diplomata, estratega político ou defensor dos mais desprotegidos, está presente ao longo dos sermões de Vieira. Um dos mais notórios temas pessoais, recorda Arnaldo Espírito Santo, está referido logo na rubrica (a introdução) do *Sermão de Santo António aos Peixes*, de 1652: «Este sermão (que todo é alegórico) pregou o autor três dias antes de se embarcar ocultamente para o Reino, a procurar o remédio da salvação dos índios, pelas causas que se apontam no sermão» da Sexagésima. E que dizia ele nessa célebre pregação «aos peixes», sobre o grande que come o pequeno, feita no Maranhão perante os colonos portugueses? «Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário^{a)}, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para 5 muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos^{b)}, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.»

- Arnaldo Espírito Santo diz que «a organização dos Sermões evidencia o grande homem que foi Vieira: ele tem o objetivo de levar o evangelho a todos os povos do mundo, mas também critica o país»; ele foi ainda «o homem que sofreu, detido às ordens da Inquisição, maltratado por muitos.» 15 Com uma ponta de vaidade que não seria estranha ao seu feitio, Vieira nota também os momentos de glória a que alguns dos sermões correspondiam: «Pregado em Roma na língua italiana à sereníssima rainha da Suécia»; «Assistiam a Sua Majestade no coro muitos dos senhores cardeais, e na Igreja o mais ilustre, e escolhido daquele primeiro teatro do mundo» – uma possível alusão ao Papa.

António Marujo, «Todos os sermões», in <https://www.publico.pt>
(texto com supressões, consultado em 28/12/2021).

1. No segmento «Este sermão (que todo é alegórico) pregou o autor três dias antes de se embarcar ocultamente para o Reino» (linhas 4 e 5), as palavras sublinhadas são

15 pts.

- A. ☐ conjunções, em ambos os casos.
- B. ☐ pronomes, em ambos os casos.
- C. ☐ conjunção e pronome, respetivamente.
- D. ☐ pronome e conjunção, respetivamente.

2. Na evolução de REGNO para «Reino» (linha 5) ocorreu a

15 pts.

- A. ☐ vocalização.
- B. ☐ palatalização.
- C. ☐ epêntese.
- D. ☐ assimilação.

3. Na linha 6, o pronome «se» encontra-se anteposto ao verbo, porque está

15 pts.

- A. ☐ integrado numa oração subordinante.
- B. ☐ dependente de uma oração coordenada.
- C. ☐ associado a uma palavra com valor negativo.
- D. ☐ integrado numa oração subordinada.

4. No excerto «Arnaldo Espírito Santo diz que "a organização dos Sermões evidencia o grande homem que foi Vieira» (linhas 12 e 13) as palavras sublinhadas introduzem orações subordinadas

15 pts.

- A. ☐ substantivas completivas, em ambos os contextos.
- B. ☐ adjetivas relativas restritivas, em ambos os contextos.
- C. ☐ adjetiva relativa restritiva e substantiva completiva, respetivamente.
- D. ☐ substantiva completiva e adjetiva relativa restritiva, respetivamente.

5. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões seguintes:

75 pts.

a) «dos mais desprotegidos» (linha 2);

b) «que todo é alegórico» (linha 4);

c) «alegórico» (linha 4);

d) «aos peixes» (linha 7);

e) «que» (linha 6).

6. Classifica as orações sublinhadas no texto.

40 pts.

a) _____

b) _____

7. Indica a modalidade e o valor modal expressos em «ele foi ainda "o homem que sofreu, detido às ordens da Inquisição, maltratado por muitos» (linha 14).

25 pts.

Questão de aula 3

Gramática – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

A pegada que Almeida Garrett deixou no Porto

O escritor com quem a cidade do Porto manteve uma relação de quase amor-ódio durante o século XIX é hoje consensual. Originário de família influente, a sua marca pode ser encontrada com facilidade no que resta do património que lhe foi próximo e pelas homenagens que eternizam o seu nome e figura.

- 5 Além da casa onde nasceu e viveu parte da infância, restam pelo Porto marcas vivas da influência que o escritor deixou numa cidade que nem sempre lhe reservou relação pacífica, sobretudo em vida.

- 10 A Igreja de São Lourenço, ou dos Grilos, na Sé, é outro dos pontos emblemáticos que testemunha a história de Almeida Garrett no Porto. Durante o cerco de um ano movido pelas tropas absolutistas de D. Miguel aos liberais liderados pelo futuro D. Pedro IV, entre 1832 e 1833, Garrett foi um dos homens que se refugiou naquele regimento militar improvisado e que de lá resistiu às investidas inimigas. «Fez parte do chamado Regimento Académico e, após a vitória liberal, redigiu o decreto que estabeleceu a introdução no brasão da cidade do coração de D. Pedro», descreve Germano Silva.

- 15 Apesar de tudo, o tempo foi juiz na reconciliação entre o Porto e Garrett. Depois da sua morte, em 1854, multiplicaram-se as homenagens que o perpetuaram no espírito tripeiro, sobretudo a partir do século XX. Exemplo maior é o imponente monumento que impera defronte dos Paços do Concelho.

- 20 Junto à Estação de São Bento, foi dado o nome de Almeida Garrett à praça principal que acompanha a estrutura ferroviária. Quiseram, porém, os portuenses que deixasse praticamente de ser chamada pelo nome oficial e fosse denominada mais popularmente por praça de São Bento.

- 25 Já no arranque do século XXI, em 2001, e no âmbito da Porto Capital Europeia da Cultura, a mais recente biblioteca municipal foi batizada com o nome de Garrett, nos jardins do Palácio de Cristal.

Pedro Emanuel Santos, «A pegada que Almeida Garrett deixou no Porto», in <https://www.jn.pt> (texto com supressões, consultado em 28/12/2021).

1. Classifica as seguintes orações:

- a) «que eternizam o seu nome e figura» (linhas 3 e 4);

- b) «que deixasse praticamente de ser chamada pelo nome oficial» (linhas 20 e 21).

40 pts.

2. Indica a classe e subclasse das seguintes palavras.

60 pts.

- a) «hoje» (linha 2) _____
- b) «onde» (linha 5) _____
- c) «que» (linha 8) _____
- d) «testemunha» (linha 9) _____
- e) «entre» (linha 10) _____
- f) «que» (linha 20) _____

3. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões sublinhadas no texto.

80 pts.

- a) (linha 1) _____
- b) (linha 5) _____
- c) (linha 6) _____
- d) (linha 13) _____

4. Tal como em «refugiou» (linha 11), o valor aspetual perfetivo está presente em

20 pts.

- A. ☐ «é» (linha 2).
- B. ☐ «imperava» (linha 17).
- C. ☐ «Quiseram» (linha 20).
- D. ☐ «fosse» (linha 21).

Questão de aula 4

Gramática – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

D. Madalena e seus dois maridos

Quando Polifemo, o ciclope, pergunta o nome a Ulisses, a resposta é famosa: «Ninguém». Garrett, que em *Frei Luís de Sousa* faz entrar em cena um peregrino, tal como Ulisses se faz passar por mendigo para eliminar os pretendentes da esposa, tinha isso presente, podemos apostar.

5 D. Madalena, a mulher de presságios e visões, que, apesar de ter conseguido casar em segundas núpcias com o homem, Manuel de Sousa Coutinho, por quem se apaixonara à primeira vista, vive amargurada por ter caído de amores antes de saber que o marido, D. João de Portugal, morria no campo de batalha de Alcácer-Quibir.

10 D. Madalena enganou-se ou quis enganar-se, tal como o público espera iludir-se com a arte do palco, e os amadores com as coisas amadas. Quando o Romeiro entra em cena, toda a gente sabe, apesar da dúvida, quem ele é. Senão, para quê perguntar?

Se *Frei Luís de Sousa* fosse uma comédia novecentista, a peça^{a)} seria sobre a D. Madalena e seus^{b)} dois maridos, e uma das cenas-chave, por exemplo, seria o quiproquó em que D. João, escutando D. Madalena, atrás da porta, a chamar o novo esposo, pensa que ela chama por si, João, quando na verdade chama por Manuel. (Às vezes, basta tirar os nomes de família para mudar de género teatral.)
15 Garrett, porém, já tinha feito isso em *Um Auto de Gil Vicente* e o seu projeto era agora inventar a tragédia portuguesa. Reinventa, pelo menos o fatalismo.

Em termos poéticos, D. João morreu três vezes: uma quando a fiel esposa deixa de ser tão fiel; outra, imediata, quando se julga que cai em Marrocos; e uma terceira quando, regressado a casa vinte anos depois, conclui que é melhor fingir-se de morto. Morto, mas vivo, claro. E não é só ele: todos
20 estão mortos nesta peça, cujos tons fúnebres não deixam margem para dúvidas. Manuel de Sousa Coutinho, que vai assumindo o papel de D. João, primeiro ocupando o coração de D. Madalena, depois o heroísmo, depois a casa, parece morrer aos poucos para renascer como uma figura mista, com propriedades e características de D. João. No final da peça, o escapulário que assume, mudando até de nome, equivale às vestes do romeiro. Um e outro, na verdade, não são ninguém. É a sujeição aos
25 fados.

Jorge Loureiro Figueira, «D. Madalena e seus dois maridos», in <https://www.publico.pt> (texto com supressões, consultado em 28/12/2021).

1. Indica a modalidade e o valor modal expressos nas expressões seguintes.

60 pts.

- a) «podemos apostar» (linha 3) _____
b) «D. Madalena enganou-se» (linha 8) _____
c) «a peça seria sobre a D. Madalena e seus dois maridos» (linhas 11-12) _____

2. Identifica os processos de referenciação anafórica assegurados pelos elementos sublinhados.

40 pts.

- a) _____ b) _____

3. A palavra «novecentista» em «Se *Frei Luís de Sousa* fosse uma comédia novecentista» (linha 11) não exemplifica o mesmo processo de formação da palavra sublinhada em

20 pts.

- A. ☐ *Frei Luís de Sousa* é uma obra que não apresenta uma sociedade elitista.
- B. ☐ podemos também considerar Almeida Garrett um contista.
- C. ☐ a linguagem da obra de Garrett é vista pelos críticos como purista.
- D. ☐ *Frei Luís de Sousa* nunca poderia ser adaptado a teatro de revista.

4. Todas as orações seguintes são subordinadas adjetivas relativas, exceto a oração

20 pts.

- A. ☐ «que em *Frei Luís de Sousa* faz entrar em cena um peregrino» (linha 2).
- B. ☐ «que é melhor fingir-se de morto» (linha 19).
- C. ☐ «cujos tons fúnebres não deixam margem para dúvidas» (linha 20).
- D. ☐ «que vai assumindo o papel de D. João» (linha 21).

5. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões seguintes:

60 pts.

a) «da esposa» (linha 3);

b) «quem ele é» (linha 10);

c) «inventar a tragédia portuguesa» (linhas 15 e 16).

Questão de aula 5

Gramática – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

Seguindo Camilo

A Baixa do Porto é uma caixinha de memórias do escritor boémio que viveu sem peias a vida para a contar em mais de duas centenas de livros.

- Na antiga Cadeia da Relação do Porto, Camilo Castelo Branco esteve preso, não uma, mas duas vezes. A primeira, aos 16 anos, acusado de rapto de uma menor de Vila Real; a segunda, a da célebre
- 5 prisão pelo seu amor proibido por Ana Plácido, detida ao mesmo tempo na ala das mulheres. A 1 de outubro, sob «o céu azul como nos dias estivos», os amantes eram acusados de adultério, vivendo em celas separadas durante um ano. Na cadeia, Ana Plácido dispunha de criada e piano, contando-se que se ouvia amiúde a sua voz lânguida cantar árias da «Traviata». Na cela 12, tendo por companhia um cão e um canário, Camilo escreveu em 15 dias *Amor de perdição*, que retrata os amores trágicos entre
- 10 Teresa Albuquerque e Simão Botelho. No tribunal que julgou Camilo Castelo Branco pelo crime de adultério mora atualmente o Divan, um restaurante de cozinha turca, situado na esquina da Rua de Ceuta com a Rua da Picaria, junto à Praça Dona Filipa de Lencastre, um dos epicentros da animada movida portuense. O juiz que presidiu ao famoso julgamento foi José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, pai de Eça, que se recusou a julgar o caso por ter vivido um caso similar. A Relação indeferiu
- 15 o pedido e os réus foram absolvidos, mas não perdoados pela sociedade zelosa da moral e bons costumes.

Isabel Paulo, «Seguindo Camilo», in <https://expresso.pt>
(texto com supressões, consultado em 10/12/2021).

- 1.** Identifica o processo de referenciação anafórica acionado pela palavra sublinhada na expressão «para a contar em mais de duas centenas de livros» (linhas 1 e 2).

15 pts.

- 2.** Classifica as orações subordinadas iniciadas por «que» nas linhas 7 e 9.

15 pts.

3. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões seguintes:

90 pts.

a) «a vida» (linha 1);

b) «preso» (linha 3);

c) «Na cadeia» (linha 7);

d) «de criada e piano» (linha 7);

e) «*Amor de perdição*» (linha 9);

f) «de adultério» (linha 11);

4. Indica o valor aspetual expresso nos segmentos seguintes:

30 pts.

a) «contando-se que se ouvia amiúde a sua voz lânguida» (linhas 7 e 8);

b) «A Relação indeferiu o pedido» (linhas 14 e 15).

5. Divide e classifica as orações presentes no segmento seguinte.

50 pts.

«O juiz que presidiu ao famoso julgamento foi José Maria de Almeida Teixeira de Queirós»
(linhas 13 e 14)

a) _____

b) _____

Questão de aula 6

Gramática – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

O amor visto à luz da química e da literatura

Na obra mais famosa de Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição* (com o subtítulo *Memórias duma família*), escrita em 1862 em cerca de 15 dias na Cadeia da Relação, no Porto, não há referências diretas à química, embora o romance seja considerado, por vezes, (especialmente por quem não o leu) como um paradigma da repetida metáfora da «química do amor». Não é bem assim, quanto mais não seja porque, paralelamente ao desenrolar do drama amoroso, o livro tem uma componente de romance de aventuras ao mesmo tempo negro e cómico, além de ser uma crónica de costumes, mostrando, com crueza, as arbitrariedades das classes dominantes e as condições de vida do povo na época em que se situa.

Também o drama amoroso do livro continua hoje em dia a ter, na minha opinião, bastante interesse. Do ponto de vista da tomada de consciência dos mecanismos químicos do amor e da atração, as narrativas românticas vêm trazer algo de novo: a atração amorosa é desenvolvida egocentricamente por aqueles que estão envolvidos nela, sem que esta seja provocada (aparentemente) por ações exteriores: poções, filtros ou manipulações de divindades.

No *Amor de perdição*, a fixação amorosa de Teresa Albuquerque por Simão Botelho e deste por Teresa começou, obviamente, como processo químico cerebral e hormonal. A manutenção de uma atração amorosa duradoura entre as pessoas tem algumas semelhanças com a fixação instintiva das crias à mãe nos animais e do amor entre pais e filhos nos humanos. Para isso, concorrem as hormonas ocitocina e vasopressina. Mas, antes de chegar a essa fase, a atração amorosa tem de passar por várias fases tumultuosas. Na adolescência, surge o desejo por um parceiro amoroso provocado, nos homens, pela hormona testosterona, e, nas mulheres, pelos estrogénios. Simão e Teresa são apresentados como muito desejáveis aos olhos um do outro: ele forte, belo e corajoso, ela bonita, elegante e delicada, mas os dois também carentes.

Sérgio Rodrigues, «O amor visto à luz da química e da literatura», in <https://www.publico.pt> (texto adaptado e com supressões, consultado em 28/12/2021).

1. A oração «quem não o leu» (linha 4) é

20 pts.

- A. ☐ subordinada substantiva completiva.
- B. ☐ subordinada adjetiva relativa restritiva.
- C. ☐ subordinada adjetiva relativa explicativa.
- D. ☐ subordinada substantiva relativa.

2. No segmento «*Amor de perdição* (com o subtítulo *Memórias duma família*), [...], embora o romance seja considerado» (linhas 1 a 3), o elemento sublinhado constitui uma anáfora

20 pts.

- A. ☐ por substituição (sinónimo).
- B. ☐ por substituição (expressão adverbial).
- C. ☐ por substituição (pronominal).
- D. ☐ conceptual.

3. No contexto em que ocorrem, o uso de «hoje em dia» (linha 9), por um lado, e a palavra «Mas» (linha 18), por outro, contribuem para a

20 pts.

- A. ☐ coesão gramatical temporal, em ambos os casos.
- B. ☐ coesão gramatical interfrásica, em ambos os casos.
- C. ☐ coesão gramatical temporal, no primeiro caso, e para a coesão gramatical interfrásica, no segundo caso.
- D. ☐ coesão gramatical interfrásica, no primeiro caso, e para a coesão gramatical temporal, no segundo caso.

4. Na linha 8, o pronome «se» encontra-se anteposto ao verbo, porque está

20 pts.

- A. ☐ integrado numa oração subordinante.
- B. ☐ dependente de uma oração coordenada.
- C. ☐ associado a uma palavra com valor negativo.
- D. ☐ integrado numa oração subordinada.

5. Indica a modalidade e o valor modal expressos em «a atração amorosa tem de passar por várias fases tumultuosas» (linhas 18 e 19).

40 pts.

6. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões seguintes:

80 pts.

a) «das classes dominantes» (linha 7);

b) «algo de novo» (linha 11);

c) «por aqueles que estão envolvidos nela» (linha 12);

d) «a fixação amorosa de Teresa Albuquerque por Simão Botelho e deste por Teresa» (linhas 14 e 15).

Questão de aula 7

Gramática – Eça de Queirós, *Os Maias*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

Alberto Manguel: «Só na má literatura é que as pessoas não comem»

Uma biblioteca é um mundo de possibilidades. Podemos, por exemplo, avançar por ela dentro procurando apenas, em livros de todos os tempos e todas as línguas, personagens cujos nomes comecem por R ^{a)} ou que só viajem para sul ou que só bebam *whisky* escocês. E quando começamos uma viagem assim ^{b)} nunca sabemos onde ela nos pode levar.

- 5 Alberto Manguel tem uma biblioteca imensa, com 40 mil volumes – que cedeu, generosamente, à cidade de Lisboa, onde deverá abrir ao público ^{c)}, no Palacete dos Marquês de Pombal, na rua das Janelas Verdes, possivelmente a partir do final de 2023. Podemos, além disso, ir navegando nas muitas possibilidades desta biblioteca através do olhar do próprio Manguel, que acaba de lançar o seu *Livro de receitas dos lugares imaginários*. São receitas verdadeiras, que se podem reproduzir em casa (imaginadas e testadas pelo autor, que assegura que não só são exequíveis como são boas ^{d)}).

- 15 Foi com os livros da infância que Manguel se começou a interessar pela comida literária. «Nos livros da Enid Blyton [as coleções *Os Cinco*, *Os Sete*, entre outras]», recorda, «as comidas apareciam sempre nos momentos em que as aventuras se revolviam. Os meninos chegavam a casa e tinham o chá preparado, com bolos e todas essas coisas. Eu gostava muito desses momentos, mas depois descobri que em momentos trágicos a comida também aparecia, depois de os companheiros de Ulisses terem sido comidos pelos ciclopes, por exemplo, porque a gente tem de comer algo quando sofre.»

- 20 São momentos importantes, diz, porque «marcam a humanidade das personagens», assim como a Última Ceia marca a altura em que Cristo tem de dizer aos companheiros que foi traído e que vai morrer. Nos grandes autores, a comida está presente. «Em *D. Quixote*, n' *Os Maias*, em Dickens, em Flaubert, todos comem. Só na má literatura é que as personagens não comem...»

Alexandra Prado Coelho, «Alberto Manguel: Só na má literatura é que as personagens não comem», in <https://www.publico.pt> (texto adaptado e com supressões, consultado em 28-12-2021).

1. Classifica as orações sublinhadas no texto.

80 pts.

- a) _____
- b) _____
- c) _____
- d) _____

2. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões seguintes:

80 pts.

a) «para sul» (linha 3);

b) «onde ela nos pode levar» (linha 4);

c) «desta biblioteca» (linha 8);

d) «pelos ciclopes» (linha 17).

3. No segmento «nunca sabemos» (linha 4), há a presença de deícticos

20 pts.

A. ☐ temporais e pessoais.

B. ☐ temporais e espaciais.

C. ☐ pessoais e espaciais.

D. ☐ espaciais.

4. Indica a modalidade e o valor modal expressos em «como a Última Ceia marca a altura em que Cristo tem de dizer aos companheiros que foi traído» (linhas 19 e 20).

20 pts.

Questão de aula 8

Gramática – Eça de Queirós, *Os Maias*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

Honras de Panteão Nacional a Eça de Queiroz

Perante a obra de Eça, que tem em Portugal a reputação de ser sinónimo de «prosa» [...], torna-se quase escusado referir o elenco de personagens, que hoje usamos como metonímia dos nossos males, o gume transversal da ironia, que Eça sempre brandiu contra os poderosos, ou mesmo o olhar distanciado por força da sua carreira diplomática. De facto, a obra queirosiana, bem como o seu autor, entrou no nosso imaginário e aí se mantém^{a)}, inclusive por vezes sob a forma de lugar-comum.

Talvez não seja exagerado dizer que cada leitor de Eça recorda a passagem que mais o marcou, a qual comumente se encontra no âmago da sua formação literária. Na minha adolescência, lembro-me bem de correr as páginas de *Os Maias* até ao momento dramático em que Eça assegura Carlos da verdade. Os amigos inquietam-se, o peso dos acontecimentos abate-se. E entra Vilaça, 10 atrapalhado, em busca do seu chapéu – uma e outra vez. Sem que o soubesse nessa altura, acabara de ler um dos mais perfeitos exemplos daquilo que agora se chama popularmente *comic relief* [elemento cómico numa tragédia].

São por demais evidentes as qualidades literárias que justificam sem reservas a atribuição destas honras à memória material e imaterial do escritor. Vejo-as como uma consequência natural do 15 entusiasmo e da influência que a escrita de Eça sempre originou^{b)}. O Estado deve ao autor de *Os Maias* esse derradeiro tributo, representando neste ato todos os portugueses que, 120 anos decorridos sobre a sua morte, o homenageiam pelo simples ato da leitura.

Afonso Eça de Queiroz Cabral, «Honras de Panteão Nacional a Eça de Queiroz», in <https://www.publico.pt> (texto com supressões, consultado em 28/12/2021).

1. No segmento «hoje usamos como metonímia dos nossos males» (linhas 2 e 3), há a presença de deícticos

20 pts.

- A. ☐ temporais e pessoais.
- B. ☐ espaciais e temporais.
- C. ☐ pessoais e espaciais.
- D. ☐ espaciais.

2. No contexto em que ocorrem, o uso de «De facto» (linha 4), por um lado, e a preposição «de» (linha 8), por outro, contribuem para a

20 pts.

- A. ☐ coesão gramatical frásica, em ambos os casos.
- B. ☐ coesão gramatical interfrásica, em ambos os casos.
- C. ☐ coesão gramatical frásica, no primeiro caso, e para a coesão gramatical interfrásica, no segundo caso.
- D. ☐ coesão gramatical interfrásica, no primeiro caso, e para a coesão gramatical frásica, no segundo caso.

3. No segmento «Talvez não seja exagerado dizer que cada leitor de Eça recorda a passagem que mais o marcou» (linha 6), as palavras sublinhadas são

20 pts.

- A. ☐ conjunções, em ambos os casos.
- B. ☐ pronomes, em ambos os casos.
- C. ☐ conjunção e pronome, respetivamente.
- D. ☐ pronome e conjunção, respetivamente.

4. A palavra «olhar» em «o olhar distanciado por força da sua carreira diplomática» (linhas 3 e 4) exemplifica o mesmo processo de formação de palavras que se verifica em

20 pts.

- A. ☐ olhar e sentir uma obra é fundamental para a sua fruição.
- B. ☐ Em *Os Maias* há um olhar crítico à sociedade portuguesa.
- C. ☐ Muitos preferem olhar apenas ao significado da obra.
- D. ☐ É importante olhar a literatura portuguesa com atenção.

5. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões seguintes:

80 pts.

a) «a reputação de ser sinónimo de “prosa”» (linha 1);

b) «contra os poderosos» (linha 3);

c) «de Eça» (linha 6);

d) «atrapalhado» (linha 10).

6. Classifica as orações sublinhadas no texto.

40 pts.

a) _____

b) _____

Questão de aula 9

Gramática – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

Antero, 130 anos depois

A vida tornara-se insuportável. Antero não conseguia cura para as doenças que o torturavam. Mas a outra tortura e mal-estar que o dominavam resultavam da situação do país. Portugal debatia-se com a ausência de soluções para vencer a crise. Crise aguda: crise política e crise social. Crise, acima de tudo, moral. O entusiasmo de Antero, a entrega incondicional à vida e a aposta nos ideais humanitários converteram-se em desalento, em aversão, em horror. O contacto direto com a realidade quotidiana desfez todas as ilusões.

Para Eduardo Lourenço, Antero é «a maior referência intelectual portuguesa» que marcou o «início da nossa modernidade». Estendeu-se a novas formas de expressão literária. Abriu caminho ao imaginário de Cesário Verde, de Camilo Pessanha e de Fernando Pessoa.

Revestiu-se, ainda, de maior impacto na afirmação da modernidade o discurso que Antero proferiu na sessão inaugural das Conferências do Casino (1871). Intitula-se *Causas da decadência dos povos peninsulares*. A expulsão dos judeus, em 1496, a instauração da Inquisição, 1536, o catolicismo imposto pelo Concílio de Trento (1563), destacam-se entre as mais graves consequências que impediram Portugal de ter acesso às grandes aquisições filosóficas e científicas que renovaram a Europa.

130 anos depois da morte voluntária de Antero, continua a ser muito enriquecedora a reflexão dos vários ciclos da criação do poeta e da obra do «prosador de génio». E, também, a reflexão em torno do percurso exemplar do homem e do cidadão. Remete-nos, quantas vezes, para as vulnerabilidades do mundo contemporâneo.

António Valdemar, «Antero, 130 anos depois: a crise moral impulsionou o suicídio», in <https://www.publico.pt> (texto adaptado e com supressões, consultado em 29/12/2021).

1. Na frase «Mas a outra tortura e mal-estar que o dominavam resultavam da situação do país» (linhas 1 e 2), as palavras sublinhadas são

20 pts.

- A. ☐ conjunções, em ambos os casos.
- B. ☐ pronomes, em ambos os casos.
- C. ☐ conjunção e pronome, respetivamente.
- D. ☐ pronome e conjunção, respetivamente.

2. Em todas as orações subordinadas adjetivas relativas restritivas apresentadas, o pronome «que» desempenha a função sintática de sujeito, exceto na oração

20 pts.

- A. ☐ «que o torturavam» (linha 1).
- B. ☐ «que marcou o “início da nossa modernidade”» (linhas 7 e 8).
- C. ☐ «que Antero proferiu na sessão inaugural das Conferências do Casino» (linhas 10 e 11).
- D. ☐ «que renovaram a Europa» (linhas 14 e 15).

3. Tal como em «converteram-se» (linha 5), o valor aspetual perfeitivo está presente em

20 pts.

- A. ☐ «consequia» (linha 1).
- B. ☐ «dominavam» (linha 2).
- C. ☐ «Abriu» (linha 8).
- D. ☐ «continua a ser» (linha 16).

4. A frase «Para Eduardo Lourenço, Antero é “a maior referência intelectual portuguesa” que marcou o “início da nossa modernidade”» (linhas 7 e 8) concretiza um ato ilocutório

20 pts.

- A. ☐ assertivo.
- B. ☐ compromissivo.
- C. ☐ diretivo.
- D. ☐ expressivo.

5. Na frase «Abriu caminho ao imaginário de Cesário Verde, de Camilo Pessanha e de Fernando Pessoa» (linhas 8 e 9), a retoma do antecedente «Antero» (linha 7) é feita através de uma anáfora

20 pts.

- A. ☐ por substituição.
- B. ☐ por repetição.
- C. ☐ conceptual.
- D. ☐ por elipse.

6. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões seguintes:

100 pts.

a) «insuportável» (linha 1);

b) «da situação do país» (linha 2);

c) «todas as ilusões» (linha 6);

d) «130 depois da morte voluntária de Antero» (linha 16);

e) «do mundo contemporâneo» (linha 19).

Questão de aula 10

Gramática – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

A marca de água da literatura de viagens

Antero é um dos casos notáveis da literatura portuguesa. E dos mais complexamente interessantes que nela surgiram. António Sérgio chamou-lhe «*homo duplex*», e pôs em evidência a sua tendência «luminosa» e «noturna»; o próprio Antero escreveu, num dos seus sonetos: «Nenhum de vós ao certo me conhece».

- 5 Não deixa de ser irónico que Antero tivesse escrito sobre Veneza (reescrevendo, recriando, «transplantando») ^{a)} sem nunca ter visitado a cidade dos doges. Especialmente tendo em conta que Antero de Quental não era, propriamente, pouco viajado, pelo contrário. Como disse Ana Maria Almeida Martins, «Antero recordará sempre a viagem à América, não lhe esquecendo mencioná-la na carta autobiográfica a Storck: «Viajei em França e Espanha e visitei os Estados Unidos da América.» O certo é que a viagem foi um interesse fundo, para Antero de Quental, que escreveu, em carta de 1876: «A medicina já não me receita outra coisa senão viagens». ^{b)} Escassos dois anos antes do seu suicídio, confessava mesmo, também por carta: «O mundo das ideias perdeu para mim os seus atrativos, e o que atualmente me agradaria seria o movimento e até a agitação: viagens, guerra, naufrágios e incêndios.» A viagem não era, por conseguinte, um pormenor secundário no quadro
- 15 geral do vasto e complexo Antero. Nem mesmo nos seus gostos enquanto crítico. Numa apreciação do livro *Viagens: Espanha e França*, de Luciano Cordeiro, escreveu Antero, não sem relevo: «Tendo o Sr. Cordeiro escrito tanto, sobre tantos assuntos, altos, profundos e até graves, este livro, ligeiro como é, vagabundo e escrito a correr, parece-nos o seu melhor livro!» Pese embora o sal da ironia com que o açoriano carregou a nota crítica, o seu fascínio pela literatura de viagens ficava bem
- 20 patente.

Hugo Pinto Santos, «A marca de água da literatura de viagens», in <https://www.publico.pt> (texto com supressões, consultado em 03/01/2022).

1. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões seguintes:

80 pts.

a) «da literatura portuguesa» (linha 1);

b) «Nenhum de vós» (linha 3);

c) «a viagem à América» (linha 8);

d) «bem patente» (linhas 19 e 20).

2. Classifica as orações sublinhadas no texto.

40 pts.

a) _____

b) _____

3. Indica a modalidade e o valor modal expressos em «o seu fascínio pela literatura de viagens ficava bem patente» (linhas 19 e 20).

30 pts.

4. No contexto em que ocorrem, o pronome «lhe» (linha 2), por um lado, e determinante «sua» (linha 2), por outro, contribuem para a

20 pts.

- A. ☐ coesão gramatical referencial, em ambos os casos.
- B. ☐ coesão gramatical frásica, em ambos os casos.
- C. ☐ coesão gramatical referencial, no primeiro caso, e para a coesão gramatical frásica, no segundo caso.
- D. ☐ coesão gramatical frásica, no primeiro caso, e para a coesão gramatical referencial, no segundo caso.

5. Identifica a classe e subclasse das seguintes palavras:

30 pts.

a) «sempre» (linha 8);

b) «tanto» (linha 17);

c) «tantos» (linha 17).

Questão de aula 11

Gramática – Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

Coisas de que são feitos os sonhos

Neste ano e meio, durante vários passeios noturnos, foi bem-vinda a companhia de «O sentimento dum ocidental» (1880) de Cesário Verde. Errámos os dois pela avenida abaixo, agora sem gente, de uma cidade calada. No lugar do gás, a luz intensa de eletricidade corria os semáforos. Como reluziam, solitários, por cima do asfalto. Ao fundo, dançava, tosco, sozinho, leve, um saco de plástico. Debaixo de uma arcada, sobre a qual se iluminavam os andares, um cão ladrava. Não se viam coristas ou floristas, não se escutavam varinas. Procurei, em vão, o «cheiro salutar e honesto a pão no forno» ou «o tinir de louças e talheres». A rua pesava vazia nos ecos breves e metálicos dos carros e era capaz de jurar que, embora fosse noite, connosco se cruzou a beleza magnética de uma pessoa e que, no canto de um prédio, encontrámos um homenzinho idoso a pedir esmola.

10 Não é este o retrato que Jacques Tati pintou em *O meu tio* (1958). A melancolia é outra, bem menos lúgubre. A noite é um tempo de festa, dessa festa inventada pelos encontros, pelo convívio com estranhos. Afinal, a deambulação do homem distraído tem a mão do sobrinho, a gentil bonomia dos gestos humanos contra a mudez dos objetos.

15 Crítica à sociedade moderna, *O meu tio* é um filme que se faz entre duas cidades. Uma desarrumada e que vai desaparecendo, a outra desenhada e branca, betão sobre betão. Para qual tende o coração de Tati? Talvez para a primeira, se aquele fim – o de uma despedida, ao som do jazz – não tornasse tudo mais ambíguo. Por outras palavras, o Sr. Hulot mudou-se para outras paragens, outra paisagem.

José Marmeleiro, «Coisas de que são feitos os sonhos», in <https://www.publico.pt> (texto com supressões, consultado em 30/12/2021).

1. No segmento «Procurei, em vão, o “cheiro salutar e honesto a pão no forno”» (linhas 6 e 7), há a presença de deícticos

20 pts.

- A. ☐ temporais e pessoais.
- B. ☐ espaciais e pessoais.
- C. ☐ temporais e espaciais.
- D. ☐ espaciais.

2. Classifica as seguintes orações:

40 pts.

a) «que [...] connosco se cruzou a beleza magnética de uma pessoa» (linhas 8 e 9);

b) «que se faz entre duas cidades» (linhas 14).

3. Indica a classe e subclasse das seguintes palavras:

60 pts.

a) «bem-vinda» (linha 1);

b) «agora» (linha 2);

c) «que» (linha 10);

d) «contra» (linha 13);

e) «Crítica» (linha 14);

f) «se» (linha 16).

4. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões sublinhadas no texto.

80 pts.

a) (linhas 4 e 5);

b) (linha 5);

c) (linhas 7 e 8);

d) (linha 14).

Questão de aula 12

Gramática – Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto.

Cesário Verde, Poeta dos poetas

Cesário Verde é um dos poetas portugueses mais lidos, autor da obra-prima da poesia portuguesa do século XIX. Há quem diga que fica melhor no século XX, porque antecipou a modernidade.

Poeta de um livro só, poeta dos poetas, José Joaquim Cesário Verde nasceu há 150 anos na Baixa pombalina, em Lisboa, talvez na Rua da Padaria. No calendário religioso, assinalava-se o dia de S.

5 Cesário, que deu o terceiro nome próprio ao poeta. O pai era um comerciante de ferragens e também explorava uma quinta em Linda-a-Pastora, nos arredores de Lisboa. A loja dos Verdes ficava na mesma freguesia onde Cesário nasceu, na rua dos Fanqueiros, esquina com a rua da Alfândega, de onde se vê o Terreiro do Paço^{a)}. Os parafusos da loja e a fruta da quinta chegaram a figurar na sua poesia.

10 O poeta, que morreu aos 31 anos de tuberculose, refugiou-se sempre nesta identidade de negociante quando se sentia ignorado como homem de letras. Uma ambivalência que é uma constante – aos 18 anos matriculou-se no curso superior de Letras para logo o abandonar^{b)}. Dois anos antes da morte, num longo poema autobiográfico intitulado «Nós», escreveu: «E agora, de tal modo a minha vida é dura, / Tenho momentos maus, tão tristes, tão perversos, / Que sinto só desdém

15 pela literatura, / E até desprezo e esqueço os meus amados versos!»

Aos 25 anos, publicou um dos seus poemas mais amados, «O Sentimento dum Ocidental», tendo sido completamente ignorado pela crítica. Nem uma palavra, escreveu a um amigo, sobre o poema feito para evocar o tricentenário da morte de Camões: «Nas nossas ruas, ao anoitecer, / Há tal soturnidade, há tal melancolia, / Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia / Despertam-me um

20 desejo absurdo de sofrer.»

Isabel Salema, «Cesário Verde, Poeta dos poetas, autor do «melhor poema do século XIX»», in <https://www.publico.pt> (texto com supressões, consultado em 28/12/2021).

1. No contexto em que ocorrem, o uso de «porque» (linha 2), por um lado, e a expressão «há 150 anos» (linha 3), por outro, contribuem para a

20 pts.

- A. ☐ coesão gramatical temporal, em ambos os casos.
- B. ☐ coesão gramatical interfrásica, em ambos os casos.
- C. ☐ coesão gramatical temporal, no primeiro caso, e para a coesão gramatical interfrásica, no segundo caso.
- D. ☐ coesão gramatical interfrásica, no primeiro caso, e para a coesão gramatical temporal, no segundo caso.

2. Na frase «No calendário religioso, assinalava-se o dia de S. Cesário, que deu o terceiro nome próprio ao poeta» (linhas 4 e 5), as palavras sublinhadas são

20 pts.

- A. ☐ conjunções, em ambos os casos.
- B. ☐ pronomes, em ambos os casos.
- C. ☐ conjunção e pronome, respetivamente.
- D. ☐ pronome e conjunção, respetivamente.

3. A oração «que fica melhor no século XX» (linha 2) é

20 pts.

- A. ☐ subordinada substantiva relativa, com função de sujeito.
- B. ☐ subordinada substantiva relativa, com função de complemento direto.
- C. ☐ subordinada substantiva completiva, com função de sujeito.
- D. ☐ subordinada substantiva completiva, com função de complemento direto.

4. Na linha 11, o pronome «se» encontra-se anteposto ao verbo, porque está

20 pts.

- A. ☐ integrado numa oração subordinante.
- B. ☐ dependente de uma oração coordenada.
- C. ☐ associado a uma palavra com valor negativo.
- D. ☐ integrado numa oração subordinada.

5. Identifica a função sintática desempenhada pelas expressões seguintes:

80 pts.

a) «um dos poetas portugueses mais lidos» (linha 1);

b) «onde Cesário nasceu» (linha 7);

c) «no curso superior de Letras» (linha 12);

d) «pela crítica» (linha 17).

6. Classifica as orações sublinhadas no texto.

40 pts.

a) _____

b) _____

Questão de aula 1

Leitura – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto e a nota.

Sermão do polvo aos Portugueses

No intemporal *Sermão de Santo António aos Peixes*, António Vieira dá-nos a conhecer alguns traços da viscosa fera: «*O polvo com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta [...] o dito polvo é o maior traidor do mar.*»

É um animal curioso. De figura frouxa e pouco firme, tem na sua boca um arsenal de ferramentas, variadas como as de um canivete suíço. É com todos esses recursos que paralisa e devora as suas vítimas. Sobre a égide da sedutora brandura, aprisiona os que acabam no engodo fatal.

(A) esperança de vida do polvo não é promissora. Vive um a dois anos, alguns chegam aos quatro, mas são raros. O pobre coitado morre em tenra idade, mas pelo caminho deixa 56 mil a 78 mil sucessores, perdão... ovos.

Desconversando um pouco, tentemos descrever o polvo. Difícil, aliás, quase impossível senão através de rabiscos como os que foram previamente referidos: «*figura frouxa e pouco firme.*» O todo não se traça facilmente, mas as partes sim.

Os tentáculos estão revestidos de ventosas. Sem ventosas, os tentáculos são mero adorno e vice-versa. No fundo, os órgãos do polvo entrelaçam-se num repetido ciclo de favores,

é deste modo que o todo funciona.

Então e a tinta?! Em último lugar, o atributo mais caricato. Curiosamente, o molusco em causa não é o único pintor da sua espécie, mas porque é nele que hoje estamos centrados, assim continuaremos. Da tinta podem brotar magistrais obras, mas o polvo nunca foi dotado de sensibilidade estética, por isso, cinge-se a cuspir corante e a cegar as suas presas. Fá-lo por proveito próprio, esconde-se nesse manto negro, e é atrás do cortinado que cobardemente arquiteta o destino fatal das suas vítimas. Não, o polvo não é nenhum Da Vinci nem nenhum Picasso, não há laivos de originalidade na sua obra, só escombros e destroços que esse Kraken¹ vai deixando por onde passa.

Surge uma última questão... Como pode o polvo, sendo um só, apropriar-se de um cardume tão maior do que ele? A resposta é simples e curta: o cardume está desorganizado. Não só está desorganizado como acaba por comungar do espírito do polvo. A rémora é um bom exemplo, acompanha o tubarão, facilmente seu predador, para todo o lado. Como a rémora, há dezenas de outros peixes subordinados à passividade e à cobardia, cúmplices do maquiavélico princípio do favorzinho. Um cardume, unido na sua diversidade, está apto para derrotar vários polvos. A chave está precisamente aí, na união, no desprendimento da mentalidade dos obséquios e gentilezas.

Miguel Villa de Freitas, «Sermão do polvo aos Portugueses», in <https://observador.pt> (texto adaptado e com supressões, consultado em 12/12/2021).

¹ Kraken: espécie de lula gigante que, na mitologia nórdica, ameaçava os navios.

40 pts.

1. Relativamente ao género, este é um texto de opinião, dado que

- A. ☐ consiste na descrição sucinta de aspetos relativos ao polvo, acompanhada de rigor e objetividade.
- B. ☐ possui concisão e carácter demonstrativo, visando elucidar sobre as características do polvo.
- C. ☐ apresenta um ponto de vista sobre o polvo, baseado em argumentos e exemplos.
- D. ☐ expõe uma análise objetiva sobre o polvo, fundamentada em diferentes exemplos.

40 pts.

2. Com a frase «É um animal curioso», na linha 11, o autor

- A. ☐ inicia uma apresentação objetiva das características do polvo.
- B. ☐ evidencia uma análise imparcial às qualidades do animal.
- C. ☐ apresenta com rigor e objetividade as qualidades do polvo.
- D. ☐ introduz uma descrição satírica e irónica deste molusco.

40 pts.

3. Relativamente ao quarto parágrafo, o quinto parágrafo

- A. ☐ retoma a ideia anterior e introduz uma ideia nova.
- B. ☐ contradiz a ideia anterior, fundamentando com um exemplo.
- C. ☐ retoma a ideia anterior e ilustra-a com um exemplo.
- D. ☐ contradiz a ideia anterior, justificando com testemunhos.

40 pts.

4. Com a referência ao «Kraken» na linha 49, o cronista

- A. ☐ metaforiza todas as qualidades do polvo.
- B. ☐ hiperboliza as consequências da ação do polvo.
- C. ☐ ironiza a «brandura» e «mansidão» do polvo.
- D. ☐ personifica o polvo como uma figura terrível.

40 pts.

5. No último parágrafo do texto, o exemplo da rémora

- A. ☐ confirma a relevância de o cardume se manter unido.
- B. ☐ destaca a importância do polvo como predador do mar.
- C. ☐ revela as características mais importantes dos peixes.
- D. ☐ reforça a ideia de que os predadores devem ser manipulados.

Questão de aula 2

Leitura – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto e as notas.

Frei Luís de Sousa regressa ao Teatro D. Maria

Admirador confesso da obra de Almeida Garrett, tanto da literatura de viagens, como da dramaturgia e da lírica mais «lamechas», Miguel Loureiro encena a peça que subiu pela primeira vez ao palco em 1843, e que é baseada na vida de Frei Luís de Sousa (1555-1632), o nome adotado pelo frade Manuel de Sousa Coutinho, pelo «cânone»¹.

Miguel Loureiro assegura que pegou neste drama em três atos, «acreditando [na lenda] que está por trás dele, acreditando nas linhas de pensamento que o texto tem sobre a questão do sebastianismo, a questão da saudade, a questão de uma projeção de Portugal que se cumpre ou não sobre um projeto político diferente para o país».

Uma versão que, segundo o encenador, não contém todo o original do autor romântico, o qual «suavizou» um bocado, tentando «secar as ideias de excessos emotivos», tanto «os choros», como a «constante lamúria de algumas personagens», observou. Excetuando «duas ou três frases mais pietistas»² e «um ou outro gesto mais expressivo», a encenação de Miguel Loureiro de *Frei Luís de Sousa* não se excede em lamúrias, choros ou gritos, pautando-se antes pelo comedimento e contenção. Evitando «cair no grotesco, por um lado, e, por outro lado, não ficando aquém do que o texto pede», assentou.

«O texto não é sofisticado. É sobre exatamente não fazer dietas nos sentimentos, ir até ao fim; [é sobre] questões de martírios, questões de vida ou de morte, de desistir do mundo secular e passar para o mundo temporal, passar para uma outra dimensão»,

referiu. «Sem trair o espírito do texto original, das fábulas e das fantasmagorias que contém», Miguel Loureiro disse ter tentado «tocar nas teclas todas» do drama garrettiano, «sem carregar muito na tecla político-nacionalista que a peça tem».

Esta peça surge de um desafio que José Luís Ferreira, antigo diretor do S. Luiz, lançou a Miguel Loureiro, disse o encenador. O projeto era, porém, uma versão «reduzida», para ser incluída no Plano Nacional de Leitura. O diretor do D. Maria II achou, contudo, que seria bom fazê-lo na sala Garrett, já que foi o autor romântico que propôs a edificação daquele teatro ao Rossio.

«Eu gosto imenso da escrita do Garrett. Acho que é uma escrita maravilhosa, mesmo a parte lírica, mais lamechas. Eu gosto daquilo tudo. Não tenho nenhum preconceito em relação a isso», disse. Além disso, para Miguel Loureiro, Almeida Garrett é «um dos nomes maiores» do teatro português.

«Há o Gil Vicente, há Bernardo Santareno... Há assim uns marcos da chamada escrita para teatro em português, mas não podemos pôr de fora Almeida Garrett», referiu. «É como não podermos fazer terra plana ali em Belém sobre a Torre de Belém. Ela está lá sempre. Quem quiser aproxima-se para a ver», assentou.

Até a linguagem usada na peça privilegia os termos coevos³ da obra de Almeida Garrett, porque, para si, o que nos dias de hoje é «pulsante» na obra do autor do Romantismo, é «precisamente o foco da linguagem», justificou.

«Frei Luís de Sousa regressa ao Teatro D. Maria» in <https://www.sapo.pt>
(texto adaptado e com supressões, consultado em 12/12/2021).

¹ «cânone»: padrão, regra, norma.

² pietistas: aqueles que vivem de forma pessoal e mística a religião.

³ coevos: contemporâneos.

40 pts.

1. No segundo parágrafo do texto, a reiteração da forma verbal «acreditando» permite
- A. ☐ revelar que as crenças de Miguel Loureiro são determinantes para a dramatização.
 - B. ☐ destacar a centralidade dos dados históricos presentes na obra de Garrett.
 - C. ☐ evidenciar a importância que a linguagem de Garrett assume para a encenação.
 - D. ☐ mostrar que o encenador não se centrará apenas nos aspetos linguísticos.

40 pts.

2. Quando refere que tentou «“tocar nas teclas todas” do drama garrettiano» (linhas 39 e 40), o encenador
- A. ☐ centra a sua ação na linha temática do nacionalismo patriótico.
 - B. ☐ releva o que considerou fundamental da obra de Almeida Garrett.
 - C. ☐ valorizou todos os temas da obra de forma semelhante e equitativa.
 - D. ☐ imprime ritmo e musicalidade a uma obra com carácter trágico.

40 pts.

3. Ao recorrer às expressões «secar as ideias de excessos emotivos» (linhas 19 e 20) e «não fazer dietas nos sentimentos» (linha 32), o autor utiliza
- A. ☐ a metáfora para evidenciar a importância das ideias centrais do texto garrettiano, no primeiro caso, e a hipérbole para enfatizar a força dos sentimentos em *Frei Luís de Sousa*, no segundo caso.
 - B. ☐ a metáfora para evidenciar a importância das ideias centrais do texto garrettiano, no primeiro caso, e a força dos sentimentos em *Frei Luís de Sousa*, no segundo caso.
 - C. ☐ a hipérbole para enfatizar a importância das ideias centrais do texto garrettiano, no primeiro caso, e a força dos sentimentos em *Frei Luís de Sousa*, no segundo caso.
 - D. ☐ a hipérbole para enfatizar a força dos sentimentos em *Frei Luís de Sousa*, no primeiro caso, e a metáfora para evidenciar a importância das ideias centrais do texto garrettiano, no segundo caso.

40 pts.

4. No texto, as palavras «lamechas» (linha 3) e «reduzida» (linha 46) encontram-se entre aspas, porque se pretende destacar
- A. ☐ transcrições.
 - B. ☐ títulos.
 - C. ☐ citações.
 - D. ☐ sentidos figurados.

40 pts.

5. Para Miguel Loureiro, o texto de *Frei Luís de Sousa* é «pulsante» (linha 69),
- A. ☐ apesar de não permitir uma atualização para os nossos dias.
 - B. ☐ uma vez que não perde as características do Romantismo original.
 - C. ☐ já que se centra, de forma intensa, no domínio linguístico.
 - D. ☐ nomeadamente pela possibilidade de ser adaptado à atualidade.

Questão de aula 3

Leitura – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto e a nota.

A «trapaça» de Camilo Castelo Branco

Estamos no Minho, «o leitor e eu», como diria Camilo Castelo Branco, numa caça ao tesouro escondido por este homem cuja vida se sobrepõe à ficção.

5 Para o sucesso da empreitada, convém ter um mapa. Pede-se ajuda ao próprio Camilo, o primeiro escritor profissional português, mas ele – para que se não conheçam os métodos insólitos a que recorreu para romancear – não abre inteiramente o jogo. Apenas dá umas
10 ‘dicas’ sobre o local que originariamente abrigou o tesouro, que é referido num antigo manuscrito dos cônegos regrantes¹ de Santo Agostinho, conhecidos também por crúzios.

15 A quase duas léguas de Vila Nova de Famalicão, chega-se ao local. Passa-se o portão do antigo mosteiro de Santa Maria de Landim, coladinho ao templo que já foi sua pertença. O sino toca como se tentasse desviar-
20 -nos do percurso, atraindo-nos à igreja. Fugimos da armadilha. No jardim que envolve a entrada principal, somos recebidos por um aroma forte a flores: são camélias, que dão o nome ao recanto.

25 Seguimos em frente, sem cair nas rasteiras que as várias partes interessadas colocam ao ‘leitor e eu’, fazendo ouvidos moucos ao toque monótono que de hora a hora vem da torre da igreja.

30 O sino da igreja marca, ciumento, presença: onze da manhã. A água amena está convidativa. Metemo-nos lá dentro – e é pelo tato que começamos a levantar o véu. Os dedos, ávidos, saltam de pedra em pedra, até
35 pararem nuns aparentes sulcos no granito. Limpa-se a cobertura de folhas e o lençol de limos que tornam o fundo do tanque invisível

– e lá estão as lápides com os dísticos e letreiros inscritos na pedra, as mesmas em que Camilo
40 se inspirou para escrever *O Senhor do Paço de Ninães!*

Foi precisamente a esta hora, faz 152 anos sem tirar nem pôr, que – por incumbência de Camilo – Manuel Vicente, à cabeça de três ou
45 quatro criados, mandou retirar da igreja duas lajes. Estas, segundo o auto judicial do delito então levantado, «cobriam as sepulturas de duas pessoas classificadas... Lápides que se avaliaram em mais de vinte mil réis».

50 Mas a história não acaba aqui. De posse do segredo, logo as herdeiras do mosteiro trataram de arranjar especialista de calibre que interpretasse as lápides que, um dia, haviam supostamente coberto ilustres mortos.
55 Consultam Mário Barroca, professor catedrático, o melhor desta área. E este chegará a uma conclusão que talvez suscitasse de Camilo, se cá ainda estivesse, uma valente gargalhada. O historiador e arqueólogo deteta
60 o erro: «Os nomes lá inscritos não coincidem com as personagens: numa está inscrito Mateus Alvarez, e noutra, datada de 1617, Bastião. Devem pertencer a agricultores abastados. Muito provavelmente, Camilo não as
65 conseguiu decifrar».

Mas, mesmo assim, não se atrapalhou. Embora dissesse «eu não tenho imaginação; tenho apenas o que vivi e o que cimente!» (curiosa alusão ao cimento...), escreveu mesmo
70 *O Senhor do Paço de Ninães*. E, como os mortos não falam, a «trapaça», só agora se descobriu. Mas o mérito da obra não fica por isso beliscado.

Felícia Cabrita, «A «trapaça» de Camilo Castelo Branco», in <https://ionline.sapo.pt> (texto adaptado e com supressões, consultado em 28/12/2021).

¹ *cônegos regrantes*: elementos do clero que viviam em comunidade e faziam voto de pobreza.

40 pts.

1. Ao recorrer à expressão camiliana, «o leitor e eu» (linha 1), Felícia Cabrita pretende

- A. ☐ reproduzir a ligação que o autor estabelecia com o seu público.
- B. ☐ satirizar um exemplo que era recorrentemente usado pelo autor.
- C. ☐ enaltecer a pertinência das relações estabelecidas com o leitor.
- D. ☐ mostrar que o autor era exímio no modo de iniciar os seus textos.

40 pts.

2. No último período do terceiro parágrafo, está presente uma

- A. ☐ metáfora que destaca a beleza do local a que se chega.
- B. ☐ personificação que sugere sensações olfativas.
- C. ☐ hipérbole que realça o perfume intenso das camélias.
- D. ☐ enumeração que mostra a diversidade de flores.

40 pts.

3. No contexto em que ocorre, a expressão idiomática «fazendo ouvidos moucos» (linha 27) remete para o ato de

- A. ☐ fingir.
- B. ☐ esquecer.
- C. ☐ ignorar.
- D. ☐ dissimular.

40 pts.

4. O quinto parágrafo do texto é, predominantemente,

- A. ☐ narrativo.
- B. ☐ expositivo.
- C. ☐ descritivo.
- D. ☐ argumentativo.

40 pts.

5. O mérito de Camilo, por ter escrito *O Senhor do Paço de Ninães*, não fica «beliscado» (linha 74),

- A. ☐ pois a sua escrita será sempre marcada pela genialidade.
- B. ☐ ainda que o autor tenha obtido dados de modo incorreto.
- C. ☐ já que atualmente não é possível confirmar o que descreveu.
- D. ☐ apesar de não se confirmar a veracidade do que narrou.

Questão de aula 4

Leitura – Eça de Queirós, *Os Maias*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto e as notas.

Próximos de não termos fim

O livro é uma vela que ilumina por dentro. Sempre que acabo de ler uma obra à janela da qual vi mais do que veria no quotidiano, tenho a certeza disto.

5 E também estou certo de contas: o Universo tem 13,5 mil milhões de anos, a Terra uns 3,5 mil milhões, o continente onde estamos já vai nos vários milhões, e o país numas centenas. Com alguma sorte,
10 chegaremos aos cem anos. Onde, em comparação inclusive com as tartarugas (que ainda não aprenderam a ler), temos uma breve eternidade para agarrar a coisa volátil que é a vida.

15 Não é lirismo nem maneira de dizer. É excelente não sermos acabados. Podíamos ter vindo de fábrica com as características definidas, como acontece, suponho, com os louva-a-deus. Em vez disso, temos a
20 responsabilidade de nos construirmos a cada dia. No fim, sobrarão a arquitetura de nós mesmos; para uns, algo grandioso e aturado como as obsessões de Gaudí¹, para outros, um chão de cimento que ninguém se lembrou de
25 varrer.

Embora a construção seja menos notória na seca do dia a dia – não disse «na seca da rotina» porque considero a rotina edificante –, ela faz-se à luz de uma vontade que não
30 parece só nossa. Se fosse, apagava-se nos

caprichos, nas tristezas. Pelo contrário, somos difíceis de conter: continuamos a construir, vamos querendo mais e mais vida.

Os livros – já disse, velas que iluminam
35 por dentro –, mostram-nos uma dimensão da existência que é próxima de não ter fim. Nunca poderíamos conhecer uma Helena de Troia no corredor para o Economato, nem seria bom tentarmos o incesto à la Carlos e
40 Maria Eduarda, ou provar ao pequeno-almoço o arsénico² que Madame Bovary engole às mancheias³. No entanto, é como se. E isso, lermos o que não poderíamos ser, torna-nos grandiosos nem que seja brevemente.

45 Estaria a dizer banalidades, não fosse a literatura tão importante para que a nossa arquitetura nunca chegue ao fim. E isso escapa a uma tendência que tenho visto impor-se nos últimos anos: os leitores quererem que
50 os livros sejam espelhos. Assusta-os a descoberta. Fogem à responsabilidade de se construírem. Fogem ao confronto, à luta. Por isso procuram a semelhança. A melhor obra é a que retrata aspetos parecidos com a sua
55 experiência – e quantos mais salamaleques⁴ emocionais houver, melhor. A crítica literária máxima, merecedora de cinco estrelas, passou a ser «identifiquei-me». Talvez este tipo de leitor se considere uma coisa finita que não
60 precisa de ser iluminada por dentro.

Afonso Reis Cabral, «Próximos de não termos fim», in <https://www.jn.pt> (texto com supressões, consultado em 05/01/2022).

¹ Gaudí: famoso arquiteto espanhol.

² arsénico: composto químico tóxico e venenoso.

³ mancheias: punhados.

⁴ salamaleques: cortesias exageradas (popular).

40 pts.

1. Para Afonso Reis Cabral, o livro tem a capacidade de nos iluminar por dentro,

- A. ☐ pois passamos a olhar para a vida como algo entediante e monótono.
- B. ☐ apesar de não aproveitarmos a riqueza infinita que a leitura nos dá.
- C. ☐ já que nos permite experienciar a grandiosidade do incomensurável.
- D. ☐ mas são poucos aqueles que se deixam levar pelas histórias que leem.

40 pts.

2. Os exemplos apresentados no segundo parágrafo

- A. ☐ corroboram a efemeridade da vida humana.
- B. ☐ contradizem a finitude do ser humano.
- C. ☐ mostram que a nossa existência é longa.
- D. ☐ revelam que o ser humano pode ser eterno.

40 pts.

3. Nas expressões «apagava-se nos caprichos, nas tristezas» (linhas 30 e 31) e «velas que iluminam por dentro» (linhas 34 e 35), o autor utiliza a

- A. ☐ hipérbole, em ambos os casos.
- B. ☐ metáfora, em ambos os casos.
- C. ☐ hipérbole e a metáfora, respetivamente.
- D. ☐ metáfora e a hipérbole, respetivamente.

40 pts.

4. No contexto em que ocorre, o vocábulo «edificante» (linha 28) pode ser substituído por

- A. ☐ moralizadora.
- B. ☐ construtiva.
- C. ☐ esclarecedora.
- D. ☐ elucidativa.

40 pts.

5. No último parágrafo, a tendência que se tem vindo a impor associa-se a uma

- A. ☐ necessidade de olhar para a literatura como se fosse um guia para a nossa ação.
- B. ☐ visão do texto literário como reflexo das vivências de cada um de nós.
- C. ☐ análise de uma realidade distinta daquela que experienciamos no dia a dia.
- D. ☐ opção de ler apenas o que possa ser descrito de forma objetiva e literal.

Questão de aula 5

Leitura – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto e a nota.

De Antero, até prova em contrário

Lobo Antunes disse que Antero de Quental tem uma «prosa magnífica, de um homem que sabe substantivar os adjetivos». As treze notícias bibliográficas publicadas anonimamente na *Revista ocidental* reunidas em livro e que são atribuídas a Antero são prova disso. Para Eça de Queirós, num grande escritor tudo interessa até as contas do alfaiate. No caso de Antero de Quental, não haveria muitas contas de alfaiate, mas sabe-se agora que se entretinha a escrever pequenas notícias sobre livros, muitos deles sobre viagens. São textos não assinados que saíram na Revista Ocidental, mas esta colaboração anónima não escapou à investigadora e especialista na biografia e obra do escritor açoriano, Ana Maria de Almeida Martins. Estão reunidos em *Contracapas*.

«Até prova em contrário», Ana Maria Almeida Martins atribui a Antero de Quental uma série de treze notícias bibliográficas que foram publicadas anonimamente na Revista Ocidental. Sete destas treze notícias bibliográficas agora atribuídas ao escritor apareciam nas contracapas da revista dirigida por Antero de Quental juntamente com Jaime Batalha Reis. Ana Maria Almeida Martins, que além de fazer a atribuição, organiza e prefacia o livro, só tem dúvidas num dos textos, aquele em que o objeto da crítica é um livro do próprio Antero.

Neste livro está reproduzido um manuscrito de outra destas críticas publicadas anonimamente na Revista Ocidental. É uma resenha ao livro *A Voz da Natureza*, de Marechal Duque de Saldanha. «Tive a sorte de me terem facul-

tado este manuscrito», explica a investigadora. «Pertence a um colecionador e aqui se vê que é a letreirinha de Antero, sem a mais pequena dúvida.»

Ainda da autoria de Antero será certamente o comentário ao livro de Luciano Cordeiro, *Viagens: Espanha e França*. «O texto tem muito de Antero e do seu humor muito cáustico¹», diz Ana Maria. «É uma pérola de mordacidade, irreverência e imensa ironia», escreve ela no prefácio acrescentando que o livro se presta a isso. Ora vejamos o que escreve Antero: «O *activo touriste* atravessou grande parte da Europa em menos de 50 dias: foram eles ao certo, porque o Sr. Cordeiro partiu de Lisboa no dia 3 de junho às 8 da noite e voltou no dia 20 de julho às 3 da tarde; ele próprio nos quis dar, no seu livro, estas informações precisas. Nestes 46 dias viu Madrid, Paris, Roma, Veneza, Viena de Áustria e boa parte da Alemanha. Chama-se a isto andar depressa.» E a finalizar, esta crítica ao livro de viagens de Cordeiro, Antero faz-lhe um «elogio absolutamente letal», lembra Ana Maria Martins. Remata ele: «Tendo o Sr. Cordeiro escrito tanto, sobre tantos assuntos, altos, profundos e até graves, este livro, ligeiro como é, vagabundo e escrito a correr, parece ser o seu melhor livro!... decididamente, a divagação é o elemento natural do sr. Luciano Cordeiro, e as narrativas de viagem o seu verdadeiro género literário».

Anos depois da revista acabar, Antero lamentou ter consumido talento em «escrever pequenos livros de ocasião». Ainda bem que o fez.

Isabel Coutinho, «De Antero até prova em contrário», in <https://www.publico.pt> (texto adaptado, consultado em 28/12/2021).

¹ cáustico: sarcástico.

40 pts.

1. Para Lobo Antunes, a prosa de Antero de Quental destaca-se por

- A. ☐ atribuir um relevo peculiar ao nome e ao adjetivo.
- B. ☐ modificar as qualidades dadas pelos adjetivos.
- C. ☐ transformar, admiravelmente, os adjetivos em nomes.
- D. ☐ escrever poesia de forma extremamente sublime.

40 pts.

2. Quando Eça refere que, num grande escritor, «até as contas do alfaiate» (linha 8) interessam, evidencia

- A. ☐ a pertinência e relevância de tudo o que redige.
- B. ☐ a necessidade de se conhecer todos os seus dados.
- C. ☐ o valor que se deve atribuir aos textos não editados.
- D. ☐ a importância que a sua escrita biográfica assume.

40 pts.

3. O título do livro de Ana Maria Martins

- A. ☐ reproduz o título das notas bibliográficas de Antero.
- B. ☐ foi inspirado na forma como Antero se apresentava.
- C. ☐ é fruto do momento dedicado a estes textos anteriores.
- D. ☐ advém do local a que Antero recorria para escrever.

40 pts.

4. A citação de Antero apresentada no quarto parágrafo

- A. ☐ confirma as qualidades que Ana Martins considera vincadas na vida do autor.
- B. ☐ reforça uma visão abrangente da criatividade e da imaginação deste poeta.
- C. ☐ corrobora a perspetiva que Ana Martins apresenta do estilo de Quental.
- D. ☐ destaca que Ana Martins apresentou o autor de forma crítica e redutora.

40 pts.

5. No último parágrafo do texto, a frase «Ainda bem que o fez.» (linha 70) revela, na perspetiva da autora,

- A. ☐ o rigor científico de todos os escritos de Antero.
- B. ☐ a qualidade de tudo aquilo que Antero redigiu.
- C. ☐ a análise cuidada de diferentes aspetos literários.
- D. ☐ o humor e a sátira que todos os textos evidenciam.

Questão de aula 6

Leitura – Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Lê o texto e a nota.

Cesário, poeta da concisão, disse o que tinha a dizer sem uma palavra a mais ou a menos

Maria Filomena Mónica não conseguia explicar a génese da obra de Cesário Verde, facto que a estimulou. Depois da biografia de um político, de um rei e de Eça de Queirós, a

5 de um poeta.
«Há muitos anos que não lia poesia com a atenção que o género merece. Os versos que me haviam obrigado a decorar no Livro da Terceira Classe, «Batem leve, levemente...»,
10 de Augusto Gil e, no liceu, alguns Cantos de *Os Lusíadas* não me haviam deixado boas recordações. Mesmo na Faculdade de Letras, onde escolhera literatura portuguesa como cadeira optativa, a poesia tinha-me passado ao
15 lado. Apenas me ficou o soneto de Sá de Miranda, «O Sol é grande, caem co'a calma as aves».

Ao contrário do que me sucede relativamente a outras obras, de Eça de Queirós, de Júlio Dinis ou de Alexandre Herculano, é-me difícil explicar a génese da obra de Cesário. Em vez de me desencorajar, o facto estimulou-me. Devagarinho, muito devagarinho, comecei a recolher as cartas por
20 ele enviadas, a consultar os extratos de copiadores comerciais, a olhar as fotografias que deixara. Estava já lançada na empreitada, quando descobri que todos os seus papéis – rascunhos de poemas, cartas recebidas, notas
25 avulsas – haviam desaparecido, em 1919, num incêndio na sua quinta. Eu sabia que havia pouca coisa, mas não estava preparada para tão radical eventualidade. Estou consciente de que há quem defenda que as biografias literárias
30 para nada servem. Admitindo – e admito – que a poesia de Cesário tem um valor autónomo, penso que será apreciada de forma mais rica

se historicamente enquadrada. [N]ão tenho dúvidas de que compreenderemos melhor o
40 que Cesário estava a tentar dizer se estivermos conscientes das suas convicções políticas, tal como leremos «O sentimento dum ocidental» a uma nova luz se nos lembrarmos de que ele trabalhava junto ao Terreiro do Paço.

45 Como disse no início não pretendi abordar a sua obra como crítica literária, mas tão só falar de um poeta que me pareceu enigmático. De facto, jamais poderei dizer o que me leva a admirar Cesário. Mas tentei.

50 Nem todas as idades são boas para se começar a ler poesia. Uma leitura aprofundada exige experiência, embora seja um facto que existem poemas, como as lengalengas, de que as crianças gostam. No meu caso, levei muito,
55 demasiado tempo, até o conseguir. Mas o reencontro com Cesário permitiu-me descobrir o prazer de ler versos em português. Aprecio agora, como nunca, a musicalidade das suas estrofes, a originalidade das suas imagens e a
60 melancolia da sua voz. A sua poesia distingue-se de tudo o que até então lera: Cesário não é um poeta metafísico como Antero, cerebral como Pessoa, melodramático como Gomes Leal, declamatório como Junqueiro ou piegas
65 como Soares dos Passos. Cesário gostava de usar o processo de suprir¹, pelo adjetivo, uma relação lógica extensa, a fim de a tornar imediata pela surpresa da relação verbal: «quando passas, aromática e normal», «gestos
70 de neve e de metal», «soberbos desmazelos». Poucos foram capazes desta concisão: Cesário disse o que tinha a dizer, sem uma palavra a mais ou a menos. Na sua poesia, está lá tudo e nada do que lá está pode ser retirado.»

«Cesário, poeta da concisão, disse o que tinha a dizer sem uma palavra a mais ou a menos», in <https://www.publico.pt> (texto com supressões, consultado em 28/12/2021).

¹suprir: substituir.

40 pts.

1. Para Maria Filomena Mónica, a obra de Cesário foi

- A. ☐ desafiante pela necessidade da eterna descoberta.
- B. ☐ orientadora do seu percurso na literatura nacional.
- C. ☐ impeditiva de conhecer a verdadeira biografia do autor.
- D. ☐ estimulante pela complexidade da sua origem.

40 pts.

2. De acordo com o terceiro parágrafo, a relação de um autor com o seu contexto

- A. ☐ é fundamental para se compreender toda a sua obra.
- B. ☐ permite um conhecimento mais profícuo da sua identidade.
- C. ☐ torna-se pertinente para melhor interpretar os seus escritos.
- D. ☐ acaba por ser irrelevante, já que a obra existe autonomamente.

40 pts.

3. No contexto em que ocorre, o conector «De facto» (linha 48) introduz uma

- A. ☐ conclusão.
- B. ☐ explicação.
- C. ☐ comparação.
- D. ☐ síntese.

40 pts.

4. Para se compreender verdadeiramente o texto poético,

- A. ☐ é fundamental sermos capazes de ouvir o que o texto nos transmite.
- B. ☐ temos de ler as suas diferentes variantes desde a nossa infância.
- C. ☐ necessitamos de diferentes vivências que permitam interpretá-lo.
- D. ☐ é importante que a sua leitura faça parte do nosso dia a dia.

40 pts.

5. A imagem final que a autora transmite de Cesário Verde é marcada pela

- A. ☐ exatidão.
- B. ☐ exuberância.
- C. ☐ vitalidade.
- D. ☐ intensidade.

Questão de aula 1

Compreensão do Oral – Padre António Vieira, «Sermão de Santo António»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição:

1. Ouve o excerto do episódio da série *Grandes Livros*, da RTP, dedicado ao «Sermão de Santo António», e assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

	V	F
a) Após a ascensão do Protestantismo, a Igreja Católica tentava reaver os fiéis que havia perdido.	☐	☐
b) O púlpito passa a ser um espaço de grande destaque, no qual se apresentavam os sermões com um fim evangelizador.	☐	☐
c) A Igreja Católica assumia um papel de grande discricção, não interferindo na vida social dos crentes.	☐	☐
d) Os pregadores detinham um papel de pouco relevo, já que eram secundarizados pelos sermões que apresentavam.	☐	☐
e) Diogo Infante apelida Padre António Vieira de «príncipe da palavra» pela sua capacidade na arte da oratória.	☐	☐

- 1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

- 2.1 Os sermões de Vieira tinham tamanha adesão que

- A. ☐ o rei estava sempre presente nas suas pregações.
B. ☐ os populares disputavam um lugar no auditório.
C. ☐ havia quem reservasse um lugar no dia anterior.
D. ☐ nunca poderiam ser pregados em lugar fechado.

- 2.2 Para evidenciar a extrema reputação que Vieira possuía no Brasil, este é comparado a várias figuras contemporâneas, nomeadamente a

- A. ☐ Cristiano Ronaldo.
B. ☐ Maradona.
C. ☐ Lionel Messi.
D. ☐ Eusébio.

2.3 Quando Fernando Pessoa refere que o Padre António Vieira é o «imperador da língua portuguesa»,

- A. ☐ enfatiza a sua pertinência na expansão da língua.
- B. ☐ evidencia a sua importância no domínio político.
- C. ☐ destaca o seu papel como exímio pregador.
- D. ☐ realça a sua faceta como estudioso da língua.

2.4 A temática abordada no «Sermão de Santo António» é vista como

- A. ☐ singular.
- B. ☐ intemporal.
- C. ☐ datada.
- D. ☐ vanguardista.

2.5 No «Sermão de Santo António», os pregadores são comparados ao sal, pois

- A. ☐ podem ter o papel de ajudar a corrigir os erros cometidos.
- B. ☐ assumem a função de denunciar práticas sociais abusivas.
- C. ☐ devem alertar para que o mundo não se deixe corromper.
- D. ☐ apresentam uma conduta que espelha as suas palavras.

2.6 O desaparecimento de D. Sebastião e a ascensão ao trono português de Filipe II de Espanha concretizam

- A. ☐ o fim da hegemonia portuguesa.
- B. ☐ o nascimento de uma crença popular.
- C. ☐ a articulação pacífica dos dois países.
- D. ☐ o colapso da monarquia espanhola.

2.7 O contraste entre os peixes e os homens enfatiza

- A. ☐ as qualidades reveladas pelo ser humano.
- B. ☐ a ferocidade que domina o ser humano.
- C. ☐ a irracionalidade que caracteriza os peixes.
- D. ☐ os defeitos que os peixes não corrigem.

2.ª audição:

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Questão de aula 2

Compreensão do Oral – Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição:

1. Ouve o excerto do programa cultural *Serviço Público – Bloco de Notas*, da Antena 1, com Maria do Céu Guerra, e assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

	V	F
a) Ao longo da sua carreira, Maria do Céu Guerra concentrou-se apenas na atividade de encenadora.	☐	☐
b) Maria do Céu Guerra desenvolveu a sua atividade antes e depois do «25 de abril».	☐	☐
c) Recebeu, individualmente, muitos prémios, entre eles cinco Globos de Ouro.	☐	☐
d) As representações de <i>Frei Luís de Sousa</i> protagonizadas por Maria do Céu Guerra também se dirigiram para o público escolar.	☐	☐
e) A peça <i>Frei Luís de Sousa</i> estreou em 1850, no Teatro Nacional D. Maria.	☐	☐

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

2.1 Para Maria do Céu Guerra, *Frei Luís de Sousa* espelha

- A. ☐ todas as vivências que foram marcantes para Garrett.
B. ☐ as potencialidades de Garrett enquanto dramaturgo.
C. ☐ o domínio que o autor tinha sobre a sua própria vida.
D. ☐ a influência que o contexto teve sobre o dramaturgo.

2.2 Almeida Garrett destacou-se não só como dramaturgo, mas também como

- A. ☐ ministro.
B. ☐ militar.
C. ☐ cenógrafo.
D. ☐ orador.

2.3 Com a produção de *Frei Luís de Sousa*,

- A. ☐ o Neoclassicismo confirmou a sua hegemonia no contexto literário.
- B. ☐ o contexto teatral português passou a ser dominado pela tragédia.
- C. ☐ constatou-se a afirmação do Romantismo face ao Neoclassicismo.
- D. ☐ a corrente literária do Romantismo perdeu a sua influência no teatro.

2.4 Maria do Céu Guerra defende que a peça é «tão boa», uma vez que

- A. ☐ denuncia os aspetos sociais e políticos do século XVII.
- B. ☐ articula as diferentes perspetivas sobre o texto dramático.
- C. ☐ revela as verdadeiras intenções literárias do seu autor.
- D. ☐ sintetiza a globalidade dos géneros dramático e trágico.

2.5 Para a sua peça, Garrett cria um herói,

- A. ☐ atribuindo-lhe apenas características tipicamente românticas.
- B. ☐ conferindo-lhe um carácter patriótico, sem perder a tragicidade.
- C. ☐ defendendo a sua tragicidade em detrimento do seu patriotismo.
- D. ☐ mostrando que o patriotismo é o valor mais importante a defender.

2.6 A contextualização da Batalha de Alcácer Quibir é pertinente para

- A. ☐ explicar o enredo da peça garrettiana.
- B. ☐ justificar a ação patriótica de D. João.
- C. ☐ exemplificar o contexto social da época.
- D. ☐ motivar para a leitura da obra de Garrett.

2.7 No contexto em que ocorre, o vocábulo «solilóquio» pode ser substituído por

- A. ☐ diálogo.
- B. ☐ conversa.
- C. ☐ monólogo.
- D. ☐ meditação.

2.ª audição:

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Questão de aula 3

Compreensão do Oral – Camilo Castelo Branco, *Amor de perdição*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição:

1. Ouve o excerto do programa *Serviço Público – Bloco de Notas*, da Antena 1, com Abel Barros Baptista, e assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

	V	F
a) Abel Barros Baptista é professor doutorado, cuja especialização se centra apenas na obra camiliana.	☐	☐
b) Este professor colabora regularmente com a imprensa nacional e estrangeira.	☐	☐
c) A locutora trata Abel Barros Baptista por «tu», uma vez que já se conhecem da sua colaboração com a rádio.	☐	☐
d) No contexto da produção camiliana, o amor sobrepõe-se sempre à paixão.	☐	☐
e) Apesar de a estudar, Abel Barros Baptista tem uma relação de distanciamento com a obra de Camilo.	☐	☐

- 1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

- 2.1 Cada leitura da obra de Camilo é vista como

- A. ☐ um recuperar de memórias.
- B. ☐ algo sempre novo e distinto.
- C. ☐ uma paixão que se recorda.
- D. ☐ uma vivência única e singular.

- 2.2 Roland Barthes defende que a leitura de um «clássico» é

- A. ☐ intensa e completa.
- B. ☐ atenta e rápida.
- C. ☐ faseada e diversa.
- D. ☐ repetida e renovada.

2.3 Barros Baptista considera que a sua relação com *Amor de Perdição* é uma «maldição», pois

- A. ☐ já não consegue ver nada de novo nesta obra do autor.
- B. ☐ tentou escrever sobre o autor, mas sempre sem sucesso.
- C. ☐ o seu amor pela obra transformou-se em distanciamento.
- D. ☐ está permanentemente a produzir algo sobre este texto.

2.4 Camilo Castelo Branco é considerado o escritor mais importante do século XIX, segundo Barros Baptista,

- A. ☐ já que não necessitava de justificação para a sua escrita.
- B. ☐ pelas características intemporais dos temas abordados.
- C. ☐ dada a intencionalidade crítica de toda a sua obra narrativa.
- D. ☐ pela concretização de narrativas que lhe surgiam naturalmente.

2.5 A produção literária de autores oitocentistas como Antero de Quental, Garrett, Eça e Júlio Dinis tinha também um objetivo

- A. ☐ estético.
- B. ☐ individualista.
- C. ☐ cívico.
- D. ☐ inovador.

2.6 Uma das lutas camilianas passou

- A. ☐ pelo reconhecimento da escrita epistolar.
- B. ☐ pela profissionalização dos escritores.
- C. ☐ pela valorização da escrita amorosa.
- D. ☐ pelo empenho político dos autores.

2.7 Pelo recurso à palavra «frioleiras», fica evidente que Camilo não valorizou

- A. ☐ a intencionalidade social da sua literatura.
- B. ☐ o reconhecimento social que poderia obter.
- C. ☐ o desenvolvimento da sua produção literária.
- D. ☐ o tempo que dedicou à sua atividade profissional.

2.ª audição:

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Questão de aula 4

Compreensão do Oral – Eça de Queirós, *Os Maias*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição:

1. Ouve o excerto do programa *Literatura aqui*, da RTP 2, com Carlos Reis e João Bigotte Chorão, e assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

	V	F
a) <i>Fanny Owen</i> é uma obra de Agustina Bessa Luís que apresenta textos originais de Camilo Castelo Branco.	☐	☐
b) José Eduardo Agualusa escolhe Eça de Queirós para participar no seu romance de 1997.	☐	☐
c) Camilo era extremamente valorizado e reputado junto de Eça e de outros da sua geração.	☐	☐
d) Quando Camilo Castelo Branco morreu, Eça redigiu-lhe um extenso epitáfio.	☐	☐
e) Os estudiosos de Camilo e os de Eça mantêm ainda profundas contendas literárias.	☐	☐

- 1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

- 2.1 João Bigotte Chorão menciona que Eça possuía

- A. ☐ um conhecimento profundo da obra camiliana.
- B. ☐ uma admiração solene pelos textos de Camilo.
- C. ☐ um parco conhecimento da produção camiliana.
- D. ☐ uma necessidade de imitar a escrita de Camilo.

- 2.2 Carlos Reis considera que é possível gostar, simultaneamente, de Camilo e de Eça, já que

- A. ☐ ambos possuem uma capacidade extraordinária para narrar.
- B. ☐ as suas divergências se transformam em ideias comuns.
- C. ☐ os pontos de contacto dos seus textos são muito evidentes.
- D. ☐ são autores de reputada fama pelos conflitos que criaram.

2.3 Aquilo que em Camilo Castelo Branco é intenso e inquieto, em Eça é mais

- A. ☐ sincero.
- B. ☐ velado.
- C. ☐ violento.
- D. ☐ dolente.

2.4 A análise dos grandes nomes da literatura aos pares torna-se

- A. ☐ pertinente, pois organiza o estudo destes autores.
- B. ☐ redutora, ao valorizar apenas os pontos de contacto.
- C. ☐ redundante, ao fazer constantes referências a ambos.
- D. ☐ limitada, pois apaga a importância de todos os outros.

2.5 Carlos Reis e João Bigotte Chorão concordam quanto à relevância de Camilo no género

- A. ☐ lírico.
- B. ☐ épico.
- C. ☐ epistolar.
- D. ☐ novelístico.

2.6 Em vida, Eça editou poucas obras, pois

- A. ☐ o seu perfeccionismo não o possibilitava.
- B. ☐ o seu reconhecimento não era evidente.
- C. ☐ a sua produção escrita era muito curta.
- D. ☐ a extensão dos seus textos não o permitia.

2.7 Para Carlos Reis, o preconceito associado às personagens femininas de Eça de Queirós é «disparatado»,

- A. ☐ apesar de considerar que Eça foi agressivo na sua construção.
- B. ☐ no entanto, as personagens masculinas eram sobrevalorizadas.
- C. ☐ dado que as cria com características extremamente trágicas.
- D. ☐ uma vez que se deve ter em conta o contexto social de oitocentos.

2.ª audição:

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Questão de aula 5

Compreensão do Oral – Antero de Quental, *Sonetos completos*

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição:

1. Ouve o excerto do programa *O Essencial sobre Antero de Quental*, da Antena 2 e da IN-CM, e assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

- | | V | F |
|---|--------------------------|--------------------------|
| a) Antero de Quental nasceu nos Açores, no ano de 1843. | ☐ | ☐ |
| b) Os antepassados de Antero tiveram diferentes papéis a nível político e militar. | ☐ | ☐ |
| c) O contacto de Antero com uma ode de Alexandre Herculano provocou-lhe apenas um sentimento de indiferença. | ☐ | ☐ |
| d) Quando se matricula na universidade de Coimbra, Antero torna-se dirigente de uma facção que se opunha à doutrina tradicionalista da época. | ☐ | ☐ |
| e) Antero funda, com outros intelectuais, um jornal literário onde publica os seus textos. | ☐ | ☐ |

- 1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

2. Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

- 2.1 A sociedade secreta que Antero fundou contra o reitor da Universidade deveu-se

- A. ☐ à antipatia que este nutria pelos alunos.
B. ☐ ao conservadorismo da sua forma de ser.
C. ☐ ao modo como se relacionava com os alunos.
D. ☐ à rigidez das medidas que este promulgava.

- 2.2 O movimento estudantil que abalou a Universidade de Coimbra, aquando do nascimento do príncipe D. Carlos, ficou conhecido como

- A. ☐ Vilafrancada.
B. ☐ Rolinada.
C. ☐ Martinhada.
D. ☐ Abrilada.

2.3 As *Odes Modernas*, publicadas por Antero de Quental em 1865, foram influenciadas pelo

- A. ☐ Naturalismo alemão e pelo Humanismo francês.
- B. ☐ Realismo alemão e pelo Naturalismo francês.
- C. ☐ Humanismo alemão e pelo Naturalismo francês.
- D. ☐ Realismo alemão e pelo Humanismo francês.

2.4 A Questão Coimbrã foi

- A. ☐ provocada pela revolta de Antero de Quental contra Pinheiro Chagas.
- B. ☐ uma contenda causada pela luta de Antero para se afirmar literariamente.
- C. ☐ uma polémica literária causada por um comentário de Feliciano de Castilho.
- D. ☐ discussão polémica em torno da publicação dos Sonetos Completos de Antero.

2.5 Como resposta à crítica que lhe foi apontada, Antero de Quental redige

- A. ☐ um manifesto de inúmeras páginas.
- B. ☐ uma carta de índole crítica.
- C. ☐ um breve artigo num jornal.
- D. ☐ um soneto satírico.

2.6 Segundo Antero de Quental, a nova geração que estava a surgir caracterizava-se pela

- A. ☐ intensidade e pela violência.
- B. ☐ agressividade e pela honestidade.
- C. ☐ sinceridade e pelo atrevimento.
- D. ☐ contestação e pelo talento.

2.7 Após a conclusão do seu bacharelato, Antero vive em

- A. ☐ Lisboa e Paris.
- B. ☐ Itália e Paris.
- C. ☐ Lisboa e Itália.
- D. ☐ Paris.

2.ª audição:

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

Questão de aula 6

Compreensão do Oral – Cesário Verde, «O sentimento dum ocidental»

Nome _____ N.º _____ 11.º _____ Data ____ / ____ / ____

Avaliação _____ E. de Educação _____ Professor _____

Disponível para audição em  auladigital

Antes de ouvires o texto, lê todos os itens com atenção.

Enquanto o ouvires, podes tomar notas ou responder diretamente neste enunciado.

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.



1.ª audição:

- 1.** Ouve o excerto do programa *O Essencial sobre Cesário Verde*, da Antena 2 e da IN-CM, e assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações seguintes.

75 pts.

- | | V | F |
|--|--------------------------|--------------------------|
| a) O nome Cesário advém de uma tradição antiga da família Verde. | ☐ | ☐ |
| b) Os pais de Cesário Verde dedicavam-se à área comercial em Lisboa. | ☐ | ☐ |
| c) A família paterna de Cesário tinha origens italianas. | ☐ | ☐ |
| d) A quinta que a família Verde possuía em Linda-a-Pastora trouxe-lhe bastantes dissabores económicos. | ☐ | ☐ |
| e) Após a conclusão do ensino primário, Cesário estudou línguas estrangeiras e noções de comércio. | ☐ | ☐ |

1.1 Corrige as afirmações que assinalaste como falsas.

20 pts.

- 2.** Selecciona a opção correta, de forma a completares os itens seguintes.

105 pts.

2.1 Ao longo da sua curta vida, Cesário Verde dedicou-se à atividade comercial,

- A. ☐ já que era a área que tinha estudado.
B. ☐ sob rígida orientação da figura paterna.
C. ☐ dado que não tinha outros interesses.
D. ☐ pois via nela um futuro muito promissor.

2.2 Nas cartas que redige, é possível perceber que Cesário

- A. ☐ era apaixonado pela sua atividade profissional.
B. ☐ tinha interesses literários pouco comuns na época.
C. ☐ se encontrava muito ocupado com a sua profissão.
D. ☐ não participava muito nos negócios da sua família.

2.3 Nos textos poéticos que escrevia, a atividade profissional de Cesário

- A. ☐ era uma referência pouco pertinente.
- B. ☐ não surgia evidenciada com rigor.
- C. ☐ deixou marcas pouco profundas.
- D. ☐ tinha uma presença marcante.

2.4 Um dos momentos em que a produção literária de Cesário entrou em conflito com a sua atividade profissional foi quando

- A. ☐ o pai descobriu os escritos.
- B. ☐ deixou de ter tempo livre.
- C. ☐ atingiu a maioridade.
- D. ☐ deixou a universidade.

2.5 Cesário Verde considerava Silva Pinto como um amigo

- A. ☐ para a vida e para a morte.
- B. ☐ que surgia nas horas cruciais.
- C. ☐ que o apoiava convictamente.
- D. ☐ para as ocasiões felizes.

2.6 *Cânticos do Realismo* foi uma obra de Cesário que

- A. ☐ este editou em vida e foi louvada pela crítica.
- B. ☐ não foi reconhecida pelos intelectuais da época.
- C. ☐ editou para denunciar os problemas sociais.
- D. ☐ não chegou a editar e causou grande celeuma.

2.7 Os poemas de Cesário de 1874 e 1879 foram publicados

- A. ☐ anonimamente.
- B. ☐ sob pseudónimo.
- C. ☐ por Silva Pinto.
- D. ☐ em livro.

2.ª audição:

Depois da segunda audição do texto, verifica as tuas respostas.

EDUCAÇÃO LITERÁRIA

Questão de aula 1 (p. 303)

PADRE ANTÔNIO VIEIRA, «SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO»

1. Para se proteger dos «inimigos» do mar e do ar, sendo um peixe muito pequeno, o «Quatro-Olhos» possui os olhos em posições opostas, ou seja, dois olham diretamente para cima e os outros dois para baixo. Deste modo, consegue defender-se mais facilmente de todas as ameaças que poderão surgir nos diferentes elementos.

2. Neste contexto, a expressão evidencia que o «Quatro-Olhos» é um peixe que, tal como Santo Antônio, prega a verdadeira doutrina. Assim, pela posição dos seus olhos, mostra, ao orador e a todos os outros seres humanos, que devem agir com fé e segundo o «uso da razão», pensando no Céu (olhando para cima), mas recordando também que existe Inferno (olhando para baixo).

3. D.

Questão de aula 2 (p. 305)

ALMEIDA GARRETT, FREI LUÍS DE SOUSA

1. Na sua primeira réplica deste excerto, D. Madalena evidencia o seu terror, a sua preocupação, consternação e angústia por temer perder a filha tão querida e amada. Este sofrimento que revela está patente na forma como se movimenta, tal como é mencionado na didascália, pois, ao responder a Manuel vai sempre «*seguindo com os olhos a filha*» (l. 1).

2. A referência à opção pela vida religiosa da condessa de Vimioso assume um valor de indício trágico, uma vez que antecipa o desenlace final da peça, com a separação do casal D. Madalena e Manuel de Sousa Coutinho e o seu ingresso na vida religiosa. Tal similitude de acontecimentos pode ser verificada na situação de D. Joana de Castro, uma vez que se afastou do marido e se encerrou num convento.

3. a) «Ó querida mulher minha» (l. 7) ; **b)** «Não permite, não.» (l. 19).

Questão de aula 3 (p. 307)

CAMILO CASTELO BRANCO, AMOR DE PERDIÇÃO

1. Mariana profere esta frase de forma repetida, uma vez que desejava ser ela a eleita do coração de Simão. Deste modo, a reiteração da frase revela que esta, não deixando de ser solícita e generosa, se apresenta enciumada relativamente a Teresa, sentimento que tenta controlar com todas as suas forças.

2. Esta frase proferida por Teresa está enquadrada no diálogo que estabelece com Mariana, especificamente quando diz para Simão não se preocupar, uma vez que não irá mudar de ideias. Assim, revela que, mesmo em situações adversas, irá continuar a amar Simão.

3. B.

Questão de aula 4 (p. 309)

EÇA DE QUEIRÓS, OS MAIAS

1. A frase referida por Maria Eduarda pode ser vista como um indício trágico, na medida em que as semelhanças que esta encontra em Carlos e na sua mãe revelam o laço de sangue que os une. Deste modo,

prevê-se um desenlace trágico da ação, pois ambos são irmãos.

2. Para Carlos da Maia, Maria apresenta-se como uma mulher de extrema beleza, como se constata em «Nunca Carlos a achara tão linda, tão perfeita» (l. 25). Além desta característica, a sua ternura, elegância e superioridade do seu gosto também são reveladoras da forma apaixonada como Carlos a vê.

3. a) «parecia uma cesta de flores» (ll. 1 e 2); **b)** «de ficarem ali eternamente» (l. 27).

Questão de aula 5 (p. 311)

ANTERO DE QUINTAL SONETOS COMPLETOS

1. Nas duas quadras, é descrito um espaço que o «eu» não consegue definir onde e quando se localiza, uma vez que é extremamente distante. Corresponde a um espaço onírico, já que tudo o que lá existe é dominado pela leveza e suavidade, que levam o sujeito poético a comungar dessa mesma delicadeza.

2. No momento em que o «eu» caiu e se envolveu numa «luta bestial» (v. 10), ou seja, contactou com a violência e a agressividade, acabou por se transformar num ser igualmente violento e feroz. Este verso revela que o meio consegue influenciar negativamente o «eu», levando-o a um estado que condiz com a sua angústia existencial.

3. a) «leve como a luz» (v. 7); **b)** «na arena fera» (v. 10).

Questão de aula 6 (p. 312)

CESÁRIO VERDE, «O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL»

1. Na segunda estrofe, o «eu» apresenta dois dentistas a dialogarem e os lojistas, «em cabelo» (v. 8), aborrecidos à porta da loja. Estes tipos sociais são reveladores da ociosidade cidadina, uma vez que não se dedicam naquele momento a qualquer atividade laboral.

2. A metáfora «cardume negro» (v. 11) revela a atividade a que estas mulheres se dedicam, ou seja, o comércio de peixe. Por outro lado, a associação da palavra «cardume» ao adjetivo «negro» demonstra o também o sofrimento e o luto que estas mulheres carregam devido aos naufrágios dos seus entes queridos.

3. A.

GRAMÁTICA

Questão de aula 1 (p. 315)

PADRE ANTÔNIO VIEIRA, «SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO»

1. palavras divergentes.

2. B; **3.** A; **4.** B; **5.** C; **6.** D.

7. a) apócope; sonorização; **b)** assimilação; apócope; **c)** vocalização; apócope; **d)** palatalização; apócope; **e)** sonorização; **f)** palatização; apócope; **g)** síncope; sinérese.

Questão de aula 2 (p. 317)

1. B; **2.** A; **3.** D; **4.** D.

5. a) complemento do nome;

b) modificador do nome apositivo; **c)** predicativo do sujeito; **d)** complemento indireto; **e)** sujeito.

6. a) oração subordinada adverbial condicional;

b) oração subordinada adverbial comparativa.

7. modalidade epistémica, com valor de certeza.

Questão de aula 3 (p. 319)

ALMEIDA GARRETT, *FREI LUÍS DE SOUSA*

1. a) oração subordinada adjetiva relativa restritiva; b) oração subordinada substantiva completiva.
2. a) advérbio de tempo; b) advérbio relativo; c) pronome relativo; d) verbo principal transitivo direto; e) preposição; f) conjunção subordinativa substantiva com-pletiva.
3. a) sujeito; b) modificador do nome restritivo; c) complemento direto; d) sujeito.
4. C.

Questão de aula 4 (p. 321)

ALMEIDA GARRETT, *FREI LUÍS DE SOUSA*

1. a) modalidade epistêmica, com valor de possibilidade; b) modalidade epistêmica, com valor de certeza; c) modalidade epistêmica, com valor possibilidade.
2. a) anáfora por substituição (sinónimo); b) anáfora por substituição (determinante possessivo).
3. D.
4. B.
5. a) complemento do nome; b) complemento direto; c) predicativo do sujeito.

Questão de aula 5 (p. 323)

CAMILO CASTELO BRANCO, *AMOR DE PERDIÇÃO*

1. a) anáfora por substituição (pronominal).
2. linha 7: oração subordinada substantiva completiva; linha 9: oração subordinada adjetiva relativa restritiva.
3. a) complemento direto; b) predicativo do sujeito; c) modificador; d) complemento oblíquo; e) complemento direto; f) complemento do nome.
4. a) valor aspetual imperfeito; d) valor aspetual perfeito.
5. a) «O juiz [...] foi José Maria de Almeida Teixeira de Queirós» – oração subordinante; b) «que presidiu ao famoso julgamento» – oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

Questão de aula 6 (p. 325)

CAMILO CASTELO BRANCO, *AMOR DE PERDIÇÃO*

1. D; 2. A; 3. C; 4. D.
5. modalidade deôntica, com valor de obrigação.
6. a) complemento do nome; b) complemento direto; c) complemento agente da passiva; d) sujeito composto.

Questão de aula 7 (p. 327)

EÇA DE QUEIRÓS, *OS MAIAS*

1. a) oração subordinada adjetiva relativa restritiva; b) oração subordinada adverbial temporal; c) oração subordinada adjetiva relativa explicativa; d) oração subordinada substantiva completiva.
2. a) complemento oblíquo; b) complemento direto; c) complemento do nome; d) complemento agente da passiva.
3. A.
4. modalidade deôntica com valor de obrigação.

Questão de aula 8 (p. 329)

EÇA DE QUEIRÓS, *OS MAIAS*

1. A; 2. D; 3. C; 4. B.
5. a) complemento direto; b) complemento oblíquo; c) complemento do nome; d) modificador do nome apositivo.
6. a) oração coordenada copulativa; b) oração subordinada adjetiva relativa restritiva.

Questão de aula 9 (p. 331)

ANTERO DE QUENTAL, *SONETOS COMPLETOS*

1. B; 2. C; 3. C; 4. A; 5. D.
6. a) predicativo do sujeito; b) complemento oblíquo; c) complemento direto; d) modificador; e) complemento do nome.

Questão de aula 10 (p. 333)

ANTERO DE QUENTAL, *SONETOS COMPLETOS*

1. a) complemento do nome; b) sujeito; c) complemento direto; d) predicativo do sujeito.
2. a) oração subordinada substantiva completiva; b) oração subordinada adjetiva relativa explicativa.
3. modalidade epistêmica, com valor de certeza.
4. A.
5. a) advérbio de tempo; b) advérbio de quantidade e grau; c) quantificador existencial.

Questão de aula 11 (p. 335)

CESÁRIO VERDE, «O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL»

1. A.
2. a) oração subordinada substantiva completiva; b) oração subordinada adjetiva relativa restritiva.
3. a) adjetivo qualificativo; b) advérbio de tempo; c) pronome relativo; d) preposição simples; e) nome comum; f) conjunção subordinativa condicional.
4. a) sujeito; b) modificador do nome apositivo; c) complemento do nome; e) predicativo do sujeito.

Questão de aula 12 (p. 337)

CESÁRIO VERDE, «O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL»

1. D; 2. B; 3. D; 4. D.
5. a) predicativo do sujeito; b) modificador do nome restritivo; c) complemento oblíquo; e) complemento agente da passiva.
6. a) oração subordinada adjetiva relativa explicativa; b) oração subordinada adverbial final.

LEITURA

Questão de aula 1 (p. 339)

PADRE ANTÓNIO VIEIRA, «SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO»

1. C; **2.** D; **3.** C; **4.** B; **5.** A.

Questão de aula 2 (p. 341)

ALMEIDA GARRETT, FREI LUÍS DE SOUSA

1. A; **2.** B; **3.** B; **4.** D; **5.** C.

Questão de aula 3 (p. 343)

CAMILO CASTELO BRANCO, AMOR DE PERDIÇÃO

1. A; **2.** B; **3.** C; **4.** A; **5.** D.

Questão de aula 4 (p. 345)

EÇA DE QUEIRÓS, OS MAIAS

1. C; **2.** A; **3.** B; **4.** B; **5.** B.

Questão de aula 5 (p. 347)

ANTERO DE QUENTAL, SONETOS COMPLETOS

1. C; **2.** A; **3.** D; **4.** C; **5.** B.

Questão de aula 6 (p. 349)

CESÁRIO VERDE, «O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL»

1. D; **2.** C; **3.** B; **4.** C; **5.** A.

ORALIDADE (COMPREENSÃO DO ORAL)

Questão de aula 1 (p. 351)

PADRE ANTÓNIO VIEIRA, «SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO»

1. a) V; b) V; c) F; d) F; e) V.

1.1 c) A Igreja Católica assumia um papel de destaque e toda a vida social girava à sua volta.

d) Os pregadores eram figuras marcantes, eram estrelas, com a difícil tarefa de educar e seduzir as almas.

2.

2.1 C; **2.2** D; **2.3** A; **2.4** B; **2.5** C; **2.6** A; **2.7** B.

Questão de aula 2 (p. 353)

ALMEIDA GARRETT, FREI LUÍS DE SOUSA

1. a) F; b) V; c) F; d) V; e) F.

1.1

a) Maria do Céu Guerra desdobra-se nas atividades de encenadora e de atriz.

c) Os cinco Globos de Ouro que Maria do Céu Guerra recebe são repartidos com o Teatro «A Barraca».

e) A peça *Frei Luís de Sousa* é apresentada, pela primeira vez, no Teatro do Salitre.

2.

2.1 B; **2.2** A; **2.3** C; **2.4** D; **2.5** B; **2.6** A; **2.7** C.

Questão de aula 3 (p. 355)

CAMILO CASTELO BRANCO, AMOR DE PERDIÇÃO

1. a) F; b) V; c) V; d) F; e) F.

1.1

a) Abel Barros Baptista especializou-se na literatura camiliana e em literatura brasileira, nomeadamente em Machado de Assis.

d) Do ponto de vista de Camilo, não há distinção entre amor e paixão.

e) A relação de Abel Barros Baptista com a obra camiliana é marcada pelo amor.

2.

2.1 B; **2.2** C; **2.3** D; **2.4** A; **2.5** C; **2.6** B; **2.7** A.

Questão de aula 4 (p. 357)

EÇA DE QUEIRÓS, OS MAIAS

1. a) V; b) V; c) F; d) F; e) V.

1.1

c) Camilo dizia que Eça e outros da mesma geração implicavam com ele.

d) Eça não dedicou uma única linha a Camilo, aquando da sua morte.

Questão de aula 5 (p. 359)

ANTERO DE QUENTAL, SONETOS COMPLETOS

1. a) F; b) V; c) F; d) V; e) V.

1.1

a) Antero de Quental nasce em abril de 1842.

c) O contacto de Antero com uma ode de Alexandre Herculano provocou-lhe uma profunda impressão.

2.

2.1 D; **2.2** B; **2.3** A; **2.4** C; **2.5** B; **2.6** D; **2.7** A.

Questão de aula 6 (p. 361)

CESÁRIO VERDE, «O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL»

1. a) F; b) V; c) V; d) F; e) V.

1.1

a) O nome Cesário associa-se ao nome do santo do dia em que nasceu.

d) A quinta que a família Verde possuía em Linda-a-Pastora permitiu o seu enriquecimento.

2.

2.1 B; **2.2** C; **2.3** D; **2.4** C; **2.5** A; **2.6** D; **2.7** B.

NOVO
MENSAGENS
PORTUGUÊS 11º ANO

Outros materiais

- 3 obras em opção
(subunidade didática de «A abóboda»,
Viagens na minha terra e
A ilustre casa de Ramires)
- Projetos de interdisciplinaridade
- Avaliação por rubricas
- Projeto de Leitura
- Transcrições dos recursos áudio/vídeo do Manual



Disponível em formato editável em



auladigital



Materiais de apoio

3 obras de opção (subunidade didática de «A abóbada», *Viagens na minha terra* e *A ilustre casa de Ramires*)

Projetos de interdisciplinaridade

Avaliação por rubricas

Projeto de Leitura

Transcrições dos recursos áudio/vídeo do Manual



auladigital

Os materiais de apoio serão disponibilizados na Aula Digital, em formato editável e na íntegra, aos professores adotantes do projeto. Com esta medida, procuramos contribuir para a sustentabilidade ambiental.

AMOSTRA NÃO COMERCIALIZÁVEL

